

**ANEXO II**  
**LAUDO ANTROPOLÓGICO**

**ESTUDO SOCIOAMBIENTAL**  
**PONTA DA ARMAÇÃO (GUARUJÁ-SP)**

**LAUDO ANTROPOLÓGICO**

Técnico Responsável: Dra. Maria Cecília Manzoli Turatti

Setembro 2012

ESTUDO SOCIOAMBIENTAL  
PONTA DA ARMAÇÃO (GUARUJÁ-SP)

LAUDO ANTROPOLÓGICO

---

Maria Cecília Manzoli Turatti

*Doutora em Antropologia*  
*Universidade de São Paulo (USP)*

# SUMÁRIO

## PARTE I - PREÂMBULO

APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA .....	05
----------------------------------	----

## PARTE II – REPRESENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS *(Identificação das famílias tradicionais, das atividades econômicas tradicionais e modernas, das relações de parentesco e formas de organização social estabelecidas, análise das edificações e avaliação da situação fundiária)*

OCUPAÇÃO HISTÓRICA.....	12
Primeiros habitantes.....	12
O estabelecimento das famílias originárias.....	14
A onda migratória do Montão de Trigo e demais famílias antigas.....	18
MODO DE VIDA TRADICIONAL.....	25
TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS.....	36
Ocupação do território.....	36
Habitações.....	48
Atividades econômicas.....	54
Organização social e relações micropolíticas.....	62

## PARTE III - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLISES FINAIS *(Definição de comunidades tradicionais sob a ótica jurídico-legal e teórica)*

COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	70
COMUNIDADES CAIÇARAS.....	74
TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE NA PRAINHA BRANCA.....	77
Relações de parentesco e territorialidade.....	77
Ressignificação de práticas socioculturais.....	82

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89
---------------------------------	----

COMPLEMENTOS.....	94
-------------------	----

- i. Fichas de Moradias *(Classificação dos moradores em tradicionais e não-tradicionais, dados sobre o uso das moradias, tempo de ocupação, material das edificações, diagrama de parentesco por família)*
- ii. Fichas de Referências Culturais
- iii. Croqui Histórico de Uso do Território

# PARTE I

## *PREÂMBULO*

## APRESENTAÇÃO E METODOLOGIA

O presente relatório contempla os estudos antropológicos efetuados na região denominada Prainha Branca/Ponta da Armação, localizada a nordeste do município de Guarujá, no estado de São Paulo. A localidade foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) em 1992, por meio da resolução n. 48, de 18 de dezembro de 1992, que tombou toda a área conhecida como Serra do Guararu.

**Prainha Branca a partir do Morro da Armação**



(Fonte: Marie Söehhlen – 2008)

Os três eixos estruturadores dessa investigação são a identificação da relação de ancestralidade dos seus moradores atuais; a narrativa do uso e ocupação históricos da área e a descrição e análise da dinâmica das relações sociais ali travadas hodiernamente.

Para tal fim, selecionamos e aplicamos os seguintes instrumentos de pesquisa etnográfica: registros escritos, observação participante e entrevistas semi-dirigidas em profundidade. Entrevistas semi-dirigidas em profundidade são aquelas em que o pesquisador parte de um roteiro pré-estabelecido que aborde as questões centrais da pesquisa, mas que também abrem espaço para novas questões apontadas pelo interlocutor. Os temas-chave aqui utilizados foram os prescritos na ET.

Parte das entrevistas foi gravada, algumas delas ou trechos não puderam sê-lo por falta de condições acústicas ou porque o entrevistado não permitiu. Por razões éticas e metodológicas, não serão apresentados nomes e registros fotográficos dos entrevistados e nem citações literais das entrevistas. Durante o texto deste relatório, as frases destacadas em itálico e postas entre aspas simples denotam que o argumento apresentado é o do entrevistado, mas não seguirão a prosódia autêntica para não expor os informantes da pesquisa e evitar o estigma da ignorância em relação às normas cultas de expressão.

Vale enfatizar que o trabalho de campo realizado pautou-se pela utilização de instrumentos de coleta de dados avalizados pelo conjunto de métodos adequados à execução de pesquisas qualitativas e pelas seguintes premissas metodológicas:

1. Este é um trabalho de construção de fontes primárias a partir de depoimentos orais em que se busca apreender a percepção dos sujeitos sobre uma determinada realidade territorial e comunitária e sua dinâmica histórica.

MARTINS (2004: 27) assim define a pesquisa por meio da história oral: *“História oral é um movimento voltado não à coleta de documentos já produzidos, mas à elaboração de novos documentos a partir de relatos e entrevistas de informantes que não necessariamente têm uma projeção na vida pública ou alguma notoriedade, mas que se encontram em condições de relatar algo sobre sua participação na história”.*

2. A apreensão da verdade por meio de depoimentos orais apresenta uma limitação epistemológica inexpugnável: a narrativa do sujeito informante já é uma interpretação, cabendo ao antropólogo uma reinterpretção. Para GEERTZ (1989: 25-26), *“os textos etnográficos são eles mesmos interpretações. (...) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que ‘são algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de fictio – não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento”.*

3. Ao realizar o trabalho de campo, o pesquisador não controla completamente as circunstâncias da pesquisa. Desde impasses sobre a aceitação de sua presença pelo grupo até a submissão às intempéries e às dificuldades de acesso ao local da pesquisa, o investigador de campo está sujeito a realizar suas atividades muitas vezes em condições adversas e necessita readequar seus instrumentos de coleta de dados de acordo com as condições que encontra<sup>1</sup>. Tal postura é reconhecida pela literatura metodológica das ciências sociais, como afirmado por MARTINS (op.cit., p. 29): *“É preciso esclarecer, antes de mais nada, que as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, a análise de microprocessos, através*

---

<sup>1</sup> Sobre as condições de pesquisa com grupos sociais rurais e suas implicações sobre as técnicas de coleta de dados, cf. TURATTI (2005: 22-31).

*do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la. Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita”.*

4. As comunidades tradicionais não apresentam uma forma invariante de organização social e distribuição espacial, sendo metodologicamente errôneo construir instrumentos de pesquisa que poderiam ser indiscriminadamente utilizados para toda e qualquer comunidade. Segundo PEIRANO (1992:09), *“não há cânone possível na pesquisa de campo embora haja, certamente, algumas rotinas comuns, além do modelo ideal. Desta forma, não há como ensinar a fazer pesquisa de campo como se ensina, em outras ciências sociais, métodos estatísticos, técnicas de surveys, aplicação de questionários. Na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados”.* No caso desta investigação, por exemplo, os padrões de fixação local da comunidade – diversas residências em um mesmo terreno – a metodologia de grupos focais aplicados às parentelas extensas teria fornecido informações qualitativas de maior qualidade que os questionários aplicados para cada família nuclear. Optou-se, contudo, por seguir à risca o instrumento metodológico solicitado na ET.

### Aplicação dos instrumentos

Foram realizadas dezesseis entrevistas em profundidade, um mapeamento participativo (que contou com a presença do geógrafo Guilherme Klausner e dois moradores da comunidade) e a dinâmica denominada Diagrama de Venn (que embora não costume figurar como metodologia própria ao Laudo Antropológico, foi conduzida pela antropóloga responsável).

Além disso, foram aplicados pelas sociólogas Mara Palhares e Amanda Souza questionários que subsidiaram tanto as fichas de moradias (ver complementos) quanto informações sobre a análise das atividades econômicas e das habitações atuais<sup>2</sup>. A respeito dos diagramas de parentesco apresentados na segunda parte desse lado, cumpre ressaltar que foram elaborados exclusivamente a partir das informações advindas da memória de nossos interlocutores. Assim sendo, é possível que haja eventuais distorções relativas às grafias dos nomes em comparação com registros documentais.

Cabe mencionar que algumas informações constantes nas Fichas de Moradias (ver complementos) podem estar inexatas, especialmente aquelas relacionadas ao tempo de moradia e à função da mesma. Tal se explica porque muitos moradores compreenderam que as informações coligidas para esse laudo seriam cruciais para sua permanência na área caso seja implantada, futuramente, uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, e podem ter se

---

<sup>2</sup> Cumpre esclarecer, a respeito dos questionários, que 19 famílias não puderam ser ouvidas seja porque não estavam presentes na comunidade durante o período de trabalho de campo ou porque não quiseram participar da pesquisa até a confecção final desse laudo. Entendemos, contudo, que se nossa amostra não pode ser considerada censitária, também não podemos desconsiderar que ela cobre 85% do universo de pesquisa, ou seja, o erro amostral que se impõem sobre a análise dos dados obtidos é inferior a 0,04. Nossas considerações e percentuais baseiam-se, portanto, em 95 questionários (de 104 possíveis).

esforçado sub-repticiamente para ratificar sua condição de moradores tradicionais.

Finalmente, as imagens que não apresentam fonte identificada foram produzidas pela autora desse laudo entre 25/11 e 04/12/2011.

## **PARTE II**

# **REPRESENTAÇÕES ETNOGRÁFICAS**

## OCUPAÇÃO HISTÓRICA

### **PRIMEIROS HABITANTES**

Partindo-se logicamente da ocupação primeva da área em estudo, registramos que toda a costa circunvizinha ao território de Bertioga encontrava-se sob o domínio de várias aldeias indígenas situadas nas serras adjacentes; os indígenas das etnias Tupinambá, Tamoio, Tapamunho (e possivelmente outras não citadas nas obras de referência historiográfica) frequentavam a faixa costeira em determinados períodos do ano para praticar a pesca e a coleta de mariscos (FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS *apud* TULIK, p. 52).

Nos primórdios do período colonial, a Ilha de Santo Amaro (hoje município de Guarujá) e a vila de Bertioga eram consideradas estratégicas para povoamento e consequente proteção territorial da Capitania de São Vicente, mas tal intento era obstado pelos constantes ataques indígenas – especialmente por parte dos tupinambás - aos colonizadores que ali se fixavam. Diante de tal quadro, foram providenciadas no século XVI fortificações em ambos os lados do Canal de Bertioga. O Forte de São Tiago (posteriormente denominado Forte São João), na Vila de Bertioga, e o Forte de São Felipe (depois chamado de Forte São Luís), na extremidade da Ilha de Santo Amaro (hoje Prainha Branca/Ponta da Armação), eram, no entanto, construções precárias que não cumpriram com eficiência sua função defensiva, como atesta o fato de Hans Staden, militar e viajante alemão que foi condestável do Forte de São Felipe por mais de dois anos, ter sido aprisionado em um dos ataques dos tupinambás à Ilha de Santo Amaro (TULIK, *op.cit.*, p. 58).

Em fins do século XVI e durante o século XVII, a povoação do litoral paulista foi progressivamente abandonada em vista da conquista do planalto, alvo de expedições de caça aos índios (1540-1640) e procura de ouro (1640-1730). A região da Prainha Branca permaneceu debilmente habitada porquanto ali se instalara uma Armação de Baleias. De acordo com TULIK (op.cit., p. 84), *“em 1822 vivam na Armação de Bertioga 61 pessoas entre as quais 51 escravos”*, sendo dois núcleos habitacionais: aquele do tenente-coronel responsável pela Armação, conformado por sua esposa, seus sete filhos e seus 48 escravos, e o do feitor, composto por esse e seus três escravos. A indústria baleeira, entretanto, perdurou somente até os anos 1830, quando a Tesouraria da Província de Santos requereu a venda das instalações da Armação de Bertioga em hasta pública (TULIK, op.cit., p.73).

Responsável pelo principal estudo existente acerca da Prainha Branca, a geógrafa Olga Tulik (op. cit., p.85) assevera que *“tudo parece indicar que a ocupação presente se fez totalmente desvinculada daquela que se verificou outrora. Não existem referências que comprovem a continuidade do povoamento, o que faz crer na existência de um pequeno hiato entre a fase colonial e a contemporânea. Assim através de entrevistas e inquéritos realizados junto aos moradores mais antigos, foi possível constatar que o núcleo populacional da Prainha Branca formou-se no início do século XX, por iniciativa de caíçaras que buscavam prover a própria subsistência à custa da pesca e da prática de uma lavoura rudimentar”*. As informações que recolhemos em nossa pesquisa de campo corroboram a versão apresentada por Tulik, conforme o exposto a seguir.

## **O ESTABELECIMENTO DAS FAMÍLIAS ORIGINÁRIAS**

As lembranças sobre as primeiras famílias que conformaram o núcleo comunitário da Prainha Branca conduzem sempre a uma primeira moradora referencial chamada Bárbara Engrácia (sobrenome não identificado, mas acreditamos tratar-se de Bárbara Leopoldina Mattos, apontada como moradora da área no *“Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920”* pela Diretoria de Estatísticas do Estado de São Paulo, *apud* TULIK, pp.214-215). As informações recolhidas apresentam Bárbara Engrácia como

“uma bugra<sup>3</sup> que morava em uma casa de pau-a-pique sem reboco”.

Há duas versões para a história familiar de Bárbara Engrácia. Os descendentes da família Oliveira (Diagramas 3, 4 e 6) – que podem ser, por extensão, descendentes da própria Bárbara Engrácia - narram que Bárbara Engrácia possivelmente era casada com José (ou João) Neto e com ele teve três filhas: Francisca, Ana e Maria. Francisca e Maria casaram-se com dois irmãos, respectivamente Maximino e Emigdio Neto (ambos citados no *“Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920”*), possivelmente seus aparentados, já que compartilham o mesmo sobrenome. Os descendentes não foram capazes de recuperar as informações sobre a origem desses dois irmãos, embora um entrevistado sem ligações consangüíneas com a família Neto (Diagrama 1) tenha dito que

“eles eram muito antigos aqui; eles eram ensacadores que trabalhavam nas Docas de Santos, eram aqueles carregadores de sacos, chamam-se estivadores. Os braços deles erma muito fortes. Só que todos os estivadores têm pernas tortas, os Neto também tinham”.

---

<sup>3</sup> Descendente de índios.

Já de acordo com os descendentes da família Lemos (Diagrama 2), Bárbara Engrácia vivia sozinha e quando Narciso Lemos (também mencionado no *“Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920”*) chegou à Prainha Branca, vindo de Ubatuba,

“ficou com pena daquela mulher sozinha, toda encurvada e doente, que ficava espiando com medo as pessoas pelos buracos de dentro da sua casa, e reformou a sua tapera de pau-a-pique”.

Narciso Lemos teria aportado na Prainha Branca vindo da Praia de Picinguaba, município de Ubatuba, e ali se estabeleceu como pescador e agricultor.

É possível, contudo, que as versões distintas sejam passíveis de harmonização. Há relatos que os irmãos Emíldio e Maximino Neto foram viver na Ilha Montão de Trigo por um determinado período no início dos anos 1900. É possível, então, que ao chegar à Prainha Branca em 1910, Narciso tenha encontrado Bárbara Engrácia morando, de fato, sozinha.

No depoimento de um dos nossos interlocutores mais idosos, ele conta que o pai chegou em 1942 à Prainha Branca e encontrou

“só os Neto e os Lemos. Tinha a Dona Aninha Neto<sup>4</sup> e a família dela, que moravam onde hoje é o casarão do Evandro<sup>5</sup>, e o Narciso e a família dele, eram poucas casinhas, só das famílias deles mesmo”.

---

<sup>4</sup> D. Aninha Neto, nascida em 1888, filha de Bárbara Engrácia, casou-se com Afonso Flávio que, segundo seus descendentes, possivelmente era da Ilha Montão de Trigo. Não foi possível recolher muitos dados sobre Afonso Flávio porque ele faleceu muito jovem.

<sup>5</sup> Mansão do ex-deputado estadual Evandro Mesquita, construída na Prainha Branca entre os anos 1970-1980 e sobre a qual falaremos mais adiante, no tópico relativo às transformações sócio-históricas ocorridas na área.

Diagrama 1 - FAMÍLIA NETO (+Família Flávio)

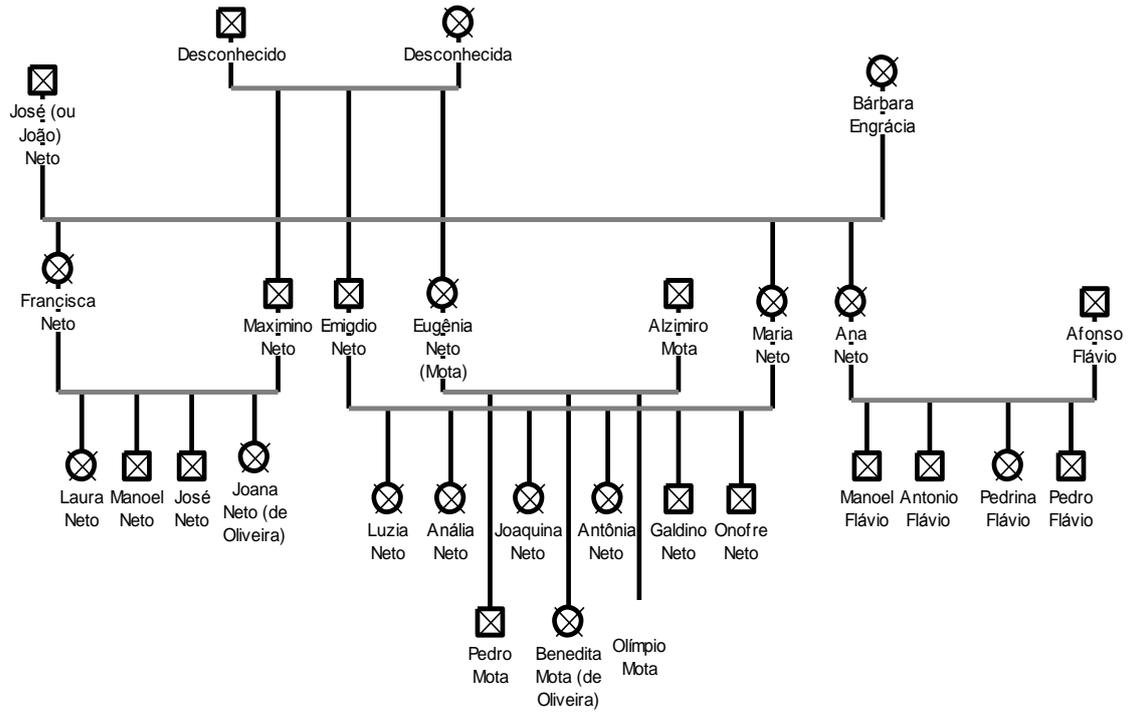
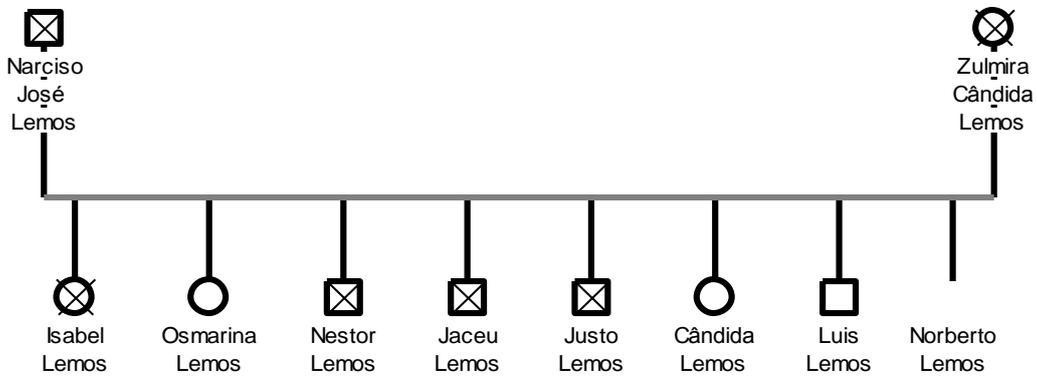


Diagrama 2 - FAMÍLIA LEMOS



A despeito da falta de precisão que a reconstrução genealógica encerra de forma imanente, ao tomarmos por base as anotações do *“Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920”* e as informações coligidas em campo podemos admitir que no **núcleo populacional atual da Prainha Branca** vivem descendentes de duas famílias pioneiras na ocupação da área – a família **Neto** e a família **Lemos** (estabelecidas em fins do século XIX e início do XX), além dos descendentes das famílias **Oliveira, Flávio, Santos, Celestino da Silva**, todas instaladas provavelmente a partir dos anos 1930-1940 e ligadas às primeiras por laços consangüíneos e de aliança, conforme veremos adiante.

### **A ONDA MIGRATÓRIA DO MONTÃO DE TRIGO E DEMAIS FAMÍLIAS ANTIGAS**

A Ilha Montão de Trigo situa-se no município de São Sebastião (litoral norte de São Paulo), a aproximadamente 40 km de Bertioga (23° 5' 30" lat/ 45° 47' long) , e ocupa 1,13 km<sup>2</sup> de área. Seus habitantes vivem desde sempre da pesca, agricultura e extrativismo e a maioria dos membros das 14 famílias que ali residem atualmente carregam o sobrenome Oliveira<sup>6</sup>.

Para os pescadores da Ilha Montão de Trigo, a Prainha Branca representava um local de descanso na longa travessia que realizavam para vender o pescado em Santos. Segundo um de nossos informantes, que veio da Ilha Montão de Trigo para a Prainha aos 10 anos, em 1942,

"os pescadores saíam do Montão de Trigo em suas canoas de voga<sup>7</sup> e demoravam dois, três dias para chegar em Santos... então eles paravam aqui pra descansar e comer. De lá do Montão até aqui na Prainha era o dia inteirinho ou mais. Quando dava fome, o que tinha pra comer era sopa d'água [água com farinha] e peixe assado na folha de bananeira".

Com o tempo, de mero local de descanso a Prainha Branca passou a ser uma extensão da Ilha Montão de Trigo; foram estabelecidos laços socioculturais que incluíam o trânsito de um local a outro para participar das festas de padroeiros e, sobretudo, da Folia de Reis (ver complementos):

---

<sup>6</sup> A Ilha Montão de Trigo obteve recente destaque na mídia porque seus moradores receberam em fevereiro de 2012 um Termo de Autorização de Uso Sustentável expedido pela Secretaria de Patrimônio da União. O jornal Folha de São Paulo de 08 de janeiro de 2012 relata que a grande maioria dos moradores atuais enverga o sobrenome Oliveira devido às seguidas uniões consanguíneas.

<sup>7</sup> De acordo do TULIK (op.cit.,p.211), "canoas de voga eram embarcações geralmente construídas de um tronco só com dois mastros que levavam de três a oito 'vogas' ou remadores. Podiam, também, navegar à vela. Sua capacidade, que variava de uma a dezoito 'pipas', era medida em pipas de aguardente, produto que normalmente transportavam".

“os antigos de lá [Montão de Trigo] vinham cantar a Folia de Reis aqui na Prainha. Meu avó, Hermógenes Maciel, era violeiro e antes de vir morar aqui já freqüentava muito por causa da Folia”.

Não obstante esse contato cultural que se realizava amiúde, a escolha por migrar da Ilha Montão de Trigo para a Prainha Branca está assentada principalmente em motivações econômicas:

“nos anos 40, a situação ficou crítica por lá; tinha peixe mas não tinha dinheiro para o sal, não dava para escalar<sup>8</sup> o peixe; tinha que tirar o sal da pedra, o sal do mar que fica preso na pedra, minha mãe ia com uma cuia e raspava a pedra, só que ficava um sal muito forte e amargo; então o velho Narciso chamou meu pai e muitos outros que já morreram também pra vir para cá, para a Prainha, porque era melhor para trabalhar”.

Carlos Borges SCHMIDT (*apud* TULIK, op.cit.: 204) contradiz nosso entrevistado quanto à ‘fartura de peixe’ na Ilha Montão de Trigo ao apontar em seu *“Alguns aspectos da pesca no litoral paulista”* que houve uma diminuição expressiva no pescado no litoral norte entre os anos de 1932 e 1943, sendo que após esse período retornou-se à abundância. Mas, para nossos propósitos compreensivos, a informação disposta em SCHMIDT reforça a idéia de que os habitantes do Montão de Trigo atravessavam condições adversas em fim dos anos 1930 e início dos 1940 e a migração para o litoral central tornou-se uma perspectiva atraente, sobretudo porque ali, na Prainha Branca, a tainha era pródiga.

Como veremos adiante com mais detalhes, Narciso Lemos era dono da grande rede de pesca necessária para apanhar tainha, cujo manuseio dependia do trabalho de muitos pescadores, e é muito provável que a necessidade de mão-de-obra para essa tarefa tenha sido uma das causas para

---

<sup>8</sup> Processo de limpeza para retirada das vísceras e espinha do pescado de maneira a prepará-lo para a salga que garantia sua conservação.

que Narciso incentivasse a vinda de pessoas do Montão de Trigo para a Prainha Branca.

Um elemento bastante importante para a fixação definitiva das famílias da Ilha do Montão de Trigo na Prainha Branca foi a inauguração da unidade do SESC em Bertiooga, ocorrida em 1948. Muitos dos entrevistados mais idosos fizeram referências ao grande número de habitantes da Prainha que ali trabalharam. Para TULIK (op.cit., 200), o pico da vinda de famílias do Montão de Trigo para a Prainha Branca/Ponta da Armação, foi entre 1939 e 1958.

Durante o trabalho de campo, pudemos apurar que os descendentes dessa onda migratória da Ilha Montão de Trigo que ainda habitam a Prainha Branca provêm, mormente, das famílias nucleares cujos diagramas apresentamos a seguir: Flávio (ver Diagrama 1, p. 15), Hermógenes de Oliveira (Diagrama 3), Bento de Oliveira (Diagrama 4), Cândido Santos (Diagrama 5), João de Oliveira (Diagrama 6).

Diagrama 3 - FAMÍLIA HERMÓGENES DE OLIVEIRA

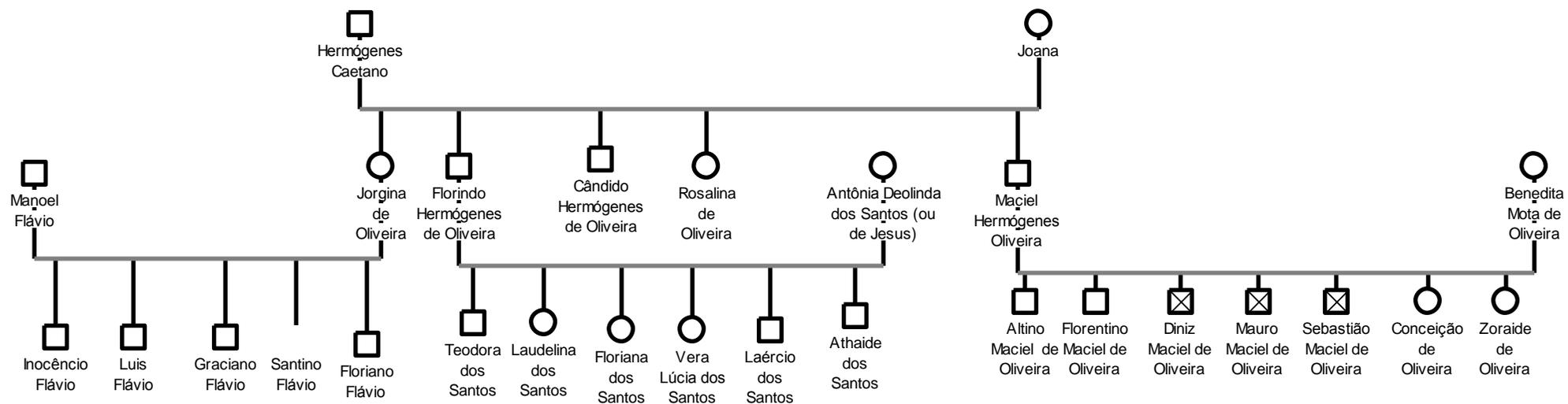


Diagrama 4 - FAMÍLIA BENTO DE OLIVEIRA

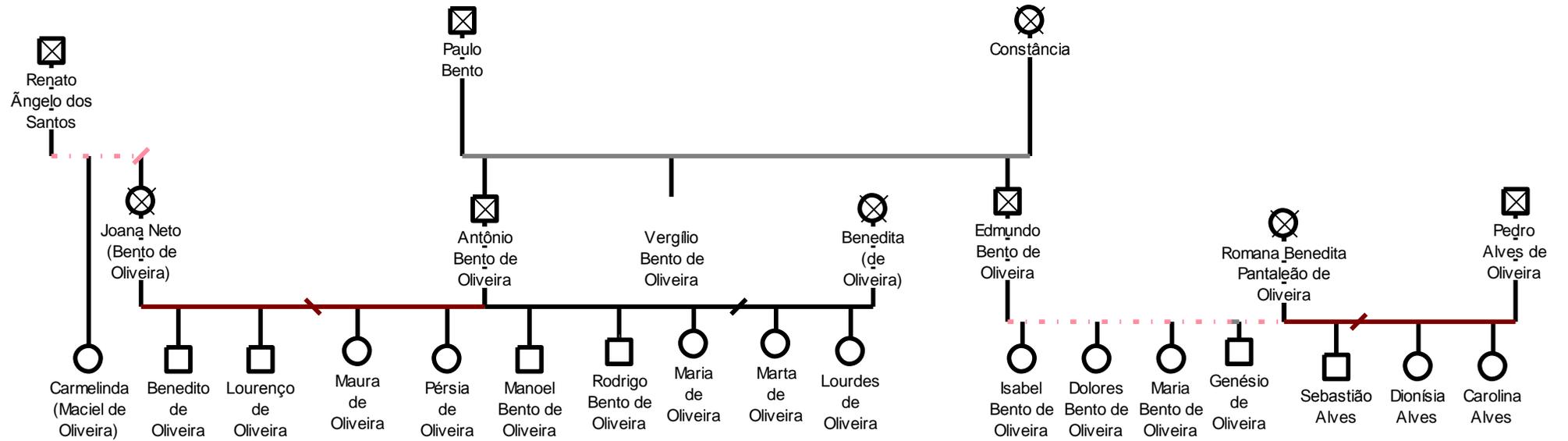


Diagrama 5 - FAMÍLIA CÂNDIDO DOS SANTOS

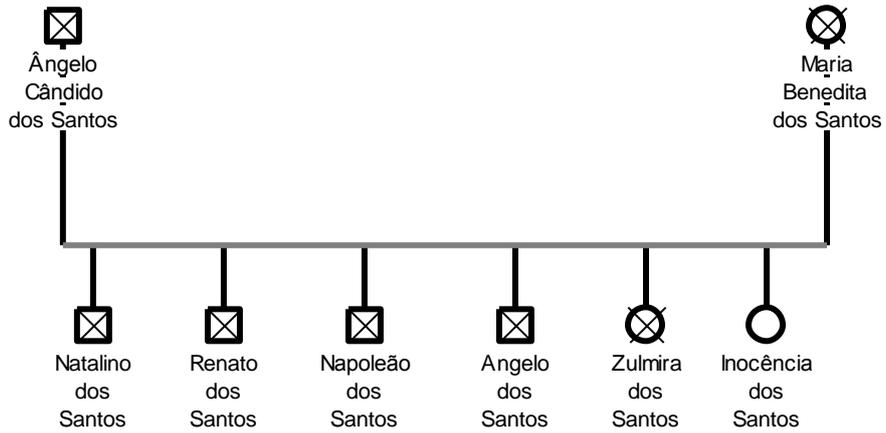
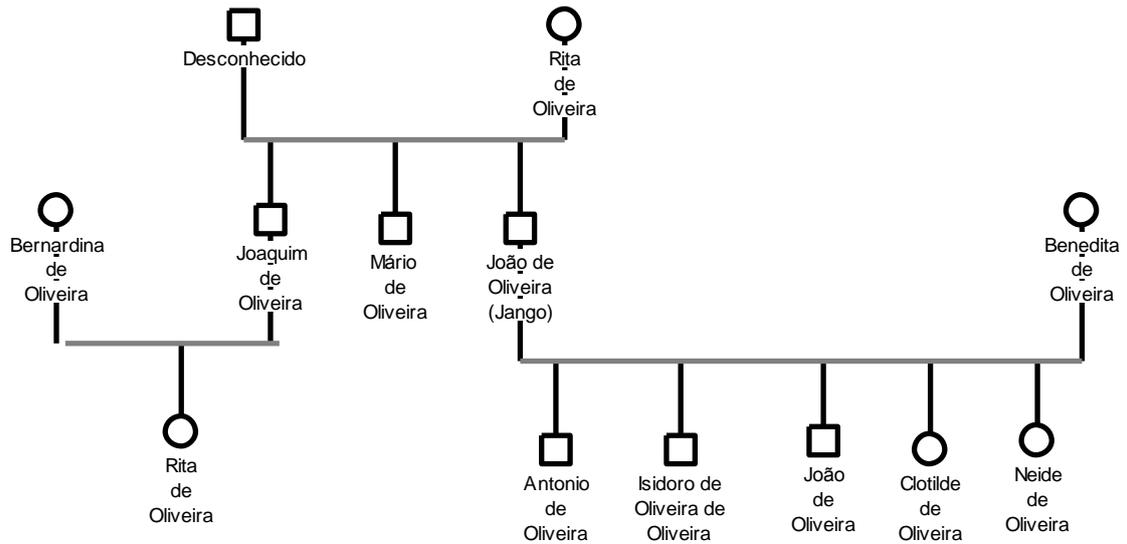


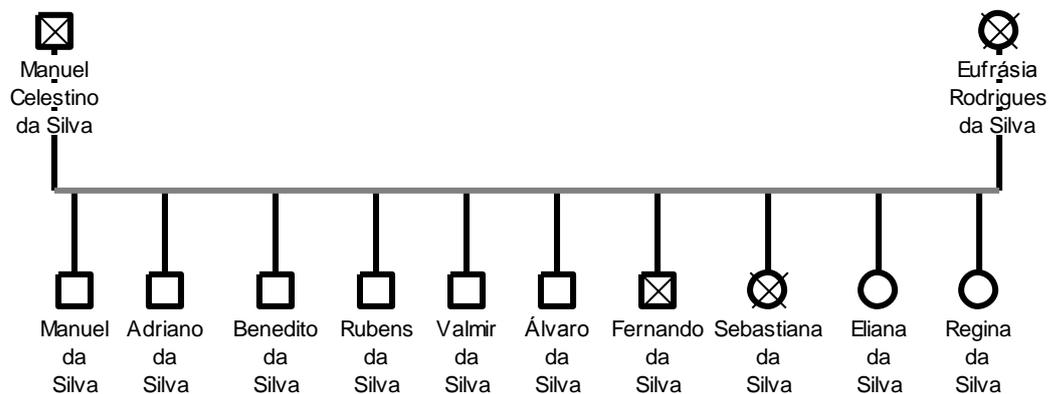
Diagrama 6 - FAMÍLIA JOÃO DE OLIVEIRA



Outra família igualmente antiga na área - mas que não veio da Ilha Montão de Trigo - é a família Celestino da Silva (Diagrama 7). Segundo seus descendentes, o patriarca Manoel Celestino era indígena da etnia Guarani e se estabeleceu em uma região extrema da Prainha Branca, conhecida como Canto Grosso ou Cantão, por volta de 1920.

Por volta dos anos 40, Manoel e sua família foram residir por um breve período de tempo na Ponta da Armação, antiga área da indústria baleeira que hoje abriga um núcleo populacional de XX famílias, extensivo e imbricado à comunidade da Prainha Branca e que oferece como atrativo turístico as ruínas da fortificação de São Luís e da Ermida de Santo Antônio do Guaibê. Manuel se deslocou até a Ponta da Armação justamente para cuidar das ruínas. De volta ao Cantão, a família de Manoel estabeleceu relações de parentesco por aliança com as demais famílias que ocupavam a vila da Prainha Branca.

Diagrama 7 - FAMÍLIA CELESTINO DA SILVA



## MODO DE VIDA TRADICIONAL

As famílias Neto e Lemos, fundadoras do núcleo populacional da Prainha Branca – e também a família Celestino da Silva, ocupante pioneira do Cantão – eram pescadoras, agricultoras, caçadoras e extrativistas. Comungavam da extrema solidariedade expressa nos mutirões e nas plantações em áreas comuns e, para além da dimensão econômica da vida prática, eram devotos de Nossa Senhora Imaculada Conceição, celebravam a Folia de Reis e promoviam animados saraus seresteiros em suas casas.

As atividades descritas compõem o modo de vida que se convencionou chamar de *cultura rústica*, termos que segundo CANDIDO (1987, pp. 21-22) implica o *“isolamento, em constante incorporação e reinterpretação de traços, que vão se alterando ao longo do contínuo rural-urbano”* e *exprime o “universo das culturas tradicionais, as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação de traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine”*. Esse tipo de cultura forjada no contato entre o português e o índio e mais tarde ampliada pelo encontro com o negro também pode ser chamada de *cultura cabocla* e está embasada em um alto nível de dependência direta do homem em relação ao meio natural e em fortes vínculos de solidariedade interfamiliar.

As roças de mandioca, abóbora, melancia, feijão e cana-de-acúcar estendiam-se entre a Igreja da Nossa Senhora Imaculada Conceição e a Lagoa Grande (ver Croqui Histórico) e, nos pés dos morros, havia as bananeiras que eram praticamente espontâneas. A mandioca, fundamental na alimentação caiçara, era o produto preponderante na lavoura e um interlocutor assim

descreve o processo de beneficiamento da mandioca no chamado “*tráfego de farinha*”:

“havia muita roça de mandioca doce para ralar, para fazer farinha; lavava a mandioca, colocava no tapiti<sup>9</sup>, tirava aquela massa e punha em um gamelão<sup>10</sup> para levar até a peneira, coava fininho para depois levar até o forno de cobre e ali ficava o dia todo; quando torrava punha num coité<sup>11</sup> para esfriar, porque não podia ensacar quente”

A cana-de-açúcar era processada no engenho<sup>12</sup>, localizado ao lado do tráfego de farinha, e era utilizada sobretudo como substância adoçante para o café (alguns moradores tinham pés de café em seus quintais e torravam os grãos de maneira artesanal, mas a aquisição do produto pela maioria dos moradores era feita em Bertioga). Os moradores antigos se lembram, saudosos, do *café de garapa*, bebida consumida antes de sair para trabalhar que era feita ao se despejar o caldo de cana fervente sobre o pó de café acomodado em um coador de pano, daí resultando o líquido já adocicado. Tal expediente garantia considerável economia familiar, já que o açúcar refinado adquirido em Bertioga é lembrado como produto de valor extremamente alto.

As roças serviam quase que exclusivamente para autoconsumo. Muito raramente um visitante comprava farinha ou outros gêneros alimentícios *in natura* e, eventualmente, algum excedente era comercializado em Bertioga. Os espaços destinados às roças eram de uso coletivo, embora parte dos moradores mantivessem pequenas lavouras nos seus próprios quintais. Os

---

<sup>9</sup> Cesto cilíndrico de palha, de origem indígena, usado para espremer a massa de mandioca. Também conhecido como tipiti.

<sup>10</sup> Vasilha grande de madeira

<sup>11</sup> Cuia, cumbuca.

<sup>12</sup> Foi relatada a existência de outros engenhos na comunidade e no entorno (por exemplo, na Praia Preta, contígua à Prainha Branca), mas não foi possível apurar mais detalhes sobre esses outros engenhos.

caixaras da Prainha Branca/Ponta da Armação complementavam sua dieta alimentar com a carne de caça: caçavam paca, cotia, porco-do-mato, veado e tatu valendo-se de técnicas de armadilha, sem espingarda<sup>13</sup>. Outra fonte protéica importante era a extração de moluscos (*camarão pitu*, pescado na linha) e peixes de pouca importância comercial como o *acará*, que eram coletados na Lagoa Grande e no Canal de Bertioga. Finalmente, as árvores frutíferas como o *jambleiro* e o *cambucá* também são lembradas como importantes fontes de alimentos para a comunidade. Para transportar e armazenar seus alimentos, os moradores produziam balaios, cestos e gamelas com casca de *bambu*, *cipó do mato* e folhas e gravetos de *guapiruvu* ou *guaricanga*.

Para auferir ganhos monetários que possibilitavam a compra de sal, óleo, e demais produtos que precisavam ser adquiridos fora da comunidade, os moradores extraíam madeira dos morros para vender em Bertioga. Cada família tinha sua canoa a remo, meio de transporte indispensável para que os moradores se locomovessem e pudessem praticar esse pequeno comércio em Bertioga. Uma entrevistada conta que

“nós subíamos o morro bem ali nas pedras, e descíamos com um punhado de paus amarrados, apoiados na cabeça e nas costas. Mesmo quando a gente era criança. Depois o papai pegava e juntava tudo aquilo que a gente pegou no morro e levava de canoa para vender em Bertioga. Na mesma viagem já voltava com a canoa cheio de compras”.

A pesca, por sua vez, era praticada tanto para gerar renda como para autoconsumo. Embora ocorresse o ano inteiro, era mais concentrada em fins de maio e começo de agosto (época da tainha) e de outubro a dezembro,

---

<sup>13</sup> A pesquisadora Olga Tulik (op.cit., p. 210), relata que um dos moradores da Prainha Branca por ela entrevistado em 1978, comparava o modo de caçar ali utilizado ao dos indígenas

quando eram capturados o cação, a garoupa e a pescada. A tainha era pescada de maneira coletiva pela comunidade (ainda que houvesse a figura do *dono da rede*), enquanto as outras espécies eram pescadas individualmente ou por núcleo familiar. Um de nossos interlocutores relata:

“De noite íamos pro alto-mar pescar, sabe? Ficávamos até dez, onze horas da noite pescando pra pegar o peixe e levar pra vender na Bertioga. Cada um tinha sua tralha, sua piroga<sup>14</sup>, meu pai tinha a tralha dele, eu sei fazer rede de pesca, aprendi com meu pai”.

**Canoa antiga (piroga) guardada como relíquia pelos pescadores atuais**



---

<sup>14</sup> Canoa cavada em tronco de árvore.

Canoa antiga guardada pelos pescadores atuais



### CALENDÁRIO DA PESCA

PERÍODO DO ANO	ESPÉCIE	ESTILO
Mai a agosto	Tainha	Coletiva
Outubro a dezembro	Cação, garoupa e pescada	Individual/Familiar

As técnicas de pescar utilizadas pelos moradores da Prainha Branca/Ponta da Armação eram as mesmas utilizadas no litoral norte do Estado de São Paulo, já que muitos dos antigos moradores vieram de lá (Ubatuba, São Sebastião)<sup>15</sup>. Para apanhar a tainha era utilizada a *rede de*

---

<sup>15</sup> Cf. TULIK, op.cit., p.217.

*costa* e, para o cação, a *rede caçoeiro* ou o *espinhel*. Para a garoupa e a pescada, valiam-se também do espinhel, do *cercos* e da *linha*<sup>16</sup>.

A pesca da tainha era um fenômeno coletivo com participação de toda a comunidade, porque o procedimento exigia uma série de preparativos e um ordenamento rigoroso dos papéis cumpridos. A *rede de costa* media cerca de 150 braças (330 m<sup>2</sup>) e era lançada ao mar por uma canoa que levava dois remadores na proa, um na popa (mestre) e três *camaradas de rede* para auxiliar a primeira ‘puxada’ de rede. O lance da rede era feito assim que o *espia* dava o seu comando. O *espia* passava dias e noites no ponto mais alto da região com um apito e um pedaço de pano para anunciar o momento exato em que a rede deveria ser lançada. Os *aparadores* seguiam em outras canoas que iam cercando o cardume como se o empurrassem para saltar sobre a rede. Em cada lance de rede pescava-se de dois a três mil peixes e, nas épocas de abundância, chegava-se a cinco ou seis mil. Praticamente todos os moradores – incluindo mulheres e crianças – eram recrutados como *camaradas de rede* para ficar na praia e auxiliar a ‘puxada’ quando havia fartura.

A repartição do produto da pescaria fazia-se em três partes: o ‘dono da rede’ ficava com um terço, enquanto os dois terços restantes eram divididos entre todos os participantes, conforme a natureza da tarefa executada. A medida utilizada na repartição era o *quinhão*, cujo volume variava de acordo com o produto total. O *espia* sempre recebia dois quinhões; os *camaradas de rede* recebiam um quinhão e meio e as mulheres e crianças recebiam um quinhão. Um dos nossos entrevistados relata:

---

<sup>16</sup> A *rede caçoeiro* se diferencia das demais por ser feita de um fio grosso com uma trama bem estreita. O *espinhel* é um aparelho de pesca que consiste em uma série de anzóis presos com arame a uma corda grossa, que é chamada de ‘cabo’. A quantidade de anzóis em cada ‘cabo’ varia entre cento e cinqüenta a quatrocentos. O *cercos* é consiste em lançar a rede ao redor de um cardume.

“ninguém na comunidade ficava sem quinhão, mesmo quando a pesca era fraca, ao menos uma única tainha todos levavam para casa. Minha mãe me mandava para a praia com uma ‘gamelinha’ buscar o peixe, mesmo que ninguém da minha casa tivesse ajudado”.

Para conservar o peixe por mais tempo, as mulheres limpavam e tiravam as vísceras da tainha e salgavam-na. Entretanto, quando a pesca era muito farta e sequer esse processo garantiria condições de consumir todo o peixe já preparado e armazenado nas casas, o produto inteiro de um lance de rede seguia para ser vendido em Santos e o valor obtido era repartido seguindo a correspondência com o quinhão. Não obstante, isso não costumava ser rentável para os moradores porque era necessário pagar uma determinada quantia para um intermediário em Santos. Segundo os moradores, a rede de tainha foi lançada pela última vez em 1974.

A rede de costa para a pesca da tainha, o engenho de cana-de-açúcar e o tráfego de farinha tinham um dono: Narciso Lemos. Os moradores mais antigos dizem que o Narciso era responsável pela Prainha, ou usam a expressão ‘comandava’ a Prainha. Segundo apuramos, contudo, o tipo de arranjo social em torno do ‘poder’ de Narciso Lemos se dava sem que houvesse a percepção de uma situação do tipo dominação-submissão. Segundo CARVALHO FRANCO (1997, p.238), a dominação pessoal que se impõe nos “coronelatos” típicos da estrutura social brasileira da primeira metade do século XX *“esteve longe de realizar os requisitos de uma formação estamental (...); em lugar de camadas fechadas e nitidamente diferenciadas pela estilização de forma de vida, agregou grupos fracamente delimitados e com marcas exteriores pouco precisas”*.

De fato, foi Narciso Lemos quem estimulou a onda migratória da Ilha Montão de Trigo e ‘permitiu’ - nas palavras dos moradores que não são

descendentes da família Neto – que as famílias ali se instalassem. Alguns entrevistados se sentiram desconfortáveis em falar desse tema e se limitaram a dizer que não precisavam pagar nada para o Narciso para usar o tráfego de farinha ou o engenho, porque era um ‘favor’ que ele lhes fazia. Embora o *favor* seja considerado expediente integrante das relações de dominação-submissão na cultura rústica, ele é atenuado pelo fato de que o ‘dominador’ compartilha com os demais os modos de se vestir, as efemérides religiosas e a sociabilidade geral calcada nas prestações e contraprestações de ajuda mútua.

Assim, Narciso Lemos era visto como um igual, devoto da padroeira Nossa Senhora da Imaculada Conceição, freqüentador dos animados saraus com violas, sanfonas e danças variadas que se realizavam todos os sábados até a meia-noite em sistema de rodízio de moradias ou na sede da Associação 3 de Maio, fundada em 1945. A esses eventos ordenadores da sociabilidade caiçara na Prainha Branca/Ponta da Armação, é necessário adicionar talvez o mais importante deles, responsável por fornecer substância identitária mais forte e indelével que as próprias relações de parentesco: o mutirão. Nas palavras do nosso entrevistado mais antigo:

“Tinha mutirão pra tudo; se um precisava barrear a tapera, juntavam todos os homens pra ajudar e o dono da casa fazia baile no final, assava peixe com pirão; se era para construir a casa inteirinha, mesma coisa. Todo mundo sempre participava, era igual na pesca da tainha”.

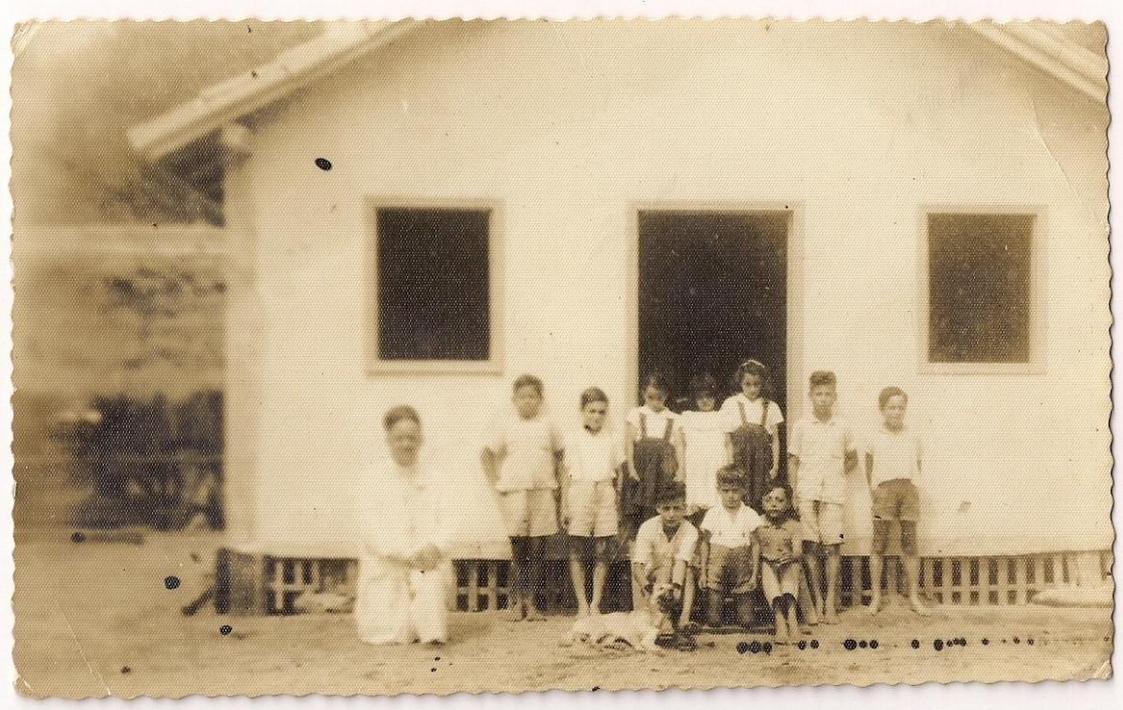
Moradia de pau-a-pique barreado (década de 1960)



(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

As casas construídas ou reformadas nos mutirões eram de pau-a-pique, simples ou barreadas, e cobertas de sapé ou folhas de coqueiro *guaricanga*. Os moradores extraíam do meio circundante todos os materiais para construir sua habitação – a madeira, o barro, o sapé, as folhas de coqueiro, o cipó – e a técnica consistia em fixar diretamente no solo uma armação feita com pedaços de pau trançados e amarrados com cipó e cobri-la com sapé ou folhas de coqueiro (cf. TULIK, op.cit. p.122) e, para garantir maior vedação, preencher os espaços da estrutura trançada com barro.

Primeira escola da Prainha Branca que funcionava na casa de um morador, feita de pau-a-pique barreado e estuque (década de 1950)



(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

A educação na Prainha Branca/Ponta da Armação limitava-se à alfabetização e aos números, ensinados de maneira improvisada em uma sala cedida por um morador. Em 1962, foi construída a primeira escola, no mesmo local em que se encontra hoje, e somente a partir de 1968 foi instituído o primário completo (que corresponderia hoje até ao quinto ano do ensino fundamental).

\*\*\*\*\*

A ausência de luz elétrica (que só foi instalada em 1982), a dificuldade de locomoção para as áreas urbanizadas, o ordenamento consensual interno do uso e utilização do espaço e um meio físico

relativamente abundante em matéria-prima para a satisfação das necessidades básicas de autoconsumo e comercialização de excedentes permitiram que o modo de vida tradicional que descrevemos acima tenha perdurado por cerca de 70 anos na Prainha Branca/Ponta da Armação. Contemporaneamente, poucos dos elementos que faziam parte do universo tradicional são encontrados na comunidade. Entender o processo histórico que ocasionou as transformações no modo de vida tradicional e traçar um panorama do quadro sociocultural atual é o objeto de nosso próximo capítulo.

## TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS

### ***OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO***

A propriedade de terras no Brasil foi instituída formalmente em 1850, com a Lei de Terras. Até então, o que valia era a posse, ou seja, a ocupação informava o direito sobre um território. Depois de 1850, as aquisições de terras públicas só poderiam ocorrer através da compra, ou seja, só poderiam ser adquiridas por aqueles que tivessem condições de pagar por elas. Um dos objetivos da Lei de Terras foi exatamente impedir que os imigrantes e os trabalhadores brancos pobres, negros libertos e mestiços tivessem acesso à terra. Seu efeito prático foi dificultar a formação de pequenos proprietários e liberar a mão-de-obra para os grandes fazendeiros.

Com o advento do registro de propriedades em cartório, grupos sociais como indígenas, quilombolas, pequenos sítiantes, geralmente analfabetos e desconhecedores das leis, tornaram-se vítimas de toda sorte de ladinos. Para registrar a terra ocupada por outras populações por dezenas ou mesmo centenas de anos, grandes fazendeiros e advogados finórios valiam-se de determinados expedientes como a violência, a intimidação, a sedução, o embuste e o “grilo”<sup>17</sup>, não raro associados.

Quando estudamos a cadeia dominial de uma área ocupada por comunidades tradicionais, os registros documentais devem ser examinados

---

<sup>17</sup> A expressão “grilo” vem de uma antiga técnica utilizada por fraudadores de títulos imobiliários, cujo objetivo era dar aos falsos documentos a aparência de antigos. Para isso, colocavam os papéis recém elaborados em caixas fechadas com diversos grilos. Semanas depois, os falsos documentos apresentavam manchas amarelo-fosco-ferruginosas decorrentes das fezes dos insetos, além da presença de pequenos orifícios na superfície e bordas corroídas. Tudo isso para supostamente indicar a ação do tempo.

com cautela. No caso da Prainha Branca, a primeira escritura de compra e venda localizada data de 1930 e trata da venda de posse e benfeitorias de uma área na Prainha Branca. Maximino Neto e sua irmã Eugênia Neto teriam vendido suas terras (na área identificada em nosso croqui histórico constante nos Complementos como Varadouro) para Sebastião Alexandre do Amparo. Tal transação não foi mencionada por qualquer dos nossos entrevistados e, de fato, Maximino e Eugênia continuaram morando em suas terras. Se tal transação ocorreu de fato ou foi um 'grilo' (muitos 'grileiros' registravam terras que não queriam ocupar efetivamente, mas apenas usar como reserva de valor) não é possível saber. Com efeito, a área do Varadouro é hoje ocupada por moradores tradicionais e parte da sua área se presta a abrigar o rancho de canoas e tralhas dos pescadores, tal como sempre foi desde a formação do núcleo populacional originário.

#### Varadouro – rancho das canoas



Os descendentes do outro irmão, Emídio Neto, receberam do Estado de São Paulo, em 1976, o título de domínio da área que ocupavam fornecido pelo e, curiosamente, “venderam” para o ex-deputado estadual Evandro

Mesquita incontinenti (TELEGINSKI, 2005, pp.3-4). Contudo, a história relatada pelos moradores e descendentes da família Neto não permite que, como TELEGINSKI (op.cit., p. 7) admitamos a 'boa origem' dos títulos de domínio que são apresentados por Evandro Mesquita sobre a área em que construiu sua mansão. Senão, vejamos: Emídio Neto tinha quatro filhas e dois filhos; dois de seus genros, Mário Oliveira (casado com Anália Neto) e Benedito Rodrigues "Pracoama" (casado com Antônia Neto) foram os artífices das negociações com Evandro Mesquita e negociaram as terras em troca de casas na periferia do Guarujá à revelia de seus outros cunhados e cunhadas, sobrinhos, etc. O mais grave é que segundo os moradores, Evandro Mesquita acoplou por sua conta à área do espólio de Emídio Neto as terras de Ana Neto, cunhada de Emídio, obrigando-a a deixar sua moradia, que foi destruída pelos tratores de terraplenagem, e mudar-se para uma casa no morro:

"D. Aninha tinha quase noventa anos naquela época e o Evandro obrigou ela a ir morar lá no morro... eles nunca venderam a terra deles e o filho dela Pedro morreu de tanto desgosto pelo que o Evandro fez com ela".

A área central, onde se localiza a vila da Prainha Branca e que concentra hoje a maior parte dos moradores, encontrava-se registrada em nome dos espólios de Jorge Correa Porto e Marcelo Eduardo Bourg. Mas um acordo supervisionado pela Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado de São Paulo e assinado pelos moradores da Prainha Branca e por representantes dos referidos espólios reconheceu o direito absoluto de domínio dos moradores. Em 1986, no entanto, os herdeiros de Marcelo Eduardo Bourg venderam uma parte correspondente a 80% da área total do espólio, que se sobrepunha aos terrenos dos moradores, à Bepeá-Belval Predial e Agrícola LTDA. Segundo os moradores, essa empresa chegou a ir conversar com a

comunidade para dizer que iria construir um condomínio de luxo na área. Mas, segundo Teleginski (op. cit., p.8), esse registro da empresa não tem validade porque foi feito após a outorga do domínio para os moradores.

Com respeito à área conhecida como Canto Grosso ou Cantão, ocupado por Manoel Celestino da Silva, sua esposa Eufrásia e seus descendentes desde 1920, há registros que o Manoel Celestino protocolou, em 1967, pedido para reconhecimento de seu domínio em terras devolutas do Estado. Em 1976, Manoel e sua esposa Eufrásia foram procurados por Evandro Mesquita, acompanhado de seu fiel sequaz, João Jorge - que lhes ofereceu seus préstimos para ajudar a regularizar o domínio da área. Analfabetos, Manoel e Eufrásia forneceram procuração de plenos poderes “assinada com o dedão” em nome de João Jorge, na data de 16 de julho de 1976. Evandro Mesquita, por sua vez de posse de uma procuração em nome de Rubens de Oliveira Carvalho, registrou um ‘Instrumento Público de Composição Amigável e Outros Pactos, em que Manoel e Eufrásia - representados por João Jorge - “confessavam publicamente” ser caseiros de Rubens de Oliveira Carvalho - representado por Evandro Mesquita (TELEGINSKI, pp.11-13) Ora, Manoel e Eufrásia sequer tinham ouvido falar de Rubens de Oliveira Carvalho, nunca o tinham visto, como poderiam ser seus caseiros?

Os moradores atuais da Prainha Branca são loquazes e praticamente unânimes ao falar de Evandro Mesquita: ele é um elemento estranho à comunidade e é visto como inimigo. A exceção fica por conta de dois moradores entrevistados: o dono de uma pousada fora dos padrões exigidos pelo Condephaat para as construções na Prainha Branca, que alegou sempre recorrer ao “Dr. Evandro” quando precisa se livrar de uma multa ou de

outro problema; e um morador que diz que só tem onde morar porque o “Dr. Evandro” assim o permitiu.

As questões relativas a possíveis fraudes e até intimidações efetivadas no passado para que Evandro Mesquita obtivesse terras na Prainha Branca divide espaço com atitudes mais recentes que incomodam a comunidade nas falas dos moradores. Muitos relatam que Evandro começou a freqüentar a Prainha e tratava todos os caiçaras bem:

“pagava rodada de pinga nos bares pra todo mundo, dava presentes para as crianças, sempre tirava muitas notas de dinheiro do bolso, e os caiçaras ficavam encantados”

**Mansão do ex-deputado estadual Evandro Mesquita na Prainha Branca  
(recente)**



(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

Um dos marcos do descontentamento é o fato de que os moradores se sentem incomodados com o fato de serem admoestados ou multados por

órgãos de fiscalização ambiental ou pelo CONDEPHAAT, porque acham que com o Evandro e sua mansão totalmente fora dos padrões exigidos no tombamento e sua estrada que dilapidou vastas áreas da Mata Atlântica nada vai acontecer:

"eu não posso pegar uma areia, derrubar uma madeira para usufruir na minha casa, mas quem vem de fora pode quebrar a Prainha todinha, não respeita meio ambiente, não respeita nada"

Evandro Mesquita construiu uma estrada particular para chegar até sua mansão. Para tanto, além do prejuízo ambiental, fechou diversos caminhos tradicionais e vedou o acesso a diversas nascentes, segundo um dos moradores entrevistado e que também é monitor ambiental.

**Destruição do morro para a abertura da estrada de uso exclusivo até a mansão de Evandro Mesquita (década de 1980)**



(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

Uma perturbação ocasionada por Evandro Mesquita, recorrente na fala dos moradores, está profundamente ligada ao pertencimento territorial e à

memória afetiva e simbólica de lugares significativos. Evandro Mesquita aterrou um fluxo de água vindo do morro que, ao chegar próximo à praia, formava uma lagoa em que os moradores brincavam, se banhavam, lavavam suas roupas. Nos idos de 1987, os moradores fizeram uma representação contra Evandro Mesquita em que elencavam, dentre outros distúrbios ao modo de vida da comunidade, o episódio do aterramento da lagoa. Segundo se aventa, alguns moradores foram ‘comprados’ por Evandro para testemunhar que essa lagoa nunca existiu. Certamente, nesse caso, *uma imagem vale mais que mil palavras*, como se pode conferir abaixo:

Moradores da Prainha Branca se banham em 1976 na Lagoa da Cachoeira, destruída por Evandro Mesquita



(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

Para além dos impedimentos de acesso aos caminhos e lugares simbólicos tradicionais da comunidade ocasionados por Evandro Mesquita, percebe-se que a disponibilidade de espaço é cada vez mais exígua. A extensa

área ocupada pela mansão de Evandro certamente é um dos fatores que responsáveis por essa condição. Mas há outros elementos constitutivos: em 1978, TULIK (op.cit) relata que havia 51 moradias na Prainha Branca; em 2012, são 105, excetuando as casas de veraneio, ou seja, o espaço livre para a comunidade diminuiu e o número de habitações aumentou. O aumento no número de habitações ocorreu por dois processos. O primeiro deles é logicamente explicado porque as parentelas crescem em modelo exponencial (filhos que se casam e tem outros filhos e assim sucessivamente) e geralmente há um desequilíbrio entre a taxa de natalidade e de mortalidade, logo são mais pessoas para habitar o mesmo espaço.

Ainda que a mobilidade também pudesse equilibrar a constante populacional, já que muitos dos descendentes resolveram ir para a cidade, o segundo processo é crucial para explicar a emergência de novos ocupantes e, logo, o aumento da população. Moradores tradicionais costumam dispor de parcelas dos territórios que ocupam por motivos variados, como encontramos na Prainha Branca: a filha vai se casar e para pagar o casamento vende-se um 'terreninho' para um turista que queira construir um casa de veraneio; um membro da família envolveu-se em problemas jurídicos graves e para pagar o defensor os honorários advocatícios são trocados por um 'terreninho' à beira-mar. E há também os parentes que estavam na cidade e, ao atravessar dificuldades econômicas ou sentir saudade de retomar a vida mais tranqüila do caçara, voltam para o local de origem e reivindicam um quinhão de herança. TULIK (op.cit., pp.194-195) assevera: "*O praiano inadaptado acaba retornando, se não ao local de origem, pelo menos à região litorânea, pois embora aspire melhoria de vida, raramente se habitua ao horário das atividades urbanas, afeito que está às liberdades que goza no litoral, não só na escolha da atividade e do ritmo de trabalho, como também da maneira de alimentar-se,*

*vestir-se e comportar-se, hábitos e costumes que caracterizam a tradição caiçara, que ainda permanece arraigada na população destes núcleos”.*

As áreas de uso comum como a Igreja, o campo de futebol, a Lagoa Grande (que não é muito utilizada pelos moradores porque, segundo eles, está muito poluída), a escola, o posto de saúde improvisado onde seria uma Base Comunitária da Polícia Militar (desativada) têm sido poupadas do reordenamento espacial imposto pelo adensamento populacional, embora haja construções deselegantes como um quiosque para vender açaí que encobre a visão, a partir da praia, de alguns desses equipamentos públicos.

**Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição**



Crianças jogando futebol



Base Comunitária (desativada, usada como posto de saúde)



Lagoa Grande



Fachada da escola



Da mesma maneira, outras construções têm comprometido a ambiência própria a uma vila caiçara como, por exemplo, algumas pousadas que vêm se expandido sobre as encostas de morros, desrespeitando os padrões de construção definidos pelo tombamento<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> a) Quanto às novas construções:

*I – Altura máxima permitida é de 5 metros;*

*II - Não deverão se impor à paisagem, devendo seguir o padrão hoje existente na vila, ou seja, aquele caracterizado no processo de Tombamento número 26.632/88.*

*III – Novas ocupações devem ser feitas nos moldes do que hoje existe na vila, ou seja, preservando a vegetação de maior porte arbóreo, não envolvendo serviços de terraplanagem ou movimentos de terra e não acarretando impermeabilização do solo que exceda a área das habitações.*

## **HABITAÇÕES**

O padrão tradicional da moradia caiçara na Prainha Branca/Ponta da Armação – casas de pau-a-pique barreadas ou não – foi substituído há muito pelas casas de madeira e pelas casas de alvenaria.

Casas de pau-a-pique barreado e estuque (década de 1960)

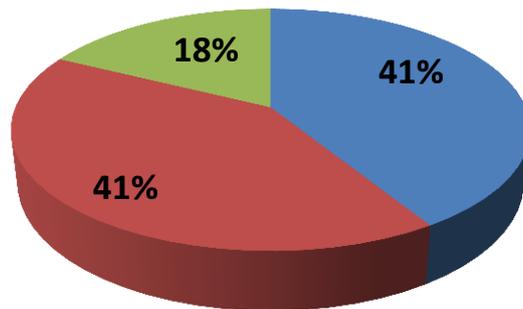


(Fonte: Silvano de Oliveira Ledo)

Segundo TULIK (pp.128 e 135), as construções de madeira surgiram na Prainha Branca a partir de 1941, enquanto moradias feitas exclusivamente de tijolos aparecem somente a partir de 1959. Os blocos de cimento, por sua vez, só passam a ser empregados em meados dos anos 1970.

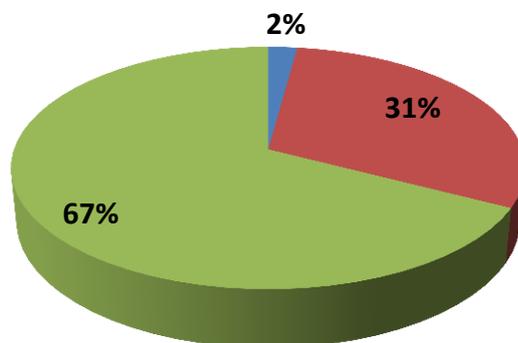
### Habitações - Matéria-prima - 1978

■ Barro/pau-a-pique ■ Madeira ■ Tijolo/bloco



### Habitações - Matéria-prima - 2012

■ Barro/pau-a-pique  
■ Madeira  
■ Tijolo/bloco



As habitações atuais - embora utilizem predominantemente as técnicas de alvenaria e materiais como bloco e cimento - mantêm uma das configurações espaciais internas similares às das moradias primevas de pau-a-pique: a entrada da residência é localizada na parede lateral, indicando a

profunda preservação da privacidade familiar manifesta pelo caiçara em sua representação da 'casa' e da 'rua'<sup>19</sup>.

De acordo com TULIK (op. cit., p.143), 78,4% das habitações existentes na Prainha Branca em 1978 foram construídas entre 1959-1978. Esse aumento no número de construções e do número de moradores ocorreu devido ao asfaltamento da Rodovia Guarujá-Bertioga (1958), que proporcionou o surgimento de diversas indústrias de beneficiamento de pescado instaladas em suas margens. É a partir dessa época que o afluxo de moradores da Prainha Branca em direção ao mundo urbano e suas novas perspectivas de trabalho se intensifica. O processo que já havia sido iniciado pelas oportunidades geradas pela inauguração do SESC Bertioga é agora ampliado pelos empregos oferecidos nas indústrias de pescado e outras ocupações variadas em Santos, no Guarujá e, principalmente, em Bertioga.

À medida que o caiçara – assim como todos nós submetido às constrictões culturais do capitalismo – enxerga o material de construção urbano como símbolo de status, de realização social e familiar, torna-se compreensível, por extensão, que se deseje também um novo tamanho de moradia não só para quem utiliza parte de suas edificações como pousadas. TULIK (op.cit., p.149) já observava em 1978: *“Na Prainha Branca, onde substituir a casa de barro por outra de material diferente significa melhoria, é natural que se construam novas habitações de outros materiais conforme as possibilidades financeiras de seus ocupantes”*.

---

<sup>19</sup> Conforme DAMATTA (1997), a rua é o espaço público, que é de todos e não é de ninguém simultaneamente, e por isso, configura um espaço hostil onde não valem as leis e os princípios éticos, a não ser sob a vigilância da autoridade. A convivência na rua depende de uma negociação constante, entre iguais e desiguais. A casa, considerada em sentido amplo, é o espaço privado por excelência, onde estão *“os nossos”*, que devem ser protegidos e favorecidos.

Uma das poucas habitações atuais feitas de pau-a-pique barreado



A intensificação das relações com o mundo urbano e a consequente ampliação do poder de compra mediante empregos de remuneração fixa ou ao menos de maior valor, proporcionou ao caiçara da Prainha Branca a utilização de outros tipos de materiais no fabrico de suas moradias – telha de barro, zinco ou amianto para a cobertura; madeira aparelhada, cimento, tijolo ou bloco para a estrutura. Pudemos perceber na fala dos entrevistados um orgulho em dizer quantas reformas suas moradias já tinham sofrido e que as casas dos filhos já tinham sido construídas com materiais melhores, “comprados e não retirados do mato como antigamente”. Simbolicamente, o material e a técnica de construção da casa representam a melhoria da qualidade de vida dos moradores da Prainha Branca. Obviamente a dimensão simbólica está acompanhada da razão prática: construções de madeira e de alvenaria são muito mais seguras contra intempéries, animais peçonhentos e insetos e incomparavelmente mais duráveis.

Habitação atual de madeira



Habitação atual de alvenaria



Em seu estudo completado em 1978, TULIK (op.cit., p.150) definiu a Prainha Branca como um *núcleo de periferia urbano* que, no entanto, não podia ser comparado a uma favela. Um dos pontos que impedia essa aproximação conceitual situa-se, para a autora, na distribuição espacial das habitações: enquanto nas favelas os barracos se amontoam uns ao lado dos outros,

deixando espaços exíguos que constituem ruas, na Prainha Branca haveria uma maior amplitude espacial porque as moradias seguem um padrão mínimo que dá preferência à localização em frente à praia ou aos caminhos.

Consideramos, contudo, que a análise de TULIK foi bastante superficial no que diz respeito à orientação espacial das moradias, porque ela não se ateve à questão dos limites tradicionais da propriedade de cada família para explicar que as casas na Prainha Branca sempre foram construídas próximas umas das outras para demarcar o mesmo *terreno familiar*, (regra seguida até os dias de hoje) e que tais terrenos, antes dos achaques cometido pela especulação imobiliária na Prainha Branca eram muito maiores. Ou seja: o que ocorreu durante esse hiato de 34 anos que separa o trabalho de Tulik do nosso é que o espaço tradicional das propriedades familiares ficou menor devido às ações de reordenamento fundiário descritas logo acima. À medida que Evandro Mesquita realoca famílias e delimita o tamanho das propriedades, muitos terrenos familiares tornam-se aglomerados de casas quase coladas umas às outras e alguns dos núcleos atuais assemelham-se, em termos de disponibilidade e distribuição espacial, às favelas dos grandes centros urbanos.

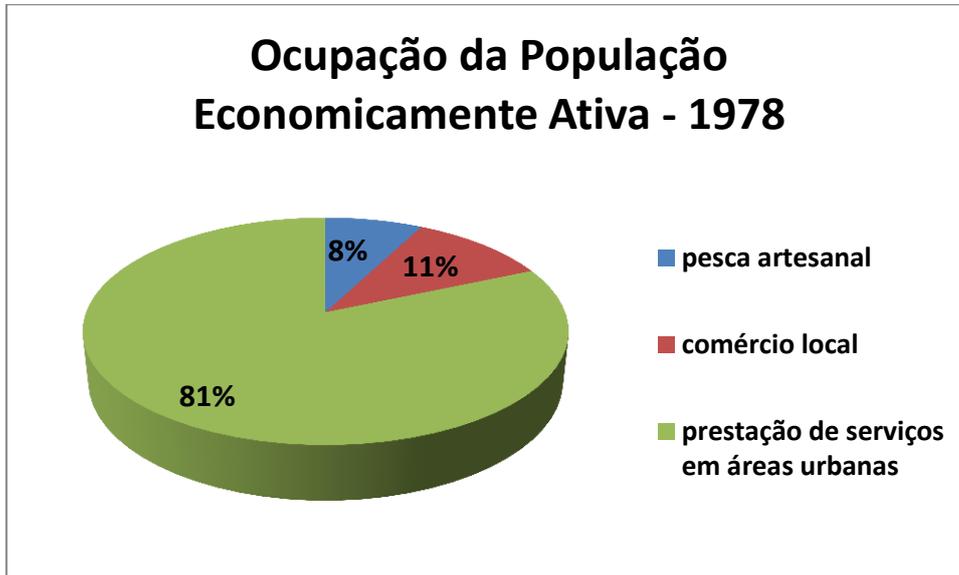
## **ATIVIDADES ECONÔMICAS**

Por um longo período, a comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação realizava atividades econômicas cujo foco central eram o autoconsumo e a comercialização de pequeno excedente e que estavam ligadas ao aproveitamento do meio ambiente circundante (caça, pesca, lavoura, extrativismo). Na década de 1950, tem início um processo de maior interação com o meio urbano e uma parcela considerável da comunidade adota a prestações de serviços em Bertioga, Guarujá e Santos como forma de garantir seu sustento. Nessa mesma época, alguns moradores principiam timidamente as atividades de exploração do turismo, abrindo bares que atendiam turistas nos finais de semana.

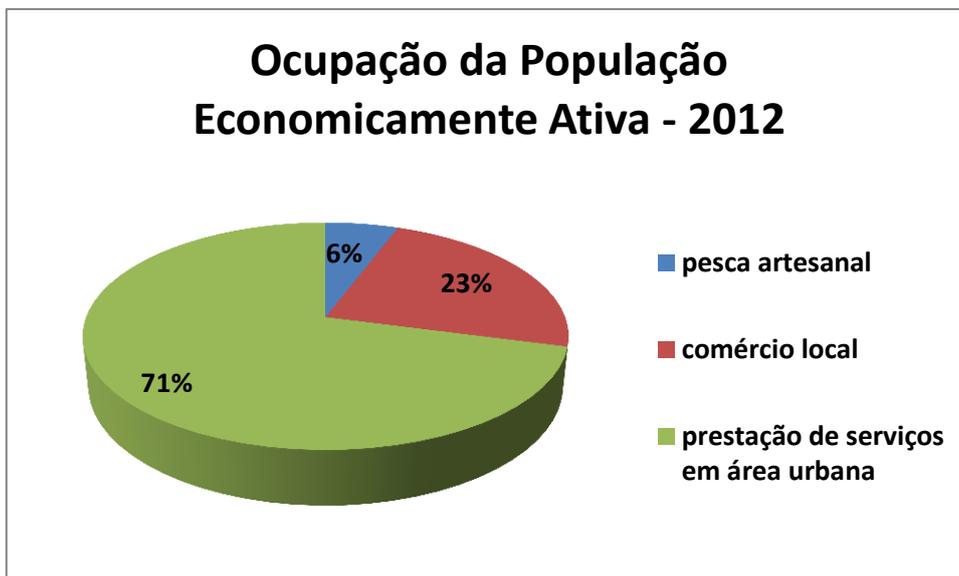
TULIK (op.cit., p. 244) auferiu em 1978 que a população economicamente ativa da comunidade<sup>20</sup> ocupava-se da pesca artesanal, do comércio local e da prestação de serviços em áreas urbanas; em nosso estudo em tela, constatamos que as mesmas atividades continuam a vigorar embora a proporção toda população que se dedica a uma ou outra atividade tenha se alterado, conforme podemos constatar nos gráficos a seguir:

---

<sup>20</sup> A população economicamente ativa (PEA) é composta de indivíduos de 18 anos ou mais que possuem atividades econômicas passíveis de remuneração. No estudo de TULIK (op.cit.), havia 92 moradores da Prainha Branca/Ponta da Armação nessa condição. Em 2012, há 158 moradores que perfazem a PEA. Não são considerados os aposentados, os que se ocupam de tarefas do lar e os desempregados.



(Fonte: TULIK, op.cit.)



(Fonte: Dados primários)

Se em 1978, o percentual que se dedicava à pesca artesanal era da ordem de 8%, em 2012 esse percentual caiu para 6%. A aparente insignificância da diminuição da pesca esconde, entretanto, que se houve um aumento de

72% no tamanho da população economicamente ativa entre 1978 e 2012, significa que, proporcionalmente, a atividade da pesca se tornou bastante mais insignificante no universo de práticas econômicas da comunidade. Tal se deve ao fato de que a indústria pesqueira na Baixada Santista viveu período de exploração desenfreada com grandes barcos e suas redes de arrasto que não respeitavam os períodos de defeso<sup>21</sup>, ou seja, o pescado rareou na área. A árdua tarefa de pescar passou a não compensar já há bastante tempo para os caiçaras da Prainha Branca/Ponta da Armação.

Os pescadores restantes enfatizam, porém, que as medidas de fiscalização e proteção recém-implementadas pelos órgãos competentes (mormente a partir da criação da APA Marinha do Litoral Centro, que engloba a área da Prainha Branca/Ponta da Armação, em 2008) além do seguro-defeso criado pelo Governo Federal<sup>22</sup>, devem fazer com que o peixe reapareça em maior escala nos próximos anos.

---

<sup>21</sup> O defeso é uma medida que visa proteger os organismos aquáticos durante as fases mais críticas de seus ciclos de vida, como a época de sua reprodução ou ainda de seu crescimento. Dessa forma, o período de defeso favorece a sustentabilidade do uso dos estoques pesqueiros e evita a pesca quando os peixes estão mais vulneráveis à captura, por estarem reunidos em cardumes.

<sup>22</sup> O seguro-defeso consiste em uma remuneração paga aos pescadores artesanais durante o período do defeso.

Tralha de um pescador tradicional remanescente



Observamos, nos entanto, que os dados realmente significativos para compreender a configuração econômica atual da comunidade são aqueles pertinentes às outras duas atividades. Note-se que há uma diminuição da ocupação nas áreas urbanas e um crescimento das atividades relativas ao comércio local. A explicação para tal fenômeno reside no fato de que, a partir dos anos 1970, *acampar* na Prainha Branca/Ponta da Armação “virou moda”, já que o acesso havia sido facilitado pela abertura das Rodovias Ariovaldo de Almeida Viana e Padre Manuel da Nóbrega. Os campistas instalavam-se na areia e demandavam serviços de alimentação, o que incentivou o surgimento de mais bares/restaurantes.



Restaurantes à beira-mar



Em 1999, os moradores da Prainha Branca estavam cansados da sujeira e dos distúrbios promovidos pelos campistas e resolveram proibir a instalação de barracas na areia da praia. Como os campistas insistiam, alguns moradores resolveram aceitar que eles acampassem dentro dos seus quintais pagando pequenas quantias (diárias). Como se percebeu que tal prática era

muito rentável, o expediente se espalhou e se intensificou. Há relatos - talvez um pouco fantasiosos - de moradores que colocaram de duzentas a quatrocentas barracas em seus quintais nos períodos de temporadas e feriados prolongados.

Em 2006, a prefeitura do Guarujá proibiu o *camping* nos quintais, atitude que foi apoiada pela Sociedade Amigos da Prainha Branca e que gerou muitas controvérsias<sup>23</sup>. Mesmo com a proibição, a prática foi mantida já que quase não há fiscalização e somente em 2011 houve novas gestões apoiadas pela Fundação Florestal do Estado de São Paulo para que houvesse um plano de ordenamento da atividade de campismo<sup>24</sup>, ora em fase de aprovação pelo Ministério Público do município.

#### Monitora ambiental da comunidade faz palestra para turistas



---

<sup>23</sup> A proibição do camping gerou uma cizânia entre os moradores da comunidade, assunto do qual trataremos mais adiante.

<sup>24</sup> Em concordância com o Decreto-Lei Federal n.º 39/2008, que dispõe sobre a instalação, exploração e funcionamento dos empreendimentos turísticos, e a Portaria Federal n.º 1320, de 17 de Novembro de 2008, que regulamente o funcionamento das áreas de campismo.

Trecho da trilha que conduz à Prainha Branca/Ponta da Armação



A despeito dos problemas com a atividade de campismo, o filão turístico também é explorado de outras maneiras devido especialmente às medidas que facilitaram o acesso à comunidade e a capacitação de mão-de-obra para esse mercado. A organização não-governamental SOS Mata Atlântica captou recursos para que a trilha para chegar à Prainha Branca (que se inicia ao lado da balsa Bertioga-Guarujá) fosse reformada, obra finalizada em 2004. Também com o apoio da SOS Mata Atlântica, vários moradores realizaram curso para se tornarem monitores ambientais e, nos finais de semana, recebem turistas (principalmente os que são encaminhados pelo SESC Bertioga) e os levam para conhecer as trilhas que permitem apreciar a flora e a fauna da Mata Atlântica.

Barcos de moradores utilizados para fazer a travessia de turistas



Outra atividade importante para a composição da renda familiar também ligada ao turismo é a travessia e o passeio de turistas pelo mar.

Como pudemos constatar, as atividades econômicas predominantes na Prainha Branca/Ponta da Armação não compreendem mais a centralidade de atividades tradicionais de autoconsumo e comercialização de pequeno excedente<sup>25</sup>. Foram localizadas apenas ocorrências periféricas de produção artesanal de artigos decorativos ou pessoais (sem utilização de matéria prima local) para comercialização e a prática doméstica da olericultura exclusivamente para autoconsumo. Os poucos moradores que praticam a pesca artesanal utilizam parte do produto para autoconsumo e parte para comercialização em Bertioga.

---

<sup>25</sup> Ao longo desse trabalho, não utilizamos – a não ser em citações de terceiros – o termo “subsistência”, substituído por autoconsumo/comercialização de excedentes. Essa escolha é baseada no fato de que a moderna antropologia reconheceu que o termo *subsistência* carrega alta carga pejorativa e preconceituosa embutida no prefixo “sub”, como se as atividades econômicas próprias das culturas tradicionais conduzissem a uma existência “menor”, menos “digna”. Tal interpretação, apresentada primeiramente por CLASTRES (1988), vem sendo referendada pela Food and Agriculture Organization of United Nations (FAO).



### **ORGANIZAÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES MICROPOLÍTICAS**

A primeira organização formal surgida na Prainha Branca/Ponta da Armação foi a Associação Atlética 3 de Maio, fundada em 1945. Seu objetivo era organizar atividades esportivas e de lazer, como partidas de futebol, bailes e saraus. Há alguns anos, a sede não resistiu às intempéries e desabou. Em 23 de setembro de 2011, o CONDEPHAAT autorizou a reconstrução da sede, mas a comunidade ainda não conseguiu levantar os recursos para tal empreitada. A Associação, todavia, segue ativa, concentrando-se especialmente em organizar churrascos e partidas de futebol.

Ruínas da sede da Associação Atlética 3 de Maio



Detalhe do brasão da Associação Atlética 3 de Maio



Em 1972, foi fundada a Sociedade Amigos da Prainha Branca (SAPB), com o objetivo de intermediar as demandas da comunidade junto ao poder público e defender os seus interesses nas contendas fundiárias.

Logotipo da Sociedade Amigos da Prainha Branca estampado na guarita da trilha que conduz à Prainha Branca/Ponta da Armação



Em 1996, a SAPB realizou um plebiscito para saber se os moradores queriam proibir a atividade de campismo na praia, Tal consulta se deu porque a maioria dos moradores se sentia incomodada com os turistas:

“Tinha muita briga, assassinato até. E muita droga, bebida alcoólica. Os sujeitos eram tão mal-educados que faziam suas necessidades embaixo da nossa janela, na nossa porta. E o lixo que eles deixavam a gente tinha que levar por mar ou enterrar”

Os votos pela proibição venceram e os moradores tiveram que expulsar os campistas “na marra”, pois não tiveram auxílio do poder público municipal. Em 1997, foi firmado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que previa que a Prefeitura do Guarujá se comprometia em fiscalizar a proibição do *camping* na praia, além de se responsabilizar pela coleta de lixo e por melhorias gerais de outras ordens na comunidade. O TAC foi posto em prática a partir de 1999, por pressão da SAPB. Contudo, os campistas passaram a se alojar dentro dos quintais dos moradores que vislumbraram uma forma de ampliar sua renda. Nas palavras de um dono de camping:

“Ficou pior do que era na praia... agora o sujeito estava praticamente dentro da sua casa, mexendo com droga, sujo...”

Os entrevistados relatam que alguns moradores se excederam na vontade de tornar o negócio cada vez mais lucrativo e, inclusive, derrubaram algumas áreas preservadas para que coubessem mais barracas no seu terreno. Os moradores relatam que a SAPB fez várias reuniões com moradores para tentar alertar sobre os problemas de superlotação na área, sem sucesso. Em 2006, a SAPB decidiu, então, comunicar a situação ao Ministério Público que, no entanto surpreendeu a todos pelo radicalismo de sua decisão: proibir qualquer tipo de *camping* na Prainha Branca, por meio de um novo TAC.

Diversos moradores se revoltaram e culparam a SAPB pela proibição do camping. Uma das entrevistadas assim se expressou sobre o tema:

"Quem eles pensam que são? O terreno é meu e eu ponho quantas pessoas eu quiser aqui dentro. A presidente da Sociedade na época nem daqui era, conheceu a Prainha Branca como campista e depois faz uma m... dessa?"

Alguns moradores descontentes relatam ter montado chapas para disputar a direção da SAPB, mas foram impedidos de participar do pleito por questões burocráticas: em uma das eleições, os então dirigentes alegaram que a chapa opositora tinha passado quinze minutos do horário do término do registro; na outra eleição, instituiu-se critério de adimplência para permitir o voto do associado e, em protesto, a chapa opositora desistiu de participar da eleição. Alegam que há um grupo familiar que dominou a SAPB desde 1999:

"A família deles é a maior, então eles conseguem todos os votos para se manter na associação. E ainda criaram, em assembléia que só tinha a família deles, a regra de que só vota quem paga a associação, mas eles nunca prestaram conta se os parentes deles pagam mesmo... mas só eles que votam".

Assim, em 2006, foi fundada, sem formalização legal, a Associação Caiçara do Camping da Prainha (ACCP), para representar os interesses comerciais dos moradores que exercem atividades relacionadas ao turismo e que manifestavam insatisfação com a direção da SAPB. A ACCP organizou-se para mapear os campings e propor soluções para flexibilizar a rigidez do TAC do Ministério Público. Só agora, contudo, esse processo está sendo efetivado, mediante gestão realizada pela Fundação Florestal, CONDEPHAAT, Ministério Público e representantes dos moradores. Essas entidades se reúnem

periodicamente para discutir, mediar e encaminhar as demandas da comunidade e dos órgãos do poder público - algumas vezes conflituosas entre si - compondo uma espécie de grupo de trabalho com foco na Prainha Branca/Ponta da Armação.

Nossa percepção foi de que a proibição do *camping* e os mal-entendidos derivados causaram uma séria ruptura nos laços comunitários. Ou melhor, aprofundaram algumas desconfianças e cicatrizes abertas já em decorrência do processo de tombamento da área pelo CONDEPHAAT. Todos os moradores entrevistados alegaram que, embora o tombamento tenha sido solicitado pela SAPB – que à época era dirigida por um integrante de outro grupo familiar – ninguém entendeu as regras, os benefícios, as penalizações que viriam. Um membro da atual diretoria da SAPB relata:

“Hoje nós temos um entendimento melhor do que é o tombamento, em todas as reuniões da SAPB sempre se faz uma colocação sobre o que é. Antigamente, na época que foi tombada, ninguém sabia. Ficou 5 ou 6 anos sem ninguém saber exatamente o que era. As pessoas pensavam que era o tombamento de terra porque os caras chegavam com máquinas... Faltou esclarecimento do Condephaat. Antes de tombar e também quando tombou, ninguém veio informar a comunidade”.

O ordenamento do *camping* que ora se processa é visto como amalgamado às proibições de construções e reformas. Há um clima de ‘denuncismo’ e desconfiança que gera acusações entre membros da SAPB e da ACCP:

“O pessoal da SAPB é que liga para o Ministério Público vir aqui fiscalizar e multar as pessoas. Eles é que estão estragando o turismo aqui”.

“A associação do *camping* está se lixando para o meio ambiente, eles querem mais é que venha o turista pra destruiu tudo isso aqui, desde que deixe dinheiro no bolso deles”.

Neste conflito, pululam acusações mais sérias como as que envolvem a ligação entre a SAPB e Fundação SOS Mata Atlântica. A referida organização não-governamental atua na região da Serra do Guararu desde 2000 e apoiou o processo de tombamento, participou da mobilização para denunciar os delitos ambientais perpetrados por Evandro Mesquita, firmou parcerias com diversos órgãos públicos para possibilitar a pavimentação da trilha que dá acesso à Prainha Branca/Ponta da Armação, além da instalação, na mesma trilha, de *banners* informativos e educativos sobre a história da região e sobre preservação ambiental e coletores de lixo. Implementou ainda ações de coleta seletiva de lixo, projetos de educação ambiental e capacitação profissional para o ecoturismo. Contudo, apesar desse rol considerável de benefícios realizados, os detratores da SAPB acusam seus membros de desviar recursos repassados pela SOS Mata Atlântica.

Os moradores mais antigos encontram-se um tanto alijados das disputas intergrupais e discussões sobre o camping e o turismo, mas para eles essas atividades estão indissociavelmente ligadas às drogas e foram os campistas que introduziram essas práticas nocivas nos próprios jovens da Prainha Branca/Ponta da Armação. Essa é uma representação fartamente aludida pelos moradores:

“na temporada corre droga solta; eles vendem na frente de todo mundo; também aqui não vem polícia, não vem um investigador, nada, nada...”

“a Prainha hoje é boca de droga; é gente cheirando aquele pó na frente dos filhos, dos netos dos outros... daí eles aprendem essas porcarias e começam a passar a droga para os turistas para poder fumar o seu”

Não obstante, há entre os moradores mais velhos a percepção de que a atmosfera belicosa entre moradores é fruto de uma dissolução das relações cordiais comunitárias que tem sua origem em outros fatores:

“Antes de 1982 não tinha luz aqui. Foi a melhor fase da Prainha. As pessoas eram amigas, se encontravam nos bares, elas pescavam juntas, elas conversavam, elas se uniam. Daí veio a luz e a maldita televisão. As pessoas começaram a não ir mais a pescar às 5 da manhã, porque elas estavam assistindo televisão, as novelas, aí começaram a se isolar dentro de suas casas. Agora as pessoas se cumprimentam e nem se olham muito. É só um “oi, boa tarde, bom dia” porque não têm como se cruzar e não se cumprimentar. E também viver da pesca era muito difícil. O sonho do caçara passou a ser morar na cidade”

Sobre os atritos extragrupoais, ou seja, aqueles que envolvem a comunidade e agentes externos, estão os que permeiam o cotidiano na comunidade. Segundo os moradores, o filho de Evandro Mesquita costuma passear com seus cães da raça *pitbull* sem os devidos instrumentos de segurança, ameaçando crianças e os animais domésticos<sup>26</sup>. Outra queixa, também a respeito do filho de Evandro Mesquita é que ele dirige um quadriciclo motorizado na areia da praia matando os *guaruças*<sup>27</sup>. Alguns moradores tradicionais mais abastados também presentearam seus filhos com veículos similares, o que provocou o seguinte comentário de um entrevistado:

“Esse homem além de pegar as nossas terras ainda vem trazer só vício”

---

<sup>26</sup> A pesquisadora responsável por esse laudo testemunhou um dos cães de Evandro Mesquita sendo levado a passeio pelos caminhos da vila por um funcionário, seguro apenas por uma ‘cordinha’. Como esse mesmo cão teria atacado e matado o cãozinho de um morador na semana anterior, os moradores ficaram revoltados e advertiram severamente o funcionário.

<sup>27</sup> Pequenos caranguejos brancos que se escondem na areia.

## **PARTE III**

# **CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E ANÁLISES FINAIS**

## COMUNIDADES TRADICIONAIS

A tarefa de definir o que são comunidades tradicionais traz consigo a necessidade de desfazer, de início, um equívoco comum acarretado pelo adjetivo 'tradicionais'. No uso corrente, tal termo aparece intrinsecamente ligado ao passado, refém da relação com o que é estanque, ultrapassado, engessado. A teoria antropológica clássica contribuiu para que o conceito de tradição se estabelecesse como sinônimo de imutabilidade, na medida em que a consolidou como centro da definição de cultura.

RADCLIFFE-BROWN (*apud* SATRIANI, 1986, p. 42) declarou: *"(...) a realidade a qual eu aplico a palavra 'cultura', é o processo de tradição cultural, isto é, o processo mediante o qual, num dado grupo social, ou classe social, a linguagem, as crenças, as idéias, os gostos estéticos, os conhecimentos, as capacidades, os vários tipos de usos passam (e uso este verbo porque tradição significa 'passar, transmitir) de uma pessoa a outra e de uma geração a outra"*.

Isto é, a tradição seria o núcleo-duro da cultura que, nesta apreciação, também é definida como um corpo de comportamentos imóvel e inexpugnável que atravessa os tempos. Em termos práticos, essa abordagem se adequava aos estudos etnológicos sobre grupos humanos recém-colonizados e seus modos de vida, considerados 'exóticos' e 'sem história' quando confrontados à cultura civilizada e dinâmica dos colonizadores. Os grupos sociais tradicionais seriam, então, comunidades estáveis e passivas, reproduzidas como acordes monocórdios repetidos<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> LÉVI-STRAUSS (*apud* BALANDIER, 1976, p.173) foi um dos principais difusores da concepção de que sociedades ditas tradicionais eram 'sociedades sem história': *"(...) elas parecem ter elaborado, ou retido, uma sabedoria particular que as impele a resistir desesperadamente a qualquer modificação de sua estrutura"*.

Reflexões antropológicas modernas demonstraram, contudo, que mesmo quando analisadas sob um enfoque êmico, isto é, a partir de sua estrutura interna, as sociedades tradicionais sempre apresentaram movimento histórico, posto que não são desprovidas de contradições, desigualdades e conflitos<sup>29</sup>.

Ao entrarem em contato com a sociedade envolvente, esses grupos tradicionais são pressionados ainda mais em direção a mudanças sociais e, neste processo - essencialmente político, são forjadas as identidades étnicas (indígenas, quilombolas, caiçaras). A identidade étnica é um processo de identificação de grupos em situações de oposição a outro grupo. CARDOSO DE OLIVEIRA (1976) elaborou a noção de 'identidade contrastiva' como base para a identidade étnica: a situação de oposição leva os grupos a elaborarem os seus critérios de pertencimento e de exclusão social. Quando este confronto está calcado numa relação assimétrica de poder - de submissão e dominação, os grupos minoritários reforçam suas particularidades culturais e suas relações coletivas como forma de reelaborar sua posição social. As relações de parentesco e a territorialidade são fatores acessados amiúde na construção dessas identidades. O estudo de BARTH (1976) acerca da flexibilidade das fronteiras étnicas demonstra que um grupo, confrontado por uma situação histórica peculiar, pode vir a realçar determinados traços culturais que julgar relevantes em tal ocasião.

Nesta perspectiva, as identidades não são fixas: são 'identificações em curso', integrantes do processo histórico da modernidade, no qual concorrem velhos e novos processos de re-contextualização e de particularização das identidades. *"Sabemos hoje que as identidades culturais*

---

<sup>29</sup> Sobre a *débaçle* da tese das sociedades sem história, ver BALANDIER (1976), SAHLINS (1994).

*não são rígidas, muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso"* (SANTOS, 2000, p.135).

A legislação brasileira se assenta na definição mais 'clássica' da reprodução do modo de vida tradicional, embora tenha incorporado, em alguma medida, o aspecto dinâmico da cultura e a territorialidade como pressuposto material da identificação étnica, conforme expresso no Decreto Federal n. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Em seu artigo 3º, o decreto define os povos e comunidades tradicionais e os territórios tradicionais nos seguintes termos:

**Art. 3º** Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

**I** - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

**II** - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68

do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações.

Cada uma das categorias de comunidades tradicionais manifesta traços culturais particulares e expressividade política diferenciada. Enquanto indígenas e quilombolas receberam maior atenção na forma de leis específicas de proteção e atribuição de direitos, caiçaras, ribeirinhos e camponeses mantêm-se a reboque dos seus similares mais fortes.

## COMUNIDADES CAIÇARAS

A designação *caiçara* é aplicada às comunidades tradicionais que habitam o litoral dos estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Originado no vocábulo tupi-guarani *caá-içara* (homem do mar), o termo traz consigo algumas disputas em torno de suas propriedades definidoras. O homem do litoral é visto pelos autores pioneiros da socioantropologia caiçara como lavrador-pescador, enquanto os estudos mais recentes enfatizam a atividade da pesca como a matriz constituinte da cultura caiçara<sup>30</sup>.

A tipologia social lavrador-pescador congrega as atividades de agricultura e pesca – ambas voltadas ao autoconsumo e à exploração de pequenos excedentes<sup>31</sup>. Uma forma de ocupação comum do litoral paulista foi a que combinou a atividade agrícola nos ‘sertões’ – faixa de terra localizada entre a orla e as encostas da Serra do Mar – e a exploração dos recursos marinhos (pesca e extração de caranguejos, siris e moluscos).

*“No caso dos pescadores-lavradores, a agricultura é sua principal fonte de subsistência e a pesca constitui uma atividade ocasional, geralmente restrita a períodos de safra (tainha, por exemplo). (...) A pesca está inserida nas atividades predominantemente agrícolas, base de organização social e subsistência destes pescadores. O calendário de atividades é regido principalmente pela agricultura e o mundo de valores da comunidade é marcado pelo trato da terra”* (ADAMS, p. 125)

---

<sup>30</sup> Referências sobre tal definição em DIEGUES (2003:09) e ADAMS (2000:104-105 e 122-123). Ver também Boletim eletrônico do Conselho Nacional Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, disponível em [http://www.rbma.org.br/anuario/mata\\_05\\_populacao.asp](http://www.rbma.org.br/anuario/mata_05_populacao.asp)

<sup>31</sup> A atividade econômica orientada para o autoconsumo não exclui a produção de um pequeno excedente. Quando esse excedente é comercializado, o equivalente-dinheiro é utilizado para compra de outros gêneros alimentícios (óleo, sal, etc). Ver CANDIDO (1987) e MOURA (1986).

Segundo MOURÃO (*apud* HANAZAKI, 2007, p.51), os caiçaras que se enquadram na categoria lavradores-pescadores são os que apresentam formas de cooperação mais sólidas, porquanto a atividade agrícola favorece trabalhos comunitários como os mutirões e pjuvas<sup>32</sup>.

A literatura sócio-antropológica que privilegia a pesca como atividade definidora da condição caiçara não exclui, contudo, a atividade agrícola do rol de práticas integrantes do complexo cultural caiçara. Neste campo de interpretação, a agricultura assume o caráter de atividade acessória dos caiçaras, definidos como pescadores porque detém o domínio das técnicas de pesca e manejam com eficiência o ecossistema marítimo. Aqui, a venda do pescado é o objetivo da atividade da pesca, ainda que em pequena escala e de maneira artesanal.

*“No caso dos pescadores artesanais (...) a pesca deixa de ser uma atividade suplementar e converte-se na principal fonte de renda e produção de bens destinados à venda. O grupo doméstico deixa de ser a base das unidades de produção e cooperação. A divisão social do trabalho é baseada na especialização das tarefas de pesca. Nesse caso, o pescador passa a utilizar o barco motorizado, que lhe permite explorar ambientes mais amplos e distantes da costa (...). A venda do produto é feita para um atravessador ou diretamente para empresas de pesca e a produção de um excedente. Mesmo que pouco e casual, é utilizada na modernização dos instrumentos de trabalho. Nesse estágio o pescador artesanal passa a viver exclusiva ou quase que*

---

<sup>32</sup> Mutirão é uma forma de trabalho comunitário em que um membro necessitado de uma dada comunidade solicita a ajuda de seus vizinhos para algum tipo de tarefa e oferece a eles, em contrapartida, festejos e alimentação. A *pjuva* é um mutirão de curta duração (menos que um dia de trabalho) em que o proponente se desobriga de contrapartidas faustosas.

*exclusivamente da pesca. Os pescadores artesanais possuem sua prática econômica, social e simbólica ligada ao oceano” (ADAMS, p. 126).*

Esta duplicidade conceitual da população caiçara identificada na produção científica sobre o tema – ênfase na atividade agrícola ou na pesca – revela que tais comunidades não são homogêneas e seus traços característicos variam de acordo com a localização, com o histórico de ocupação da área e, sobretudo, das dinâmicas econômicas a que são submetidas. Os estudos de caso efetuados permitem apenas generalizar a cultura caiçara como um conjunto de conhecimentos e práticas profundamente integradas com a natureza, sejam eles centralmente norteados pelos ciclos de plantio ou de pesca.

Na comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação, as atividades produtivas próprias à cultura caiçara foram praticamente extintas, restando poucos pescadores artesanais e nenhum agricultor, como vimos anteriormente. Contudo, a identidade caiçara subsiste na forma de se expressar, no vestuário e sobretudo – e mais importante – no **auto-reconhecimento** de tal identidade.

## TRADIÇÕES E CONTEMPORANEIDADE NA PRAINHA BRANCA

### ***RELAÇÕES DE PARENTESCO E TERRITORIALIDADE***

A identidade de um grupo está profundamente relacionada ao reconhecimento das relações familiares que se expressam pela ancestralidade e na 'preservação do espaço de vivência', ou seja, o território marcado por significados que fundamentam sua existência como grupo. *"Assim, parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior"* (TURATTI *et alii*, 2002, p. 04).

No que diz respeito ao parentesco, é preciso defini-lo de saída, como um sistema de relações que podem ser *consanguíneas* ou *por afinidade/aliança*. O **parentesco consanguíneo** é aquele que engendra as relações verticais diretas de ancestralidade e descendência por meio da filiação. Essas relações verticais consanguíneas podem identificar um **parentesco em linha reta**, ou seja, quando as pessoas descendem diretamente umas das outras (pais, filhos, netos, bisnetos, etc) ou um **parentesco colateral**, isto é, quando as pessoas não descendem umas das outras mas possuem um ancestral em comum (tios, primos e nomenclaturas correlatas como tio-avô, tia-bisavó, etc).

Já o **parentesco por afinidade/aliança** interliga as pessoas tanto horizontal quanto verticalmente por meio de relações socioculturais como o

matrimônio (marido, esposa, sogro, sogra, cunhados, etc), o compadrio (comadre, compadre, padrinho, madrinha, afilhados) e até as alianças mais amplas de reconhecimento, prestígio e proteção (como os clãs e as linhagens das sociedades tribais)<sup>33</sup>.

Segundo LÉVI-STRAUSS, (1982, pp.70-71) o parentesco consangüíneo (também chamado por ele de biológico) é rigorosamente determinado pela natureza, enquanto o parentesco por afinidade/aliança respeita as exigências da cultura e, portanto, as relações que lhes são próprias são mediadas por diversos fatores ambientais e por representação sociais e simbólicas. Em outras palavras: ao nascer, o indivíduo é filho dos seus pais e ponto; ao se casar, ao batizar seu filho, ele escolhe a qual indivíduo quer se ligar, a qual subgrupo familiar quer pertencer e, pode, para isso, usar critérios como amor, prestígio, riqueza, herança, proteção, entre tantos outros. Nas palavras do autor: *“A cultura, impotente diante da filiação, toma consciência de seus direitos, ao mesmo tempo que de si mesma, diante do fenômeno – inteiramente diferente - da aliança, o único sobre o qual a natureza já não disse tudo. Somente aí, mas por fim também aí, a cultura pode e deve, sob pena de não existir, afirmar ‘primeiro eu’ e dizer à natureza: ‘não irás mais longe’”*.

Em comunidades tradicionais, os sistemas de parentesco estão, via de regra, intimamente ligados à ocupação territorial e as regras de herança firmadas pelo direito consuetudinário. Para PAOLIELLO (1998, p.158), *“a pertença a um grupo ligado por laços de descendência, aliança e filiação define direitos territoriais exclusivos”*, ou seja, **o acesso à terra é garantido aos**

---

<sup>33</sup> As definições de parentesco constantes na teoria clássica da antropologia podem ser encontradas também em RADCLIFFE-BROWN (1973), EVANS-PRITCHARD (1978), GHASARIAN (1996) e MORGAN (1997).

indivíduos pertencentes a grupos familiares cujos ascendentes estabeleceram vínculos com um determinado território e por meio dele garantiram sua existência e teceram laços simbólicos e práticos de sociabilidade (celebrações, ações de ajuda mútua, alianças e conflitos, compadrios, adoções, etc).

Pudemos constatar nesse trabalho que ao longo do tempo – e com maior ênfase a partir dos anos 1970 - a utilização do espaço pelos moradores da Prainha Branca se transformou. Áreas de morro anteriormente exploradas na atividade extrativista estão hoje degradadas pela abertura da estrada que conduz à mansão de Evandro Mesquista; a antiga lagoa formada pelo represamento das águas da cachoeira, espaço fundamental de lazer presente na memória dos moradores atuais, foi aterrada na construção da referida mansão. Contudo, o sentimento de pertença ao território da Prainha Branca/ Ponta da Armação permanece inalterado nas parentelas extensas que hoje ali habitam – conscientes da ancestralidade e das relações de afinidade que informam e garantem o seu direito àquela área - ainda que os acessos e mesmo a existência de determinados locais de extrema significância identitária tenham sido interditados ou destruídos.

Assim, os habitantes atuais da Prainha Branca/ Ponta da Armação que descendem - por qualquer estrutura de parentesco - das primeiras famílias que ocuparam a Prainha Branca/Ponta da Armação constituem a extensão e perpetuação de uma *comunidade identitária de sentidos compartilhados*, ainda que alterada pela dinâmica histórica e por pressões econômicas. Por isso, eles são considerados moradores tradicionais.

Contudo, é a dinâmica social aliada ao determinismo natural - aquele pertinente às relações de filiação, ao parentesco biológico do qual falava LÉVI-STRAUSS (*op.cit.*, idem) – que permite a formação de uma comunidade

identitária de sentidos compartilhados. A comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação teria as mesmas feições se várias relações de afinidade/aliança não se tivessem estabelecido com os migrantes da Ilha Montão de Trigo porque o dono da rede de pesca da tainha precisava de mão-de-obra? Ora, é a partir do mundo social – absolutamente irredutível à consanguinidade - que os homens interagem entre si e constroem suas identidades. É a partir do mundo social também, ou da produção social de bens materiais e simbólicos, que se estabelecem relações de sentido, algumas de caráter solidário, outras de caráter deletério.

O universo delineado pelos moradores tradicionais, portanto, é composto pelos “**de dentro**”, aqueles que carregam os sentidos gestados pelos seus antepassados e galvanizados ao longo dos tempos pela memória das histórias familiares, da ocupação territorial, das referências socioculturais. É esse universo tradicional que permitiu durante toda a dinâmica histórica de sua existência que os “**de fora**” adentrassem o seu campo simbólico e se fixassem no seu sistema parental e/ou no seu território. Cabe distinguir, como prenunciado acima, que as relações que se estabelecem entre os “de dentro” e os “de fora” podem possuir traços harmônicos ou conflituosos. Também no interior do próprio universo tradicional modelado pelas relações de parentesco, surgem eventualmente alterações e discordâncias, como vimos na Parte II desse laudo.

De uma perspectiva sincrônica, considerando o momento atual da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação, entendemos que os critérios de pertencimento e exclusão para os “de fora” devem ser reelaborados e definidos pelos próprios moradores tradicionais (estes já definidos acima pelos critérios técnicos da Antropologia). Trata-se de sugerir que se os descendentes

das famílias pioneiras na ocupação da área devem ter por direito a restituição do uso integral e da co-gestão do seu território por meio do estabelecimento de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável, eles também devem avaliar o grau de solidariedade e de conflito nas suas relações com aqueles que não são considerados moradores tradicionais, mas que por razões variadas adentraram o território, ali se fixaram e também estabeleceram relações sociais com a comunidade tradicional. A questão crucial que deveria ser levada em conta é: **qual é o caráter da relação que o morador considerado não-tradicional estabeleceu com a comunidade?** O exercício de fornecer uma resposta a tal indagação possibilitaria aos moradores tradicionais diferenciar entre o ‘grileiro’ que constrói uma estrada e não permite que os comunitários tenham acesso a ela, por exemplo, e eventuais moradores recentes que participam da vida comunitária de maneira pacífica e agregadora.

Compreender as relações de parentesco e territorialidade em comunidades tradicionais e os critérios correlatos de pertencimento e exclusão exige, portanto, a junção das definições clássicas da antropologia sobre o parentesco às reflexões mais modernas da disciplina sobre as fronteiras políticas de caráter dinâmico que atuam na configuração das próprias comunidades, tal como visto anteriormente no capítulo ‘Comunidades Tradicionais’.

### **RESSIGNIFICAÇÃO DE PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS**

Como visto ao longo desse estudo, os caiçaras da Prainha Branca vivenciaram a cultura rústica até que os efeitos da 'pressão civilizatória'<sup>34</sup> transmudaram a feição da comunidade e novas práticas socioculturais foram engendradas.

A moderna antropologia trata tais transformações em perspectiva relacional, ou seja, elas ocorrem no interior de um determinado grupo social mas não prejudicam a manutenção do **auto-reconhecimento** do grupo como único, como diferente dos demais grupos sociais.

Os futuros responsáveis pela comunidade na escola local



<sup>34</sup> Cf. CANDIDO (op.cit.) e SZMRECSÁNYI&QUEDA (1979).

A memória da origem não é incompatível com as mudanças sociais e o passado amalgamado ao presente e ao devir constitui a real substância da identidade grupal; se assim não fosse, não poderíamos sequer afirmar que um povo qualquer é do mesmo grupo de seus antepassados, pois não temos forçosamente as mesmas práticas religiosas, nem certamente as mesmas técnicas, nem os mesmos valores de nossos avós ou bisavós. Um mesmo grupo identitário exibirá traços culturais diferentes ao longo de sua história, conforme a situação ecológica e social em que se encontra, adaptando-se às condições naturais e às oportunidades sociais que provêm da interação com outros grupos, sem com isso perder sua identidade própria. Assim, os traços socioculturais mudam enquanto a identidade grupal se mantém (Cf. CARNEIRO DA CUNHA, 1986 e 2009).

As três ressignificações fundamentais na estrutura comunitária da Prainha Branca/Ponta da Armação são referentes ao território, ao turismo e aos valores culturais.

No tocante ao território, a comunidade teve suas feições alteradas devido ao adensamento populacional e à diminuição do espaço livre, corolário da entrada de Evandro Mesquita na área. E há a percepção de que o tombamento pelo CONDEPHAAT, que teria sido desejado pela Sociedade Amigos da Prainha Branca como mecanismo de freio à especulação imobiliária tornou-se uma política pública deletéria que apenas pune o legítimo desejo de expansão econômica dos moradores tradicionais, traduzida nas benfeitorias em seus imóveis. A utilização dos espaços de moradia para infraestrutura turística (campings/pousadas/restaurantes) é um processo considerado sem volta pelos moradores, embora reconheçam que ele também foi e é responsável por

alterar profundamente a utilização do território que habitam, tanto no que diz respeito às áreas comuns quanto ao espaço doméstico.

As atividades econômicas relacionadas ao turismo recrudesceram na comunidade nos últimos trinta anos e há a expectativa de que elas possam ser diversificadas e reordenadas. Parte da comunidade entende que atividades turísticas ecologicamente sustentáveis cumpririam a dupla função de ser um chamariz para um público interessado em preservação ambiental e, ao mesmo tempo e como consequência da mudança no perfil dos frequentadores, seriam atenuados os dissabores como a excessiva produção de lixo, as balbúrdias e o uso excessivo de drogas. Parte dos moradores não assimilou as vantagens do turismo ecológico e defende o direito de explorar sua área de moradia como bem entender, ainda que de forma nociva ao meio ambiente.

Finalmente, no que diz respeito aos valores culturais, os moradores da Prainha Branca/Ponta da Armação tentam redefinir sua identidade caiçara no ritmo do processo histórico que os conduz em direção aos gostos e aspirações do mundo urbano sem, no entanto, perder as referências do passado e sem obliterar a situação objetiva em que vivem, ou seja, o lugar em que habitam e suas potencialidades e limitações. A permanência da devoção à santa padroeira e as formas de sua celebração são estimuladas nas crianças e jovens; a Folia de Reis, adormecida no período de maior deslumbre do caiçara com a luz elétrica, com a televisão, foi retomada em 1991 acrescida de novas configurações condizentes com a modernidade, como a introdução de novos instrumentos musicais; alguns jovens começaram a participar das reuniões feitas na comunidade e se interessar pelas possibilidades de trabalho que poderiam obter dentro do local onde vivem – durante a realização da dinâmica do Diagrama de Venn (parte integrante do estudo socioambiental ora em curso)

alguns jovens manifestaram o desejo de aprender as técnicas de pesca artesanal, por exemplo. Também o artesanato com matéria-prima local, tal qual os antigos praticavam para produzir instrumentos domésticos e de pesca, vem sendo lembrado pelos moradores como um valor cultural que poderia ser retomada tanto para incremento de renda quanta para preservação da memória local.

Os surfistas campeões Deivid Silva e Eduardo Motta



E há um elemento de alto potencial social e econômico, altamente valorizado pela juventude local e reconhecidamente subutilizado na Prainha Branca/Ponta da Armação: o surfe. O mar de ondas fortes é perfeito para a prática e dois surfistas adolescente locais, Deivid Silva (atual bicampeão brasileira da categoria mirim) e Eduardo Motta (que compete na categoria petit) vêm se destacando no circuito amador preparatório para as categorias

profissionais. David Silva já surfou na Austrália e no Havaí, mantém contrato regular de patrocínio e é alvo freqüente de reportagens na mídia especializada.

\*\*\*\*\*

### Considerações e Recomendações

Considerando que :

1. a comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação é considerada, de acordo com os modernos critérios antropológicos e em face do Decreto Federal 6.040/2007, uma comunidade tradicional;

2. a comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação vem reelaborando simbólica e praticamente o seu modo de vida e hoje manifesta – ainda que não de maneira unânime – o desejo de explorar os recursos naturais do seu entorno de maneira sustentável;

3. o território da comunidade está incrustado em região litorânea de belíssima paisagem e de alto valor imobiliário e, portanto, vive ameaça freqüente de ser desalojada do seu ambiente tradicional;

4. as demais informações presentes nesse laudo fundamentam satisfatoriamente as três considerações anteriores;

Recomenda-se que:

1. seja levado adiante o processo de discussão e avaliação sobre a pertinência de implementação de uma Reserva de Desenvolvimento

Sustentável (RDS)<sup>35</sup> na área da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação;

2. o processo de discussão e avaliação sobre a pertinência de implementação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na área da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação seja rerepresentado sucessivas vezes aos moradores, para que não restem dúvidas sobre sua gestão e sobre a caracterização jurídica do regime de propriedade da terra na RDS;

3. o processo de discussão e avaliação sobre a pertinência de implementação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na área da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação seja conduzido de maneira a aproximar os moradores que hoje professam posições antagônicas a respeito das atividades econômicas praticadas no local, ao invés de fomentar novas divisões baseadas em classificações extremadas sobre quem pode ou não pertencer à comunidade .

---

<sup>35</sup> A Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), prevista no art. 23 da Lei Federal 9985/2000, é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações, adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica. A RDS tem como objetivo básico preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida e exploração dos recursos naturais das populações tradicionais, bem como valorizar, conservar e aperfeiçoar o conhecimento e as técnicas de manejo do ambiente, desenvolvido por estas populações. É de domínio público, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites devem ser, quando necessário, desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADAMS, Cristina. *Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento ambiental*, Annablume/FAPESP, São Paulo, 2000.
2. BALANDIER, Georges. *Antropo-lógicas*, São Paulo, Cultrix, 1976.
3. BARTH, Frederik. *Los Grupos Etnicos y sus Fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica, 1976.
4. CANDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1987, (7ª ed.).
5. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
6. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
7. CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com Aspas e Outros Ensaios*, São Paulo, Cosac Naify, 2009.
8. CARVALHO FRANCO. Maria Sylvia. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*, São Paulo, Editora da UNESP, 1997 (4ª ed.).
9. CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

10. DAMATTA, Roberto da. **A Casa e a Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
11. DIEGUES, Antônio Carlos. *“Povos e mares: uma retrospectiva de sócio-antropologia marítima”*, Nupaub/USP, 2003. Artigo disponível em <http://www.usp.br/nupaub/Cap10.pdf> . Acesso em 20 de dezembro de 2011.
12. EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**, São Paulo, Perspectiva, 1978.
13. GHASARIAN, Christian. **Introduction à l'Étude de la Parenté**. Paris, Seuil, 1996.
14. GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
15. HANAZAKI, Natalia . **Ecologia de Caiçaras – uso de recursos e dieta**, Tese de Doutorado, Instituto de Biologia-Unicamp, Campinas, 2001. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000222871> . Acesso em 18 de dezembro de 2011.
16. LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**, Petrópolis, Vozes, 1982.

17. MARTINS, Heloísa H. T. *“Metodologia Qualitativa de Pesquisa”* In: **Educação e Pesquisa**, vol. 30, n. 2, São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.
18. MORGAN, Lewis H. **Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family**, Lincoln, University of Nebraska Press, 1997.
19. MOURA, Margaria M. **Os Deserdados da Terra**, São Paulo. Brasiliense, 1986.
20. PAOLIELLO, Renata M. *“Condição Camponesa’ e novas identidades entre remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira de Iguape”* In: GODOI, Emilia P., MENEZES, Marila A. & MARIN, Rosa A. **Diversidade do Campesinato – expressões e categorias**, São Paulo, Editora UNESP, 2009.
21. PEIRANO, Mariza G. S. **A Favor da Etnografia**. Série Antropologia, 130, Universidade de Brasília, 1992.
22. RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis, Vozes, 1973.
23. RIBEIRO NETO, Francisco B. & OLIVEIRA, Mônica F. **Estratégias de sobrevivência de comunidades litorâneas em regiões ecologicamente degradadas - o caso da Baixada Santista**, Relatório de pesquisa, 1989. Disponível em <http://www.usp.br/nupaub/>. Acesso em 18 de dezembro de 2011.

24. SZMRECSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriowaldo (orgs.), **Vida Rural e Mudança Social**, São Paulo, Editora Nacional, 1979.
25. TELEGINSKI, Antônio. **Prainha Branca - um paraíso na Ilha de Santo Amaro**, Arquivo da Fundação Florestal do Estado de São Paulo, 2005 (inédito).
26. TULIK, Olga. **Praia do Góis e Prainha Branca: núcleos de periferia urbana na Baixada Santista**, Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1979.
27. SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.
28. SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice**. São Paulo: Cortez, 2000.
29. SATRIANI, Luigi M. L. **Antropologia Cultural e Análise da Cultura Subalterna**, São Paulo, Hucitec, 1986.
30. TURATTI, Maria Cecília M. **Os Filhos da Lona Preta – Identidade e Cotidiano em Acampamentos do MST**, São Paulo, Alameda, 2005.
31. TURATTI, Maria Cecília M., SCHMIDT, Alessandra & CARVALHO, Maria Celina P. Atualizações *“A Atualização do conceito de quilombo - identidade e território nas definições teóricas”* In: **Ambiente&Sociedade**, Ano V, nº10, Campinas, UNICAMP, 2002.

32. VALLADARES, Lícia. *“Os Dez Mandamentos da Observação Participante”*  
In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 22, n. 63, São Paulo,  
ANPOCS, 2007.

# COMPLEMENTOS

## FICHAS DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

A legislação brasileira atual atribui grande importância aos bens culturais de natureza imaterial que possuem *status* de referência para a reprodução de identidades culturais e sociais de grupos e comunidades, conforme reza o Decreto n° 3.551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Cultural Brasileiro. O decreto citado apresenta, ainda, a circunscrição tipológica dos bens culturais de natureza imaterial: celebrações (religiosas ou laicas), formas de expressão (modalidades simbólicas de comunicação), saberes (conhecimentos e procedimentos relacionados ao trabalho, à cura e a outras práticas sociais) e lugares (espaços naturais ou edificados associados a usos sociais atuais ou a referências memorialísticas)

Ainda que seja possível identificar 'referências culturais' com base em sua reiteração em certo território, o sentido propriamente patrimonial de um bem cultural de natureza imaterial é, no entanto, determinado pelo seu grupo portador, que nele reconhece a manifestação de sua identidade e por isso busca sustentar, através de sua manutenção dinâmica, um sentido de continuidade temporal entre o passado e o presente.

Para a catalogação das referências culturais da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação foram elaboradas fichas baseadas nas metodologias desenvolvidas pelo Iphan (INRC) e pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico de Minas Gerais (Iepha). A justificativa para a escolha de ambas repousa em seu reconhecimento como metodologias de alta qualidade para este tipo de identificação cultural.

# FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

## CATEGORIA: CELEBRAÇÕES

### 1. FESTA DE NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

<b>Designação preferencial</b>	<b>nativa</b>	Festa da Padroeira, Festa da Santa
<b>Época de ocorrência</b>		30 de novembro a 08 de dezembro
<b>Locais de ocorrência</b>		Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição
<b>Informações históricas e descritivas</b>		<p>A festa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição foi definida como uma festa universal em 1476, pelo Papa Sisto VI e celebra a vida sem mácula da Virgem Maria.</p> <p>No Brasil, a data de 08 de dezembro é também o dia da celebração de Nossa Senhora Aparecida, em referência à imagem achada por pescadores nas águas do rio Paraíba.</p> <p>A origem e o momento histórico exatos da celebração na Comunidade Prainha Branca (Guarujá-SP) não foram recuperados pela memória dos moradores mais antigos, que afirmam que tal evento sempre existiu.</p> <p>Contam, ainda, que até os anos 70 reverenciavam a Padroeira como Nossa Senhora Aparecida, até que um padre, em visita a região, disse que a imagem que ostentavam na Igreja da comunidade era, na verdade, de Nossa Senhora da Imaculada Conceição.</p> <p>A festa consiste em novena que se inicia em 30 de novembro, realizada na Igreja. Integrantes da comunidade rezam o terço de maneira cantada, em latim. No dia 08 de dezembro (ou no sábado mais próximo desta data), há festa com missa, sorteios de prendas e venda de comes e bebes para arrecadar fundos para manutenção da Igreja.</p>
<b>Condição Atual</b>		A festa nunca deixou de ser celebrada e segue o mesmo quadro descritivo exposto acima.
<b>Fontes consultadas</b>		História oral da comunidade.

# FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

## CATEGORIA: CELEBRAÇÕES

### 2. FOLIA DE REIS

<b>Designação preferencial</b>	nativa	Não há
<b>Época de ocorrência</b>		06 de Fevereiro (dia consagrado aos Reis Magos)
<b>Locais de ocorrência</b>		Cumprir um trajeto indefinido, circulando entre as unidades domésticas.
<b>Informações históricas e descritivas</b>		<p>A Folia de Reis, Companhia de Reis ou Terno de Reis, é uma celebração católica simbolicamente vinculada ao Natal, que celebra a visita dos três reis magos ao menino Jesus recém-nascido. A Folia consiste, basicamente, na perambulação noturna de um grupo de pessoas do sexo masculino pelas casas dos fiéis para visitarem os seus presépios e ali entoarem cantigas – às vezes, mulheres participam somente carregando o estandarte. São improvisadas quadrilhas de pé quebrado ou entoadas estrofes decoradas, fazendo menção ao momento e descrevendo as figuras e os enfeites do presépio. Os presépios são de grande importância para a Folia de Reis, e as pessoas costumam caprichar em sua elaboração, abrindo-os para visitas e para a recepção das Foliadas de Reis. Em geral, o grupo é composto por um mestre e um contramestre, que tocam viola; um alferes, que toca rabeça; um músico de rufo ou tambor, além de um tocador de triângulo. Dependendo do tamanho do grupo, podem também ser utilizados como instrumentos o pandeiro, a sanfona, o violão e o cavaquinho. Ao chegar a uma residência, é realizado o ritual das canções, que tem como estrutura os cânticos de licença ou chegada, os versos de saudação ou louvação e as canções de agradecimento ou despedida. À porta da casa, os foliões entoam uma canção para que sejam convidados a entrar. Os donos da casa recebem a bandeira, considerada objeto sagrado, levando-a para dentro da casa. Muitos passam a bandeira pelo rosto, pelo corpo, ou a levam aos cômodos da casa (cozinha, sala, quartos) para que sejam</p>

abençoados. As “toadas” ou variações musicais pertencem sempre ao repertório do grupo, podendo ser criadas e modificadas de ano para ano. Já os versos utilizados nas canções de licença ou chegada são compostos pelo mestre ou fazem parte do repertório do grupo há décadas. Ao entrar na casa, o grupo canta novas cantigas, saudando os presentes e louvando as figuras do presépio. Lado a lado com os versos que compõem o repertório do grupo, que também pode ser inovado de ano em ano, normalmente há um grande espaço para a improvisação. Os foliões recebem os donativos dos anfitriões, tais como dinheiro, doces, animais (frango, porco, cabrito) ou bebidas. Os anfitriões também oferecem alimentos e bebidas para os foliões consumirem no local.

**Condição Atual**

A Folia de Reis foi retomada na Prainha Branca nos anos 1990 e hoje está modernizada, no que diz respeito ao aspecto musical: músicos de outras cidades participam tocando instrumentos atípicos como flauta transversal e saxofone, mas preserva-se a estrutura das cantigas e do ritual.

**Fontes consultadas**

História oral da comunidade.

ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. São Paulo: Martins Fontes, [1964] 2004. (Col. Raízes, 3v).

IKEDA, Alberto T.; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares paulistas: do sagrado ao profano. In. Terra Paulista: histórias, artes, costumes. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004. v.3: Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo, p.169-209.

LOPES, José Rogério. Deus Salve Casa Santa, Morada de Foliões. Rito, Memória e Performance Identitária em uma Festa Rural no Estado de São Paulo. Campos – Revista de Antropologia Social, Curitiba, v.8, n.1, 2007.

# FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

## CATEGORIA: SABERES

### 3. CULINÁRIA CAIÇARA

Designação nativa preferencial	Não há
Época de ocorrência	Em justaposição ao calendário de pesca
Locais de ocorrência	Toda a comunidade
Informações históricas e descritivas	<p>É possível afirmar que os pratos tipicamente caiçaras revelam os traços multiculturais originados das heranças étnicas que conformaram o <i>caboclo</i> brasileiro, designadamente as tradições indígenas e portuguesas e, em menor proporção, as tradições africanas. A herança indígena pode ser encontrada, sobretudo, nos produtos básicos, enquanto que a herança portuguesa pode ser identificada nos temperos e nos modos de preparo dos alimentos. De acordo com DIEGUES, 2007: “<i>A culinária caiçara apresenta uma grande influência indígena seja na preparação de pratos baseados na farinha de mandioca, seja naqueles em que entram os peixes, carnes de caça. A influência portuguesa também aparece no uso de alguns condimentos de origem ibérica e, sobretudo, na introdução da cana-de-açúcar, da banana (de origem africana)</i>” (DIEGUES, 2007: 2).</p> <p>Os ciclos da natureza são determinantes para a compreensão da culinária caiçara, uma vez que ela se conecta estreitamente com as atividades de reprodução material e simbólica desse tipo de comunidade. De acordo com DIEGUES (2007): “<i>Isso se deve ao fato de, ao contrário das sociedades urbano-industriais que importam alimentos de longa distância, uma parte considerável dos alimentos é produzida pelos próprios caiçaras seja através da pequena agricultura seja da pesca, da caça e do extrativismo de produtos da mata. Uma vez que essas atividades primárias estão fortemente ligadas aos ciclos naturais como a pesca de determinadas espécies no verão e inverno e as atividades agrícolas sazonais, a disponibilidade de alimentos, em</i></p>

*quantidade e qualidade está ligada a esses ciclos*” (DIEGUES, 2007: 1). Na Baixada Santista, a tainha, por exemplo, é abundante no inverno e por isso os pratos feitos à base deste peixe são prioritariamente preparados nesta época. A conexão entre a dimensão simbólica e a dimensão material pode ainda ser compreendida a partir da relação entre o mundo do trabalho e o mundo religioso: *“as datas religiosas antes eram parâmetros para atividades agrícolas e de pesca. Por exemplo, o dia de São Pedro indicava o final da safra da tainha (29 de junho); o dia de São Paulo (25 de janeiro) marcava o início da safra de camarão; o dia de São Tomé (21 de dezembro) indicava a ata de plantio da banana da variedade São Tomé (...)*” (HANAZAKI, 2001: 69). Tradicionalmente, os modos de preparo dos produtos da atividade pesqueira, da coleta de frutos do mar, da caça e da agricultura de subsistência são variados, envolvendo técnicas de assar, de cozimento e de fritura em utensílios de barro ou de ferro. A mandioca é um dos ingredientes basilares desse tipo de culinária. Seus diversos tipos são utilizados diferencialmente no preparo de variados tipos de farinha e de pirão. Na **Prainha Branca**, os moradores relatam que os pratos tradicionais da culinária caiçara eram a tainha assada na brasa, ao modo indígena, e as ovas de tainha fritas, iguaria bastante apreciada mas que hoje caiu em desuso.

**Condição Atual**

A culinária caiçara é rememorada em festas anuais da tainha que, no entanto, não tem ocorrido de maneira consecutiva porque há dificuldades financeiras para seu planejamento.

**Fontes consultadas**

História oral da comunidade.

DIEGUES, Antônio Carlos (2007) **Culinária e cultura caiçara**.

Disponível em

<http://www.usp.br/nupaub/culinaria.pdf> . Acesso em 02/01/2012.

HANAKAZI, Natalia (2001) **Ecologia de Caiçaras – uso de recursos e dieta**. Dissertação de Mestrado em Biologia, Unicamp, Campinas, SP. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000222871>. Acesso em 02/01/2012.

# FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

## CATEGORIA: SABERES

### 4. PESCA ARTESANAL

Designação preferencial nativa	Não há
Época de ocorrência	Sazonal, de acordo com as safras de cada produto pescado
Locais de ocorrência	Áreas próximas à costa e em mar aberto
Informações históricas e descritivas	<p>A pesca artesanal, voltada para a subsistência ou para a atividade mercantil, se define em oposição à pesca industrial (ADAMS, 2000). A população rural e ribeirinha da Baixada Santista sempre combinou a agricultura com as atividades de pesca e de coleta de produtos do mangue. Embora a bibliografia consultada não permita fixar com precisão o início da atividade pesqueira desse porte no Guarujá, é razoável supor que a pesca artesanal no local tenha se desenvolvido simultaneamente à fixação de núcleos populacionais pós-coloniais em seu entorno. Associados à baixa produtividade agrícola da região, RIBEIRO NETO &amp; OLIVEIRA (1989) reconhecem a coexistência de dois processos que teriam contribuído para o estabelecimento da pesca artesanal na Baixada Santista: <i>“a existência de um contingente de trabalhadores que conheciam as artes de pesca e que estavam liberados de outras atividades econômicas; e a formação de um mercado consumidor para o pescado capturado, representado pela população urbana de Santos e São Vicente e até mesmo São Paulo, que estava ligada à Baixada Santista por um bom sistema de circulação”</i> (RIBEIRO NETO &amp; OLIVEIRA, 1989: 70). A pesca artesanal é uma atividade complexa, que envolve uma série de conhecimentos: destacadamente, ciência dos ciclos de vida dos recursos biológicos disponíveis e expertise na confecção e uso dos instrumentos e artes e técnicas de pesca. Dessa maneira, é uma atividade cuja aprendizagem é dependente da transmissão oral e por imitação. GEFE, AMORIM <i>et alli</i> (2004), em seu estudo a respeito dos pescadores artesanais da</p>

Baixada Santista, destacam que 76% da amostra de 2.731 pescadores entrevistados declararam que aprenderam a pescar com familiares ou amigos, o que indica a persistência desse tipo de transmissão de conhecimento ao longo das décadas. Todavia, o mesmo estudo indica uma retração da profissão de pescador artesanal entre os jovens, o que pode denotar dificuldades crescentes na transmissão intergeracional da atividade, decorrentes principalmente dos processos apontados anteriormente (baixa rentabilidade em comparação com outras profissões urbanas, baixa rentabilidade derivada da diminuição dos estoques e da depreciação da qualidade dos recursos biológicos devido à poluição do estuário, necessidade de recursos financeiros iniciais para inversão na aquisição de equipamentos necessários à atividade). Do ponto de vista da distribuição de tarefas por gênero, há tradicionalmente uma predominância masculina na atividade: as mulheres dedicam-se à coleta de moluscos e às atividades informais derivadas da pesca artesanal, tais como descascar, limpar e salgar o pescado. Embora ocorresse o ano inteiro, a pesca artesanal na Prainha Branca era mais concentrada em fins de maio e começo de agosto (época da tainha) e de outubro a dezembro, quando eram capturados o cação, a garoupa e a pescada. A tainha era pescada de maneira coletiva pela comunidade (ainda que houvesse a figura do *dono da rede*), enquanto as outras espécies eram pescadas individualmente ou por núcleo familiar.

**Condição Atual**

Em 2012, apenas 6% da população economicamente ativa da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação declarou realizar atividades relativas à pesca artesanal. Tal insignificância da pesca no universo de práticas econômicas da comunidade se deve ao fato de que a indústria pesqueira na Baixada Santista viveu período de exploração desenfreada com grandes barcos e suas redes de arrasto que não respeitavam os períodos de defeso, ou seja, o pescado rareou na área. A árdua tarefa de pescar passou a não compensar já há bastante tempo para os caiçaras da Prainha Branca/Ponta da Armação.

**Fontes consultadas**

História oral da comunidade.  
ADAMS, Cristina (2000) **Caiçaras na Mata Atlântica – pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental**. São Paulo, FAPESP/AnnaBlume.

GEFE, Wanderley; AMORIM, Luís Felipe Carrari de *et alli* (2004). Aspectos sócio-econômicos da pesca artesanal na região da Baixada Santista. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Pesquisas Ambientais e Saúde**. Santos/São Vicente: CBPAS, 18 a 21 jul. pp. 13-21.

RIBEIRO NETO, Francisco Borba; OLIVEIRA, Mônica Fleury de. (1989). **Estratégias de sobrevivência de comunidades litorâneas em regiões ecologicamente degradadas: o caso da Baixada Santista**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Série Estudos de Caso, n° 1. Agosto. Disponível em <http://www.usp.br/nupaub/> . Acesso em 20 de julho de 2009.

# FICHA DE REFERÊNCIA CULTURAL

## CATEGORIA: SABERES

### 5. SURFE

<b>Designação preferencial</b>	nativa	Não há
<b>Época de ocorrência</b>		O ano todo
<b>Locais de ocorrência</b>		Orla da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação
<b>Informações históricas e descritivas</b>		<p>A região litorânea do Estado de São Paulo que compreende a Baixada Santista é considerada como o berço do surfe no Brasil. De acordo com as fontes consultadas, durante muito tempo a introdução da prática foi atribuída a Osmar Gonçalves, Silvio Manzoni e João Roberto Suplicy Haffers (Juá Haffers), que teriam construído a primeira prancha, de madeira oca, em 1938, com a qual teriam surfado na praia do Gonzaga, em Santos, até 1944. Todavia, em 2002, essa versão sofreu uma revisão: a introdução do surfe passou a ser atribuída a Thomas Rittscher Júnior, norte-americano morador de Santos que, em 1934, construiu a primeira prancha em madeira oca, que foi utilizada até 1941. Inicialmente restrita a poucos adeptos, o uso das “tábuas havaianas” (como eram denominadas as primeiras pranchas) começou a granjear adeptos após a substituição da madeira oca pelo madeirite na confecção das pranchas. Essa substituição tornou-as menores (até essa substituição, as pranchas tinham em média três metros e setenta centímetros de comprimento) e mais leves (as “tábuas havaianas” chegavam a pesar 80 quilos), facilitando o seu transporte e proporcionando melhor mobilidade no mar.</p> <p>Seguindo a tendência internacional, a importação da fibra de vidro para a confecção das pranchas possibilitou que seu design fosse diminuído e modificado (com a introdução de quilhas que garantiam maior estabilidade às manobras), o que as deixou ainda mais leves. Essa adaptação foi acompanhada pela profusão, entre os anos de 1964 e 1966, de pequenas oficinas dedicadas ao mister de “<i>shapear</i>” as</p>

pranchas.

No final dos anos 1970, o surfe se profissionalizou como esporte, em âmbito nacional, o que impulsionou ainda mais, devido à visibilidade adquirida, a disseminação de sua prática amadora e informal. Também os materiais para a fabricação de pranchas (plástico e fibras leves) e o *design* das mesmas sofreram ininterrupta inovação tecnológica, o que incidiu sobre a criação de novas técnicas e estilos de manobras.

O surfe, além de um esporte, pode ser considerado um fenômeno cultural, na medida em que sua prática está associada à produção e reprodução de uma série de elementos simbólicos e materiais. A comunidade de praticantes é detentora de técnicas específicas – que vão desde a fabricação de pranchas (“*shaper*”) até modos de executar manobras sobre as ondas -, de um linguajar particular e de vestimentas características, além de compartilhar a frequência a locais pré-determinados, podendo ser classificada como uma ‘tribo’ moderna.

São inúmeros os tipos de prancha utilizados. Entre os mais importantes, podem ser destacados: *longboard* (pranchas grandes, que tiveram seu apogeu até a década de 1970), *gun* (modelo havaiano, preferencialmente utilizado para realizar manobras em ondas grandes) e as *pranchinhas* (modelo mais disseminado entre profissionais e amadores que, devido à sua leveza, permite maior velocidade e mobilidade). As técnicas para as manobras dentro da água também foram sendo aperfeiçoadas com o tempo. As manobras básicas podem ser exemplificadas pela *rasgada* (em que o surfista inverte a prancha e se posiciona de frente para a onda), pelo *floater* (o surfista desliza sobre a crista da onda) e pelo *tubo* (o praticamente desliza dentro da onda). As manobras se adaptam às diferentes condições do mar (tamanho, quantidade e força das ondas) e do vento, o que pressupõe um conhecimento prático adquirido.

Tradicionalmente, seu aprendizado ocorre de maneira informal; mas, atualmente, existem várias escolas de surfe na cidade de Santos. Apesar de historicamente ter-se constituído como uma prática eminentemente masculina, o surfe nunca excluiu a participação das mulheres, o que pode ser percebido pela profissionalização também de circuitos femininos do esporte.

**Condição Atual**

O surfe é praticado na Prainha Branca/Ponta da Armação desde os anos 1970, já que o mar de ondas fortes é perfeito para a prática. Atualmente, há uma subutilização da prática no que diz respeito ao seu potencial socioeconômico. Algumas tentativas de implementar escolas de surfe e oficinas de prancha já foram feitas e um novo projeto para tais atividades deve ser executado em breve, segundo informações prestadas pelo gestor da APA Litoral Centro. A Prainha Branca/Ponta da Armação mantém-se como um local apreciado pelos surfistas e angariou maior fama a partir dos feitos de dois surfistas adolescentes locais, Deivid Silva (atual bicampeão brasileiro da categoria mirim) e Eduardo Motta (que compete na categoria petit) vêm se destacando no circuito amador preparatório para as categorias profissionais. David Silva já surfou na Austrália e no Havaí, mantém contrato regular de patrocínio e é alvo freqüente de reportagens na mídia especializada.

**Fontes consultadas**

História oral da comunidade.  
A TRIBUNA. (2002). Surf – Pioneiro da modalidade no país recebe homenagem. 16 de janeiro de 2002.  
ENTREVISTA. (2002). A história do surf paulista. Novembro de 2002.  
O GLOBO. (2004). Surfe para prego entender. 28 de outubro de 2004.  
METRÓPOLE. (2008). Surfe Raízes vê o esporte com olhar histórico-cultural. 7 de junho de 2008.

# FICHA DE REFERÊNICA CULTURAL

## CATEGORIA: LUGARES

### 6. LAGOA DA CACHOEIRA

<b>Designação preferencial</b>	<b>nativa</b>	Lagoinha
<b>Época de ocorrência</b>		Foi aterrada nos anos 1980
<b>Locais de ocorrência</b>		Território tradicional da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação
<b>Informações históricas e descritivas</b>		<p>A Lagoa da Cachoeira consistia em uma piscina natural formada pelo represamento das águas de uma nascente que descia pelo contraforte que margeia o território.</p> <p>A Lagoa era considerada pela comunidade sobretudo como um local de lazer, embora atividades práticas como lavagem de roupa e higiene pessoal também fossem ali realizadas.</p> <p>Nos anos 1980, um elemento estranho à comunidade que adquiriu terras na localidade, Evandro Mesquita, aterrou a Lagoa. Os moradores denunciaram o fato às autoridades, mas Evandro conseguiu testemunhas para dizer que a Lagoa nunca existiu (cabe mencionar que há registros fotográficos que comprovam sua existência). A história mais mencionada – e com muito pesar - pelos moradores é a de uma criança que se afogou na Lagoa e, anos depois, seu pai testemunhou em favor de Evandro contra a existência da Lagoa.</p>
<b>Condição Atual</b>		Não existe mais.
<b>Fontes consultadas</b>		História oral da comunidade.

# CROQUI HISTÓRICO DE USO DO TERRITÓRIO

O croqui histórico de uso do território apresenta um retrato da comunidade Prainha Branca/Ponta da Armação no que diz respeito à utilização do espaço e às atividades econômicas ali desenvolvidas.

Trata-se, obviamente, de um recorte da realidade, uma abstração temporal extraída das informações coligidas por meio da metodologia de Mapeamento Participativo – uma rememoração dos lugares e atividades praticadas em tempos passados durante caminhada feita pelos moradores escolhidos como informantes juntamente com os pesquisadores envolvidos.

O croqui deve ser visto como uma ilustração para o capítulo denominado “Modo de Vida Tradicional”, constante nesse laudo.



Varador

Ilha da Praia Branca

Canto Grosso

Lagoa Grande

ROÇA

ROÇA

Empório

Tráfico de Farinha

Engenho de Cana de Açúcar

Igreja

# FICHAS DE MORADIAS

As fichas de moradia<sup>1</sup> que se seguem foram elaboradas de maneira a espelhar informações coligidas por meio dos questionários aplicados em campo, a fim de responder às exigências contidas na Especificação Técnica que norteia esse trabalho.

São objetos da ficha tanto informações sobre as moradias quanto sobre os moradores. No primeiro caso, podemos averiguar a idade do imóvel os materiais utilizados na sua construção, sua finalidade, tempo e forma de aquisição e a sua localização geográfica. Quanto aos moradores, encontramos informações sobre idade e ocupação, além de uma breve caracterização do histórico de vivência e mobilidade dos moradores na comunidade.

Os dados recolhidos permitiram ainda classificar os moradores entre tradicionais e não tradicionais, de acordo com a correspondência do núcleo familiar com famílias tradicionais identificadas pelos Diagramas de Parentesco 1 a 7 apresentados no corpo desse laudo.

---

<sup>1</sup> Foram identificadas 119 ocupações. Dessas 104 foram entrevistadas. As 15 que ficaram sem fichas se referem a 8 casas de veraneio e 7 moradias onde os responsáveis ou se recusaram a participar da pesquisa ou não foram encontrados nos dias de visitação. Entre as casas de veraneio, cita-se o Sr Evandro Mesquita, que não foi localizado nem por telefone.

# **DIAGRAMA 01**

## **Família Neto e Flavio**

# FICHA DE MORADIA

01/10

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.128.604 E / 7.359.978.937 S

IMAGENS

**Não autorizou a retirada de fotos.**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe ("Muito tempo")
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (Avô Luis)
DOCUMENTAÇÃO	Sim (não especificado)
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

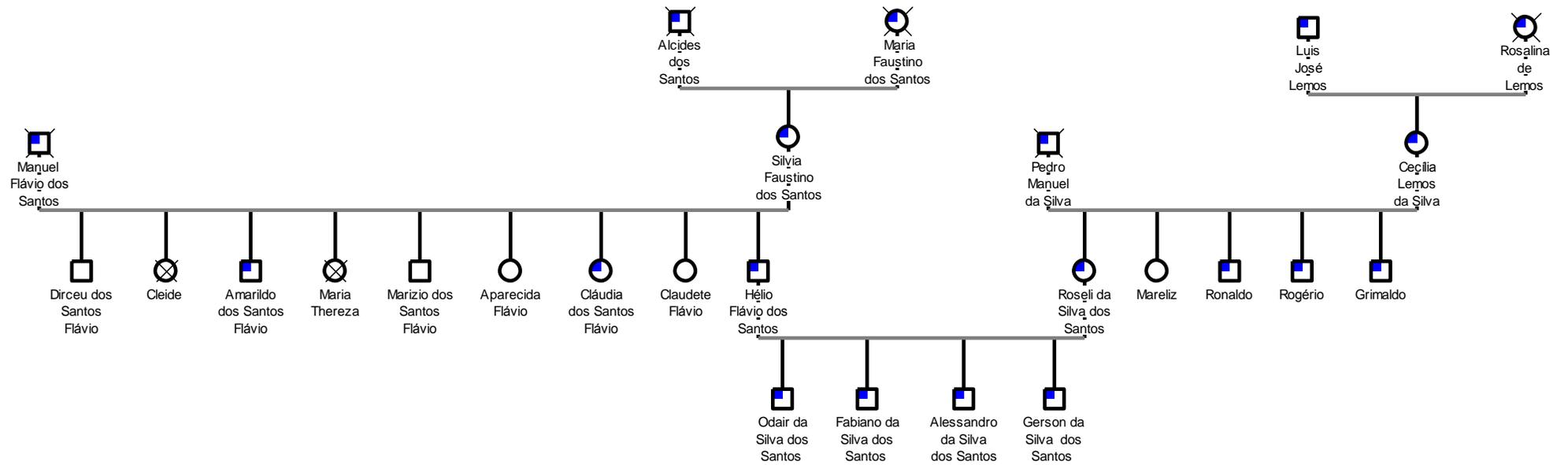
TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	35 anos, aproximadamente.

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Roseli da Silva dos Santos	47	Doméstica
Hélio Flávio dos Santos	50	Ajudante geral na banca de peixes na ponta da praia, Em Santos.

Odaír da Silva dos Santos	19	Desempregado
Fabiano da Silva Flávio	25	Desempregado
Alessandro da Silva Flávio	23	Bombeiro, em Riviera e Bertioga
Gerson da Silva Flávio	28	Alto mar

# GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Roseli reside na Prainha Branca desde que nasceu. Mora no mesmo terreno, porém na infância viveu em uma casa de barro, e, posteriormente, morou em uma de madeirite construída no mesmo local. Casou-se com Hélio Flávio dos Santos e, então, passou a residir em sua moradia atual.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

01/12

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384085E / 7359951S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

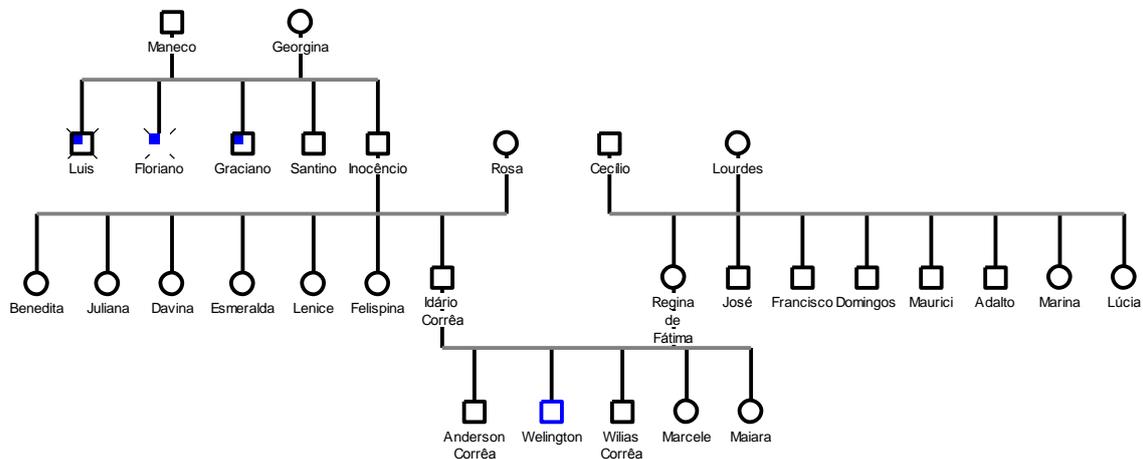
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Segunda residência
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Wellington Corrêa</b>	34	Guarda civil

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Wellington Corrêa nasceu e foi criado na Prainha Branca. Há 15 anos construiu a casa de sua posse no terreno no pai, Idário Corrêa. Trabalha em Bertioga como guarda civil, e em razão da dificuldade de deslocamento diário em função do trabalho, mudou-se para o município de Bertioga há 1 ano.

Em função de sua ausência, aluga quartos de sua casa em feriados e durante a temporada como forma de complementar a renda.

Apesar de não residir na Prainha Branca, visita a comunidade todos os finais de semana.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( x )

( )

# FICHA DE MORADIA

01/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.122.645 E / 7.359.976.866 S

IMAGENS

**Não autorizou a retirada de fotos.**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Mais de 15 anos
MATERIAIS	Madeira reciclada
REFORMAS	Sim, ainda inacabada
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de domínio do terreno

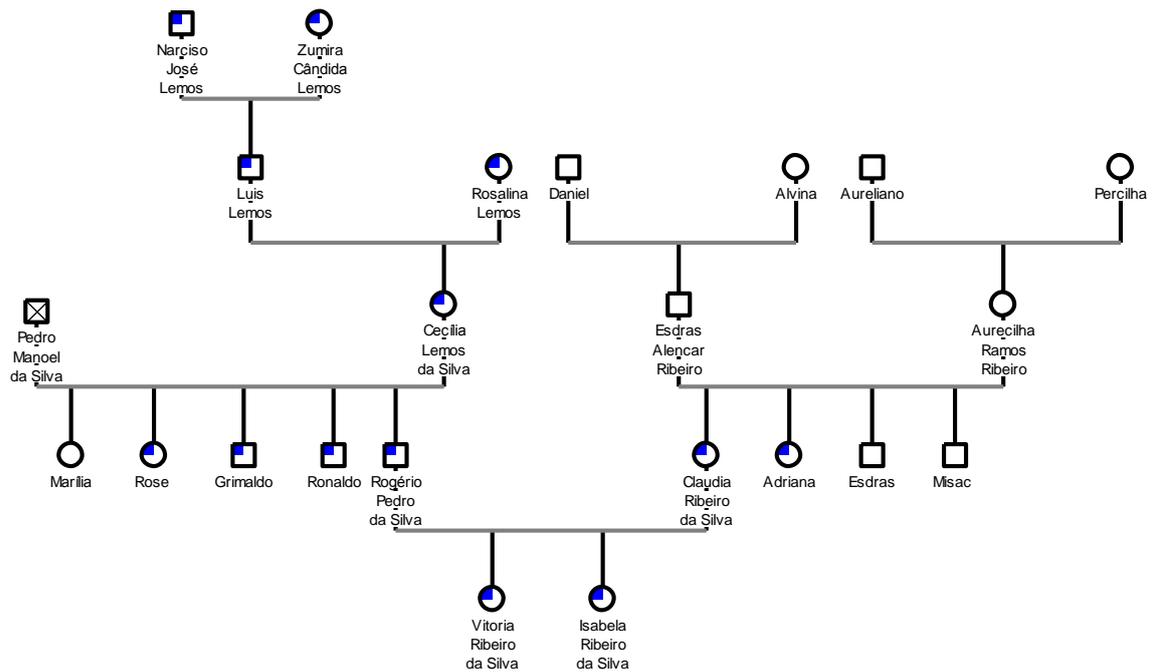
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Cláudia Ribeiro da Silva	34	Coordenadora educacional
Rogério Pedro da Silva	34	Inspetor de alunos
Vitoria Ribeiro da Silva	14	Estudante
Isabela Ribeiro da Silva	12	Estudante

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Claudia Ribeiro da Silva é natural de São Paulo, e reside na comunidade há 16 anos. Veio para o Guarujá quando se casou e vive em sua atual moradia há 15 anos.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
(x)	( )

# FICHA DE MORADIA

01/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.084E/ 7.359.952 S

IMAGENS

**Não Autorizou**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe ("Muito tempo")
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (construiu a moradia)
DOCUMENTAÇÃO	Usos e frutos
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Aproximadamente 20 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

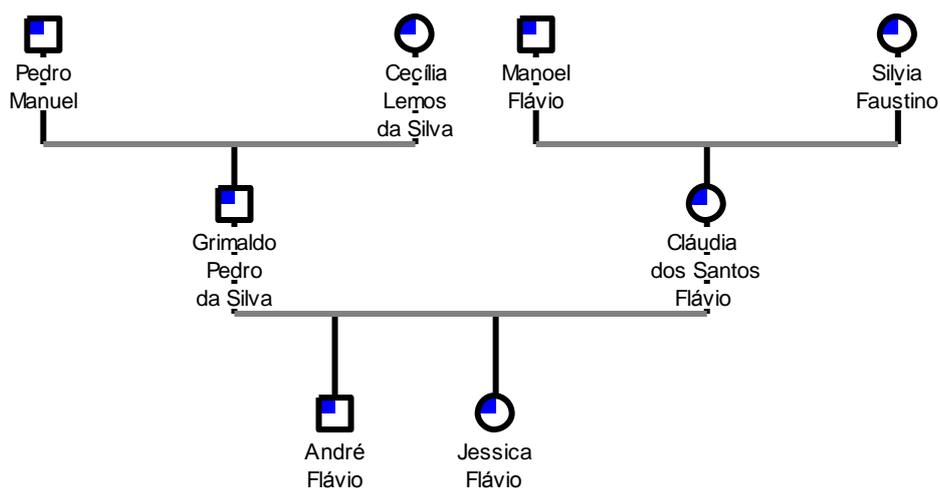
NOME

IDADE

OCUPAÇÃO

Grimaldo Pedro da Silva	49	Funcionário público
Cláudia dos Santos Flávio	42	Doméstica
André Flávio	26	Desempregado
Jessica Flavio	14	Estudante

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Grimaldo Pedro da Silva nasceu na Prainha Branca e reside em sua moradia há, aproximadamente, 20 anos. Antes, morou em uma casa pertencente ao mesmo terreno.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

01/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384205 E/ 7360046 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

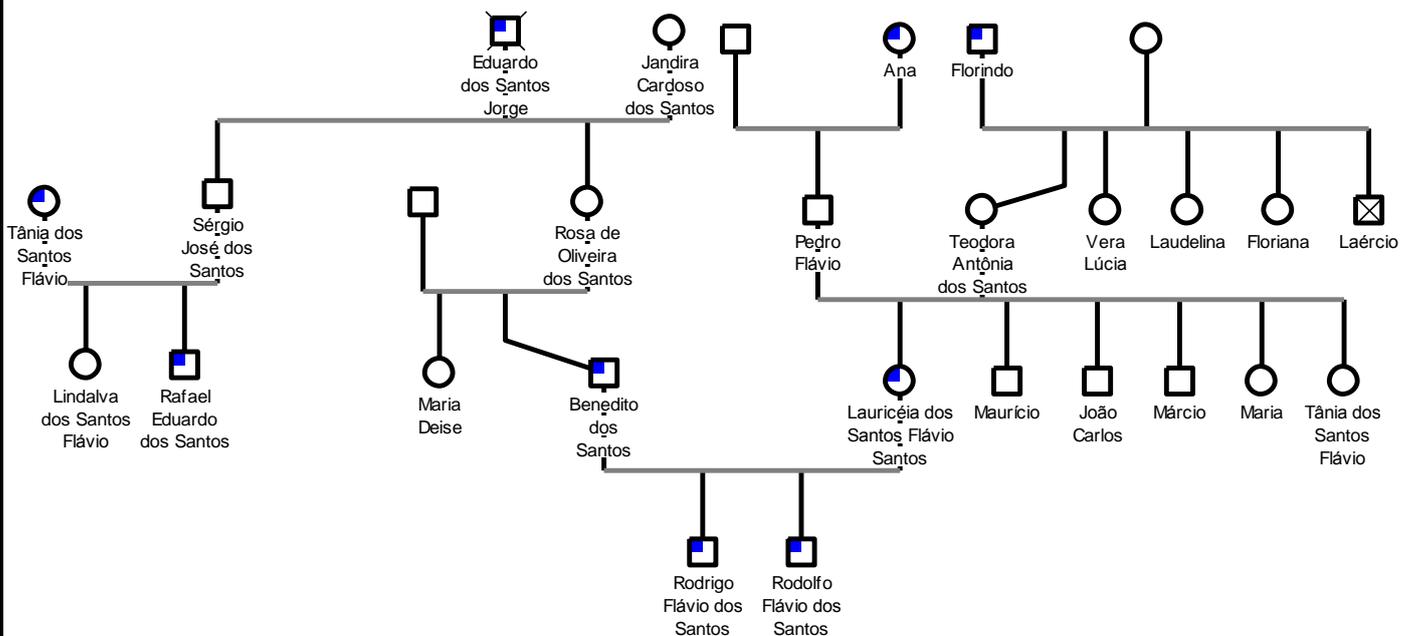
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO) | Moradia

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Benedito dos Santos	42	Servidor Público
Lauricéia dos Santos Flávio Santos	41	Doméstica
Rodrigo Flávio dos Santos	17	Estudante
Rodolfo Flávio dos Santos	22	Eletricista

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Bendito dos Santos nasceu em Guarujá, passou a morar na Prainha Branca quando se casou com Lauricéia dos Santos Flávio, nativa do local. Atualmente divide o terreno com a irmã da esposa, Tânia dos Santos Flávio.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

(x)

( )

# FICHA DE MORADIA

01/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384146 E/ 7360068 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Entre 19 e 20 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Contrato de compra e venda
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

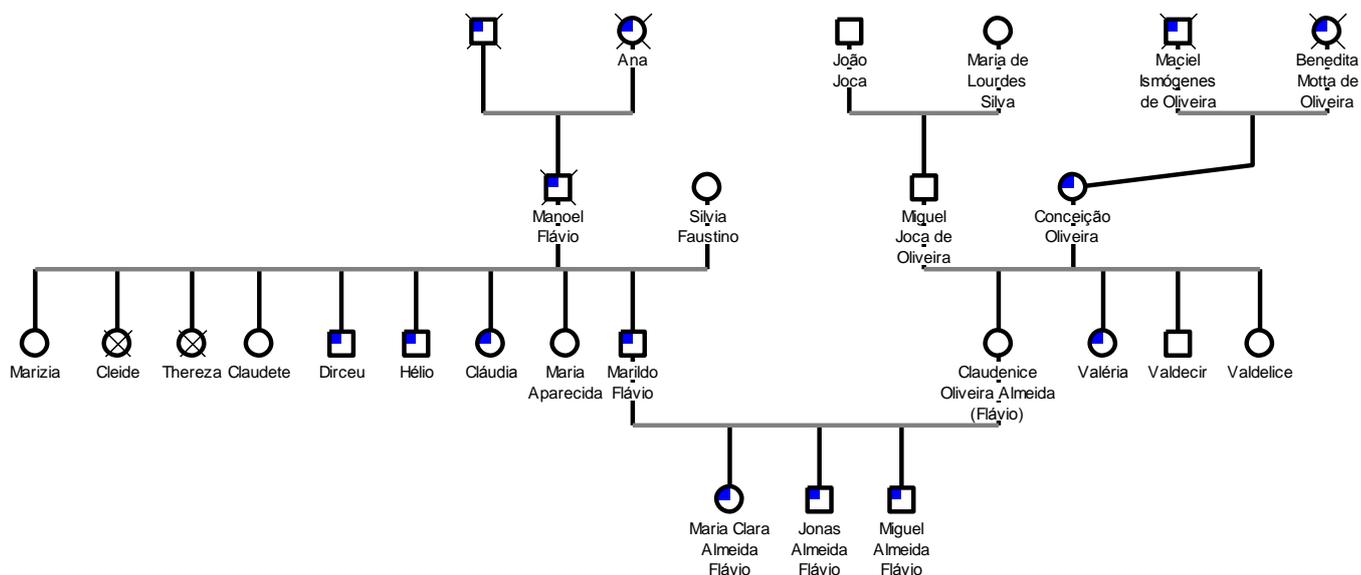
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	10 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Claudenice Oliveira Almeida	40	Monitora ambiental/ Comerciante
Marildo Flávio	45	Bilheteria da balsa
Maria Clara Almeida	4	-
Jonas Almeida Flávio	6	Estudantes
Miguel Almeida Flávio	13	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Claudenice Oliveira nasceu na Prainha Branca e morou até os 13 anos numa casa em frente à Praia. Nessa época os pais venderam o terreno para o Evandro Mesquita e foram morar no interior de São Paulo. Lá ficaram por 3 anos, quando voltaram à comunidade, e passaram a morar numa casa ao lado da escola, que já não existe mais.

Entre 1991 e 1992 construiu a atual casa, no terreno adquirido do Sr Norberto Lemos. O terreno é dividido, parte é do esposo e parte pertence ao cunhado, Dirceu.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

01/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384270E / 7360049S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	36 anos
MATERIAIS	Mista (madeira e alvenaria)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (doação)
DOCUMENTAÇÃO	Registro em cartório
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

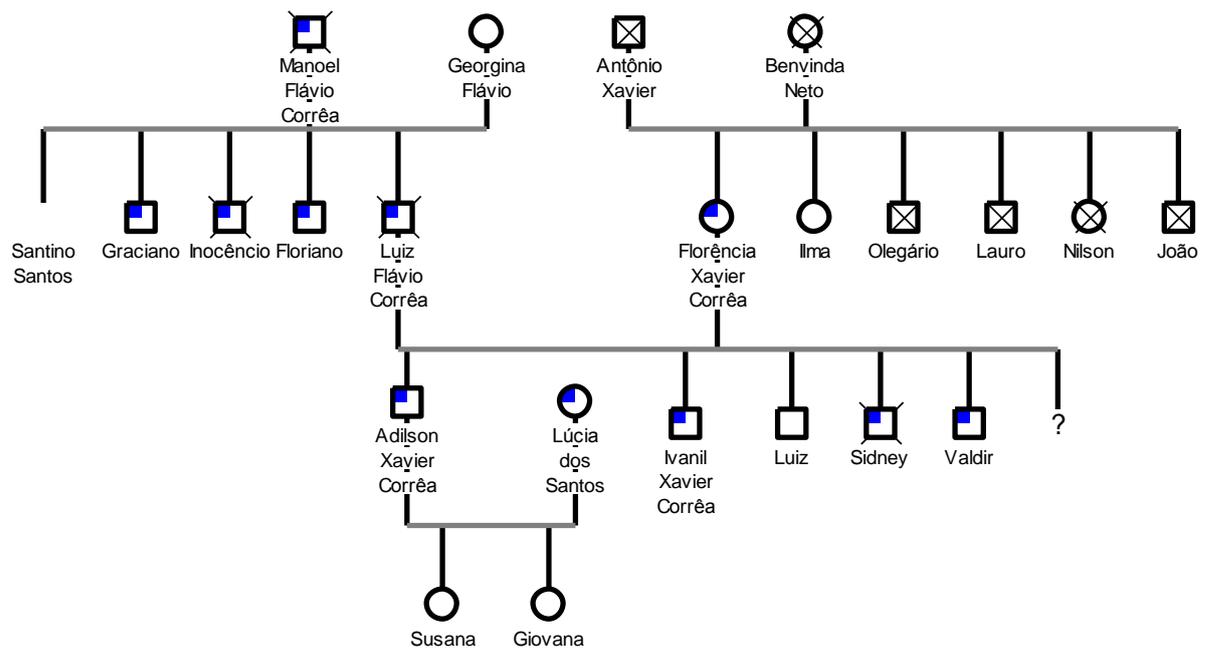
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	51 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Adilson Xavier Corrêa</b>	51	Desempregado
Florência Xavier Corrêa	76	Aposentada
Ivanil Xavier Corrêa	47	Funcionário Público

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Adilson Xavier Corrêa nasceu na Prainha Branca. Há 36 anos mora na casa localizada em terreno doado pela família Lemos. Florência Xavier Corrêa veio para a Prainha com seus pais.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

01/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384084E / 7359881S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	36 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim, em 1986
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

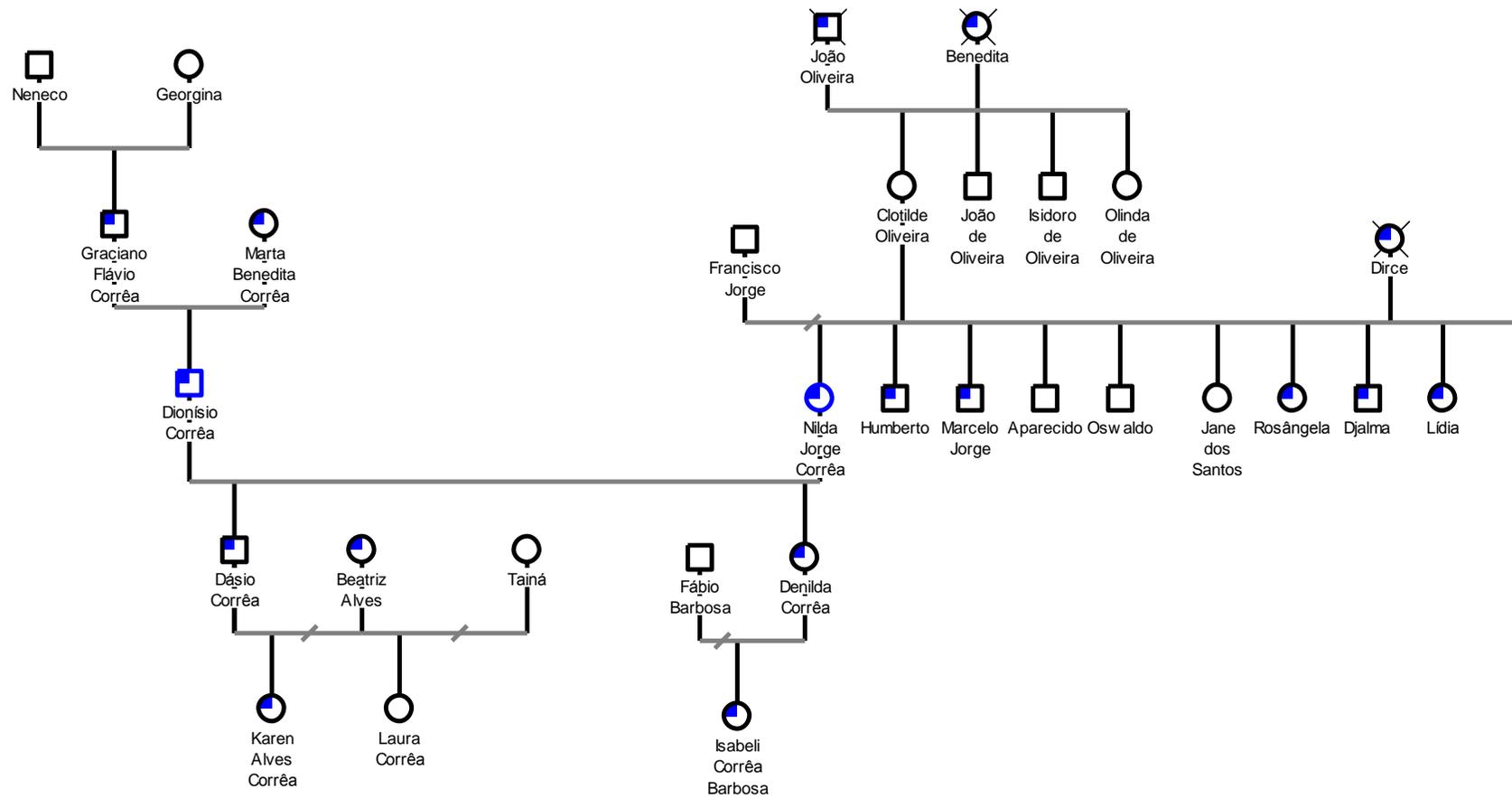
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	60 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Nilda Jorge Corrêa</b>	43	Ajudante geral
Dionísio Corrêa	53	Autônomo
Dásio Corrêa	27	Marinheiro
Denilda Corrêa	25	Estudante
Isabelly Corrêa Barbosa	2	-

GENEALOGIA



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 1

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Nilda morou com os pais até os 16 anos, em uma casa localizada no terreno que hoje pertence a Evandro Mesquita.

Em 1984 Nilda e Dionísio se casaram e se mudaram para a casa onde hoje residem. A casa era antes ocupada por Dona Marta, mãe de Lourenço, que passou a morar em uma nova construção no mesmo terreno.

Em 1986 a casa foi reformada, e a madeira substituída por alvenaria.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

01/04

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384185E / 7360127S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa/Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

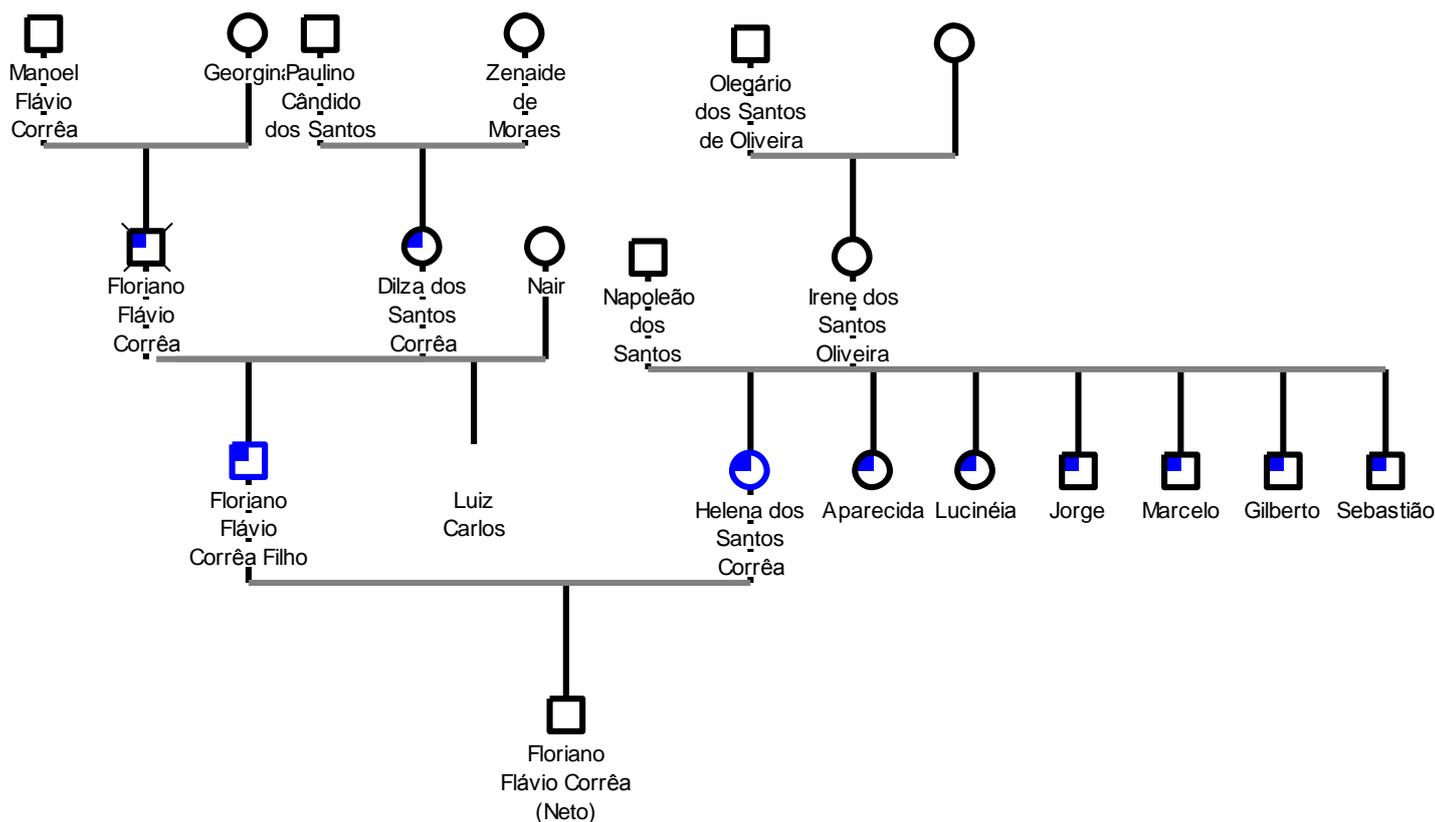
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e comércio
TEMPO DE OCUPAÇÃO	20 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Floriano Flávio Corrêa Filho</b>	52	Comerciante
Helena dos Santos Corrêa	46	Doméstica
Floriano Flávio Corrêa Neto	10	Estudante

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 01

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Quando criança, Floriano Filho morou com a família na casa de Dilza dos Santos Corrêa, construída com pau-a-pique. A casa passou por alterações de construção, com a substituição gradual do barro por alvenaria.

O terreno onde vive sua família pertence à família Lemos, e a área de Floriano lhe foi cedida por sua avó, Zenaide Moraes.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( x )

( )

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384122 E/ 7359693 S

**IMAGENS****2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	30 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

**3. OCUPAÇÃO E USO**

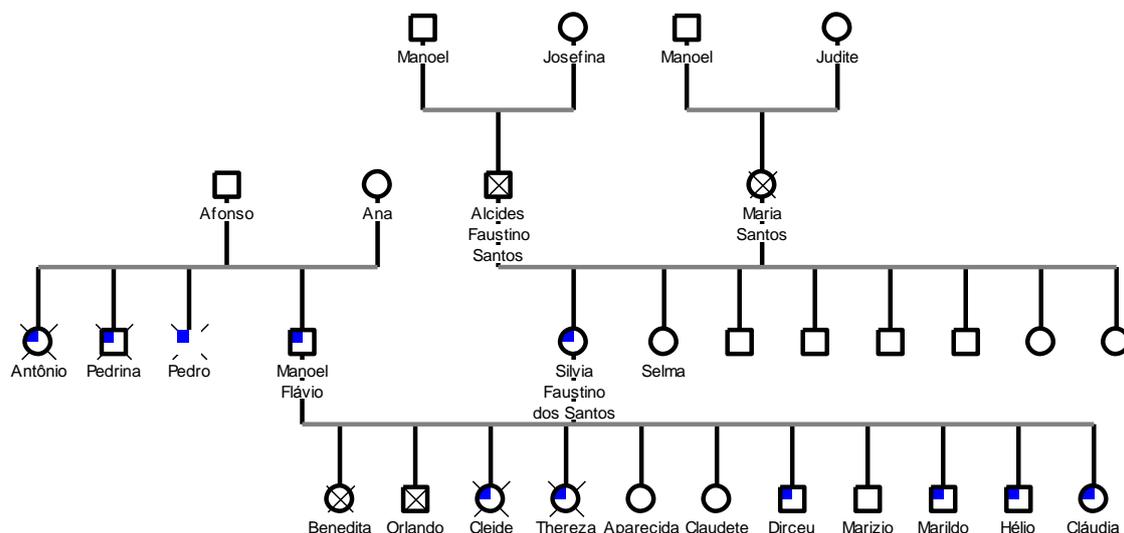
TIPO (OU USO) | Moradia

TEMPO DE OCUPAÇÃO | 30 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Silvia Faustino dos Santos</b>	74	Aposentada

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Silvia morou no Guarujá quando criança, se mudou para a Prainha Branca com 12 anos de idade, e desde então não residiu em outra localidade.

A casa onde mora hoje é resultado de acordo com Evandro Mesquita, que construiu a edificação. Silva reformou a casa, manteve a madeira como material, e melhorou a estrutura da construção.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

( )

# FICHA DE MORADIA

01/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.141E / 7.359.706 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	28 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra
DOCUMENTAÇÃO	Sim, "acordos".
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

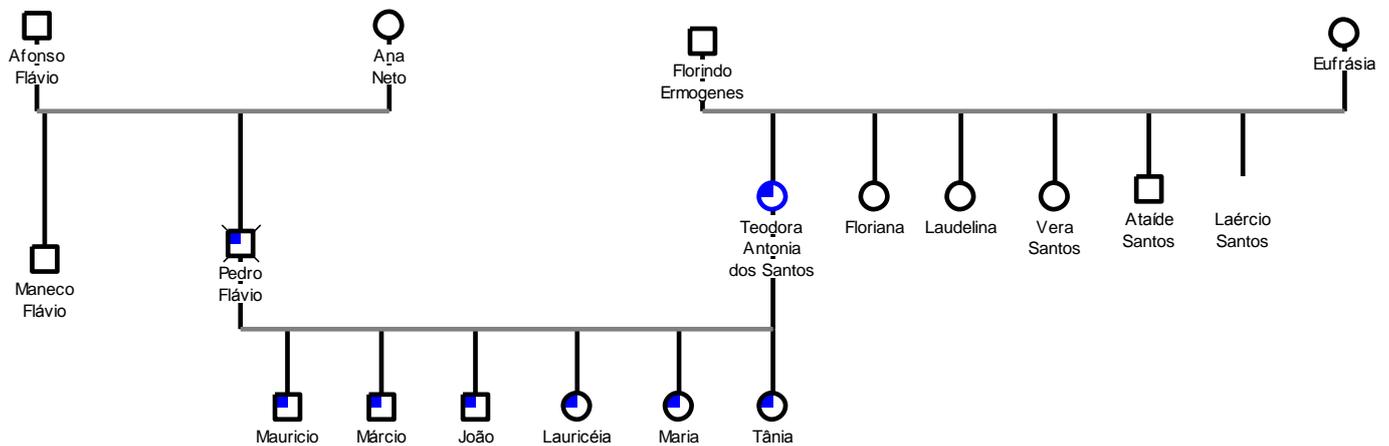
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	28 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Teodora Antonia dos Santos Flávio</b>	68	Do lar
Márcio dos Santos Flávio	35	Operador de lancha
Leonardo Conceição Flávio	17	Estudante
Lucas Lemos Flávio	10	Estudante
Guilherme Lemos Flávio	07	Estudante
Luciana Lemos Flávio	33	Do lar

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dona Teodora chegou à Prainha Branca em 1954, com 10 anos de idade. Veio do Montão de Trigo com os pais.

A família morou na Gleba 3, onde atualmente está construída a mansão do Evandro Mesquita. Ali Dona Teodora casou e construí sua família com Pedro Flávio. Em meados dos anos 80, o Evandro Mesquita iniciou a compra dos lotes localizados na Gleba 3. Com as vendas a família de D. Teodora e Pedro Flávio, que não negociou com o comprador, foi sendo pressionada, e em 1984 receberam uma ação de despejo.

Na época Evandro Mesquita construiu uma casa para a família morar, onde mora atualmente, num terreno de 800m<sup>2</sup>, e derrubou a casa antiga no terreno de 3 mil m<sup>2</sup>.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
(X )	( )

# FICHA DE MORADIA

01/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384190 E/ 7360025 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

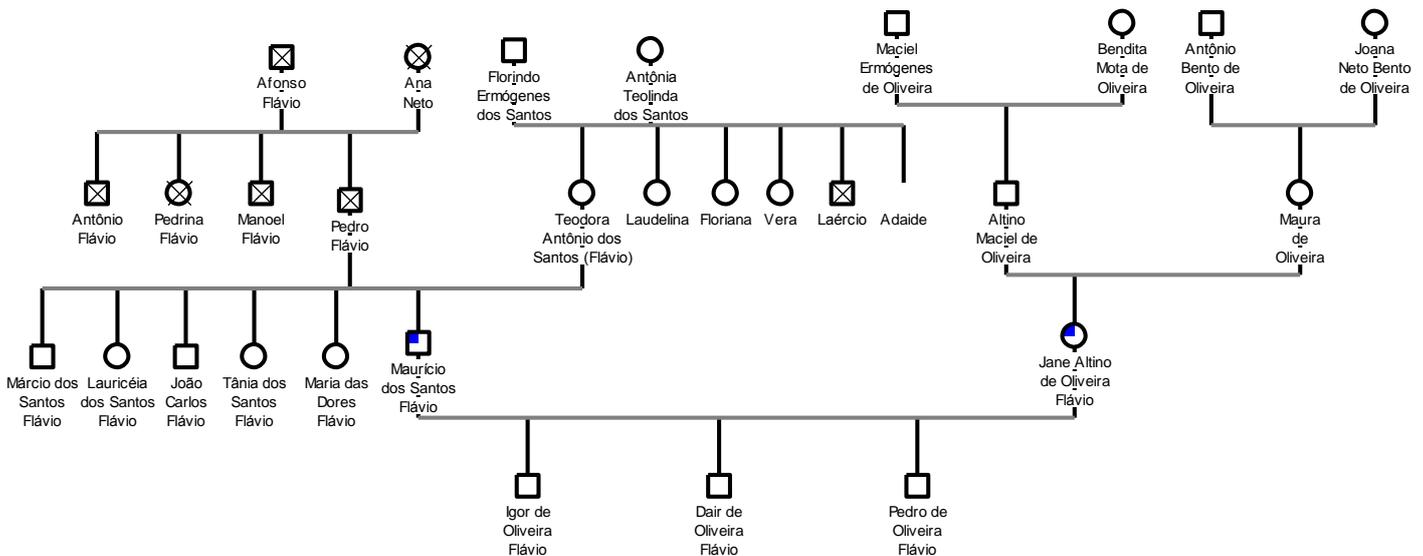
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	19 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Mauricio dos Santos Flávio</b>	<b>46</b>	<b>Coletor domiciliar</b>
Jane Altino Oliveira Flávio	43	Arrecadadora pedágio
Igor de Oliveira Flávio	15	Estudante
Davi de Oliveira Flávio	13	Estudante
Pedro de Oliveira Flávio	08	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 1

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Mauricio dos Santos Flávio nasceu na Prainha Branca. Até os 17 anos, morou com os pais, num terreno de 40.000m<sup>2</sup>, pertencente a gleba3. Em 1982, sua família foi obrigada a sair do local, devido um acordo entre Evandro e o irmão de seu pai – Manoel Flávio. Neste ano, passaram a residir na casa, construída pelo Evandro, ao lado da atual mansão do mesmo. Dessa forma, se tornaram dependentes da gleba

3, num terreno de 700m<sup>2</sup>. Mauricio morou nessa residência até 1992, quando se casou com Jane Altino Flávio e juntos passaram a residir no atual domicílio.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

**DIAGRAMA 02**  
**Família Lemos**

# FICHA DE MORADIA

02/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.154.056 E / 7.359.979.105 S

IMAGENS

**Não autorizadas**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	45 anos, aproximadamente.
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (do marido)
DOCUMENTAÇÃO	Não sabe
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

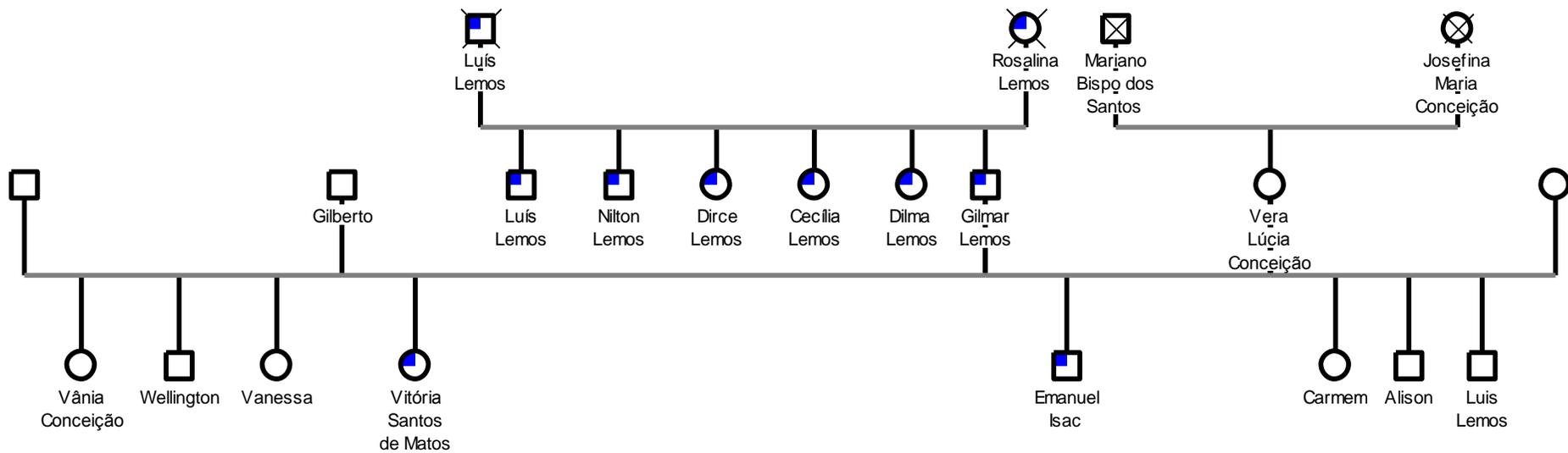
TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	05 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Vera Lúcia Conceição	43	Manicure e depiladora

Gilmar Lemos	53	Ajudante de pedreiro
Vitória Santos de Matos	13	Estudante
Emanuel Isac	01	Sem ocupação

## GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Vera Lúcia é casada com Gilmar Lemos, nascido na comunidade da Prainha Branca e cuja família é tradicional do território. Mudou-se para o local no período do matrimônio e antes morou em São Paulo, durante os anos de 1979 e 2006, e, posteriormente, em Bertioga, para depois se mudar para a Prainha Branca, onde reside há 5 anos.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384209E / 7360081S

**IMAGENS****2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	60 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

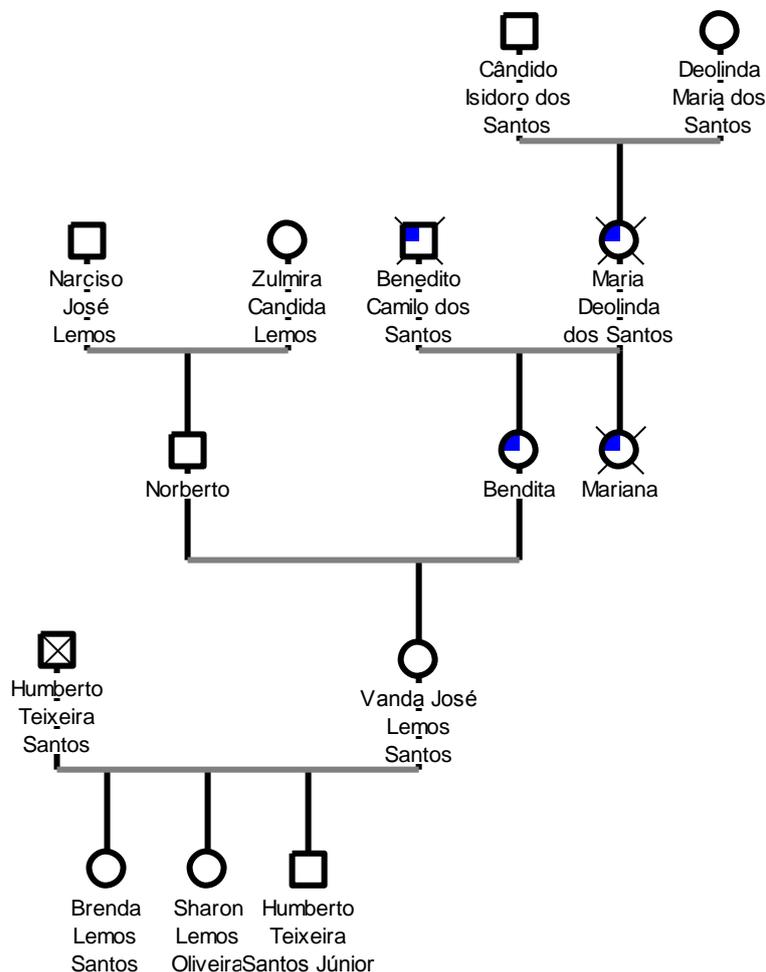
**3. OCUPAÇÃO E USO**

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	50 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Vanda José Lemos Santos</b>	58	Comerciante
Benedita Camilo Lemos	83	Aposentada
Norberto José Lemos	90	Aposentado

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Vanda Lemos morou com os pais na casa onde funciona a pousada Raio de Sol até 1960, quando se mudaram para o terreno onde hoje residem. A área pertencia a Narciso Lemos, pai de Norberto. A construção era de pau-a-pique e teto de barro.

Vanda Lemos fora da Prainha Branca na Década de 70, quando morou 2 anos no Paraná, 2 anos em São José dos Campos, e pequenos períodos em Santos e cidades de Minas Gerais e Espírito Santos. O período de ausência soma 10 anos, depois dos quais retornou à Prainha Branca e ali permaneceu.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384180 E/ 7360052 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	19 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Titulo de posse

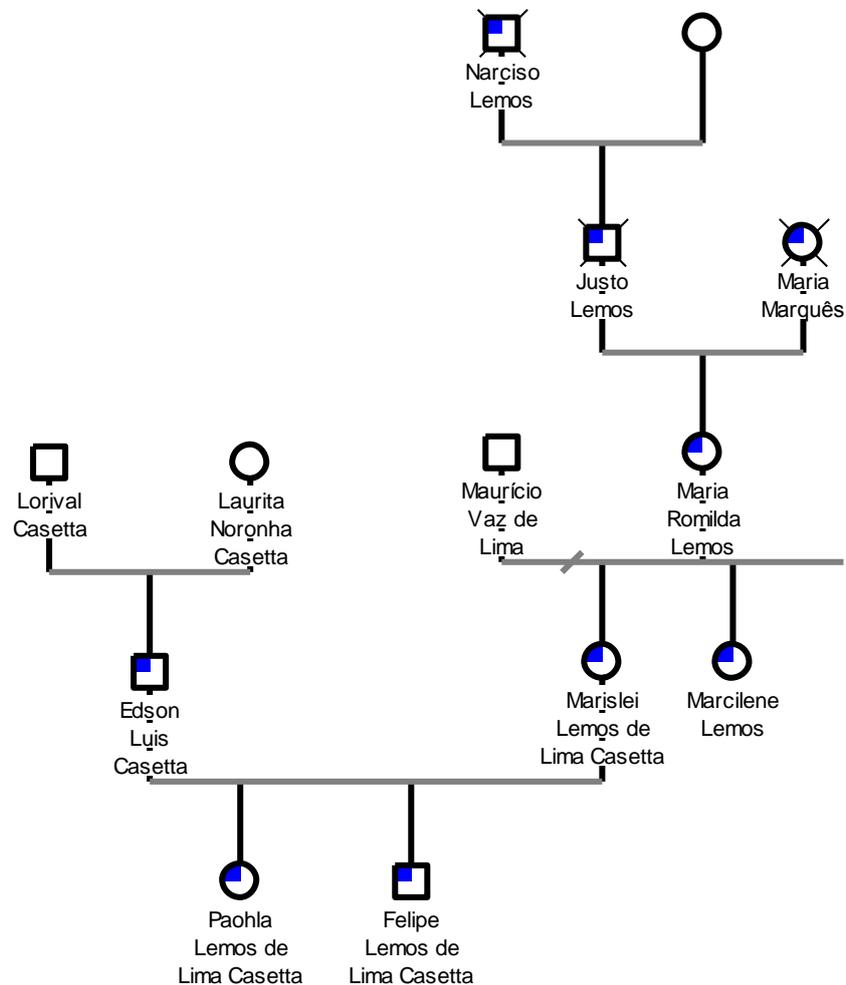
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, pousada e restaurante
TEMPO DE OCUPAÇÃO	19 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Marislei Lemos de Lima Cassetta</b>	39	Comerciante
Edson Luis Cassetta	47	Comerciante
Paohla Lemos de Lima Cassetta	16	Estudante
Felipe Lemos de Lima Cassetta	15	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Marislei Lemos nasceu na Prainha Branca. Aos 14 anos mudou-se com os pais para Itatinga, onde conheceu o atual esposo e casou-se em 1989.

Em 1997 voltou para Prainha Branca e desde então mora no terreno comprado de seu tio, Norberto Lemos.

Devido o tombamento do IPHAN a moradora se diz em constante conflito com diversos órgãos oficiais. Contou que a Secretaria do Meio Ambiente já notificou sua casa, dando-lhe um prazo de 72 horas para a demolição. Segundo a moradora essa legislação não lhe cabe, já que sua construção foi findada há 10 anos.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

384 147 E / 7 360 064 S

IMAGENS

**Não autorizadas**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra (família Lemos)
DOCUMENTAÇÃO	Sim (não sabe o tipo)

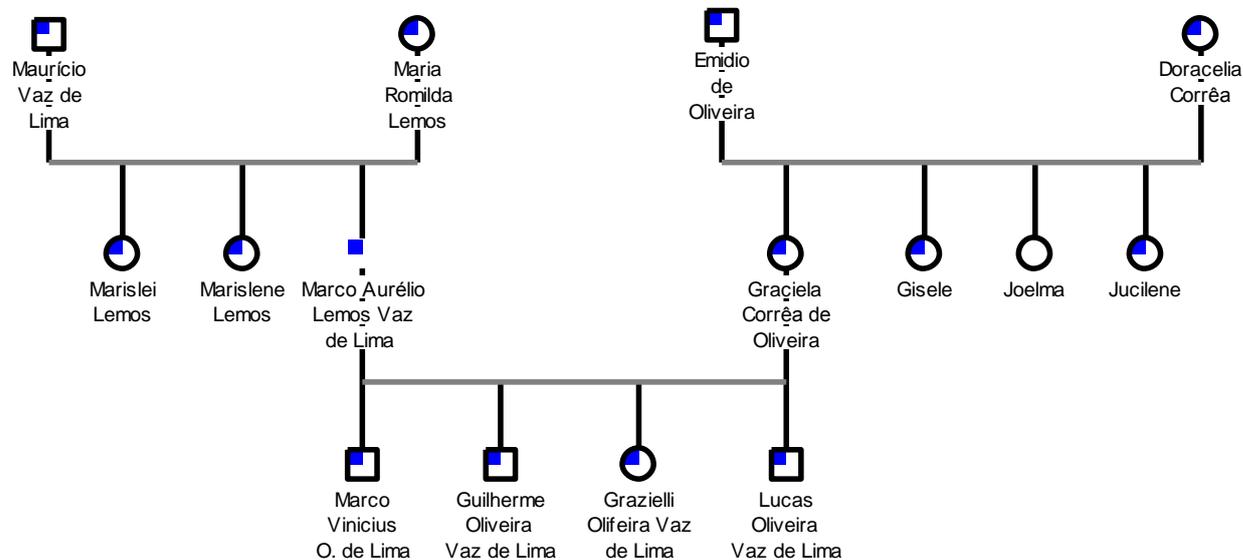
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Graciela Corrêa de Oliveira	30	Do lar
Marco Vinícius Oliveira de Lima	15	Estudante
Guilherme Oliveira Vaz de Lima	10	Estudante
Grazielli Oliveira Vaz de Lima	06	Estudante
Lucas Oliveira Vaz de Lima	02	Sem ocupação

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Graciela reside na comunidade da Prainha Branca há 30 anos, ocupando a mesma moradia há 15. Morou, durante sua infância, com Célia, sua mãe, onde hoje funciona o *camping* do Sr. Ari. Casou-se aos 15 anos com o Sr. Lemos, de quem hoje é separada.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

**FICHA DE MORADIA****1. IDENTIFICAÇÃO**

384 134 E / 7 360 004 S

IMAGENS

**Não autorizadas****2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	09 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

**3. OCUPAÇÃO E USO**

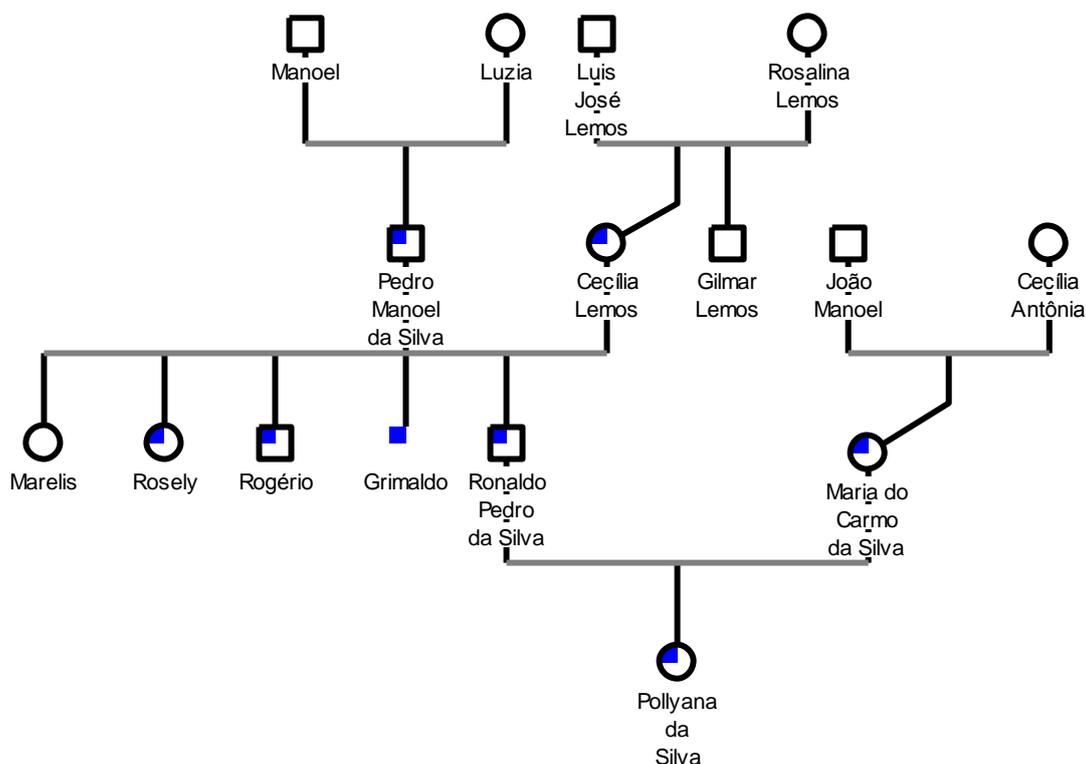
TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	9 anos

**4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES**

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Ronaldo Pedro da Silva</b>	40	Funcionário Público

Maria do Carmo da Silva	44	Auxiliar de Limpeza
Pollyana da Silva	08	Estudante

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ronaldo Pedro da Silva sempre morou na Prainha Branca. Até 1992, ano de seu casamento, morou com a mãe (Cecília Lemos da Silva) em uma casa de madeira reciclada localizada no mesmo terreno onde hoje vive. O terreno pertencia a José Lemos, seu avô, e ficou como herança para a família de Ronaldo.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384123 E/ 7360500 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	34 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não

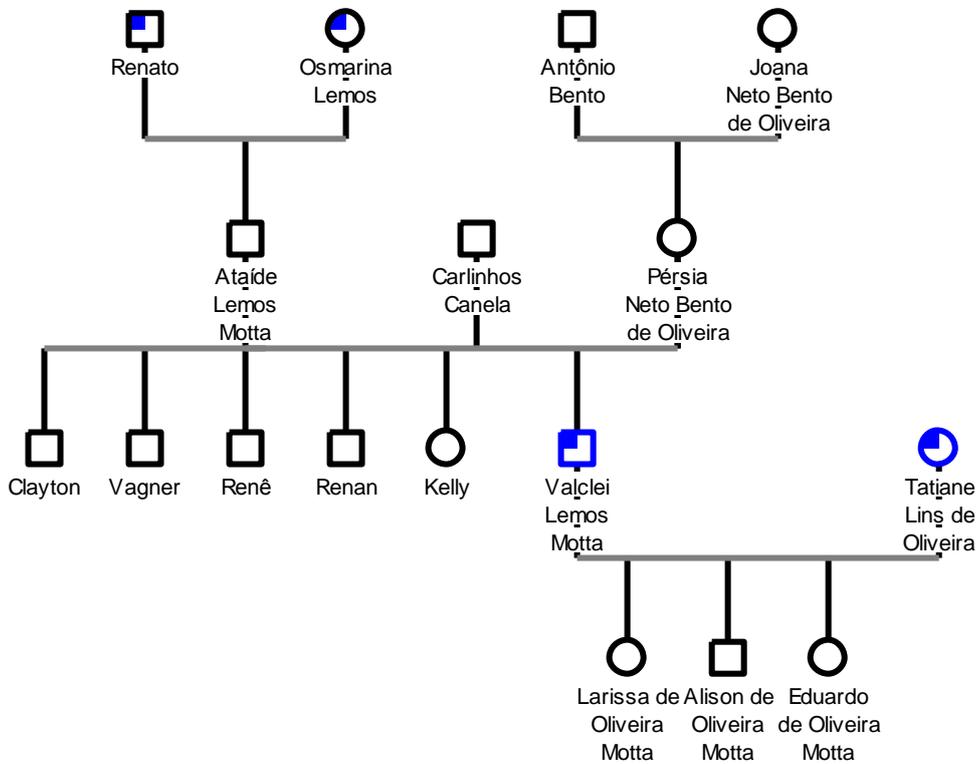
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	25 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Tatiane Lins de Oliveira</b>	33	Merendeira
Valclei Lemos Mota	37	Marinheiro
Larissa de Oliveira Motta	15	Estudante
Alison de Oliveira Motta	13	Estudante

GENEALOGIA



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Tatiane Lins de Oliveira nasceu na Prainha Branca, assim como seu esposo. A atual casa do casal pertence aos pais de Tatiane. Por oito anos o casal morou na casa da mãe de Valclei, Pêrsia Neto Bento, também na Prainha Branca.

A casa não é alvo de especulação atualmente, contudo Tatiane lembra que quando criança houve conflito envolvendo o terreno dos pais.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): marcação não autorizada

IMAGENS

**Não autorizadas**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	17 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

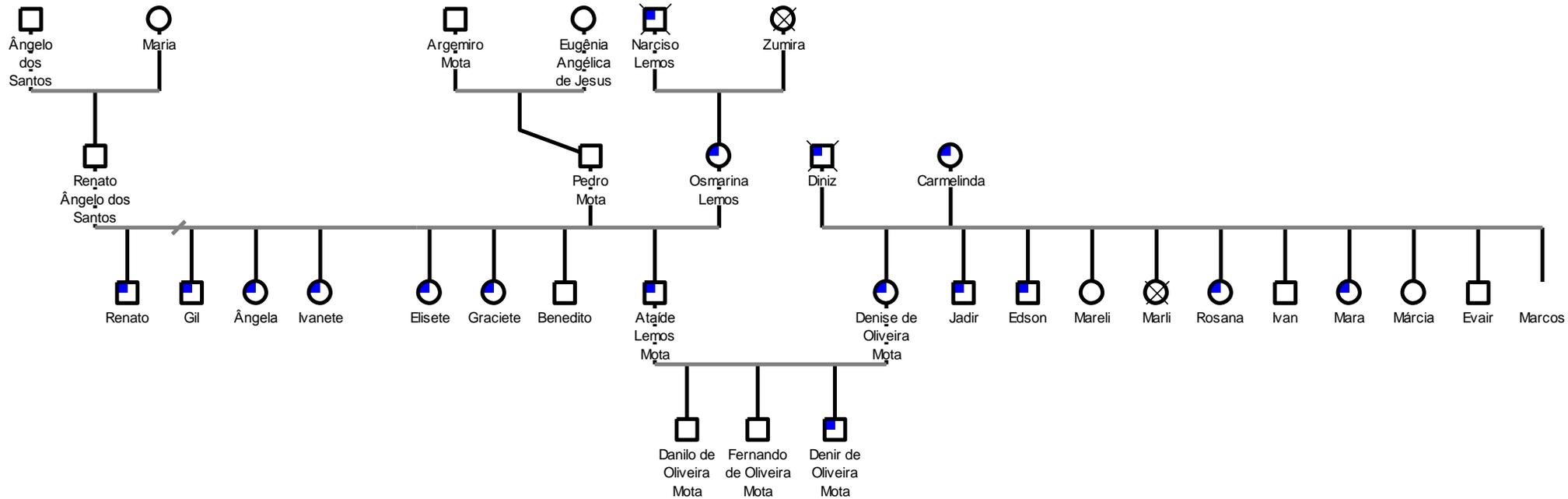
TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	17 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Denise de Oliveira Mota</b>	47	Merendeira

Ataíde Lemos Mota	57	Ajudante geral
Dener de Oliveira Mota	11	Estudante

## GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Quando solteira Denise de Oliveira Mota residia com a mãe, Carmelinda, em uma casa de madeira construída no terreno da família Oliveira.

Depois de casada Denise passou a morar no terreno da família Lemos, em uma casa em frente à praia. Ficou nessa residência até 1994, enquanto era construída a casa onde hoje mora.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384200 E/ 7359944 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Mais de 15 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim

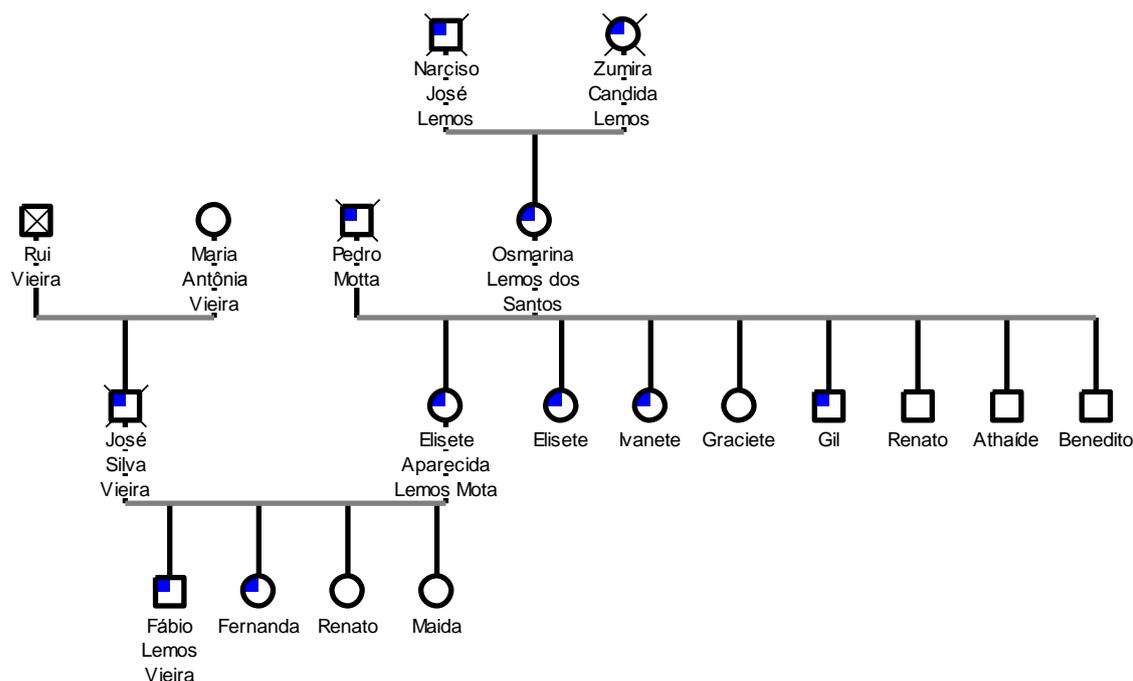
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Mais de 15 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Elisete Aparcecida Lemos Mota</b>	55	Dona de casa
Fábio Lemos Vieira	32	Ajudante

### GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Os pais de Elisete Aparecida Lemos nasceram na Prainha Branca, quando do nascimento da filha mudaram-se para Bertioga, onde permaneceram por um ano. Após a chegada na Prainha Branca, Elisete só saiu da comunidade para trabalhar em São Paulo, durante três anos visitava a comunidade nos finais de semana, quando resolveu voltar, em 1975.

Quando solteira, morou na casa de taipa com a mãe, Osamarina Lemos, na beira da Praia. Atualmente mora no mesmo terreno que as irmãs e a mãe residem. E constantemente sofrem com a especulação imobiliária, inclusive do Evandro Mesquita que através de representante tenta comprar a área.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384148E / 73604545S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe informar
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

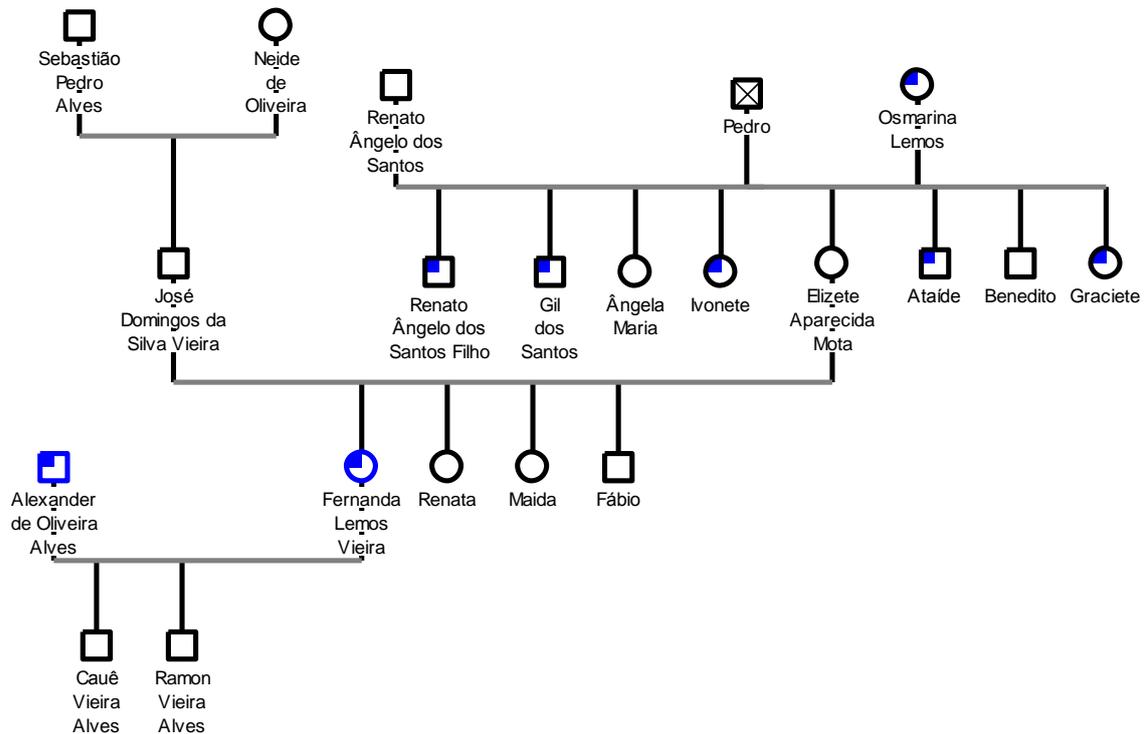
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	11 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Fernanda Lemos Vieira</b>	30	Cabeleireira
Alexandre de Oliveira Alves	39	Guarda Vidas
Cauê Vieira Alves	08	Estudantes
Ramon Vieira Alves	1 ano3 meses	

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Fernanda morava próxima a praia junto com sua mãe Elizete, em um terreno de propriedade da Dona Osmarina. Viveram ali por quatro anos. Elizete se casou e mudaram para São Paulo, após a separação da mãe retornaram para Prainha Branca. Quando Fernanda se casou, mudou-se para a casa em que vive hoje.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384158E / 7360065S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	18 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

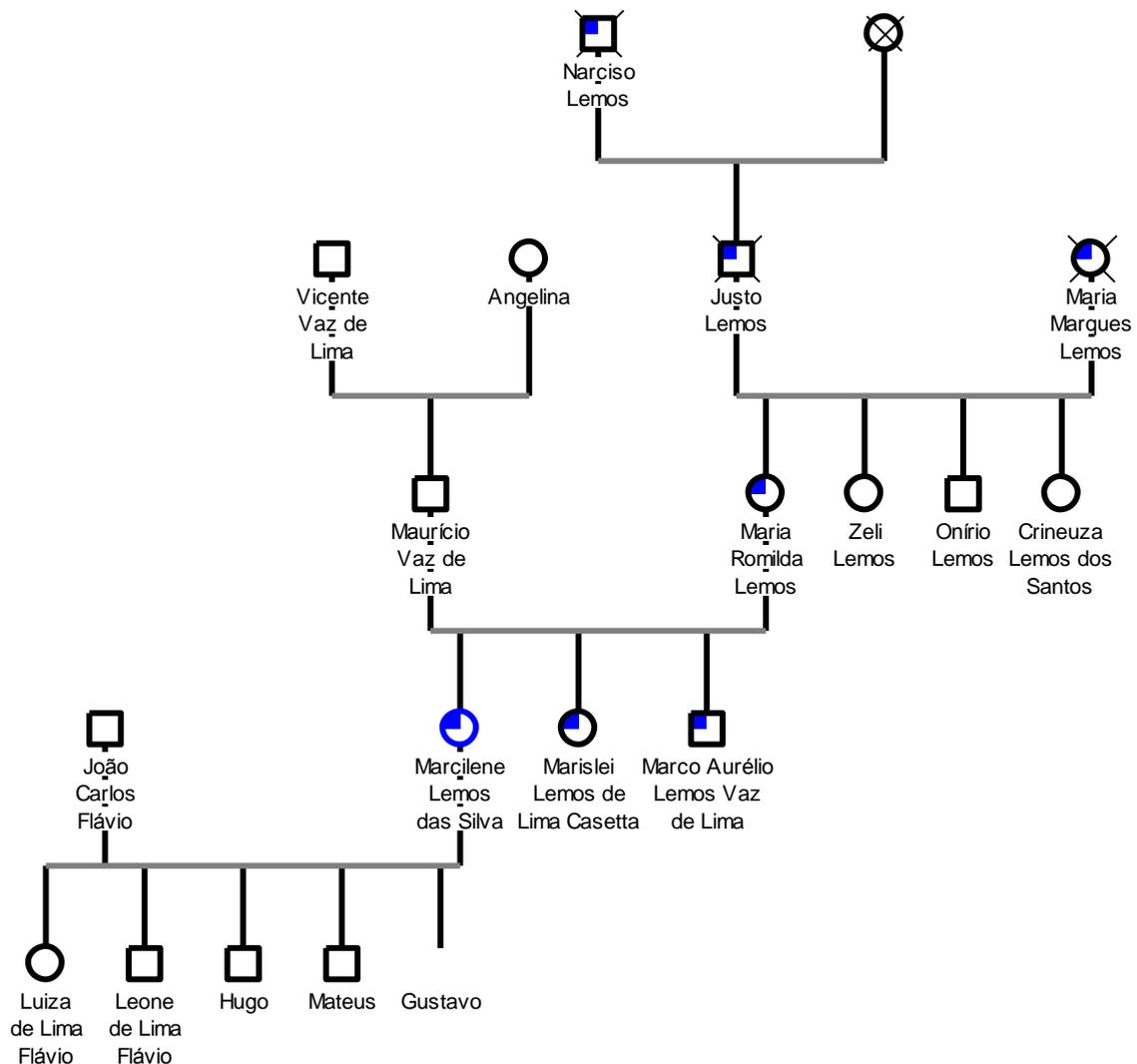
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Marcilene Lemos de Lima</b>	38	Comerciante e costureira
Luiza de Lima Flávio	17	Estudante
Leone de Lima Flávio	17	Estudante
Hugo de Lima Flávio	14	Estudante
Mateus de Lima Flávio	11	Estudante
Gustavo de Lima Flávio	11	Estudante

#### GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Marcilene Lemos de Lima morou fora da Prainha Branca quando criança, quando ficou 9 anos em São Paulo.

Antes de morar em sua atual residência, Marcilene morou com os pais em casa no terreno vizinho, onde hoje funciona a pousada de Larica's. O terreno foi vendido em 1995, e Marcilene passou a morar em casa construída em terreno de sua mãe, Maria Romilda Lemos.

Hoje reside com os filhos e exerce atividade produtiva na Prainha Branca.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

02/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384251E / 7359957S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

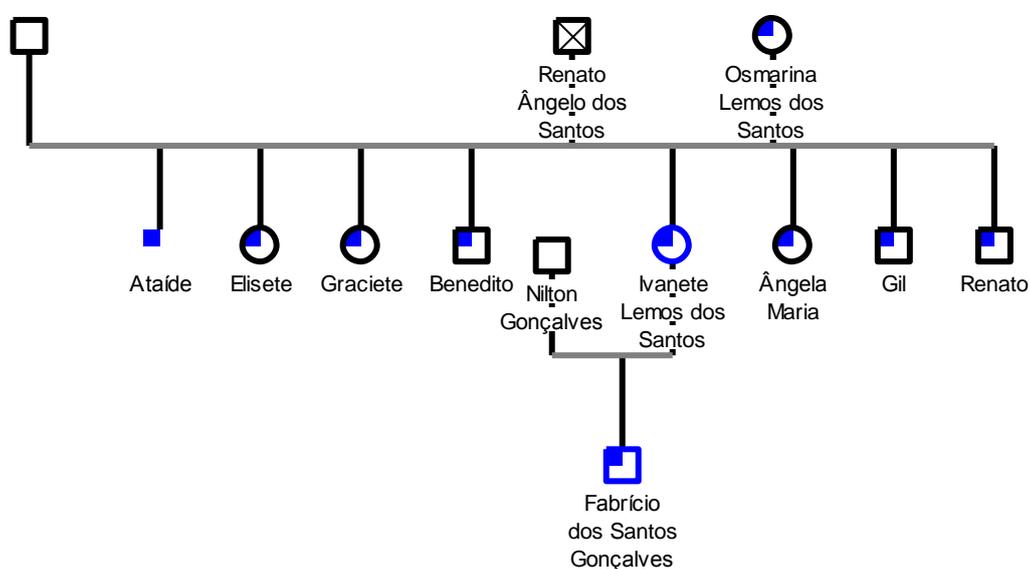
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Ivanete Lemos dos Santos</b>	40	Dona de casa
Fabício dos Santos Gonçalves	24	Comerciante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 2

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ivanete Lemos dos Santos morou com os pais na Prainha Branca no mesmo terreno onde hoje reside até 1987. Nesse ano mudou-se para Bertioga após casamento. Viveu em Bertioga por 10 anos, e voltou para a comunidade em 2007, juntamente com seu filho.

Os dois residem em uma edificação antes utilizada como casa de gerador em terreno da família de Ivanete, que após desativada passou a ser usada como habitação.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

( x )

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( )

## **DIAGRAMA 03**

**Família Hermógenes de Oliveira**

# FICHA DE MORADIA

03/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384264 E/ 7360050 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	17 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

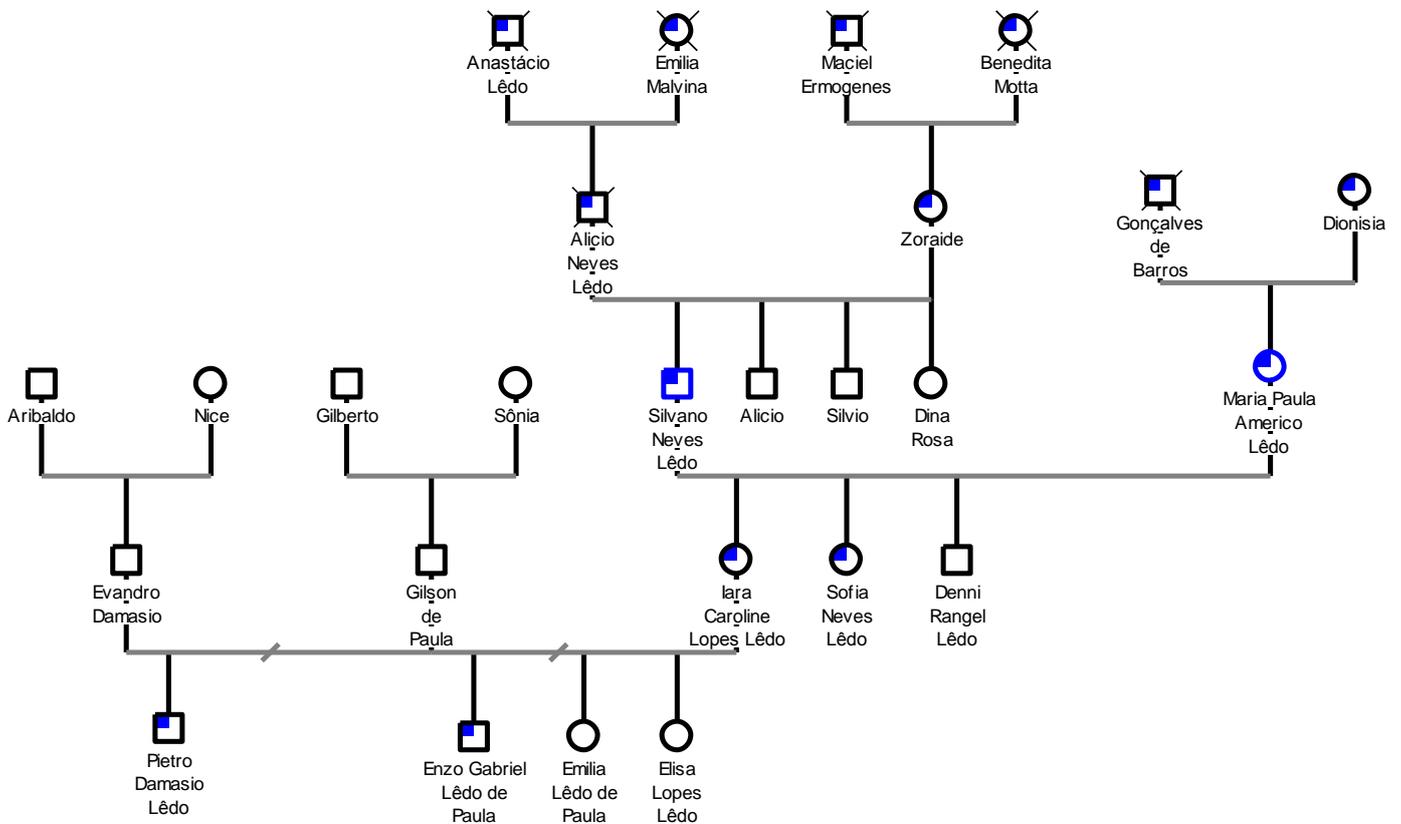
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	17 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Silvano Neves Lêdo</b>	<b>53</b>	<b>Escritor</b>
Maria Paula Americo Lêdo	50	Dona de casa
Sofia Neves Lêdo	25	Cabeleireira
Iara Caroline Lopes Lêdo	28	Dona de casa
Enzo Gabriel Lêdo de Paula	09	Estudante
Emilia Lêdo de Paula	07	Estudante
Elisa Lopes Lêdo	05	Estudante
Pietro Damazio Lêdo	5 meses	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Silvano Neves Lêdo nasceu na Prainha Branca, quando criança morou com os pais, em casa localizada no mesmo terreno onde mora atualmente e desenvolve a atividade de camping, pousada e comércio. O terreno da família está sob processo, movido pelo Evandro Mesquita.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/10

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384165 E/ 7359929 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	23 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

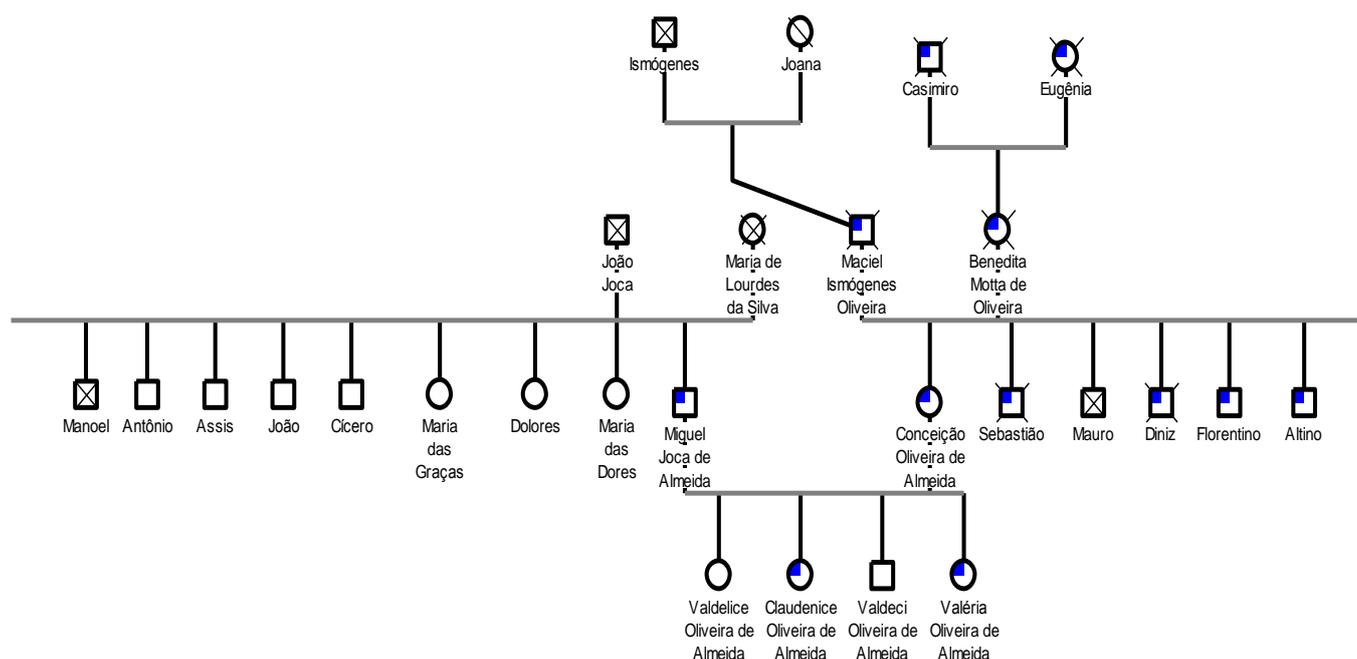
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	23 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Conceição Oliveira de Almeida</b>	63	Comerciante
Miguel Joca de Almeida	72	Padeiro

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Conceição Oliveira de Almeida nasceu na Prainha Branca. Quando criança morou numa casa em frente à Praia, local onde reside Evandro Mesquita. Ali permaneceu até meados dos anos 80, quando vendeu o terreno para o Evandro Mesquita e foi morar no interior de São Paulo, com marido e filhos. Lá ficaram por três anos, quando voltou à comunidade, passou a morar na casa em frente à *Pousada Laricas*, que já não existe mais.

Já no final da década de 80 construiu a atual casa, no terreno herdado de sua mãe, Benedita Mota de Oliveira, onde vive até hoje com o esposo.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( x )

( )

# FICHA DE MORADIA

03/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384164E / 7360443S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	49 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim.
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não

## 3. OCUPAÇÃO E USO

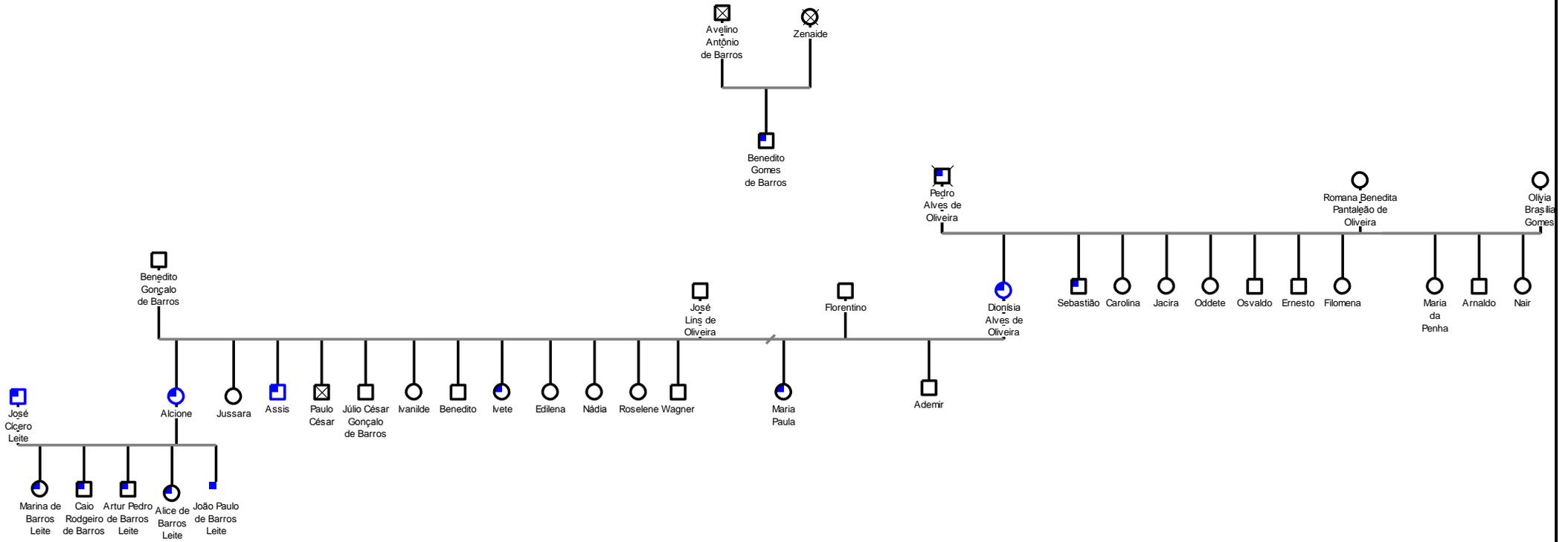
TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	49 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Dionísia Alves de Oliveira</b>	75	Pensionista

Alcione César Gonçalves de Barros	33	Dona de Casa
José Cícero Leite	42	Desempregado
Marina de Barros Leite	15	Estudante
Caio Rodrigues de Barros	18	Marinheiro
Arthur Pedro de Barros Leite	12	Estudante
Alice de Barros Leite	10	Estudante
João Paulo de Barros Leite	04	Estudante
Assis César Gonçalo de Barros	33	

# GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dionísia nasceu na Prainha Branca, e morava com os pais em terreno onde hoje mora Josias, em uma casa de pau-a-pique.

Seu pai, Pedro Alves de Oliveira, era carpinteiro e pescador, e mudou-se para Guarujá após o divórcio. A segunda esposa de Pedro vendeu a casa onde Dionísia e suas irmãs moravam para Evandro Mesquita. Representantes de Evandro Mesquita pressionaram a família a sair do local, e em 1962 mudou-se para a casa onde hoje vive Dionísia.

A casa foi construída com madeira, e passou por 4 reformas nos últimos 49 anos. As alterações foram para a gradual substituição da madeira por alvenaria.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384241 E/ 7360125 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Doação do antigo dono
DOCUMENTAÇÃO	Comodato com Evandro Mesquita
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

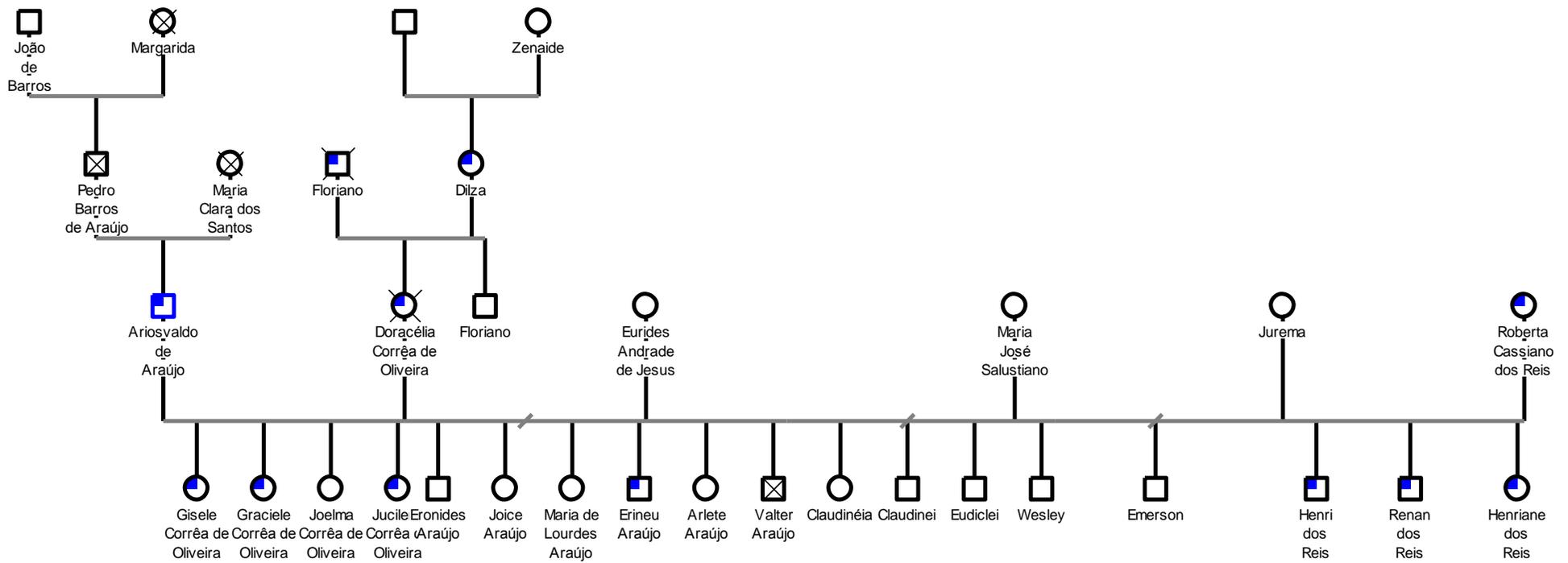
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, pousada e campings
TEMPO DE OCUPAÇÃO	2 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Ariosvaldo de Araújo	67	Empreiteiro/comerciant e
Roberta Cassiano dos Reis	34	Operadora de telemarketing
Henri dos Reis	13	Estudante
Henriane dos Reis	11	Estudante
Renan dos Reis	2	Estudante

#### GENEALOGIA



**5. REFRÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 3

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ariosvaldo de Araújo nasceu em Guarujá, onde morou até os 41 anos de idades.

Em 1985 veio para Prainha Branca morar com Doracléia, na casa onde ela era caseira, atual local de residência do Ariosvaldo e as filhas de Doracléia.

Assim que chegou à Prainha Branca, Ariosvaldo solicitou ao proprietário do terreno - advogado residente em Santos - autorização para o desenvolvimento de camping no local. Aceito o pedido, o casal deixou de receber pagamento de caseiros e passaram a depender do camping, quartos e comércio desenvolvidos no local.

Com a morte do proprietário, Ariosvaldo descobriu que o terreno havia sido vendido para um terceiro, que liberou o uso do terreno sem pedir nada em troca. Contudo, anos depois, o Evandro Mesquita solicitou através da justiça as terras onde reside Ariosvaldo e as filhas de Doracléia, alegando pertencerem ao espólio de Corrêa Porto. De forma a sanar qualquer problema, Ariosvaldo assinou um termo de comodato com Evandro e continua a utilizar as terras para moradia e renda.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

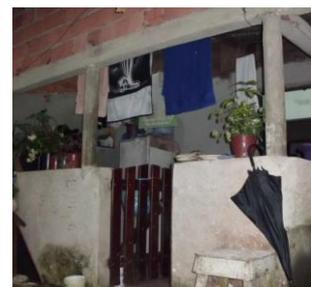
# FICHA DE MORADIA

03/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384183 E/ 7360032 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Aproximadamente 35 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
---------------	---------

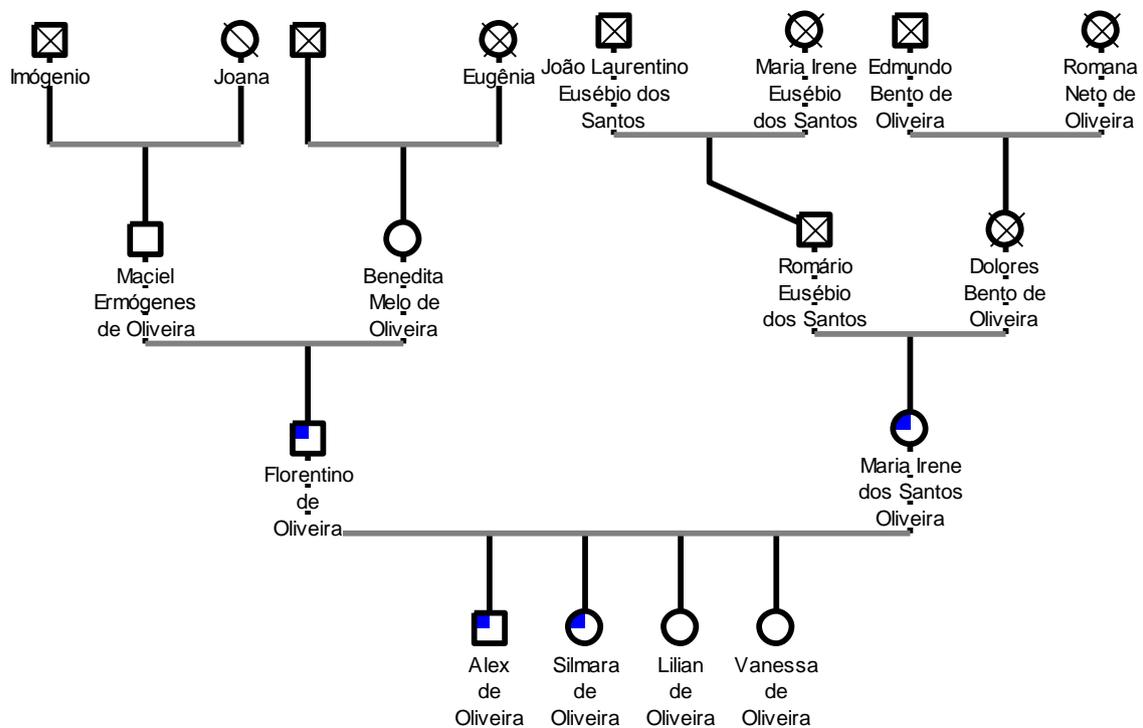
TEMPO DE OCUPAÇÃO

35 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Maria Irene dos Santos Oliveira</b>	56	Dona de casa
Florentino de Oliveira	60	Pedreiro/coveiro
Alex de Oliveira	31	Pedreiro
Silmara de Oliveira	24	Babá

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria Irene nasceu em Santa Catarina. Após a separação dos pais, aos 11 anos de idade, foi morar no Montão do Trigo. Em busca de trabalho, aos 13 anos, optou por morar na Prainha Branca, onde residiu com o casal Rosalina e Luís Lemos, até se casar com o Florentino de Oliveira.

Segundo a entrevistada, todo o terreno pertence ao esposo, que doou pedaços de terra para as pessoas que "perderam" suas casas para Evandro.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.162 E/ 7.359.915 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

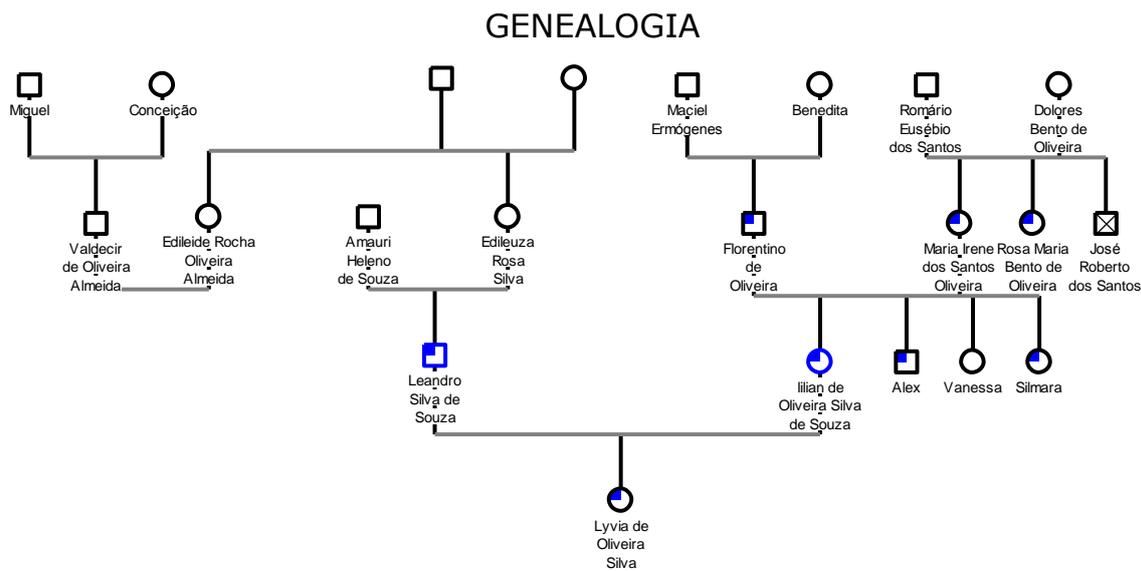
IDADE	22 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Titulo de posse

## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	08 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Lilian de Oliveira de Sousa</b>	29	Do lar
Leandro Silva de Sousa	27	Repositor de mercadoria
Lyvia de Oliveira Silva	08	Estudante



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 3

**HISTÓRICO DE MOBILIDADE**

Lilian nasceu na Prainha Branca. Antes de fixar-se na casa atual, morou com a mãe D. Irene na mesma localidade. Sempre que pode participa das reuniões convocadas pela Associação para saber dos assuntos de interesse comum.

**CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES**

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.252E/ 7.360.049 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	55 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

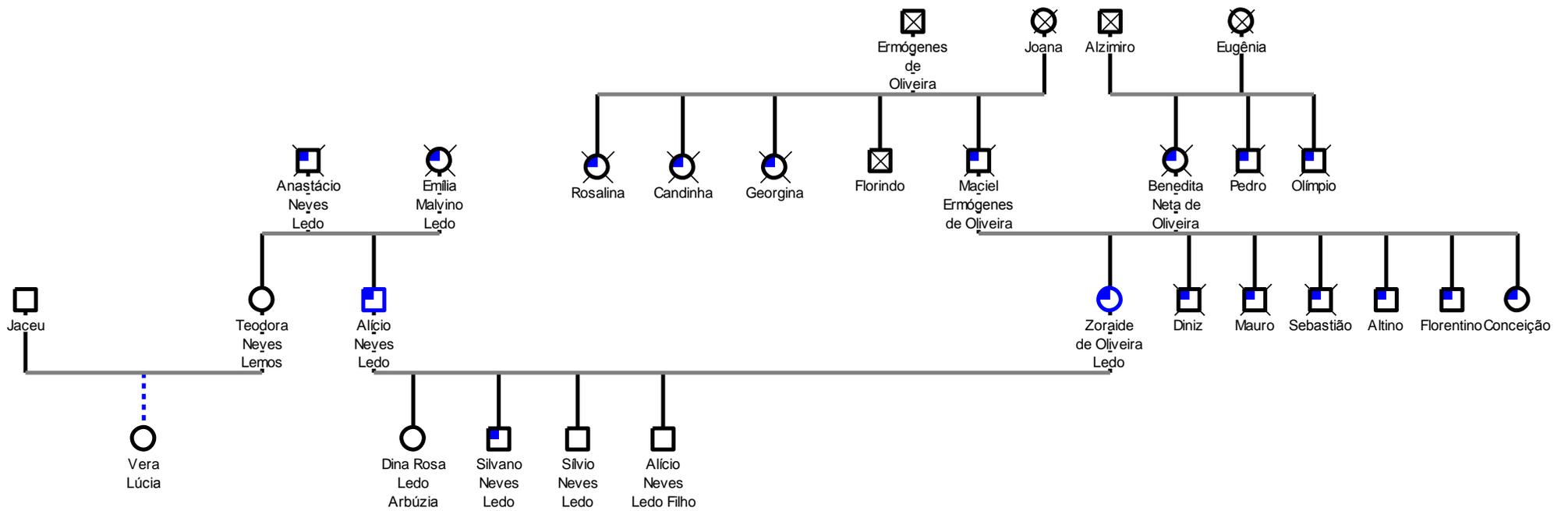
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	55 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Zoraide de Oliveira Lêdo</b>	76	Aposentada

GENEALOGIA



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 3

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dona Zoraide, originária do Montão de Trigo, chegou à Prainha Branca com aproximadamente 6 anos de idade. Junto com os pais, morou onde atualmente construiu quatinhos para alugar.

Ainda hoje mora no mesmo terreno onde residia com os pais, onde além de sua casa, mantém quartos para alugar, espaço para camping, a casa do filho e um comércio de responsabilidade do filho Silvano.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
(X)	( )

# FICHA DE MORADIA

03/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384222E / 7359639S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	1984
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Sim, 2011
FORMA DE AQUISIÇÃO	Posse
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

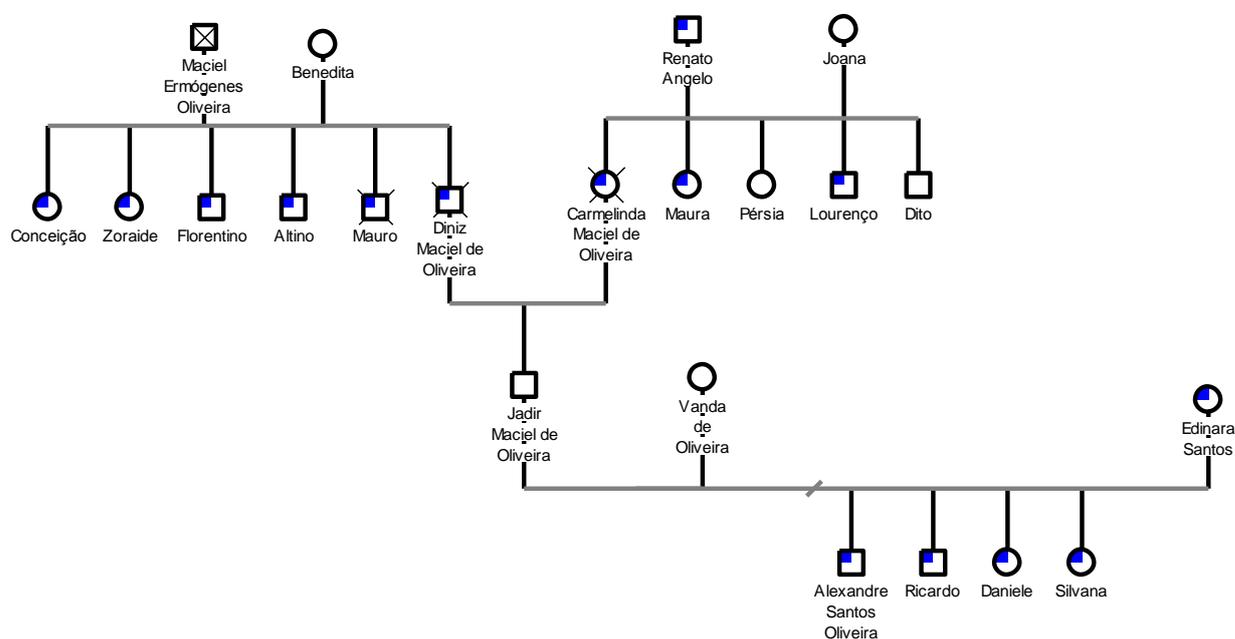
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Não informado

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Jadir Maciel de Oliveira</b>	53	Pescador
Vanda de Oliveira	50	Pescadora

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Jadir nasceu na Prainha Branca, e morou com os pais até 1984, quando construiu sua própria casa. Morou na comunidade por 45 anos, e em 2003 deixou o local em decorrência de problemas com sua casa.

Nesse ano, a construção foi autuada pela Prefeitura Municipal de Guarujá e posteriormente foi demolida. Jadir entrou com processo contra a Prefeitura, e em decorrência do prejuízo da ação foi levado a deixar a Prainha Branca.

Mudou-se para Ubatuba, local que favorecia a atividade pesqueira, mas morava de aluguel. Afirma que somente em 2011 conseguiu verba para reconstruir sua casa, e que agora voltou a residir na Prainha Branca.

Apesar da ausência, Jadir possui vínculo familiar com pessoas da Prainha.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/04

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384172E / 7359932S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	30 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim, 2007
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (posse do Estado)
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse

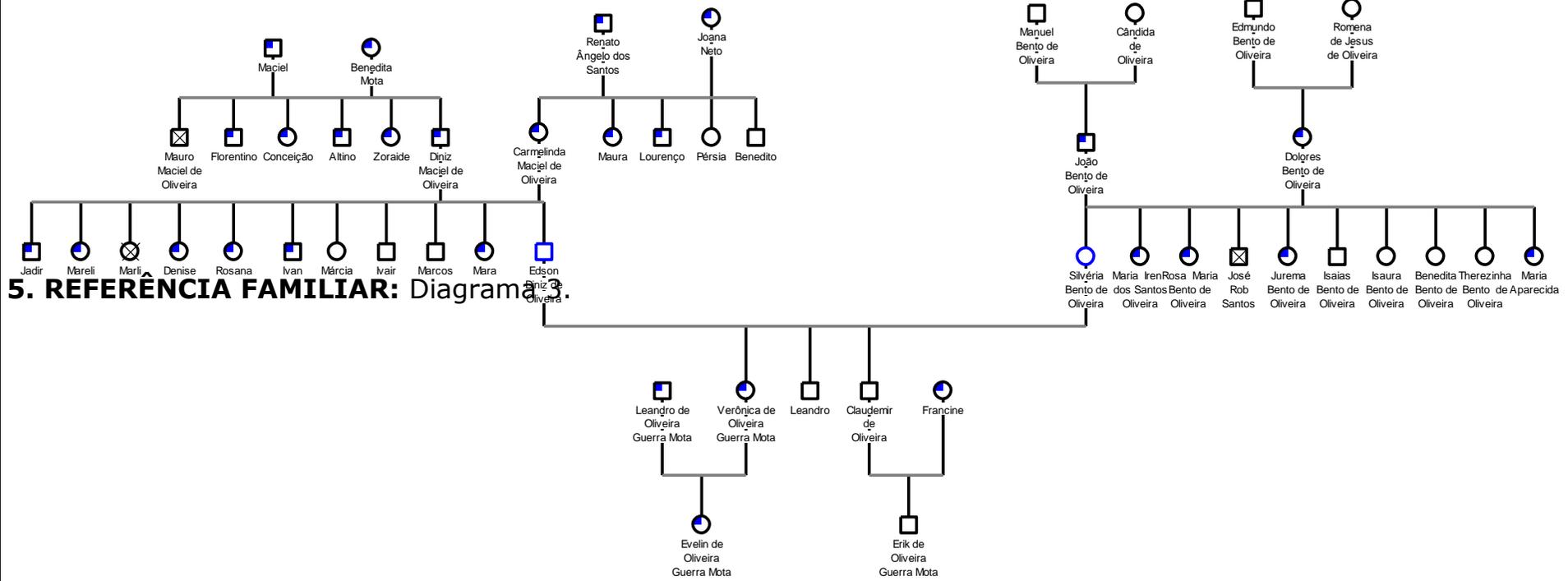
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	30 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Edson Diniz de Oliveira</b>	50	Arrecadador/ corretor de imóveis
Silvéria Bento de Oliveira	49	Doméstica
Claudenis de Oliveira	31	Coletor
Francine Mendes Siqueira	32	Comerciante
Verônica de Oliveira Guerra Mota	27	Dona de casa
Leonardo de Oliveira Guerra Mota	31	Auxiliar administrativo
Erik de Oliveira Guerra Mota	5	
Evelin de Oliveira Guerra Mota	1	

# GENEALOGIA



5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5.

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Edson Diniz de Oliveira residiu durante toda sua vida na Prainha Branca. Antes de se casar morava na casa dos pais, localizada no mesmo terreno onde construiu sua casa atual.

A casa foi construída com Madeirit, e passou por reformas graduais para a substituição do material por alvenaria. A última reforma ocorreu em 2007, e consistiu no aumento do número de cômodos em função do crescimento da família.

Silvéria Bento de Oliveira mudou-se para a Prainha Branca quando criança, e veio com os pais da ilha do Montão de Trigo. Desde então não morou em outra localidade.

Os filhos do casal nasceram e foram criados na Prainha Branca.

Possui título de posse do terreno de sua casa, que corresponde a um espaço de 500m<sup>2</sup>.

Edson realiza deslocamento sazonal em função de seu trabalho, que atualmente é desempenhado em Bertioga.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384175 E / 7359923 S

IMAGENS  
Não autorizadas

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	25 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

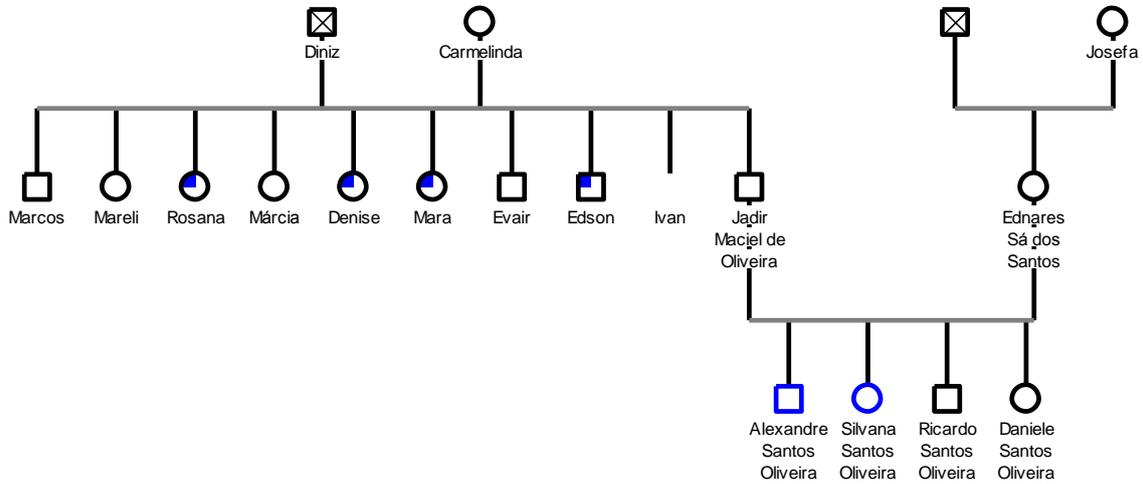
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	25 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Alexandre Santos Oliveira</b>	27	Porteiro noturno
Silvana Santos Oliveira	29	Atendente

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Alexandre Santos Oliveira e Silvana Santos Oliveira são irmãos, e sempre moraram na Prainha Branca.

A casa onde hoje residem foi construída em terreno da família, e a área por eles utilizada faz parte da herança deixa pelo bisavô, Maciel Ermógenes de Oliveira.

A casa foi construída com madeira, material posteriormente substituído por alvenaria.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

03/03

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384089E / 7359937S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	35 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim.
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

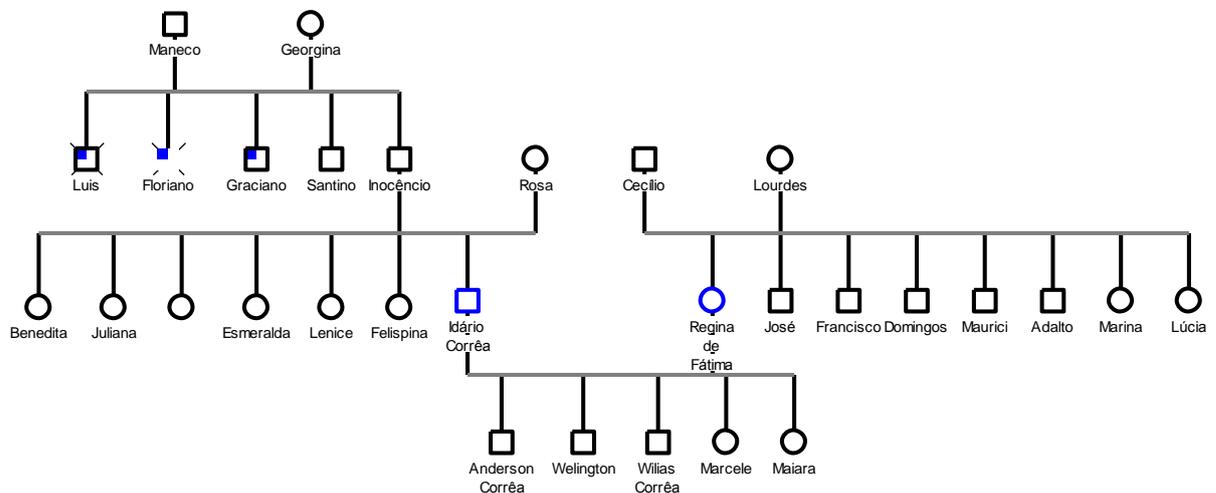
### 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	35 anos

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Regina de Fátima</b>	53	Dona de casa
Idário Corrêa	56	Pescador
Willians Marçal Corrêa	30	Pescador
Beatriz de Sousa Corrêa	14	Estudante
Vanessa de Sousa	30	Cabeleireira

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 3

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Regina de Fátima morou em Parati até 1976, quando se casou com Idário Corrêa e passou a morar na Prainha Branca. Desde então, mora na mesma casa na comunidade.

Idário Corrêa é natural da Prainha Branca, sem nunca ter residido em outra localidade. Morou com os pais durante a infância e juventude, em um terreno que hoje pertence a Evandro Mesquita.

A família foi retirada do local onde vivia, e em troca os pais receberam um terreno na periferia do município de Guarujá, onde seu pai veio a falecer.

No terreno da casa de Idário e Regina foram construídas duas casas, de posse de seus filhos, e quartos alugados durante a temporada.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

**DIAGRAMA 04**  
**Família Bento de Oliveira**

# FICHA DE MORADIA

04/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.281.113 E / 7.360.198.939 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	24 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (do sogro)
DOCUMENTAÇÃO	Posse do terreno
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

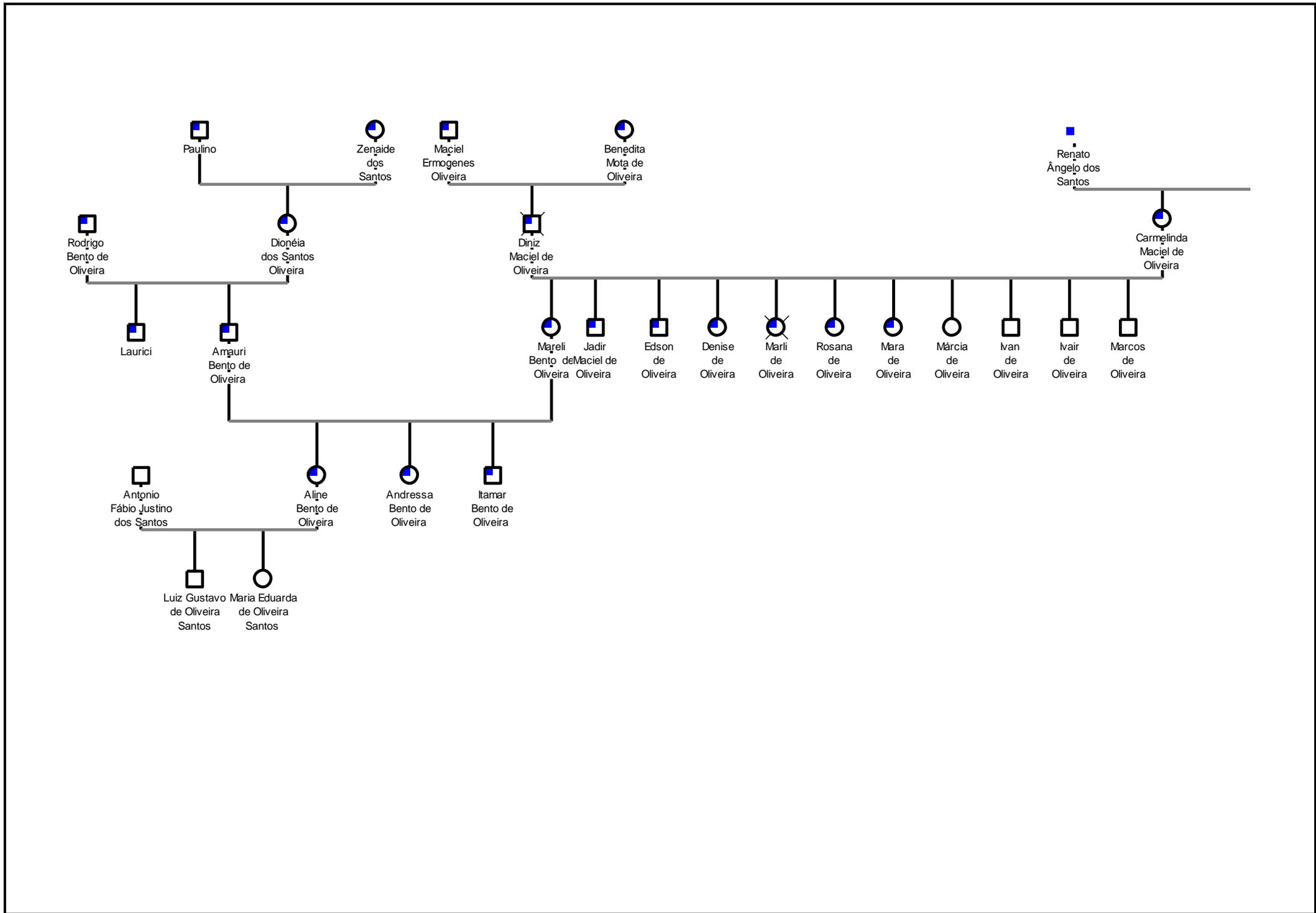
TIPO (OU USO) | Segunda residência (finais de semana)

TEMPO DE OCUPAÇÃO | 24 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Mareli Bento de Oliveira	49	Analista Técnica, Pedagoga
Amauri Bento de Oliveira	53	Mensageiro
Aline Bento de Oliveira	28	Auxiliar de Biblioteca
Andressa Bento de Oliveira	17	Estudante
Maria Eduarda de Oliveira Santos	08	Estudante
Luiz Gustavo de Oliveira Santos	02	-

#### GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Mareli reside na comunidade há 49 anos e em sua residência atual há 24. Na infância, morou com seus pais em uma casa próxima à escola. Morou também com Da. Dionéia. Morou fora da comunidade, porém apenas com fins de trabalho. Seu terreno possui histórico de conflito, no que concerne à posse da terra.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/21

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 272 E / 7 360. 209 S

IMAGENS  
Não autorizadas

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	60 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outro
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

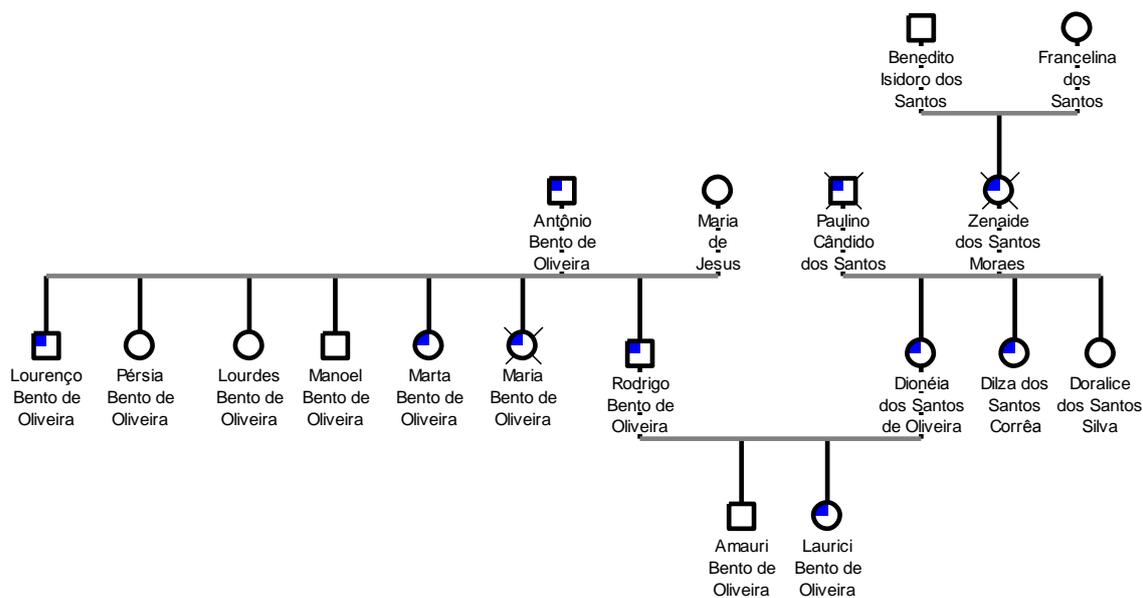
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	60 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Dionéia dos Santos Oliveira</b>	70	Pensionista

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dionéia dos Santos de Oliveira veio com os pais de São Vicente para a Prainha Branca em 1951, quando tinha 9 anos de idade. A família morava em uma casa de taipa em outra área. Quando saíram da primeira casa, receberam de Norberto Lemos a área de terra que hoje ocupam. A casa onde passou a morar era de taipa, e foi derrubada e reconstruída por volta de 1961.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/22

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384026E / 7359920S

### IMAGENS



Fachada

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	32 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outro
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

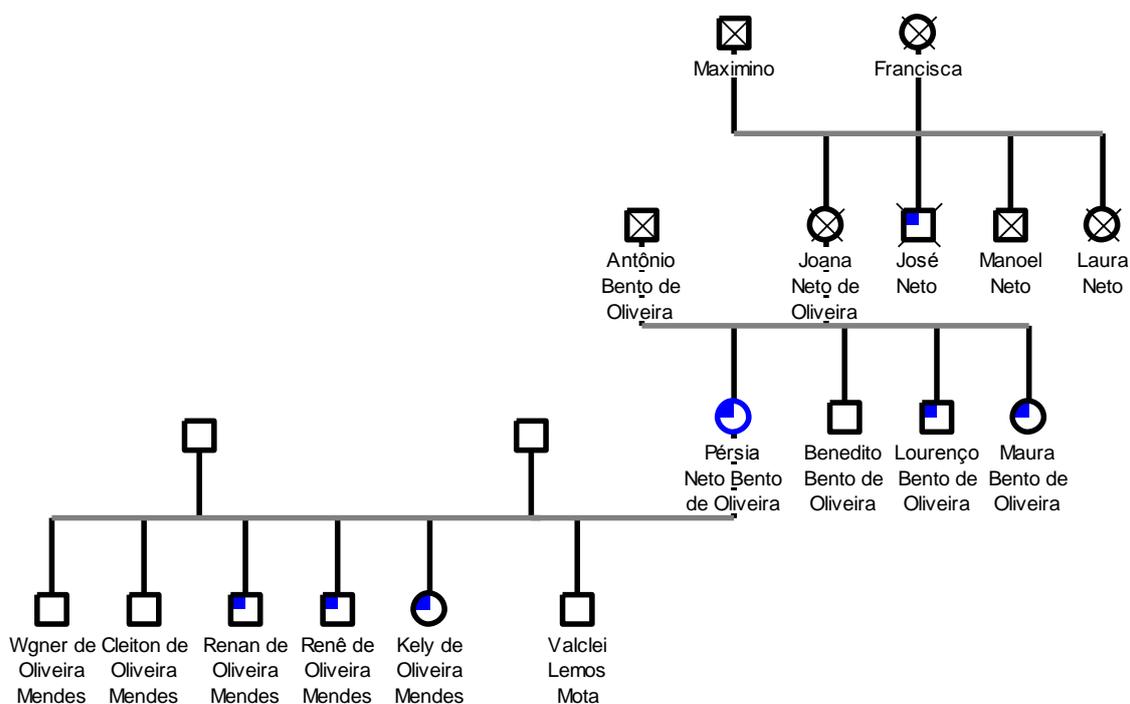
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Segunda residência
TEMPO DE OCUPAÇÃO	32 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Pérsia Neto Bento de Oliveira</b>	54	Cabeleireira
Renan de Oliveira Mendes	25	Desempregado
Renê de Oliveira Mendes	25	Desempregado
Kely de Oliveira Mendes	23	Desempregada

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Sua mãe possuía terreno em área hoje pertencente a Evandro Mesquita, área antes ocupada pela família de Pérsia por mais de 50 anos. Em 1957 sua família foi retirada da área pelo Evandro Mesquita, que alegava ter adquirido o terreno.

Evandro Mesquita construiu uma casa para que a família fosse realocada em área da Prainha Branca de maior declividade e afastada do mar. No período de retirada da família, chegou a residir por alguns meses na casa de Teodora. Retornaram ao terreno onde moravam num primeiro momento, e ficaram ali alojados por cerca de 2 anos.

Hoje, Pérsia reside na área urbana de Guarujá, e vai todos os finais de semana visitar familiares e amigos.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/16

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384111E / 7360360S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	12 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

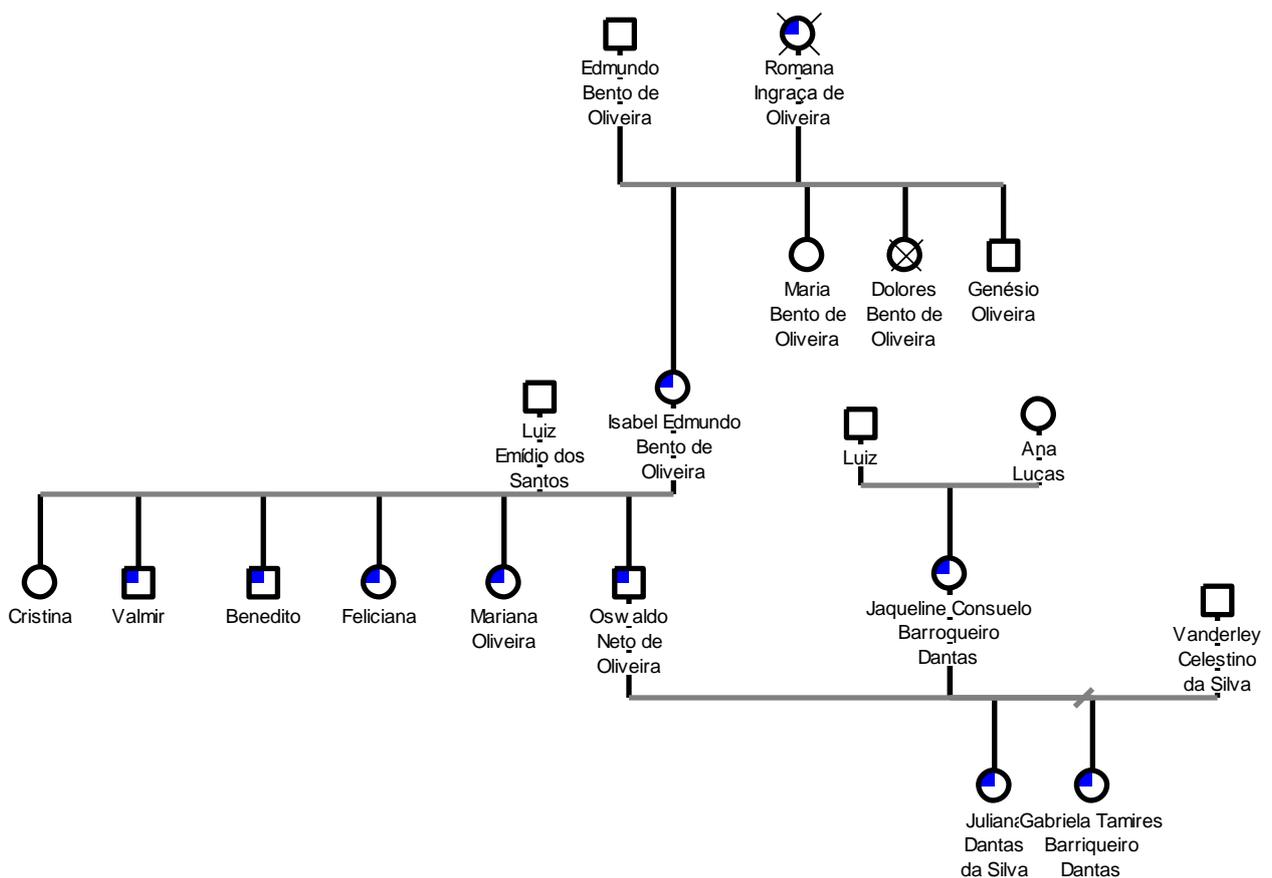
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	12 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Oswaldo Neto de Oliveira</b>	51	Comerciante
Jaqueline Consuelo Barraqueiro Dantas	35	Secretária
Juliana Dantas da Silva	11	Estudante
Gabriella Tamires Barraqueiro Dantas	15	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Oswaldo de Oliveira morou na casa da mãe, Izabel até 1999. Morou fora da Prainha Branca durante 11 meses, quando viajou à trabalho para Santa Catarina. Terminado esse período retornou à Prainha Branca e construiu sua casa em parte do terreno da mãe.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/17

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384163E / 7359926S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	21 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

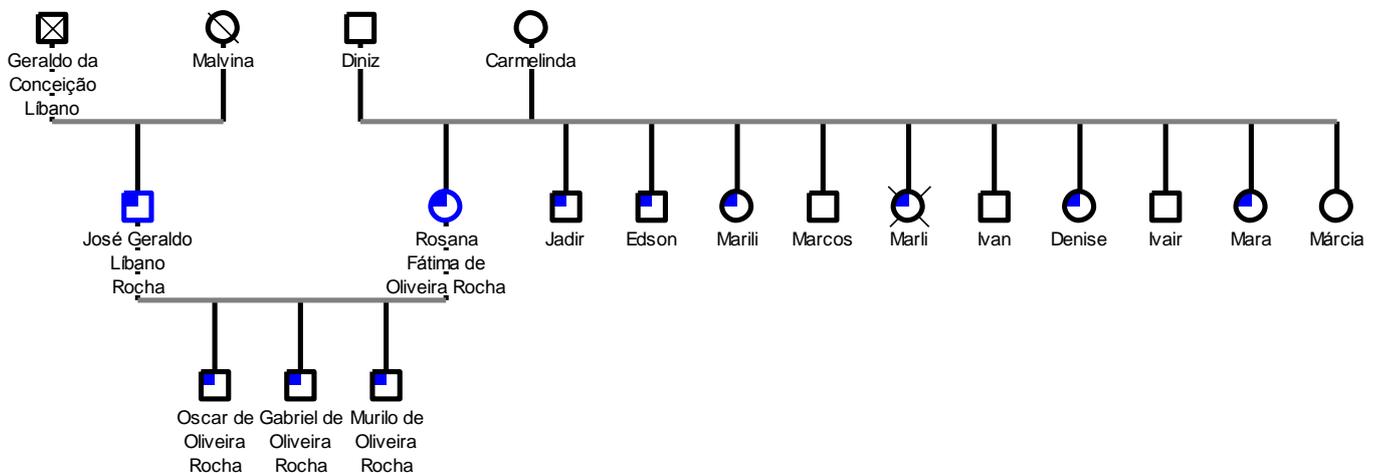
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	21 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Rosana Fátima de Oliveira Rocha</b>	45	Dona de casa
José Geraldo Líbano Rocha	48	Encanador
Oscar de Oliveira Rocha	23	Desempregado
Gabriel de Oliveira Rocha	21	Guardião cidadão
Murilo de Oliveira Rocha	16	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Rosana de Oliveira Rocha morou com os pais em uma casa de madeira até 1990. Após o casamento, Rosana e o marido José Geraldo mudaram-se para uma casa construída no mesmo terreno, pertencente à família Oliveira.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/24

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 163 E / 7 359 926 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe (aproximadamente 20 anos)
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

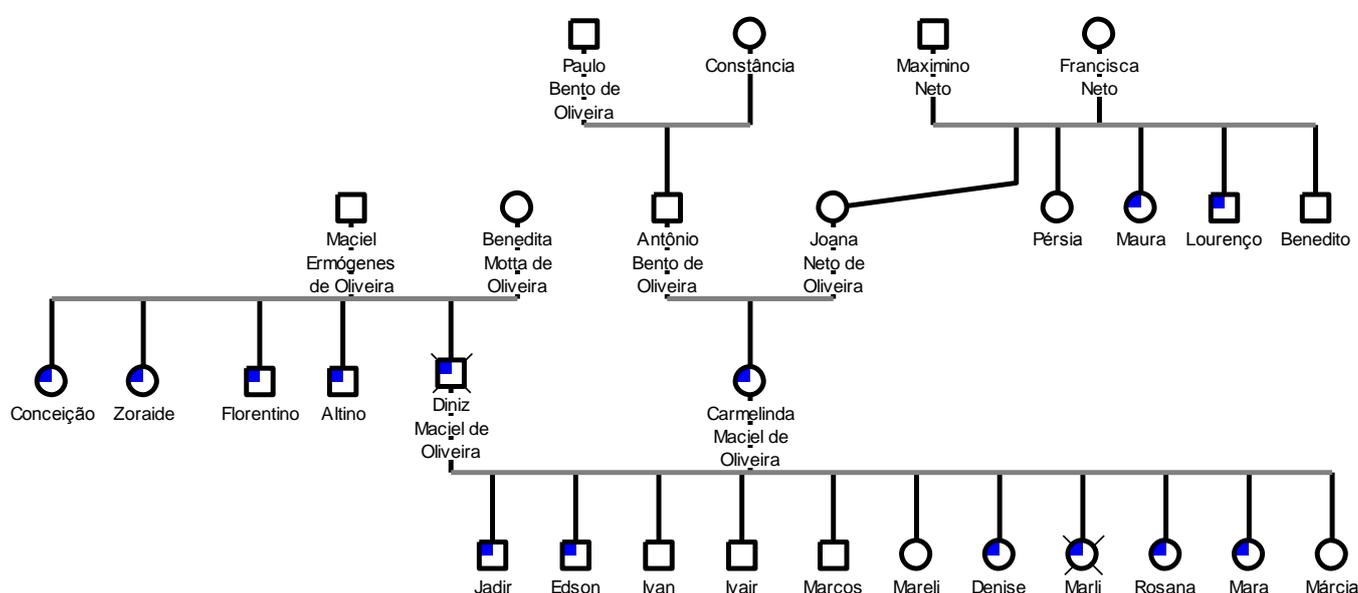
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Cerca de 20 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Carmelinda Maciel de Oliveira</b>	70	Aposentada
Mara Maciel de Oliveira	43	Dona de casa

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Carmelinda morou até 1957 com os pais em uma casa de taipa onde hoje é terreno de Evandro Mesquita. De acordo com Carmelinda, Evandro Mesquita retirou a família do terreno onde moravam, e construiu uma casa no morro, para onde foram realocados.

Ao se casar, Carmelinda mudou-se para uma casa no terreno da família de seu marido, Diniz Maciel de Oliveira. O casal permaneceu na mesma casa até 1991, quando passou a residir na atual residência, construída no mesmo terreno.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/14

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 3 84147 E / 736 0 316 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe ("muito antiga")
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Não informado
DOCUMENTAÇÃO	Não informado
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado/ Céu aberto

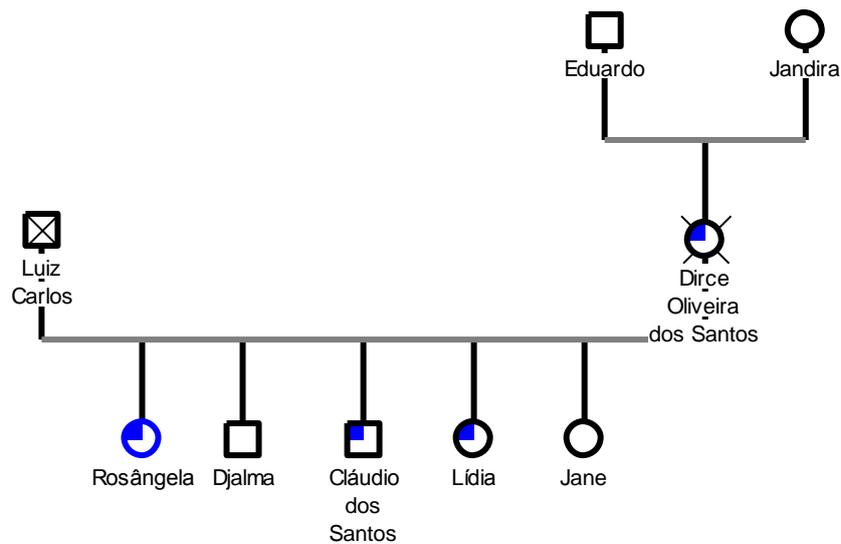
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	37 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Rosângela dos Santos Jorge</b>	37	Aposentada

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

Rosângela dos Santos Jorge tem 37 anos e reside na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu, nunca tendo ocupado nenhuma outra moradia.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

|

( )

# FICHA DE MORADIA

04/13

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384130E / 73603195 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	16 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa/Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Queimado/Enterrado, céu aberto

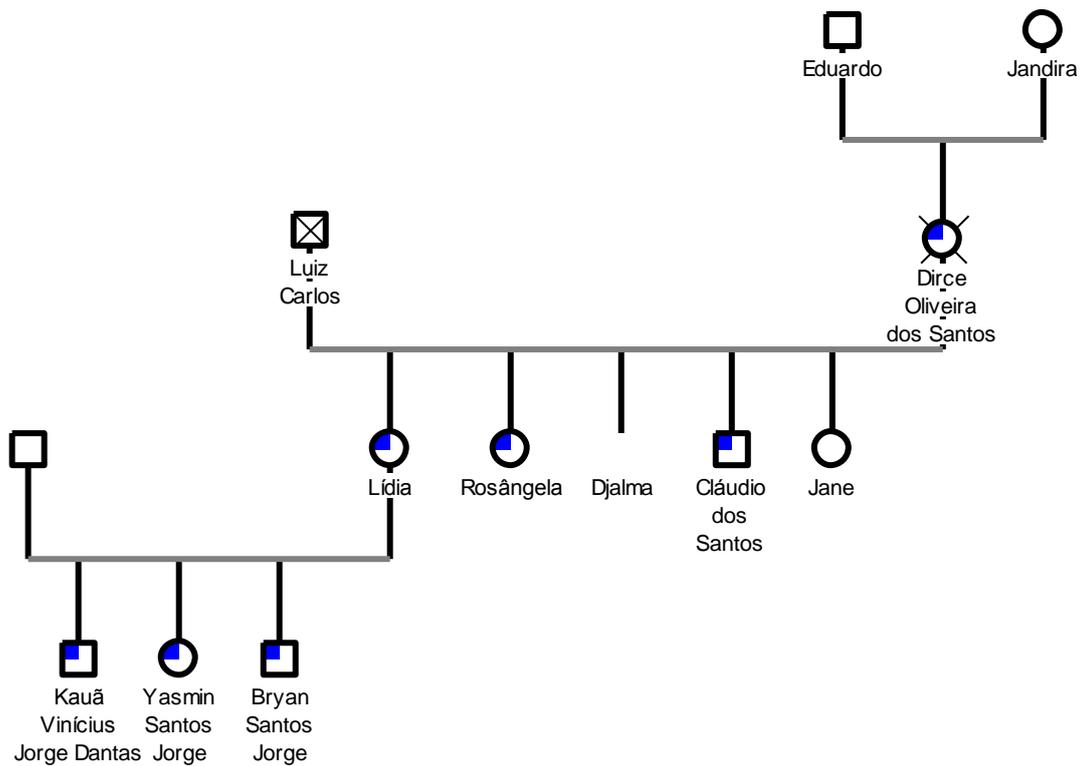
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	16 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Lídia dos Santos Jorge</b>	28	Desempregada
Kauã Vinícius Jorge Dantas	7	Estudante
Bryan Santos Jorge	1	-
Yasmin Santos Jorge	5	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Lídia sempre morou na Prainha Branca, primeiro na casa da família, e há 16 anos da casa onde hoje reside com os filhos.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384229 E/ 7360131 S

**IMAGENS****2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	6 anos
MATERIAIS	Madeira reciclada
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

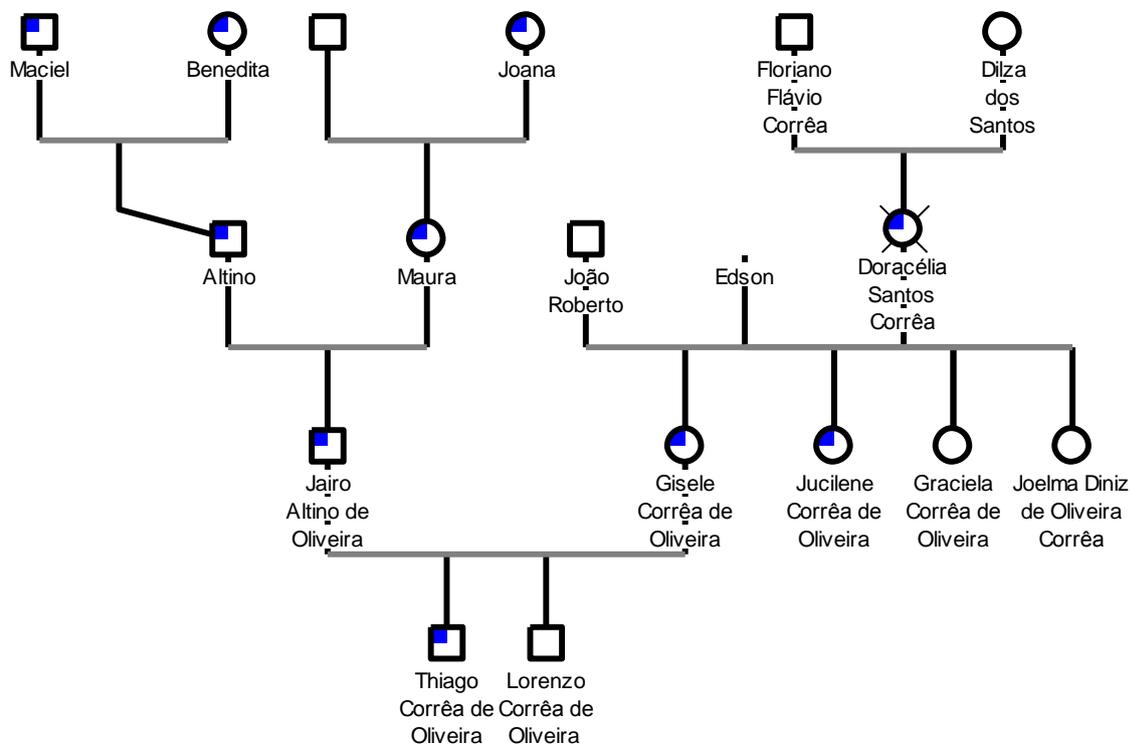
### 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Morada e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	6 anos

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Gisele Corrêa de Oliveira</b>	35	Dona de casa
Jairo Altino de Oliveira	39	Balconista
Thiago Altino de Oliveira	06	Estudante

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Gisele Corrêa nasceu na Prainha Branca e morou na casa dos pais, onde atualmente mora a irmã Jucilene, até se casar com Jairo Altino, que também nasceu na Prainha Branca.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/15

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384136 E/ 7360316 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	16 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado /céu aberto

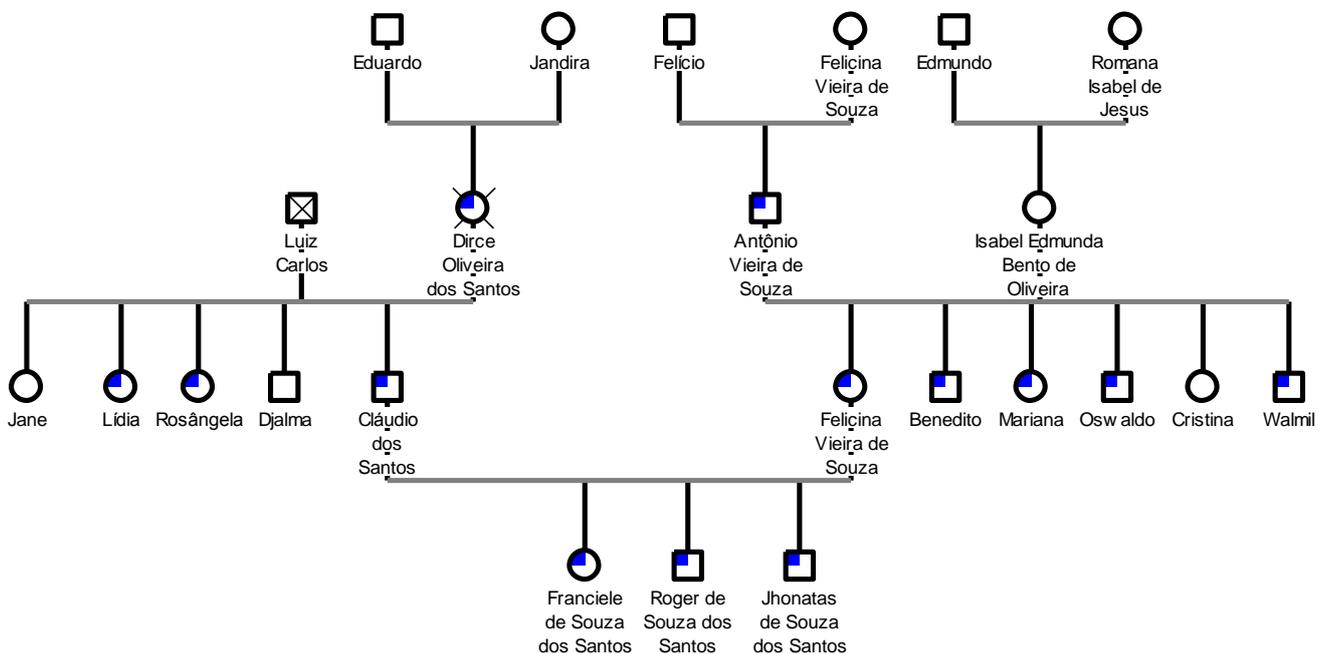
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	16 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Felicina Vieira de Souza</b>	36	Comerciante
Cláudio dos Santos	41	Pedreiro
Franciele de Souza dos Santos	17	Garçonete
Roger de Souza dos Santos	14	Caminhoneiro

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Felicina de Souza e Cláudio dos Santos nasceram e foram criados na Prainha Branca. Ambos moraram na casa de familiares quando jovens.

A casa onde moram hoje foi construída há 16, quando se casaram, em terreno do pai de Cláudio, Luis Carlos dos Santos.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384229 E / 7360131 S

IMAGENS



**2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	Mais de 40 anos
MATERIAIS	Mista – bloco e madeira
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

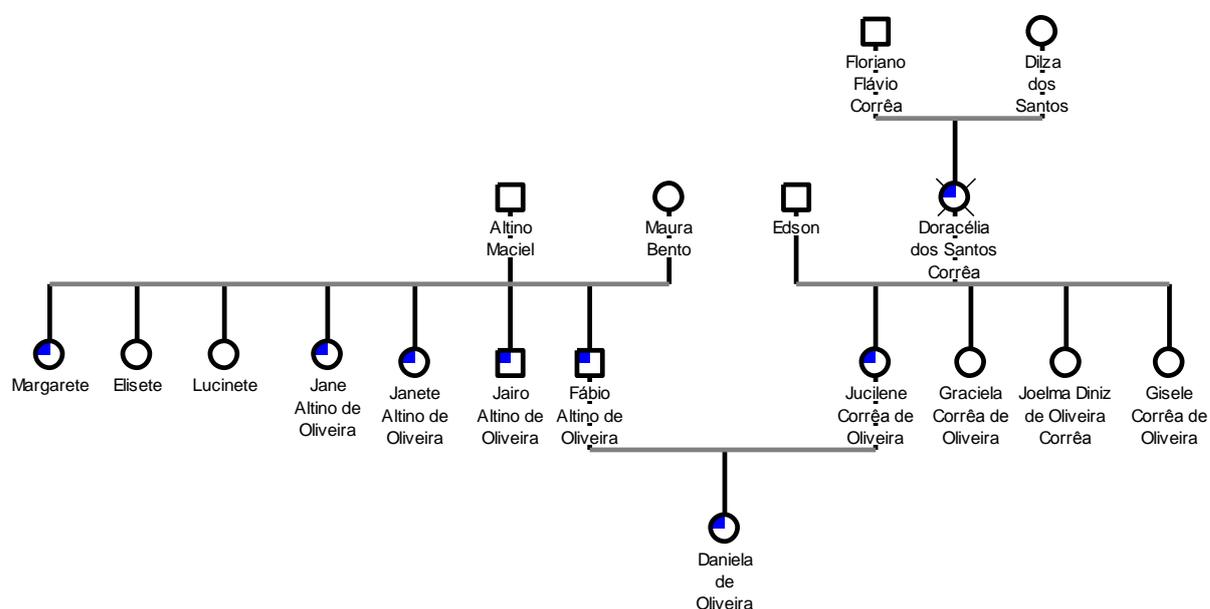
**3. OCUPAÇÃO E USO**

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	27 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Jucilene Corrêa de Oliveira</b>	27	Comerciante
Fábio Altino de Oliveira	38	Despachante
Daniela Oliveira	04	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Jucilene Corrêa nasceu na Prainha Branca, nunca saiu da comunidade e atualmente mora com o esposo na casa que era dos pais. A atividade de camping é desenvolvida por ela, sua irmã e padrasto, no terreno onde moram, e o dinheiro é compartilhado entre os três.

A entrevistada conta que o terreno tem históricos de conflitos, tanto por parte do Evandro, que se diz dono das terras, quanto por parte da advogada, sócia do verdadeiro dono, que tenta reaver as terras.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/20

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384179 E/ 7360026 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Mais de 80 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

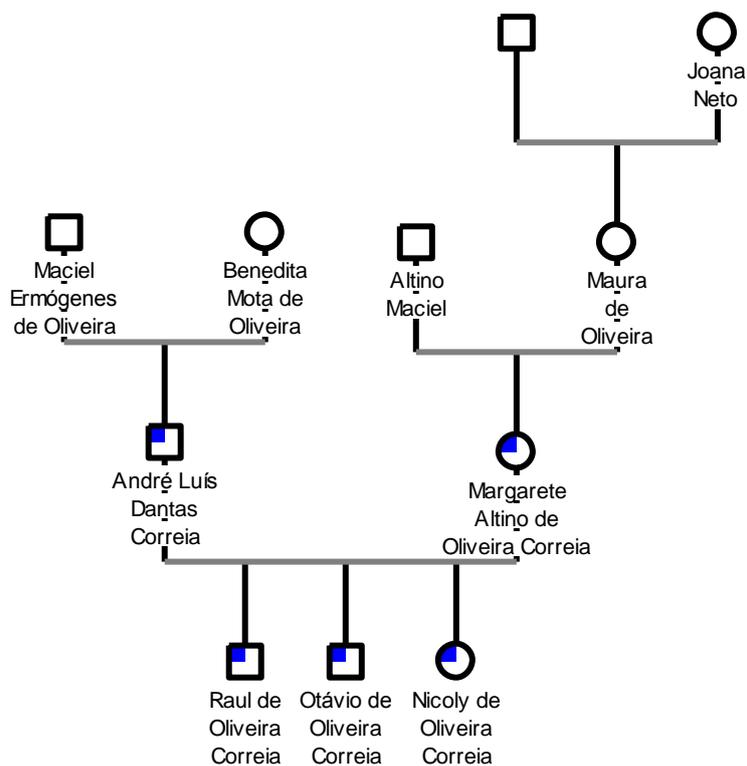
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	13 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Margarete Altino de Oliveira Corrêa	36	Balconista
André Luís Dantas Corrêa	37	Bilheteiro
Raul de Oliveira Corrêa	12	Estudante
Otávio de Oliveira Corrêa	10	Estudante
Nicolý de Oliveira Corrêa	05	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Margarete Altino sempre morou na Prainha Branca. Até os 10 anos morou na casa em frente a Praia, onde atualmente mora o "Beto", que foi vendida a um representante do Evandro. Desde então mora no atual terreno, apenas mudou de casa quando se casou, deixando a casa dos pais para morar na casa que pertencia à avó.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/23

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384135 E/ 7359930 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	25 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco.
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (terreno do sogro)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

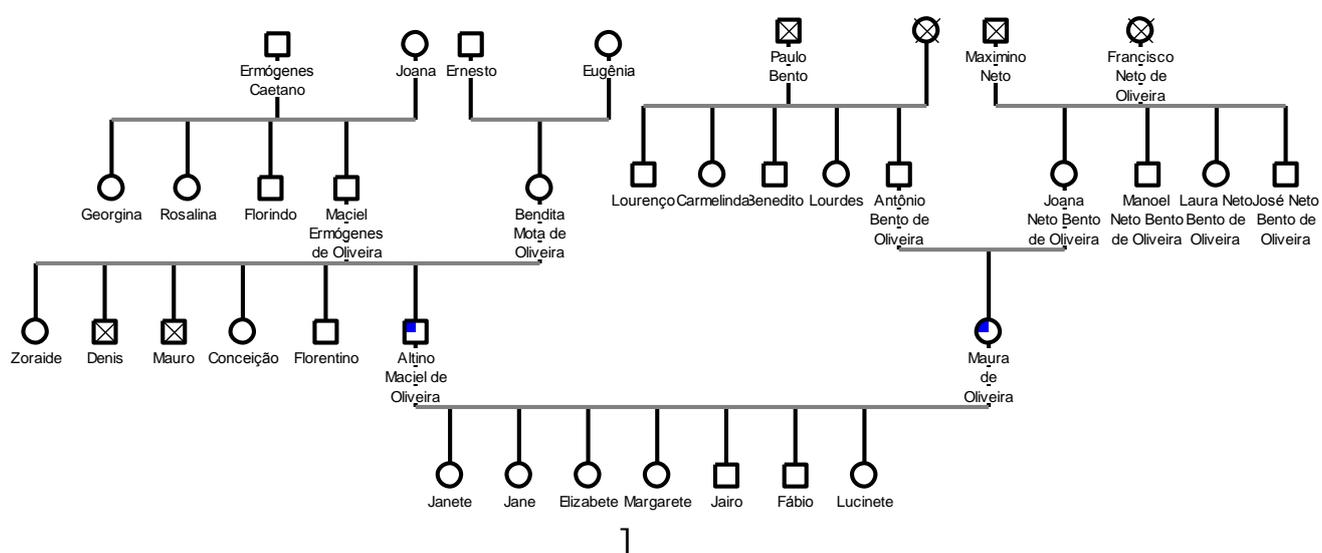
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO DE USO	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	25 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Altino Maciel de Oliveira</b>	72	Aposentado
Maura de Oliveira	62	Dona de casa

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ambos os ocupantes da moradia sempre residiram na Prainha Branca. Altino Maciel residia com a família em outro terreno localizado na Prainha Branca, terreno esse que foi vendido e hoje faz parte da área de Evandro Mesquita.

A casa onde moram hoje foi construída após o casamento, em terreno da família de Maura.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

( )

# FICHA DE MORADIA

04/26

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 246 E / 7. 360 433 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	16 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outro
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

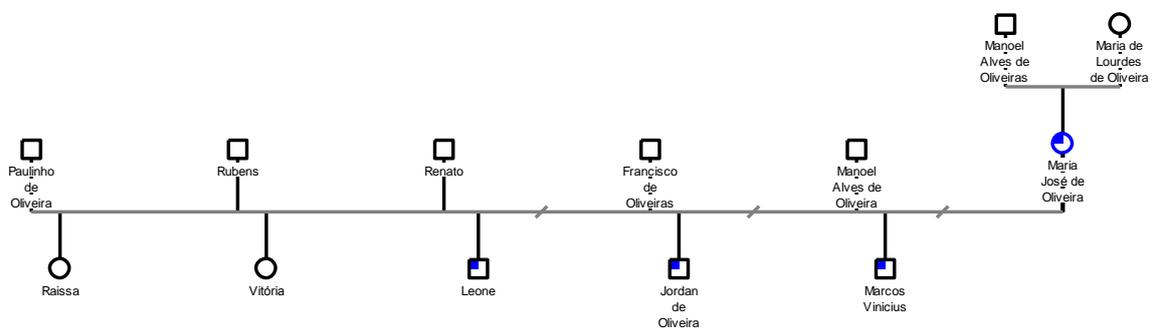
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia/Camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	16 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Maria José de Oliveira</b>	47	Camping
Jordan de Oliveira	18	Guarda-vida

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria chegou à Prainha Branca há 15 anos e casou-se com o irmão de Mariana. Morava em outra casa no mesmo terreno, antes de se mudar para onde vive hoje.

A casa em que ela reside era propriedade de José Martins, que antes de morrer vendeu para Evandro.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

( )

# FICHA DE MORADIA

04/03

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 182 E / 7. 360. 429 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	29 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (mãe herdou do avô)
DOCUMENTAÇÃO	Não soube informar

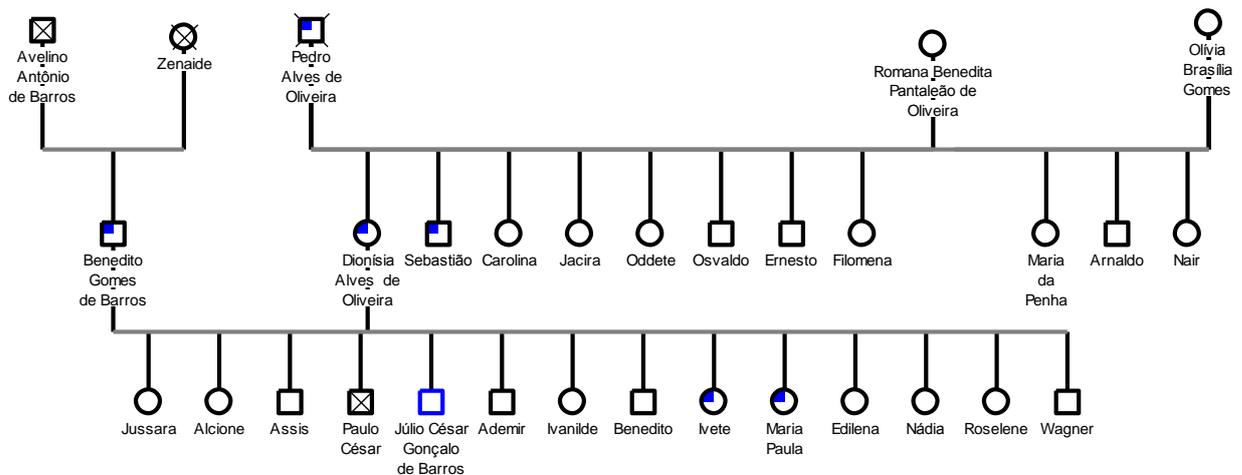
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	29 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Júlio Cesar Gonçalves de Barros</b>	49	Marinheiro

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Júlio Cesar Gonçalves de Barros nasceu em 1962, na comunidade da Prainha Branca. Morou com sua mãe, que chegou na comunidade aos 07 anos de idade, no terreno ao lado de sua atual moradia, que foi construída quando tinha 20 anos.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 119 E /7 360. 497 S

## IMAGENS

**2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	34 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Queimado/Enterro

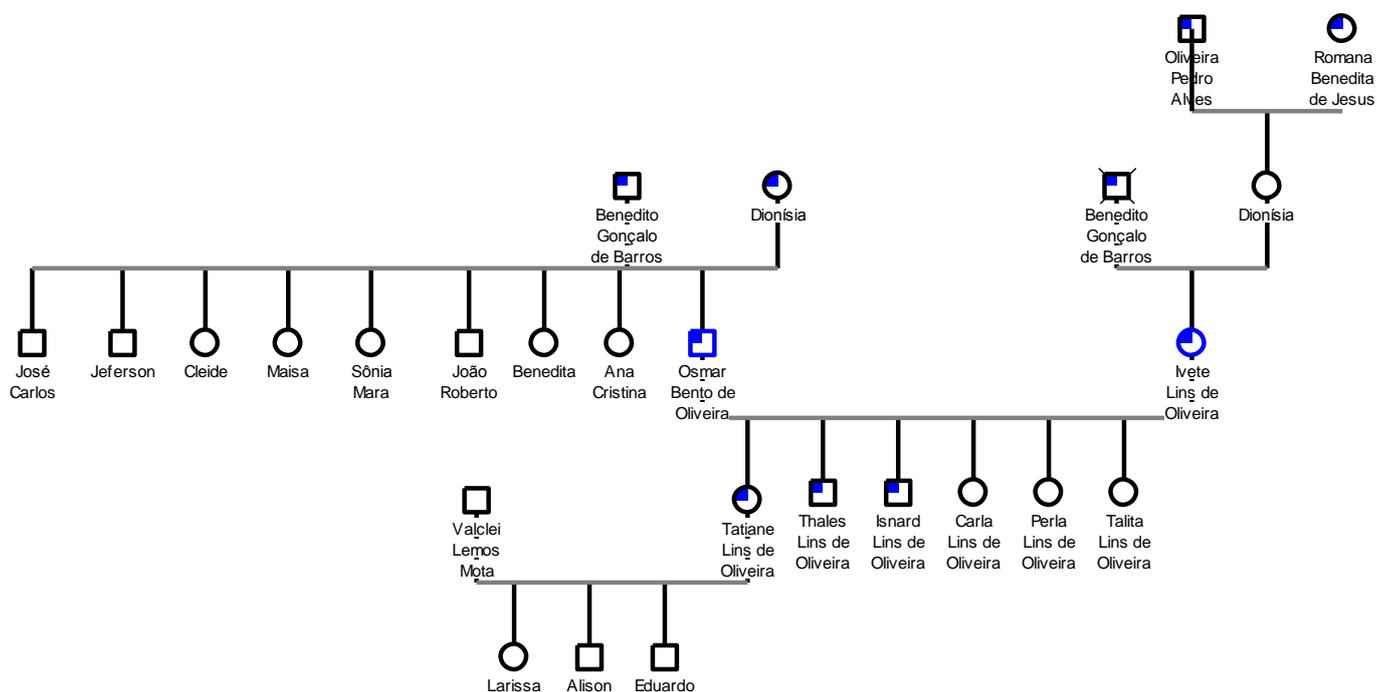
**3. OCUPAÇÃO E USO**

TIPO (OU USO) | Moradia

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Ivete Lins de Oliveira</b>	53	Do lar
Osmar Bento de Oliveira	54	Marinheiro
Ismar Lins de Oliveira	25	Marinheiro
Thales Lins de Oliveira	14	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ivete morava na casa de sua mãe e seu esposo morava na casa da mãe dele, a Maria dos Santos. O terreno que era de Maria hoje pertence a Evandro.

Maria acredita que estava vendendo apenas parte do terreno para Evandro, por não saber ler assinou um documento em cartório que vendia todo o território para ele. Evandro mandou que Maria e sua família deixassem o terreno. Hoje moram na Vila Zilda.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 191 E / 7. 360. 187 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	30 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Sim (construção de acessos e de muros)
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (cessão)
DOCUMENTAÇÃO	Contrato
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

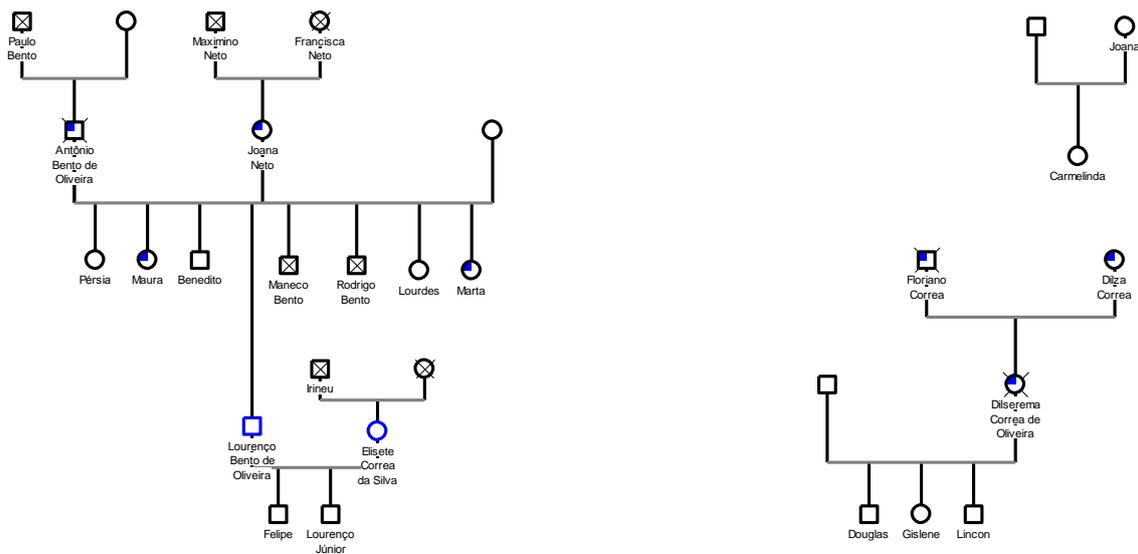
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	30 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Lourenço Bento de Oliveira</b>	59	Aposentado
Elisete Correa da Silva	48	Do Lar

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Lourenço Bento de Oliveira Reside na comunidade desde que nasceu. Morou primeiramente na praia, porém Evandro Mesquita, ex-deputado, comprou sua casa.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384. 060 E / 7. 360. 435 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não lembra (mais de 40 anos)
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (empréstimo)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

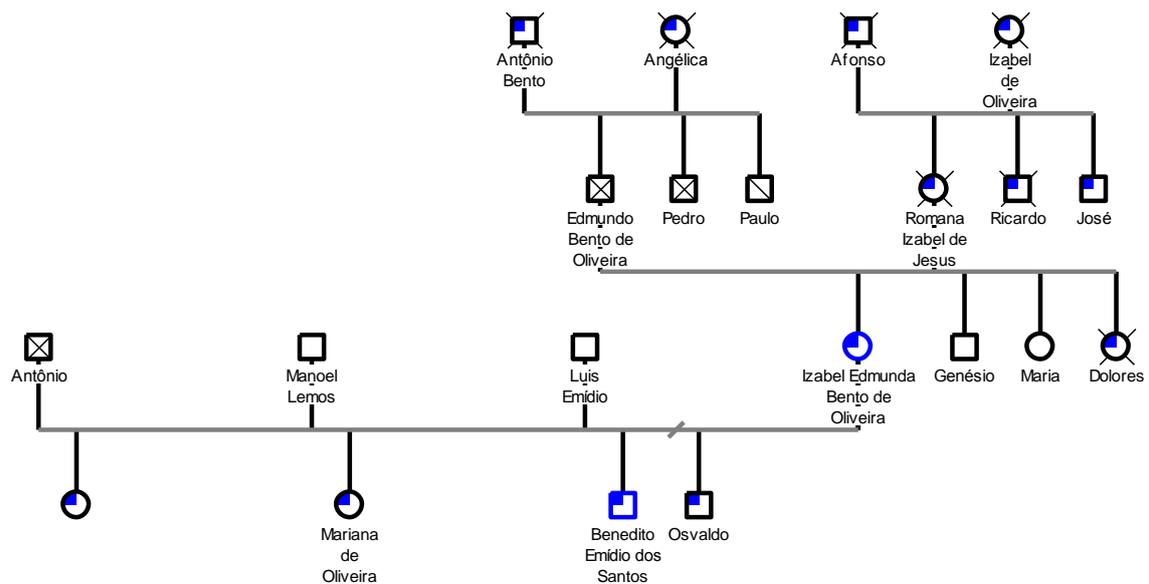
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	40 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Izabel Edmunda Bento de Oliveira</b>	64	Aposentada
Benedito Emídio Santos	53	Cozinheiro

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Izabel Edmunda Bento de Oliveira reside na comunidade da Prainha Branca há 40 anos e, desde então, sempre ocupou a mesma

residência. A casa passou por reformas, já que anteriormente era construída em madeira fraca.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	3 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (Tia Benedita)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

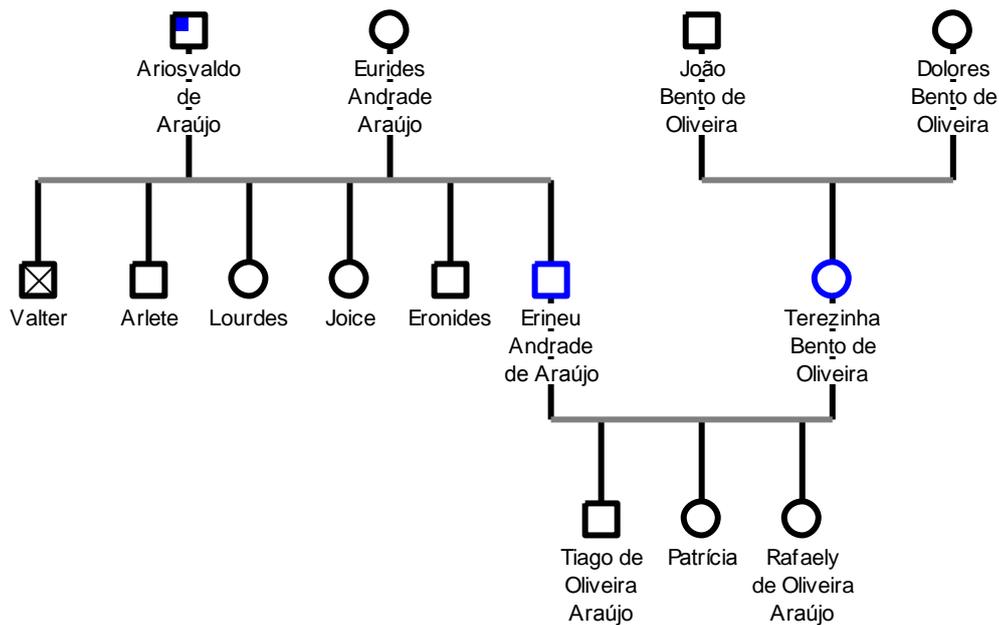
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	3 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Terezinha Bento de Oliveira</b>	39	Doméstica
Erineu Andrade de Araújo	41	Pedreiro
Tiago de Oliveira Araújo	21	Porteiro
Rafaely De Oliveira Araújo	14	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Terezinha Bento de Oliveira reside na comunidade da Prainha Branca há 36 anos e em sua atual moradia há três. Quando chegou com seus pais, morou com a Tia Benedita e, logo após, mudou-se para uma casa de barro, antes de se mudar para sua atual residência.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): [coordenadas GPS]

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	23 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

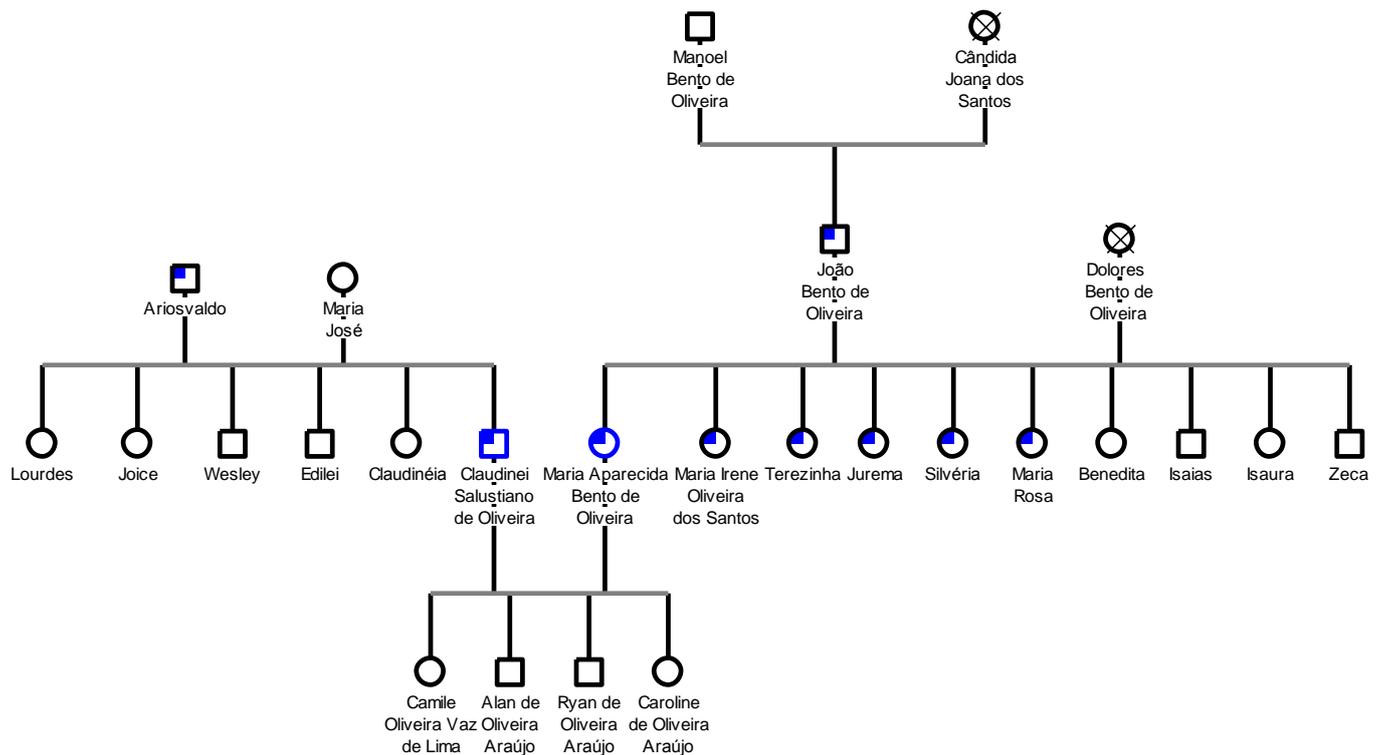
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	23 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Maria Aparecida Bento de Oliveira</b>	37	Do lar
Claudinei Salestiano de Araujo	37	Mestre de Obras
Camile Oliveira Vaz de Lima	16	Estudante
Alan de Oliveira Araujo	14	Estudante
Ryan de Oliveira Araujo	08	Estudante
Caroline de Oliveira Araujo	06	Estudante
João Bento de Oliveira	74	Aposentado

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria Aparecida morava com sua tia Benedita em uma casa de barro construída no mesmo terreno. Viveu lá por 11 anos. Após este período seu pai construiu a casa em que vivem hoje.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 250 E / 7 360 217 S

**IMAGENS****2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	26 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Titulo de posse
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

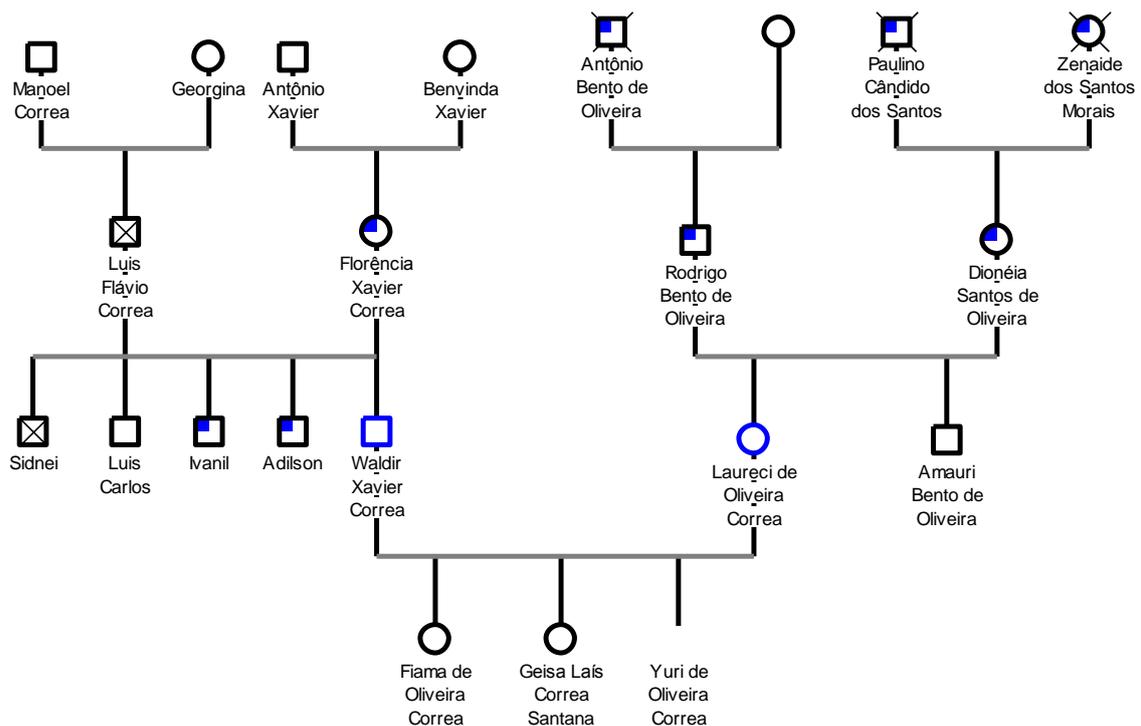
**3. OCUPAÇÃO E USO**

TIPO (OU USO)	Moradia e pousada/camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	26 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Laureci de Oliveira Correa</b>	51	Comerciante
Waldir Xavier Correa	55	Comerciante
Iuri de Oliveira Correa	09	Estudante
Fiama de Oliveira Correa	19	Estudante
Geisa Laís Correa Santana	25	Secretária

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Laureci morava com a mãe na casa ao lado. Quando se casou com Waldir, construiu a casa em que residem hoje.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 211 E / 7 360 091 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	6 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Doação
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa Séptica
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	6 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME

IDADE

OCUPAÇÃO

**Felipe da Silva Corrêa**

26

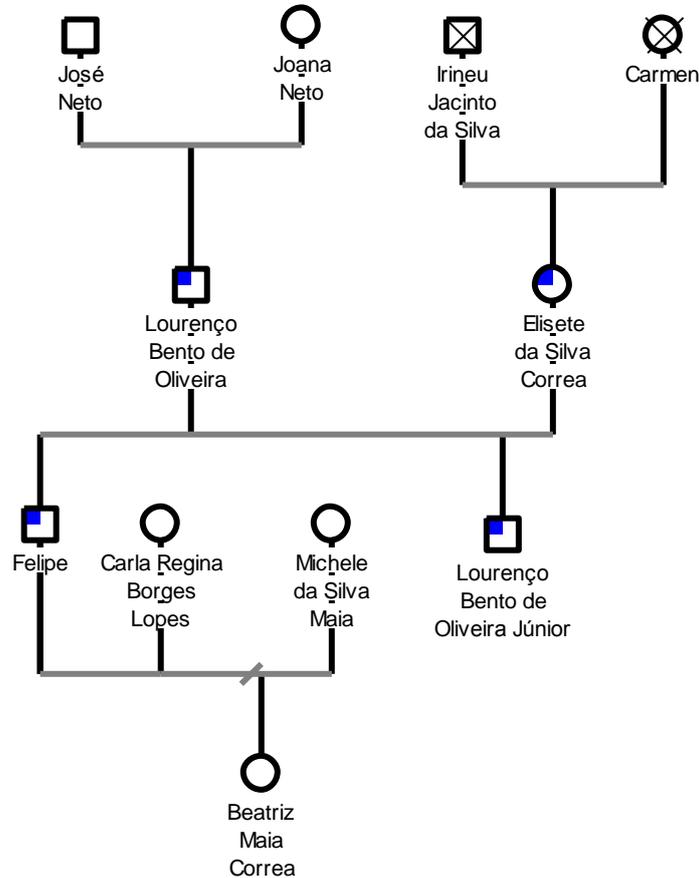
Autônomo

Carla Regina Borges Lopes

26

Corretora de seguros

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Felipe da Silva Corrêa cresceu e passou a juventude na Prainha Branca. Morou na casa de seus pais até 2005, quando ganhou da família o terreno onde hoje vive.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/12

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384231E / 7360426S

### IMAGENS



Quartos para aluguel

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Sim, 1991
FORMA DE AQUISIÇÃO	Usucapião
DOCUMENTAÇÃO	Título de posse

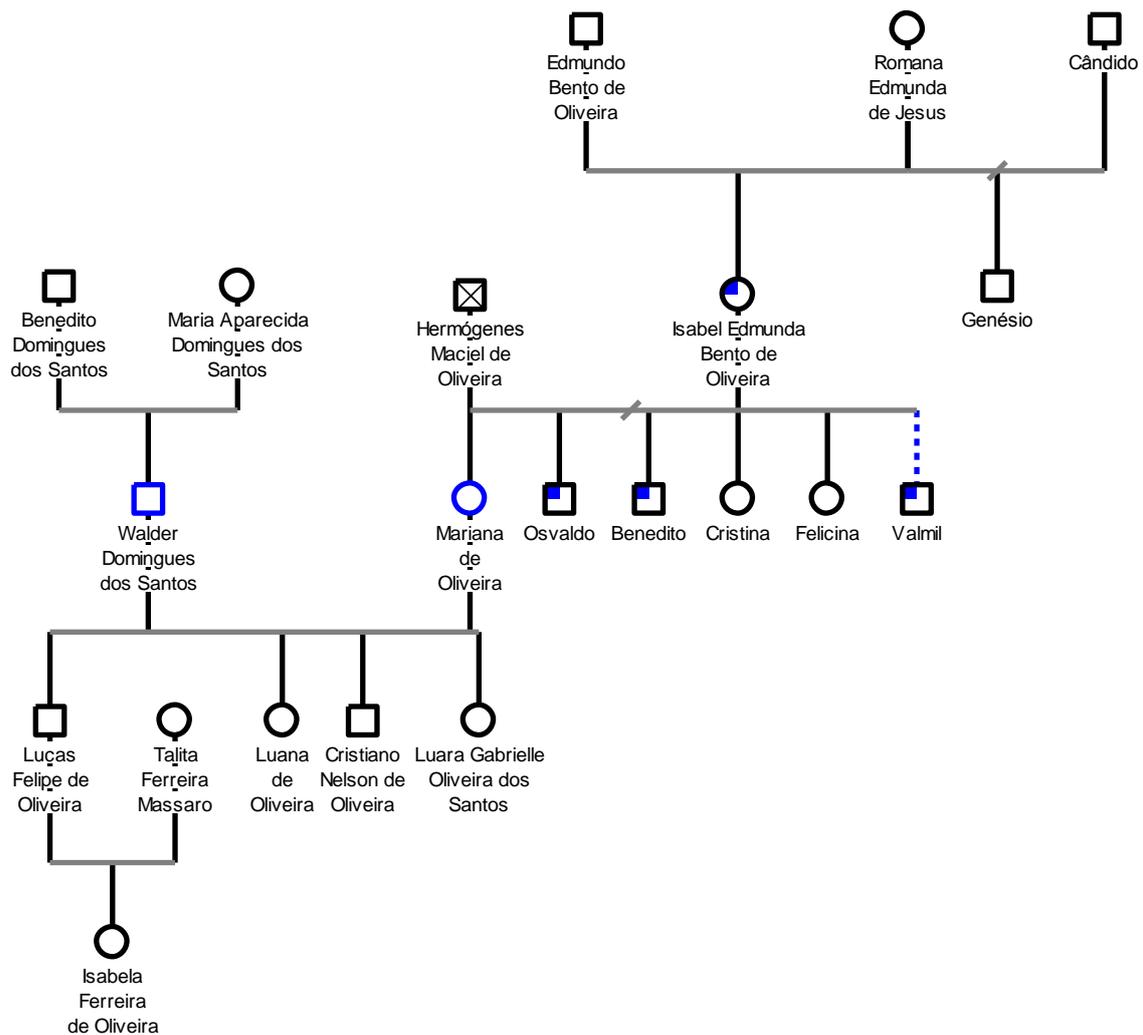
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	26 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Mariana de Oliveira</b>	49	Comerciante
Walder Domingues dos Santos	40	Marinheiro
Lucas Felipe de Oliveira	29	Turismólogo
Luana de Oliveira	26	Vendedora
Cristiano Nelson de Oliveira	25	Arrecadador
Luara Gabrielle de Oliveira dos Santos	17	Estudante

#### GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Mariana de Oliveira morou com a mãe, Isabel Edmunda Bento de Oliveira, e seus cinco irmãos até 1985. Nesse ano passou a morar no terreno onde hoje vive, a pedido do antigo proprietário, que deixou a seu encargo os cuidados do terreno.

Mariana e a família passaram a morar em instalação antes utilizada como casa do gerador, que existe desde 1972. A casa foi reformada em 1991 e desde então não passou por alterações.

Construiu quartos com madeirite reciclada, instalações que aluga em finais de semana, feriados e durante temporadas e utiliza parte do terreno como área para camping.

O único período em que esteve fora da Prainha Branca foi em 1983, quando passou quatro meses em São Paulo.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384211E / 7360039S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	1 ano
MATERIAIS	Madeira reciclada
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Cessão
DOCUMENTAÇÃO	Não

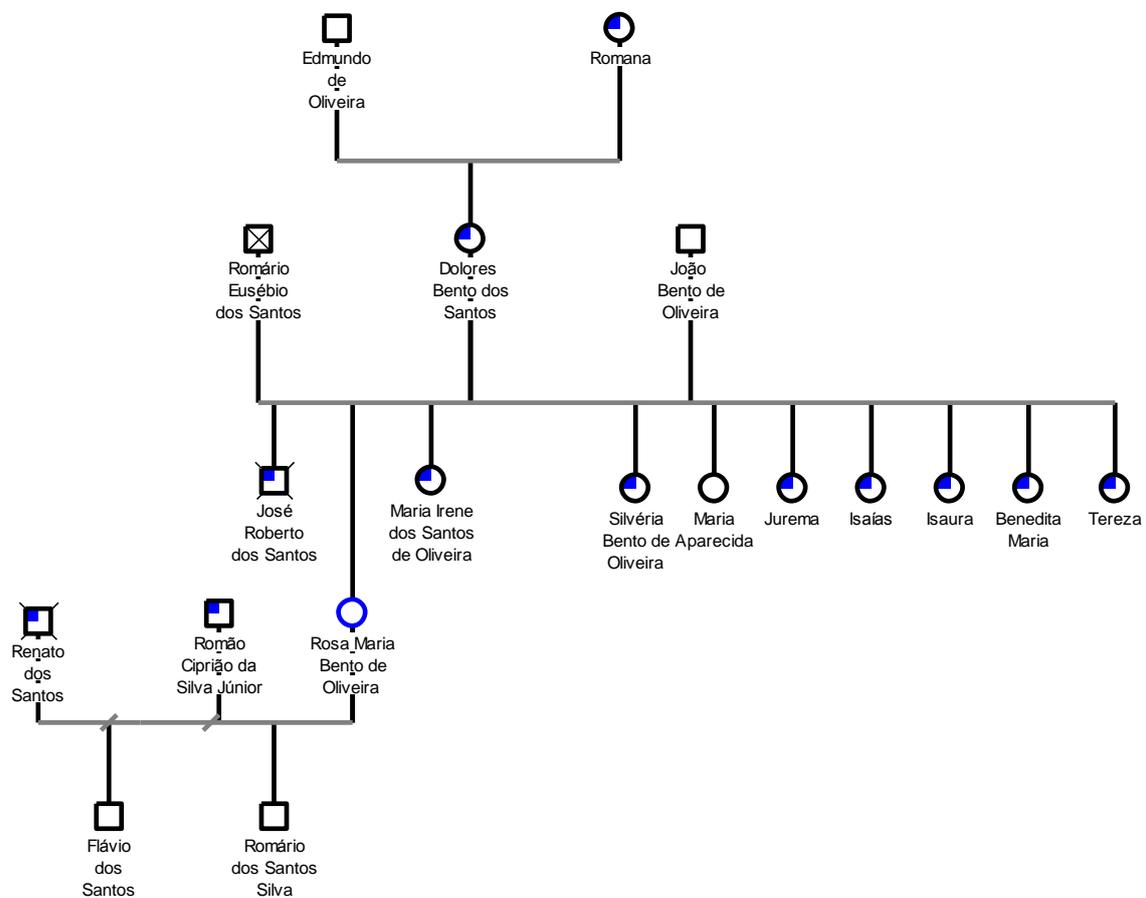
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	1 ano

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Rita Maria Bento de Oliveira</b>	51	Doméstica
Flávio dos Santos	26	Coletor
Romário dos Santos Silva	15	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Rosa Maria Bento de Oliveia morava na ilha do Montão de Trigo, e mudou-se para a Prainha Branca com a mãe em 1976.

Sempre morou com a família na mesma porção de terras, considerada do ponto onde reside até a beira da praia.

De 1992 a 2010 morou em uma casa de taipa no mesmo terreno. Em decorrência de avançado estado de conservação, parte da casa caiu em 10 de janeiro de 2010.

A casa onde mora hoje foi construída em terreno cedido pela prima, Vera Lúcia dos Santos.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/10

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384172E / 7359913S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

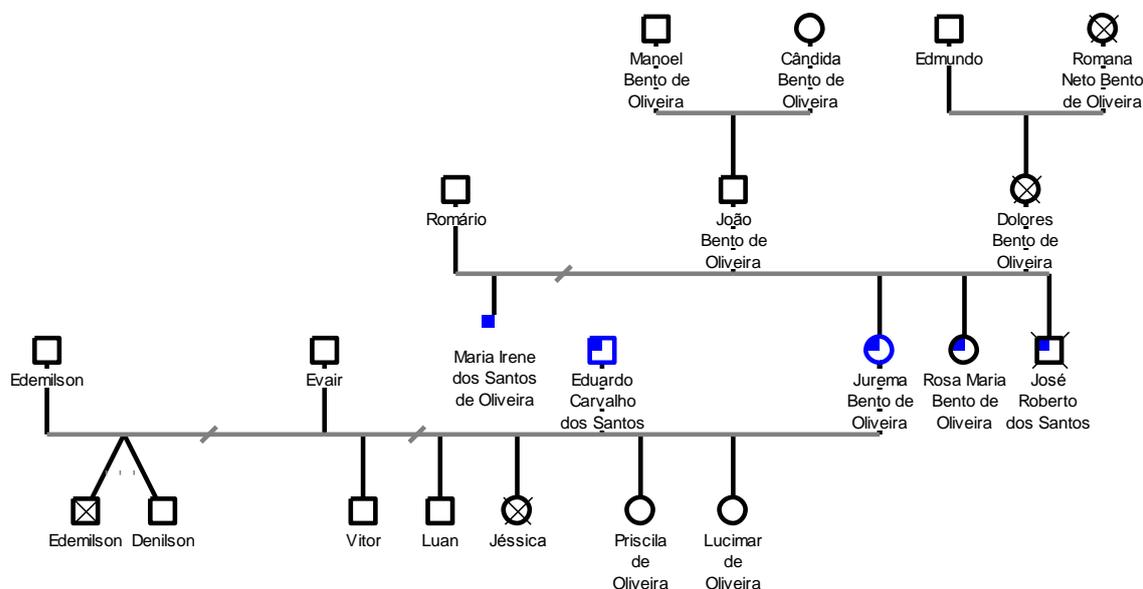
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	22 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Jurema Bento de Oliveira</b>	48	Doméstica
José	28	Pedreiro

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Jurema Bento de Oliveira mudou-se da ilha do Montão de Trigo para a Prainha Branca com a mãe, em 1974, quando tinha 11 anos. Morou na casa de Maciel Hermógenes.

A casa onde mora hoje foi construída com barro em área cedida por Maciel Hermógenes, e posteriormente reformada pelo primeiro marido de Jurema, Eduardo Carvalho dos Santos. Nessa reforma o barro foi substituído por madeira, padrão ainda hoje mantido.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

04/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384096E / 7359908S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Sistema de esgoto (rede geral)
DESTINO DO LIXO	Coletado

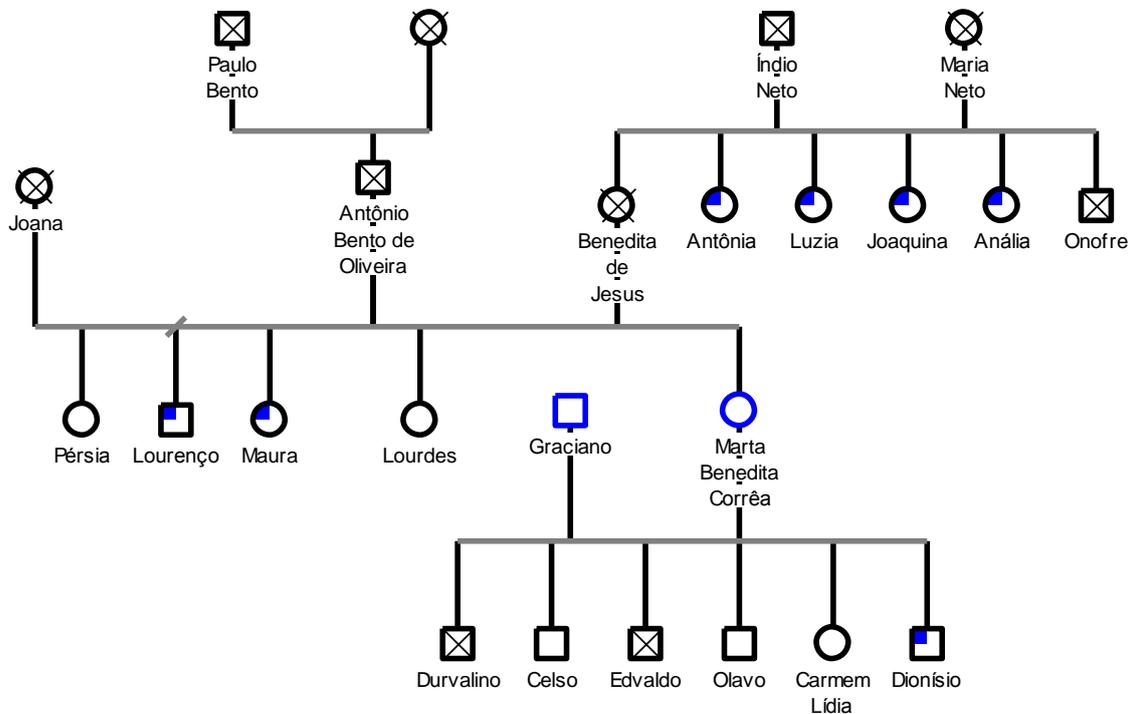
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Não sabe

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Marta Benedita Corrêa</b>	74	Aposentada

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 4

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Marta Benedita Corrêa veio para a Prainha Branca com os pais, quando ainda era criança. Não se recorda de datas precisas, e preferiu não fazer estimativas.

Antes de residir em sua casa atual, Marta morava na casa da frente, no mesmo terreno, hoje ocupada por seu filho Dionísio. Sua casa atual foi construída com alvenaria após o casamento do filho.

Marta morou com os pais em outra localidade na Prainha Branca, cuja história preferiu não mencionar.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

**DIAGRAMA 05**  
**Família Cândido dos Santos**

# FICHA DE MORADIA

05/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.122.105 E / 7.359.541.925 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos, aproximadamente.
MATERIAIS	Madeira reciclada
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

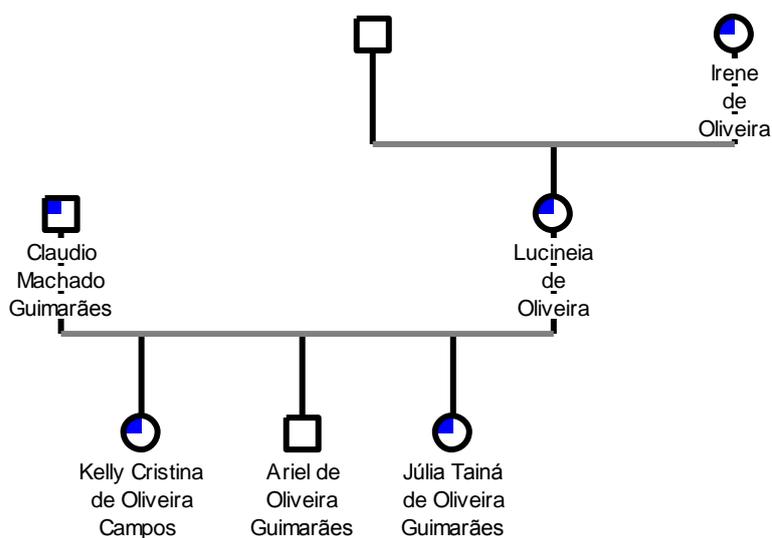
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Não informado

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Lucinéia de Oliveira	32	Do lar
Cláudio Machado Guimarães	32	Ajudante de pedreiro
Kelly Cristina Oliveira Campos	08	Estudante
Ariel Oliveira Guimarães	03	Estudante
Julia Tainá Oliveira Guimarães	05	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Lucinéia de Oliveira reside na Prainha Branca desde seu nascimento, na mesma moradia, e nunca morou fora da comunidade.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

|

( )

# FICHA DE MORADIA

05/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.122 E/ 7.359.541 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Aproximadamente 40 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sem, em processo
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

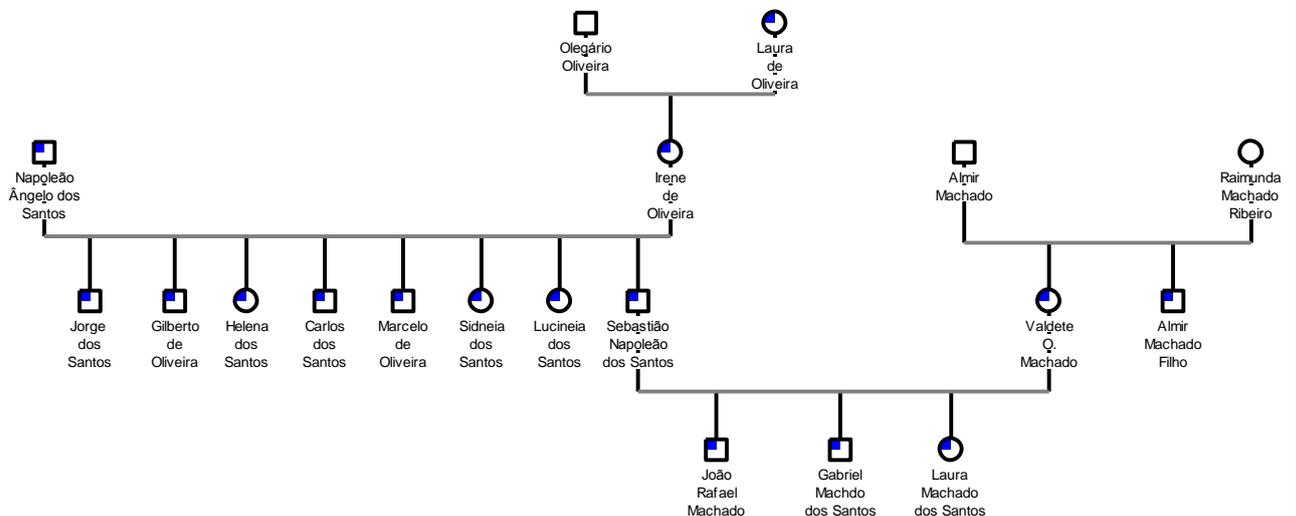
### 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Morada e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	40 anos

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Sebastião Napoleão dos Santos</b>	40	Comerciante
Valdete Oliveira machado	41	Comerciante
João Rafael Machado dos Santos	19	Militar
Gabriel M. dos Santos	15	Estudante
Laura M dos Santos	06	Estudante

### GENEALOGIA



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 5

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Sempre morou na Prainha Branca, a casa onde mora pertencia ao pai, que era caseiro no local.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
(X)	( )

# FICHA DE MORADIA

05/14

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384381 E/ 7360188 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	13 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

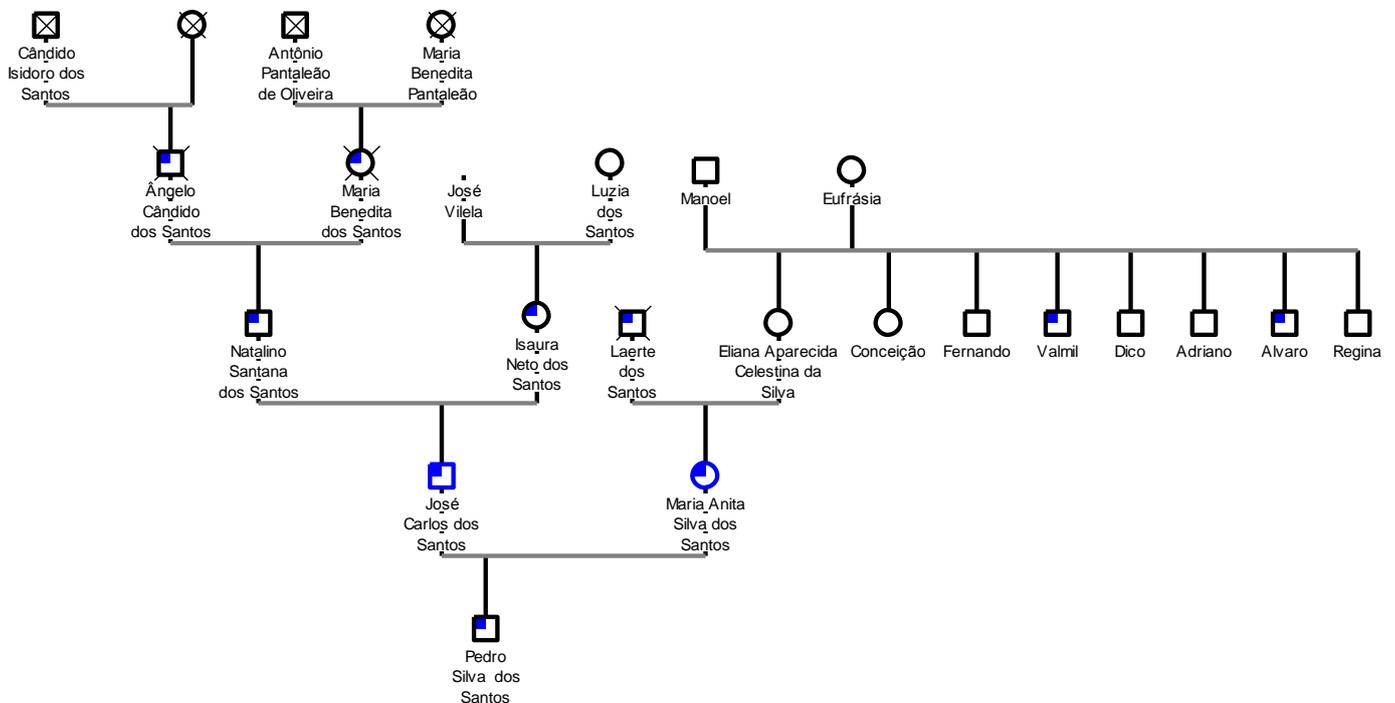
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	13 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>José Carlos dos Santos</b>	39	Comerciante e carpinteiro
Maria Dantas Silva dos Santos	29	Assistente administrativo
Pedro Silva dos Santos	12	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Carlos nasceu na Prainha Branca, se mudou para Campinas em 1999 quando a esposa engravidou. Lá permaneceu por 1 ano e 6 meses, e depois voltou para comunidade, no terreno do pai.

Em 1998 começou a cuidar do atual terreno, que antes servia para descarte de lixo, e passou a utilizá-lo como área para camping. Após 11 anos mudou-se para o local e atualmente o utiliza para moradia e renda.

Embora o local apresentasse sinais de abandono, entre 1998 e 2009, Evandro Mesquita alegou ser de sua propriedade o terreno. Contudo José Carlos acredita que a área pertence à família Lemos. O caso segue em processo.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384182E / 7360149S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	11 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não

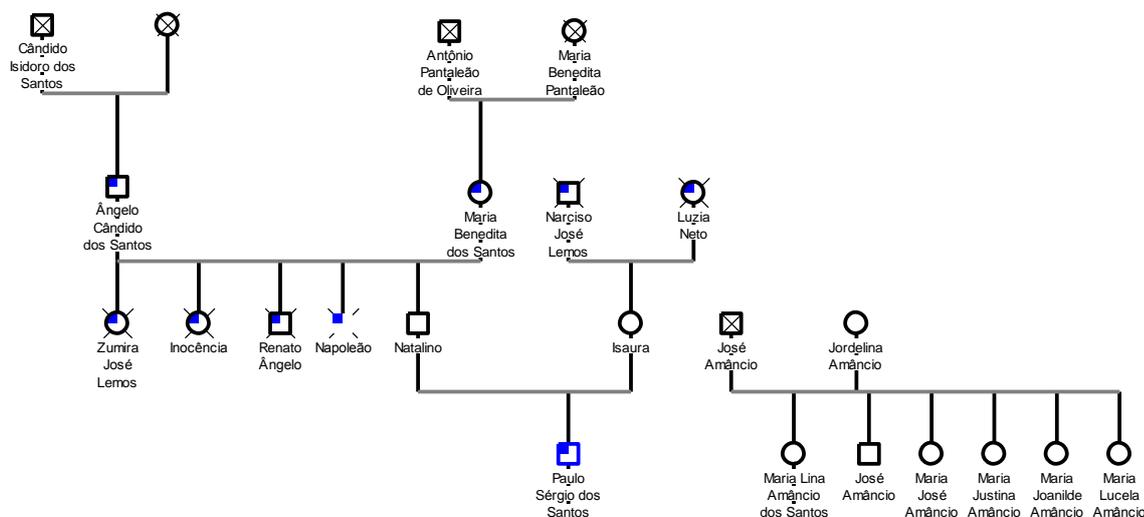
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Segunda residência
TEMPO DE OCUPAÇÃO	3 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Paulo Sérgio dos Santos</b>	40	Funcionário Público
Maria Lina Amâncio dos Santos	44	Funcionária Pública

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Paulo Sérgio morou com o pai, Natalino, até 2004. Manteve um comércio de frutas no local onde é hoje sua casa na Prainha Branca, atividade esta que foi sua principal fonte de renda por 3 anos. Em 2004 passou a morar em Bertioga em razão do seu trabalho e das dificuldades de deslocamento diário. Visita sua casa e família todos os finais de semana.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/10

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384179 E/ 7360156 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Mais de 40 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Sim, não lembra quando.
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não

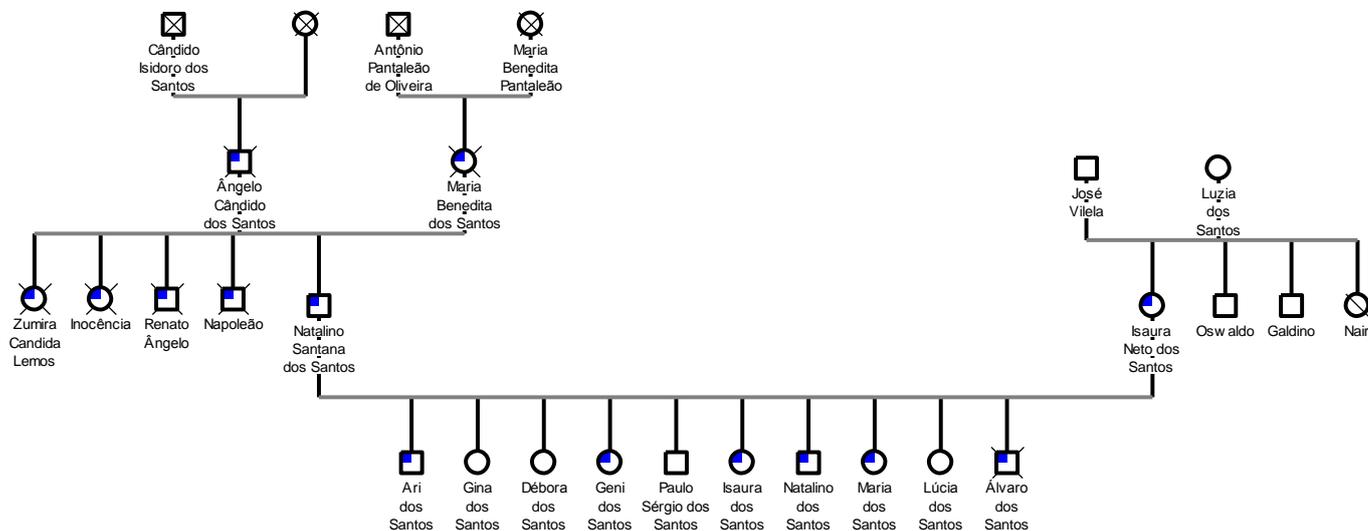
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Não lembra

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Natallino Sant'ana dos Santos	78	Aposentado
Isaura dos Santos	70	Dona de casa
Ari dos Santos	44	Prestador de serviços
Lúcia dos Santos	45	Trabalha no cartório
Isaura dos Santos	42	Dona de casa

## GENEALOGIA

**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 5

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Natalino Sant'ana nasceu na Ilha do Montão de Trigo. Em 1942 seus pais se mudaram para a Prainha Branca a convite do Narciso Lemos. Na época que chegaram na comunidades, seu pai desenvolvia agricultura e pesca, juntamente com o Narciso Lemos. A proximidade com a família Lemos, resultou no casamento de Natalino e Isaura Neto, afilhada de Narciso Lemos.

Sua primeira casa, no atual terreno, era de taipa, onde atualmente mora seu filho Natalino. Além dessas duas casas, o terreno abriga a casa de mais três filhos, todos nascidos na Prainha Branca.

O terreno de Natalino Sant'ana está sob processo. O entrevistado conta que em 2008 um oficial de justiça entregou-lhe um pedido de demolição da casa, a mando de Evandro Mesquita, procurador de Jorge Corrêa Porto – Proprietário de várias áreas da Prainha Branca.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/12

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384195 E/ 7360171 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Entre 14 e 15 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Há 3 anos
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

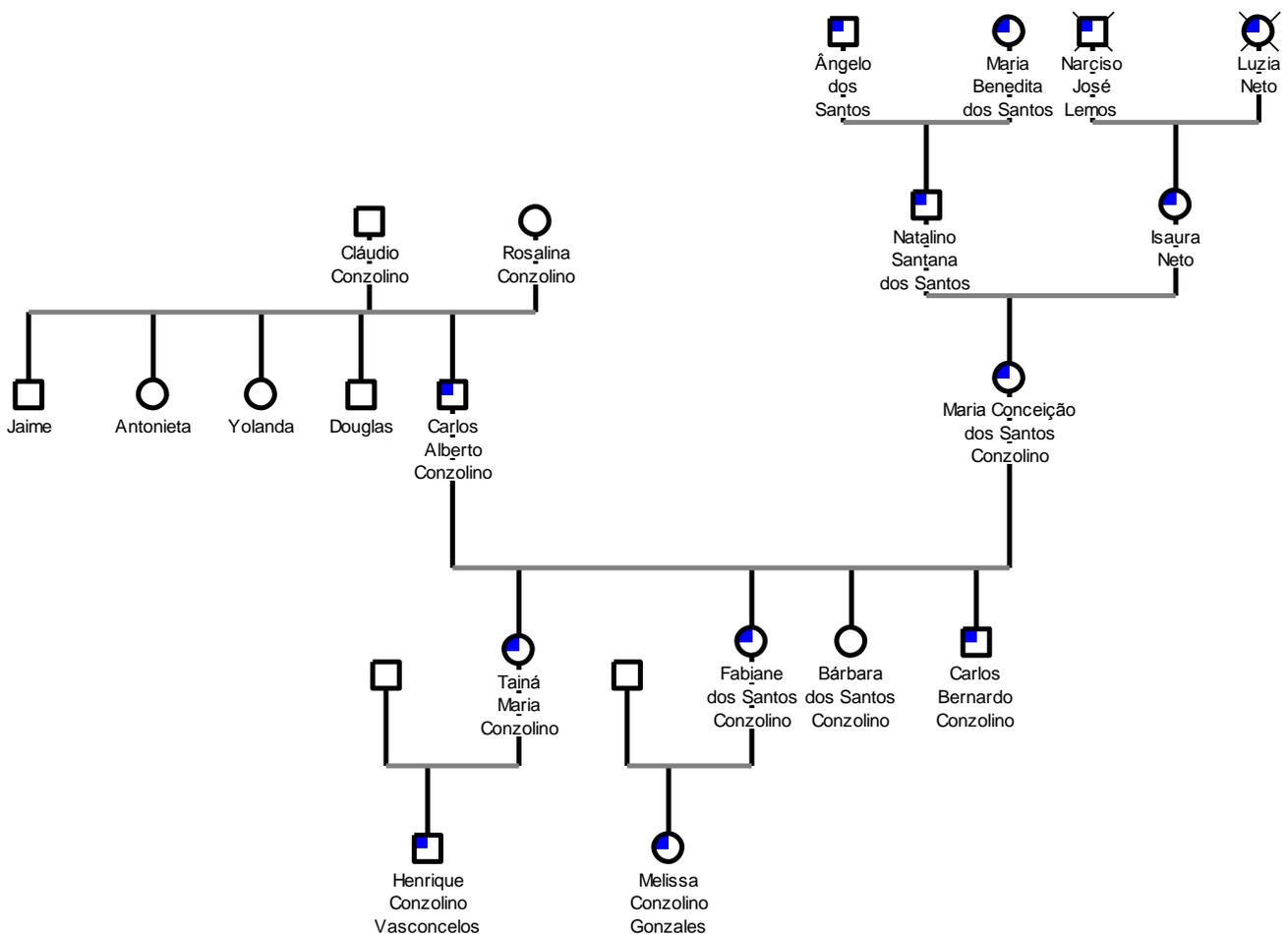
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Maria Conceição dos Santos Conzolino</b>	51	Comerciante
Carlos Alberto Conzolino	54	Comerciante
Fabiane os Santos Conzolino	22	Comerciante
Tainá dos Santos Conzolino	19	Comerciante
Carlos Bernardo Conzolino	10	Estudante
Melissa Conzolino Gonzales	2	-
Henrique Conzolino Vasconcelos	1 mês	-

#### GENEALOGIA



## 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Maria Conzolino nasceu na Prainha Branca. Antes de casa-se com Carlos Alberto, morava com os pais, na casa no mesmo terreno.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/13

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 179 E/ 735 954 8 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	01 ano
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

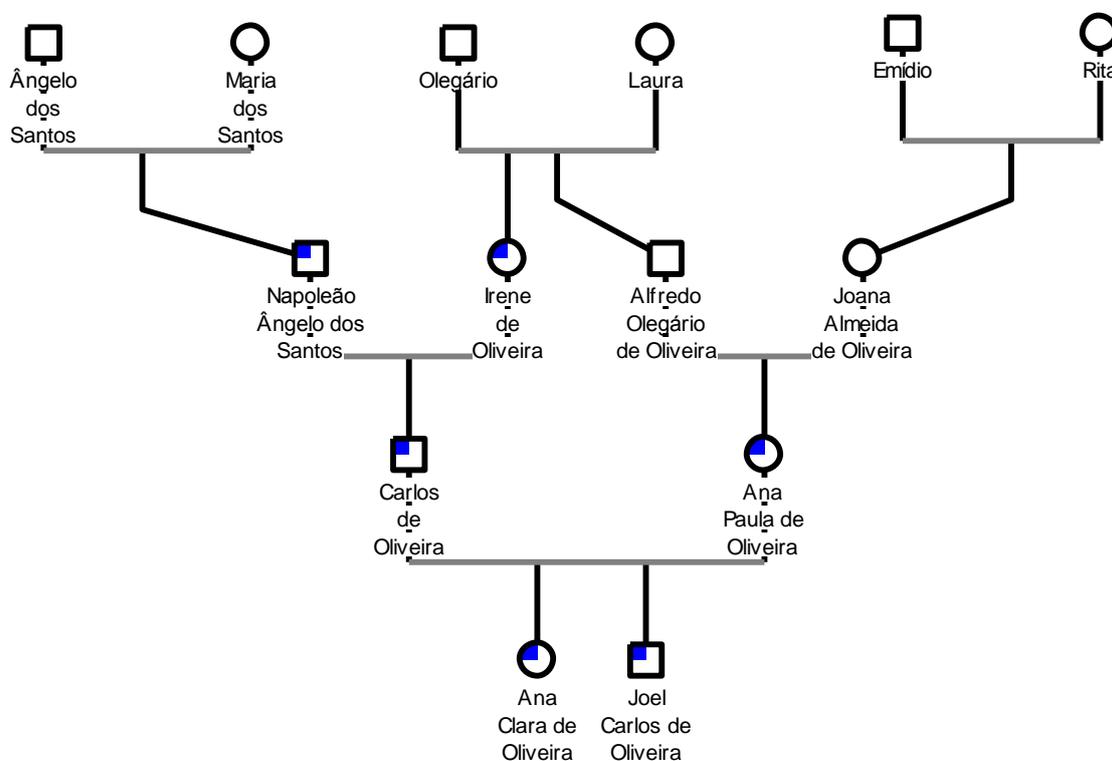
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	01

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Ana Paula de Oliveira	31	Dona de casa
Carlos de Oliveira	36	Pescador
Ana Clara	12	Estudante
Joel Carlos de Oliveira	07	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Carlos de Oliveira nasceu na Prainha Branca, morou até os 24 anos com a mãe, em outra casa no mesmo terreno, quando se casou com Ana Paula e foi morar no "Morro", com a esposa. Há um ano, uma chuva forte derrubou a moradia do casal, no morro. Sem opção, construíram a atual casa no terreno da mãe, onde vivem até hoje.

##### DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( x )

( )

# FICHA DE MORADIA

05/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384186 E/ 7359954 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

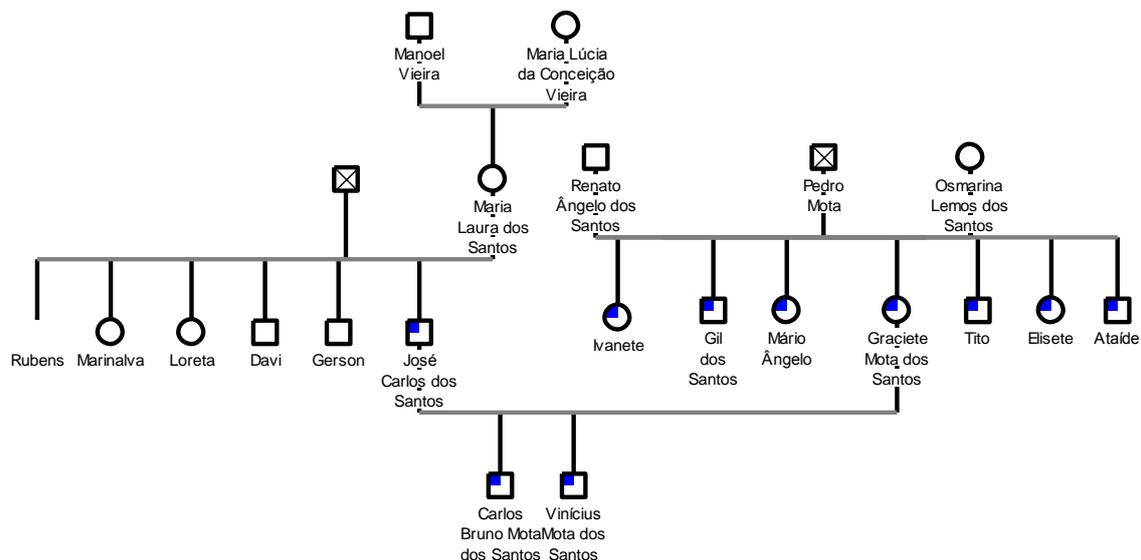
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	20 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
José Carlos dos Santos	58	Pensionista
Graciete Mota dos Santos	59	Dona de casa
Carlos Bruno Mota dos Santos	25	Guarda-vidas
Vinicius Mota dos Santos	22	Guarda-vidas
Osmarina Lemos dos Santos	85	Aposentado
Gil dos Santos		Eletricista

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Carlos mora na Prainha Branca há 30 anos. Inicialmente morou em outra casa no mesmo terreno, onde atualmente funciona o bar da família, em frente a Praia. Devido a ressaca do mar, a casa foi derrubada e então iniciou a construção da atual moradia, que demorou seis anos para o termino.

Sua esposa Graciete Mota dos Santos nasceu na Prainha Branca e só saiu da comunidade por um período curto de tempo, quando se casou com José Carlos e foram morar em Guarujá, até o termino da casa.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384175E / 7360222S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	1955
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Sim, 2009
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Céu aberto

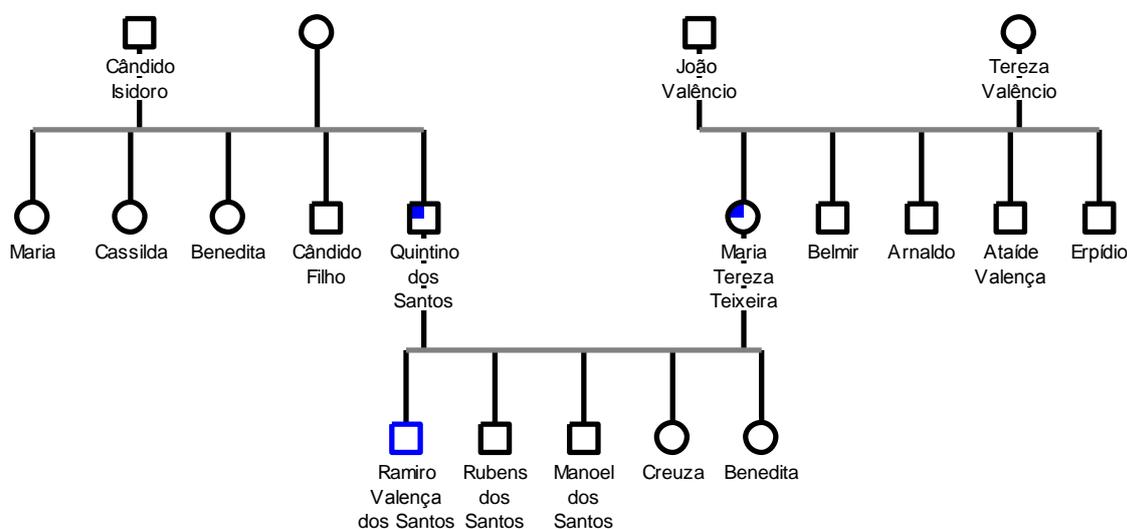
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	56 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Ramiro Valença dos Santos</b>	71	Aposentado

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Ramiro Valença dos Santos reside na Prainha Branca desde 1955, quando se mudou com a família para a comunidade. Durante esses 56 anos morou em duas casas, todas localizadas no mesmo terreno onde hoje reside, terreno esse comprado por sua família em 1957.

A primeira casa foi erguida em 1975, e tinha madeira como principal material construtivo. A casa atual foi construída em 2009, em substituição à antiga, cujo material (madeira) já se encontrava em péssimas condições.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

(X)

( )

# FICHA DE MORADIA

05/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384231E / 7359954S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Sim, 2002
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Queimado/Enterro

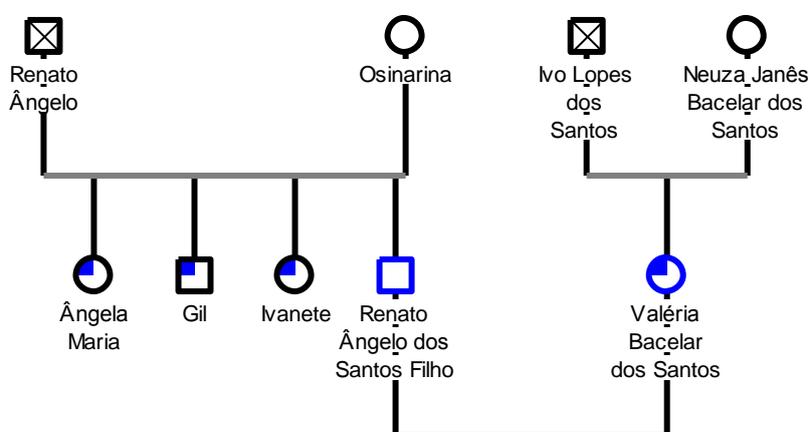
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	6 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Valéria Bacelar dos Santos</b>	45	Desempregada
Renato Ângelo dos Santos Filho	50	Pintor

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Valéria Bacelar dos Santos é natural de São Paulo, e mudou-se para a Prainha Branca após se casar com Renato Ângelo dos Santos Filho em 2002.

Renato cresceu na Prainha Branca, e morou na casa dos pais, localizada no mesmo terreno onde hoje mora, por cerca de 30 anos. Morou fora da Prainha por cerca de 9 anos, período entre 1993 e 2002, quando esteve em São Paulo à trabalho.

A entrevistada não soube informar a idade da construção, que foi reformada em 2005 para que o casal passasse a residir no local. A casa onde vive o casal está localizada em terreno da família Lemos.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO  
TRADICIONAIS

( X )

( )

# FICHA DE MORADIA

05/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384184E / 7360144S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Sim, 2006
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim, escritura.
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa/Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

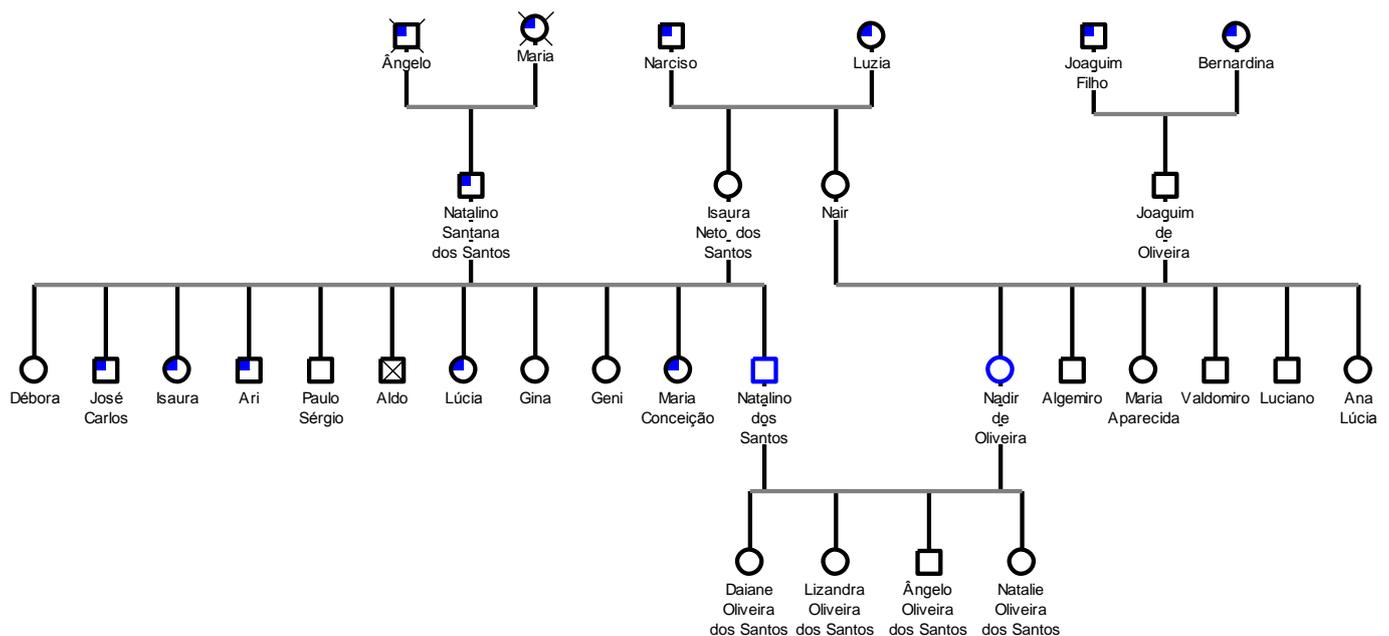
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	20 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Natalinos dos Santos</b>	48	Auxiliar de serviços
Nadir de Oliveira	47	Dona de casa
Natalie Oliveira dos Santos	27	Desempregada
Ângelo Oliveira dos Santos	26	Açougueiro
Elizandra Oliveira dos Santos	17	Estudante
Daiane Oliveira dos Santos	15	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Natalino dos Santos é natural da Prainha Branca. Morou na casa do Pai, Natalino dos Santos durante sua infância e juventude.

Nadir de Oliveira, também nasceu e cresceu na comunidade, e viveu com a família em casa situada no terreno de Evandro Mesquita. A casa foi vendida, e os pais de Nadir passaram a morar em Bertiooga.

Ao se casarem, Natalino e Nadir mudaram-se para a residência onde hoje vivem, construída em 1991 no terreno da família de Natalino.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384176E / 7359538S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Sim, 2010
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

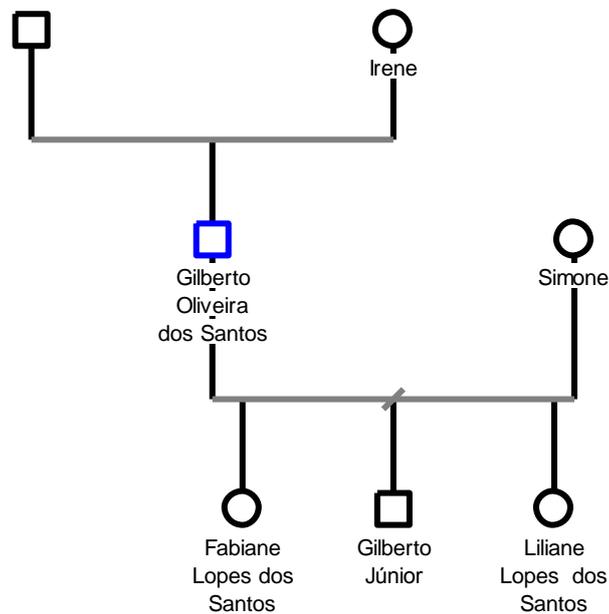
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	20 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Gilberto Oliveira dos Santos</b>	49	Pescador

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Gilberto nasceu no município de Guarujá, e veio com a família pra a Prainha Branca, em 1977. Seus pais mudaram-se para o terreno como caseiro de Zeca Fernandes, que lhes cedeu uma casa para morar. A casa era de madeira, e localizava-se próxima à praia.

Ao sair da casa dos pais, em 1981, Gilberto construiu sua atual casa. Morou no Montão de Trigo entre 2006 e 2008, pois lá encontrou melhores condições de pesca. Em 2008 retornou a Prainha Branca.

Em 2010 realizou reforma na casa onde hoje reside, reforma esta que consistiu na ampliação do número de quartos e reforço do piso.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/03

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.183E / 7.359.541S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	30 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	2002
FORMA DE AQUISIÇÃO	[herança, compra, outro etc.]
DOCUMENTAÇÃO	Não

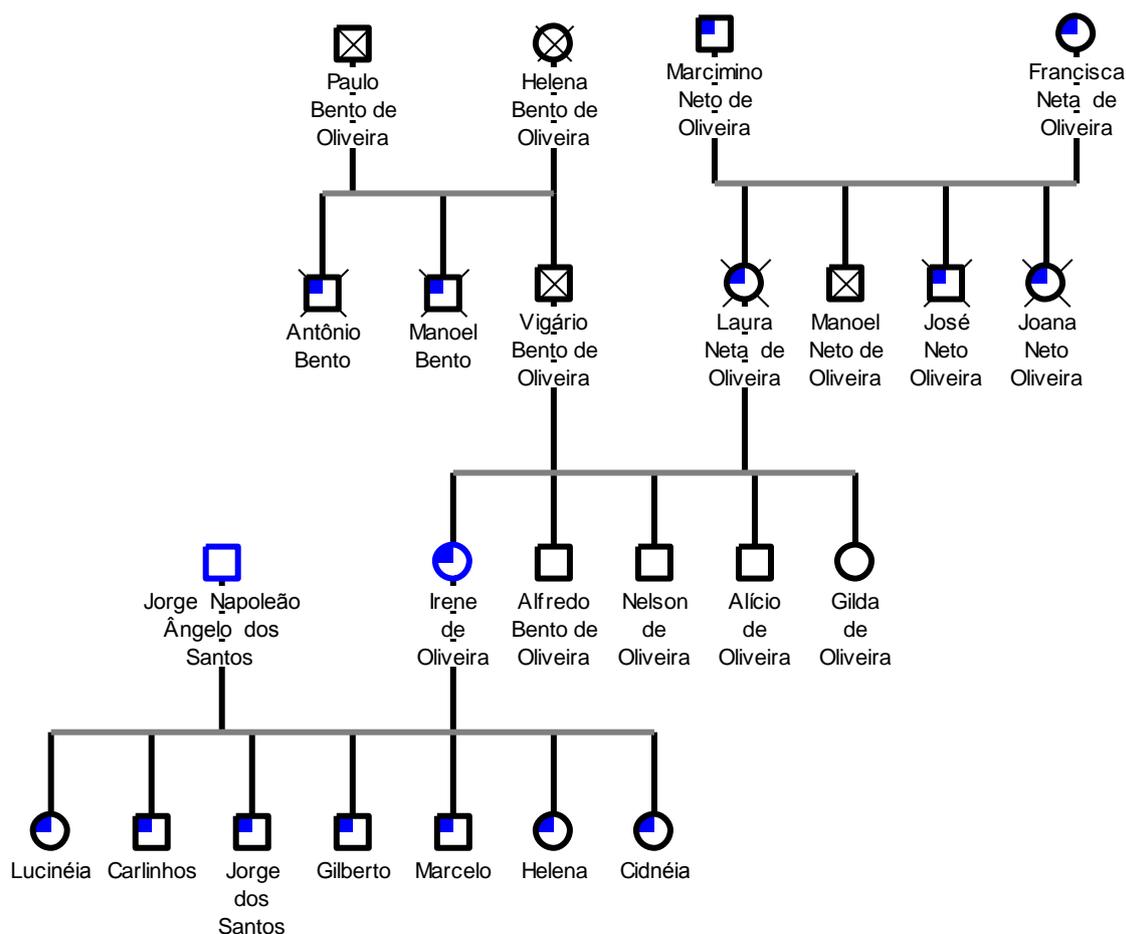
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	30 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Irene de Oliveira</b>	67	Dona de casa
Jorge dos Santos	47	Marinheiro

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Irene e o marido, Napoleão Ângelo dos Santos, mudaram-se do Montão de Trigo para a Prainha Branca em 1977 e ocuparam o terreno em questão.

Moraram em uma casa feita de madeira e com o banheiro de tijolinho, onde moraram por 4 anos. Em 1981 a família se mudou para a casa onde hoje reside Irene, que na época tinha madeira como material predominante.

A casa passou por reforma em 2002, quando a madeira foi substituída por alvenaria.

Esse mesmo terreno foi dividido entre os filhos, que na medida em que saíam de casa, construíram suas próprias residências.

Parte do terreno é utilizada para a prática de camping durante temporadas, atividade administrada por Jorge Napoleão dos Santos.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

05/04

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.184 E / 7.359.542 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	5 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

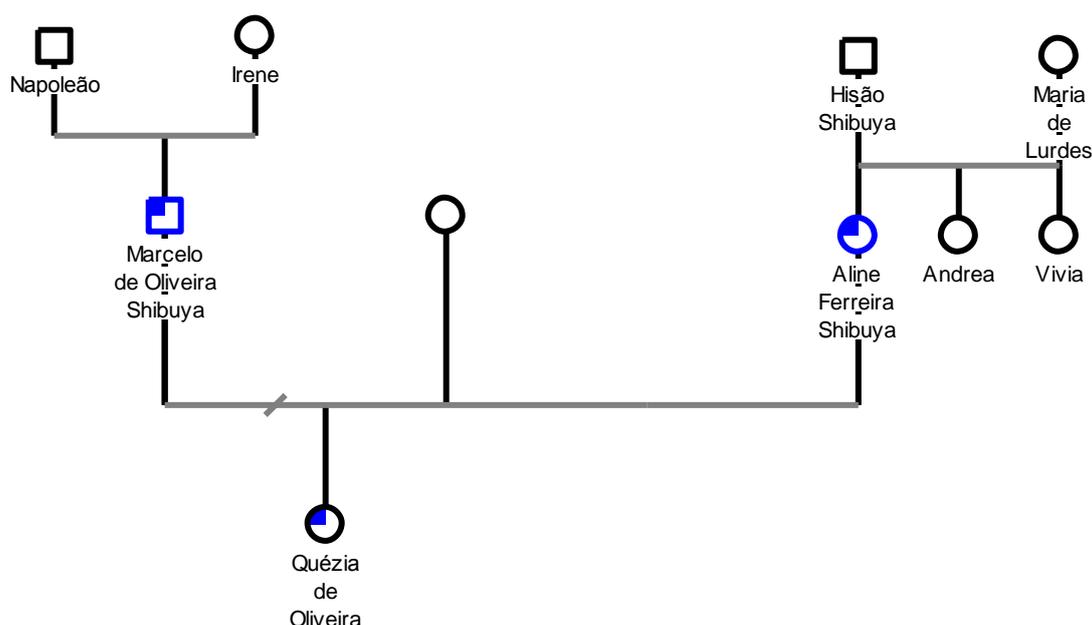
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	4 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Aline Ferreira Shibuya</b>	22	Dona de casa
Marcelo de Oliveira Shibuya	34	Auxiliar de topografia
Quézia de Oliveira	8	Estudante

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 5

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Marcelo de Oliveira tinha 04 meses quando sua família se mudou para a Prainha Branca, em 1977. Morou com os pais até 1995, quando foi trabalhar em São Paulo por 2 anos. Em 1997 voltou para a comunidade.

Aline mudou-se para a Prainha Branca em 2006 após firmar relacionamento estável com Marcelo. Desde então não residiu em outra localidade.

O casal morou um ano na casa de dona Irene, mãe de Marcelo. A casa onde residem atualmente foi construída em 2007, geminada à de dona Irene, e possui obras em andamento.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
(X)	( )

## **DIAGRAMA 06**

**Família João de Oliveira**

**1. IDENTIFICAÇÃO**

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 3837 38 E / 7 358 452 S

**IMAGENS****2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL**

IDADE	Não sabe informar
MATERIAIS	
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Sim
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

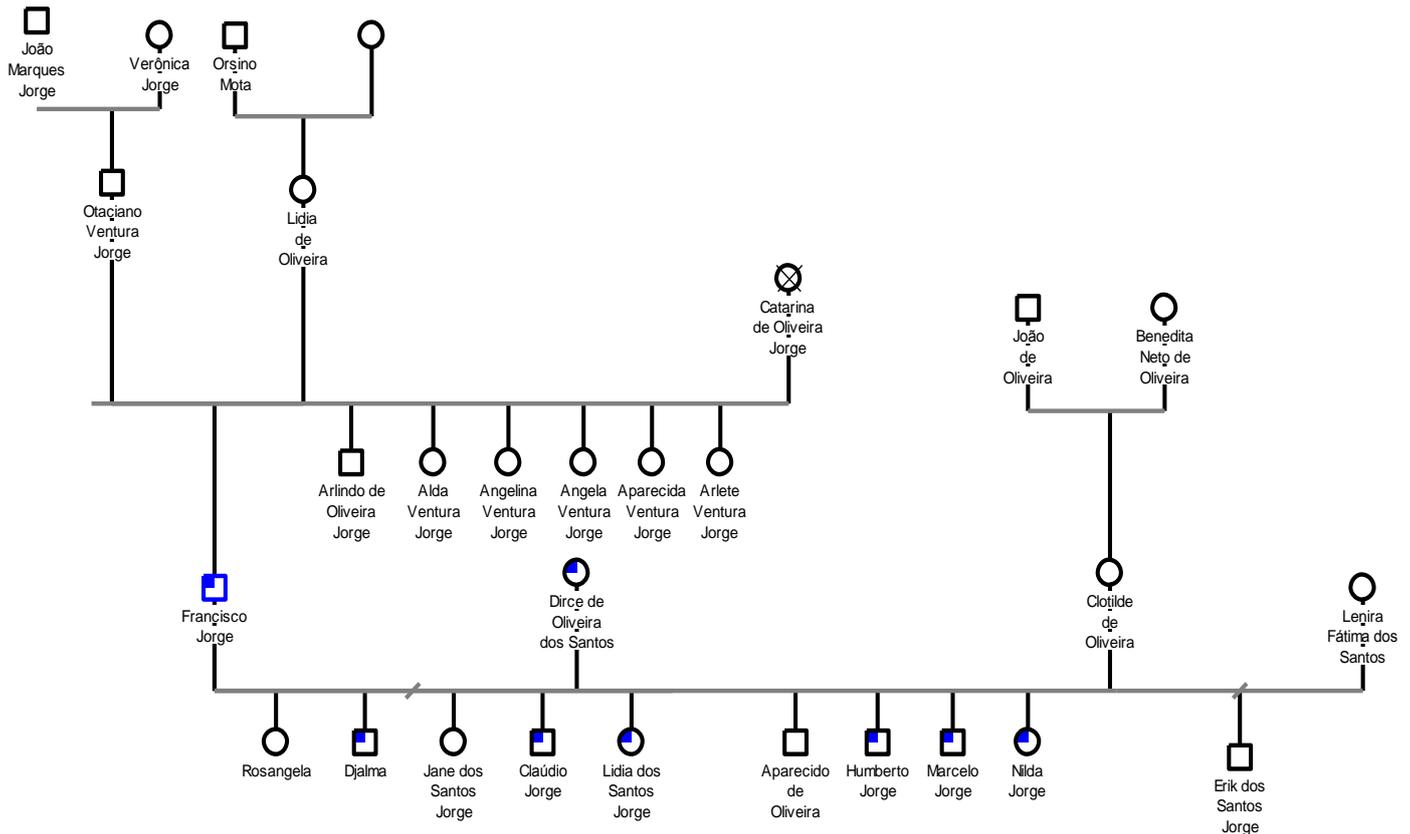
**3. OCUPAÇÃO E USO**

TIPO (OU USO)	Segunda residência
TEMPO DE OCUPAÇÃO	30 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Francisco Jorge</b>	74	Caseiro

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Sempre morou na Prainha Branca. Atualmente trabalha de caseiro, na Praia Camburizinho e também é o motorista autorizado a usar a trilha do Evandro Mesquita para realizar algumas compras para comunidade ou em casos de emergência.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

|

( )

# FICHA DE MORADIA

06/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384147 E/7360489 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	21 anos
MATERIAIS	Alvenaria - tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Doação
DOCUMENTAÇÃO	Titulo de posse

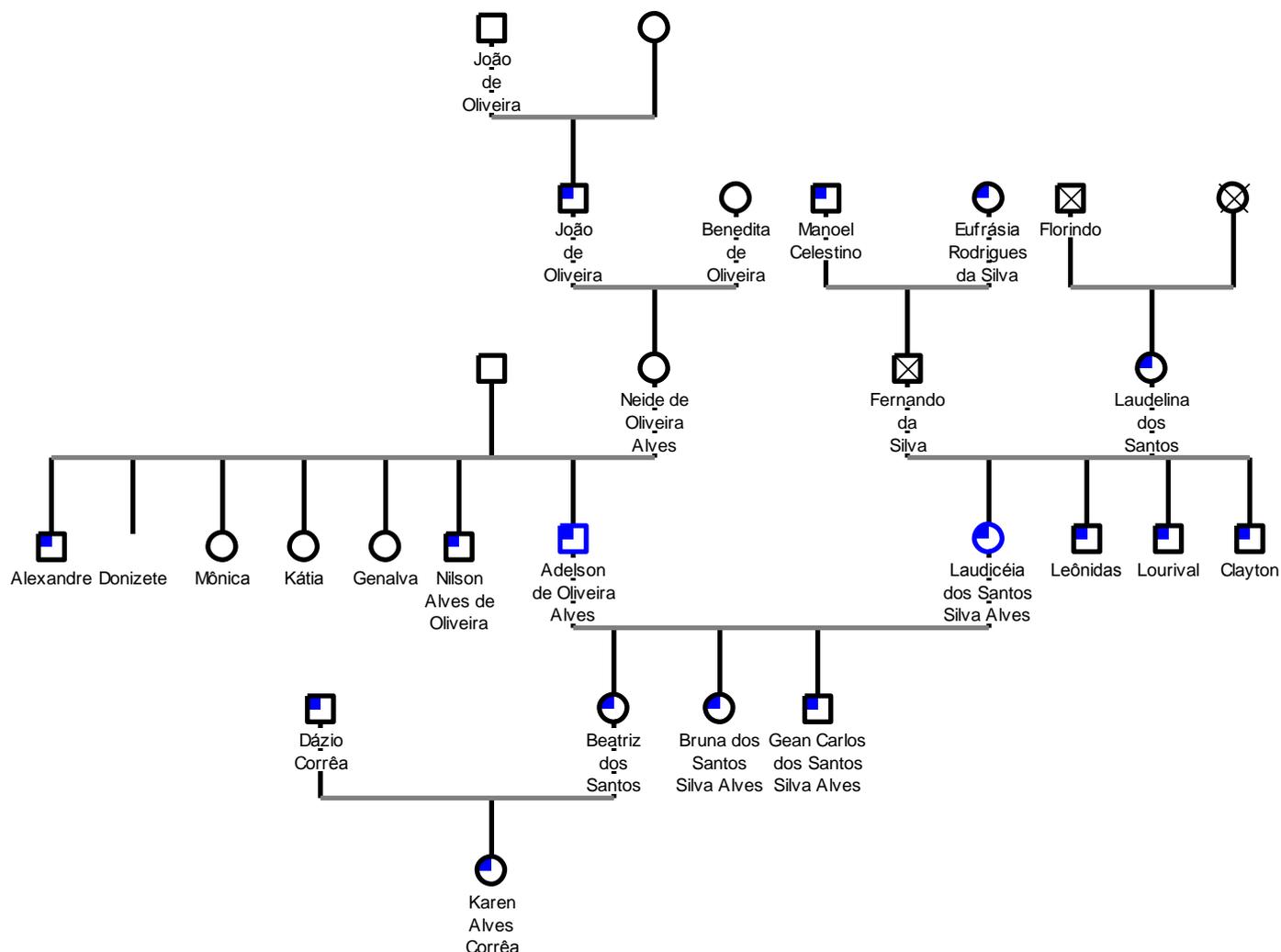
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	21 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Adelson de Oliveira Alves	45	Funcionário Público
Laudicéia dos Santos Silva Alves	43	Dona casa
Beatriz dos Santos Silva Alves	23	Recepcionista
Gean Carlos Santos Silva Alves	18	Desempregado
Bruna dos Santos Silva Alves	17	Estudante
Karen Alves Corrêa	7	Estudante

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 6

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Adelson nasceu na Prainha Branca e sempre morou no terreno onde vive atualmente. Porém, na atual residência, mora há 21 anos com a esposa e filhos, tendo antes morado na casa dos pais.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

06/03

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):384147 E/ 7360489 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Doação de Benedito Francisco
DOCUMENTAÇÃO	Comodato com Evandro

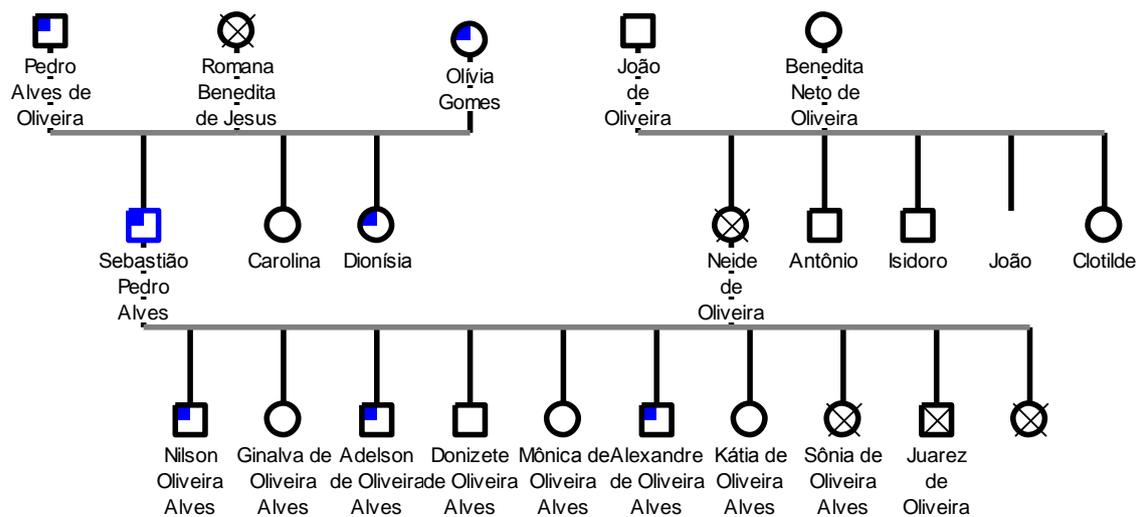
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Mais de 26 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Sebastião Pedro Alves	72	Aposentado

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 6

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Os pais de Sebastião Pedro Alves – Olivia Gomes e Pedro Alves de Oliveira – chegaram à Prainha Branca em 1948, por intermédio de Virgílio, irmão de Pedro Alves. Esse tio era amigo do Narciso Lemos, que cedeu uma casa para a nova família residir, onde atualmente mora Josias.

Tanto o pai de Sebastião, Sr Pedro, quanto o tio participavam de todos os festejos da comunidade, principalmente da folia de reis. Em meados dos anos 80, Sebastião se casou e passou a morar na atual casa, cedida pelo tio da esposa, Benedito Francisco.

Entre 1987 e 1989, Evandro Mesquita chamou todas as pessoas que moravam na área e apresentou um documento em nome de Corrêa Porto e Burgue, alegando a posse do terreno. Nessa ocasião todos os moradores assinaram o termo de posse de uma área de 25 x 40m<sup>2</sup>.

Há mais de 26 anos Sebastião mora na atual residência, a qual foi reformada 18 anos atrás. No local, além da casa principal, ainda existem mais três casas no terreno.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

06/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384136 E/ 7360336 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	26 anos
MATERIAIS	Madeira reciclada
REFORMAS	Sim, reformou há 18 anos.
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outro
DOCUMENTAÇÃO	Comodato
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa/Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado/Queimado/Enterro

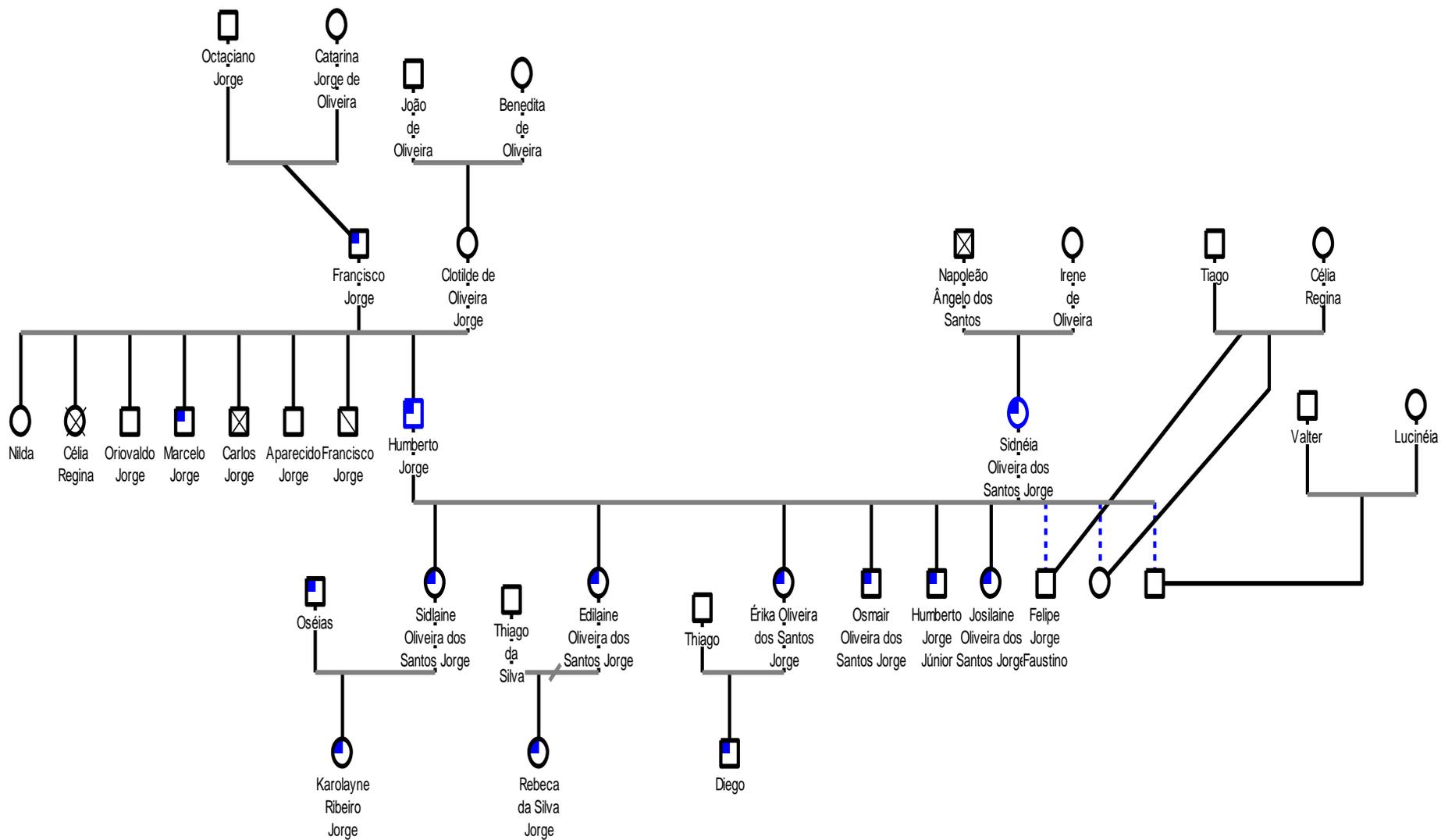
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	26 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Humberto Jorge</b>	50	Servidor público
Sidnéia Oliveira dos Santos Jorge	38	Dona de casa
Osmair Oliveira dos Santos Jorge	26	Garçom
Sidilaine Oliveira dos Santos Jorge	22	Dona de casa
Edilaine Oliveira dos Santos Jorge	23	Ajudante geral
Humberto Jorge Junior	19	Bombeiro
Josilaine Oliveira dos Santos Jorge	18	Cozinheira
Felipe Jorge Faustino	18	Desempregada
Raquel Jorge Faustino	14	Estudante
Françoaldo de Oliveira	12	Estudante
Rebeca da Silva Jorge	2	-
Korolayne Ribeiro Jorge	5 meses	-
Willian Pereira de Araújo	18	Pescador
Oséias Batista Ribeiro	23	Artista

## GENEALOGIA



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Diagrama 6

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Humberto Jorge nasceu na Prainha Branca. Quando criança morou com os pais numa casa no atual terreno do Evandro Mesquita. Segundo o entrevistado, saíram do local após um acordo entre a mãe, dois irmãos e o Evandro, quando trocaram a casa por uma casa em Guarujá, no mangue.

Há 26 anos mora no terreno de propriedade de Enil Fonseca, que cedeu o local ao morador com a condição de que este zelasse pelo terreno.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
(X)	( )

# FICHA DE MORADIA

06/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384146E / 7360308S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	25 anos
MATERIAIS	Alvenaria/ madeira
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Céu aberto

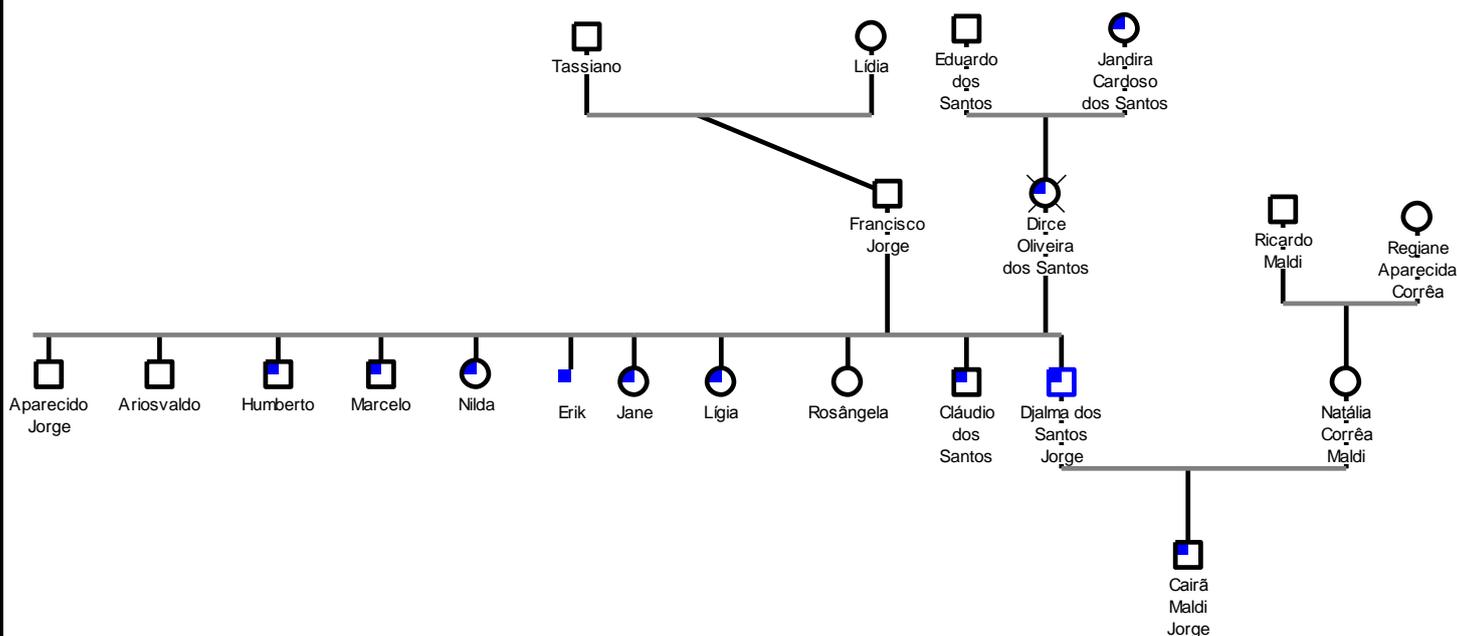
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	5 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Djalma dos Santos Jorge</b>	27	Autônomo
Natália Corrêa Maldi	22	Autônoma
Kairã Maldi Jorge	4	-

### GENEALOGIA



### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Djalma morou com os pais na Prainha Branca até completar 20 anos de idade. Depois de seu tio Alberto Mota herdar o terreno do pai, mudou-se para sua atual residência. Mantém área para camping.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( x )	( )

# FICHA DE MORADIA

06/04

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):384.149 E/ 7.360.475 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	25 ANOS
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa/Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

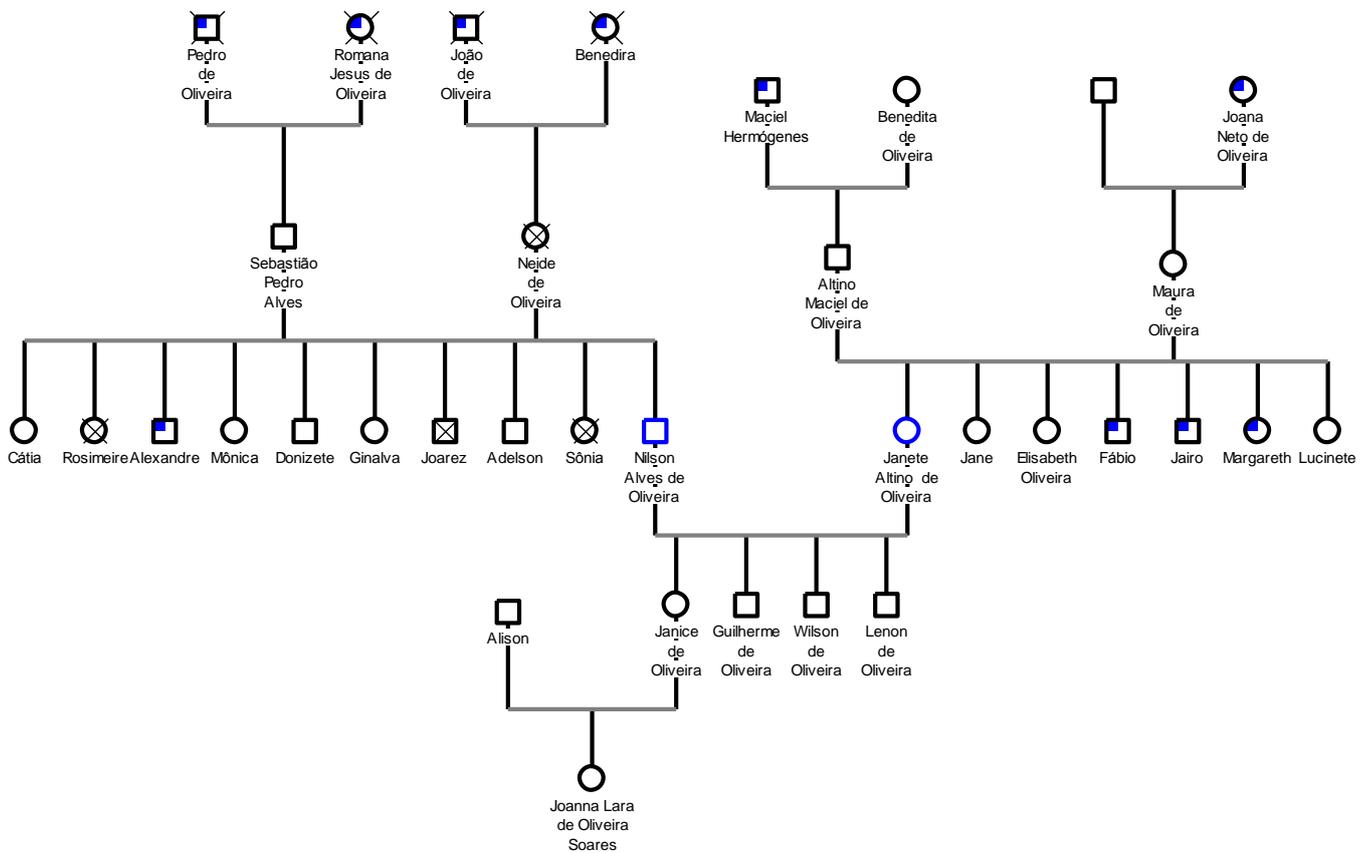
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	25 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Janice de Oliveira</b>	25	Aux. Enfermagem
Joanna Lara Oliveira	5 meses	
Nilson Alves de Oliveira	48	Coletor
Janete Altino de Oliveira	44	Não informado
Wilson de Oliveira	23	Vendedor
Guilherme de Oliveira	19	Fiscal de Praça
Lenon de Oliveira	15	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 6

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Janice de Oliveira, filha do casal Nilson e Janete, mora na Prainha Branca desde o nascimento.

Relatou que em 2002 a construção da casa foi embarcada, e a sociedade Amigos da Prainha Branca pediu para que eles não construíssem mais.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

06/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384581E / 7360450S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Comodato
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Céu aberto

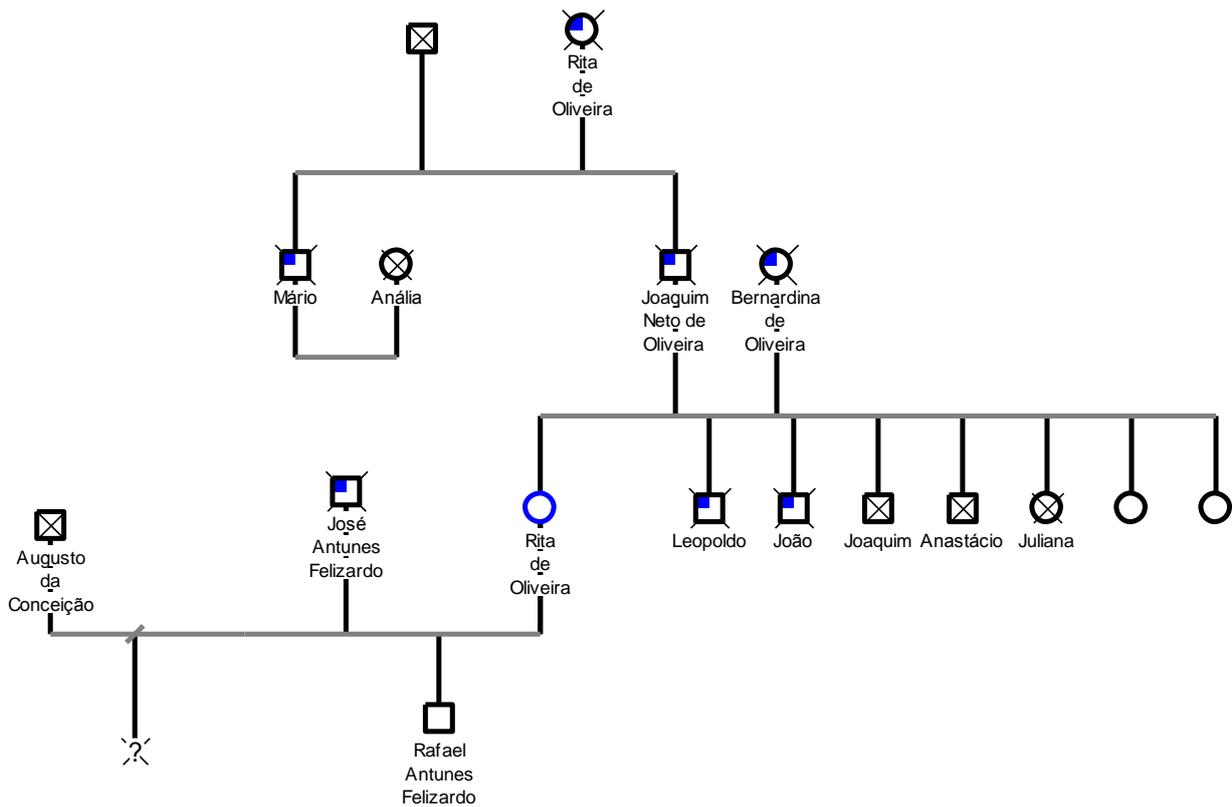
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Não sabe

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Rita de Oliveira	Não sabe	Aposentada

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIA: Diagrama 6

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Rita de Oliveira é uma senhora com idade avançada. Reside sozinha, e não conseguiu se lembrar de datas tanto da construção quanto de sua história de vida.

Quando criança morou em Iporanga, com os pais. A família se mudou para a Prainha Branca e morava em uma casa em terreno que hoje pertence a Evandro Mesquita.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

|

( )

**DIAGRAMA 07**  
**Família Celestino da Silva**

# FICHA DE MORADIA

07/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.575 E / 73.605.5348 S

IMAGENS

Não autorizou a retirada de fotos.

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	6 anos
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra (comprou do Avô)
DOCUMENTAÇÃO	Possui recibo e posse de terra

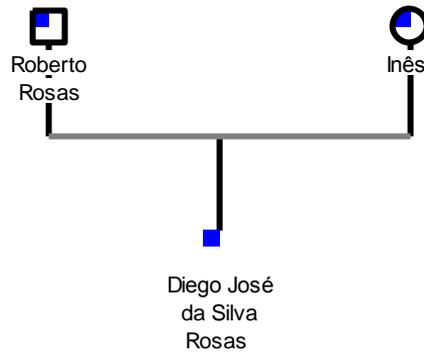
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	7 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Diego José da Silva Rosas	27	Marinheiro

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Diego José nasceu na comunidade da Prainha Branca e morou na Ponta da Armação até os 14 anos. Mudou-se e morou com seu pai dos 14 aos 20 anos, e há 7 anos reside em sua atual residência.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):384.414 E/ 7.360.862 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (do avô)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

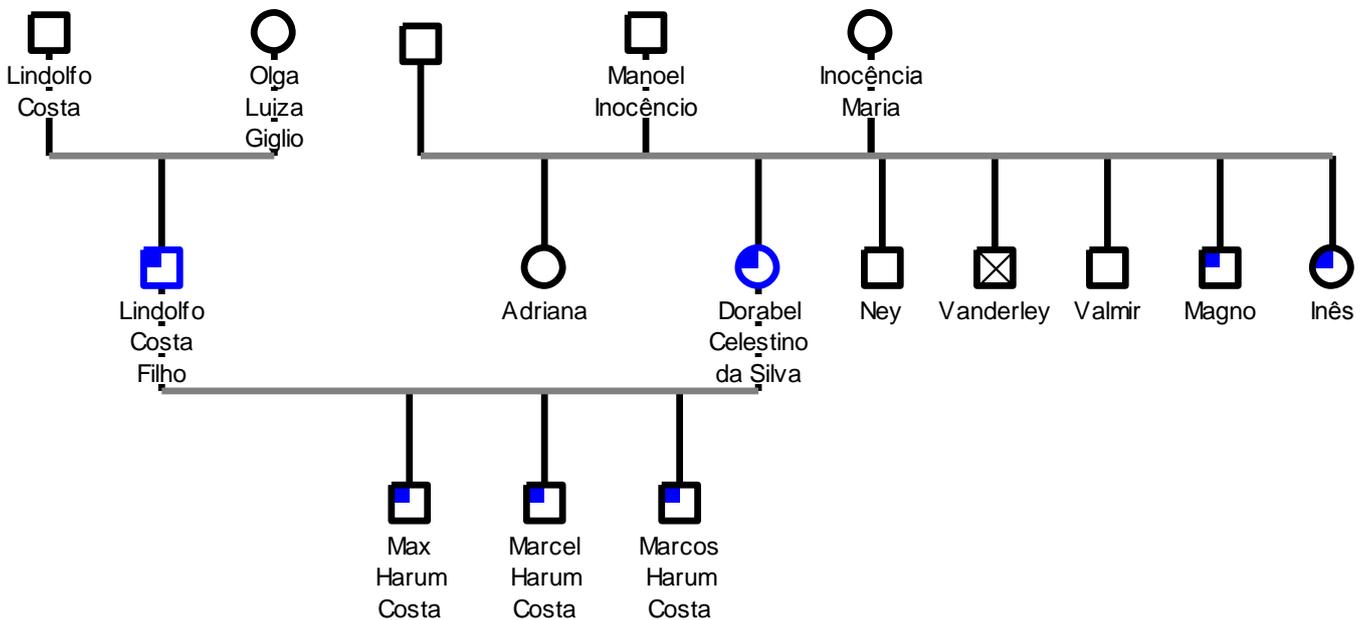
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e <i>camping</i> /pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Dorabel Celestino da Silva</b>	54	Comerciante
Adriana Celestino da Silva	33	Tec. Enfermagem
Marcel Harum Costa	29	Comerciante
Max Harum Costa	32	Autônomo
Marcos Harum Costa	29	Sistemas de informática

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dorabel Celestino da Silva reside em sua atual moradia há 15 anos. Morou durante 07 anos em Santos, cidade em que seu avô foi morar

após ter se separado. Também morou em Caçapava, durante 8 anos, para fins de estudo.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/10

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384659 E/ 7360508 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	30 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço semi artesiano
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

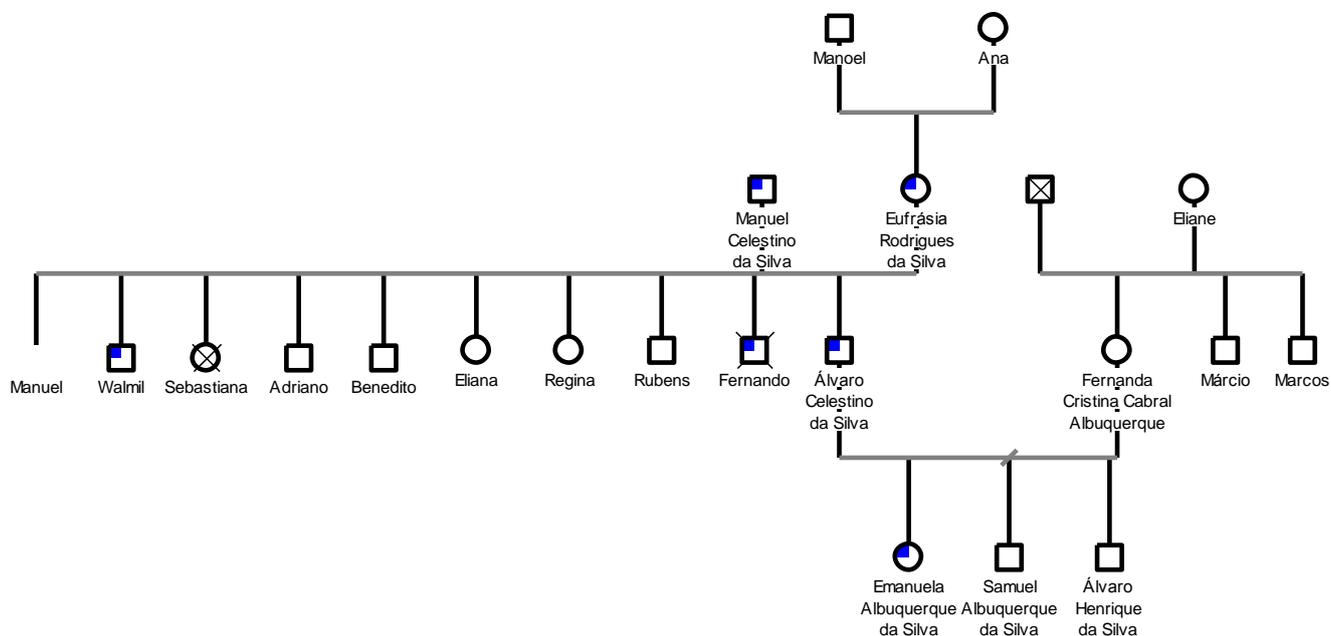
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e comércio
TEMPO DE OCUPAÇÃO	21 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Alvaro Celestino da Silva</b>	69	Camping

GENEALOGIA



5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Alvaro Celestino nasceu na Prainha Branca, morou com os pais na casa atualmente utilizada pelo irmão Valmil. Na década de 80 morou nos estados de Ceará e Recife e também no município de Campinas em São Paulo. Voltou a Prainha Branca em 1990, quando passou a residir na atual moradia.

Segundo o entrevistado, o local onde mora foi alvo de especulação imobiliária, tendo sido proposto um projeto para a criação de um condomínio na área. Na época, quem barrou a proposta foram os próprios moradores.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/12

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):384.388 E/7.360.874 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Mais de 70 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança
DOCUMENTAÇÃO	Em processo
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

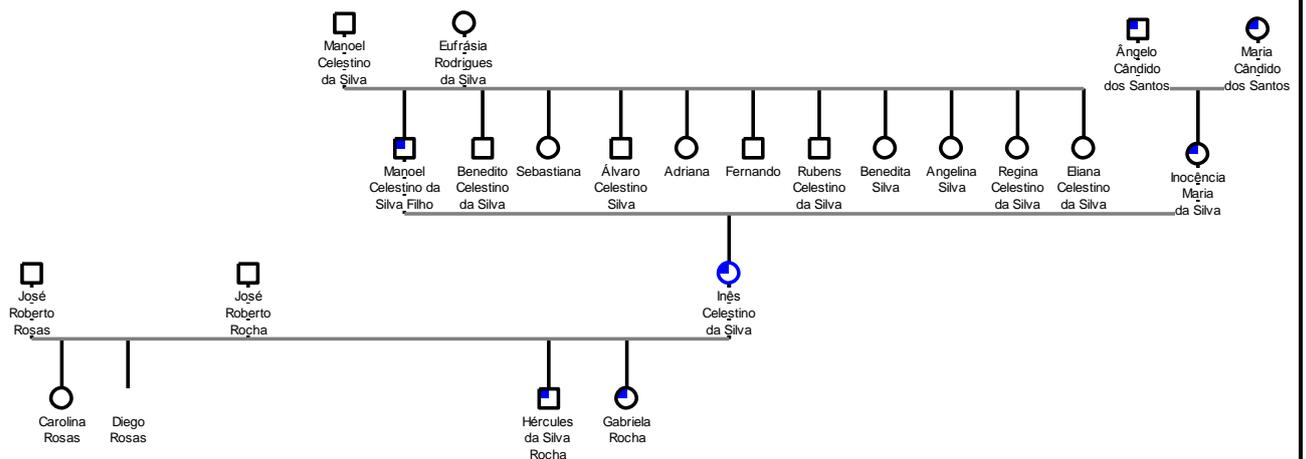
### 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Morada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Aproximadamente 30 anos

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Inês Celestino da Silva	56	Não informado

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dona Inês Celestino, residiu primeiramente, com os pais e a avó, na área conhecido como "Cantão".

O avô era responsável por zelar pelas ruínas históricas, e por isso residia na área conhecida como Ponta da Armação. Ele trabalhou como

caseiro por 14 anos e quando faleceu, sua mãe passou a morar no local, juntamente com a entrevistada.

A casa que o avô deixou para família era um barracão de chão batido, construído por Maria Mita, onde atualmente reside o Magno.

O único conflito envolvendo a casa ocorreu há muito tempo, quando sua mãe ainda era viva. Segundo Dona Inês, um casal, que morava onde atualmente reside o Sr Josias, reivindicou um espaço no terreno para construção de uma casa. Sem autorização, o casal foi embora, e até então o único conflito da terra se dá em termos judiciais.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384624 E/7360486 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	41 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Escritura
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

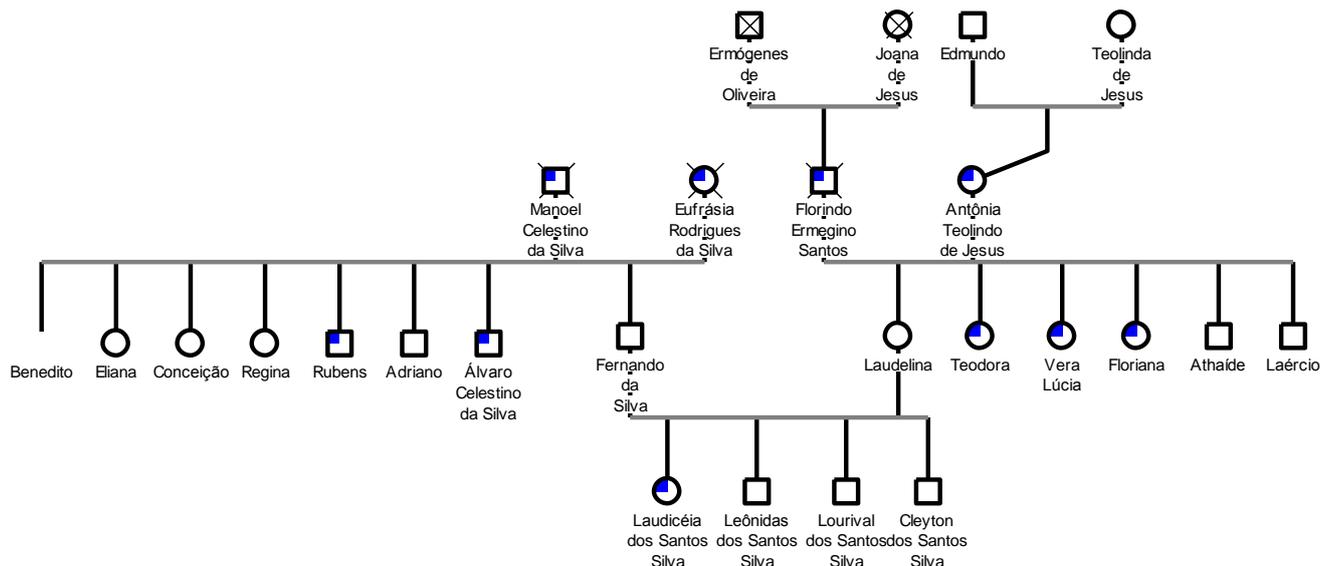
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	41 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Laudelina dos Santos Silva	63	Dona de casa

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Laudelina dos Santos Silva veio do Montão de Trigo com sete anos de idade. Inicialmente morou com o tio, Luís Lemos, até se casar como o Fernando da Silva. Desde então, mora na atual casa, no terreno que pertencia ao sogro.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384217 E/ 7359899 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Mais de 50 anos.
MATERIAIS	Pau-a-pique – taipa
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Comodato
DOCUMENTAÇÃO	Contrato de comodato
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

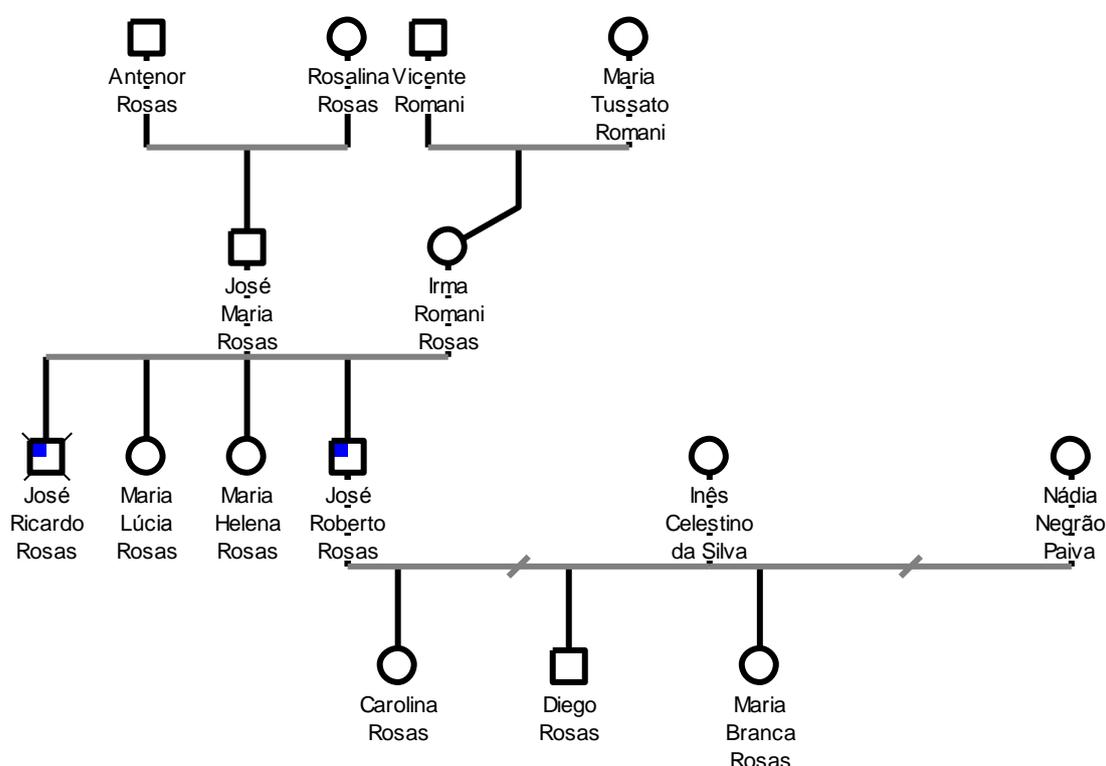
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e camping
TEMPO DE OCUPAÇÃO	21 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
José Roberto Rosas	66	Aposentadoria/Camping

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Roberto nasceu em São Vicente, onde morou até os 20 anos de idade. Após servir o quartel, mudou-se para Salvador, onde viveu por um ano, sustentando-se de venda de livros. Já com 21 anos, instalou-se em São Paulo, por quatro anos, quando resolveu voltar para o litoral, por não conseguir se adaptar ao ritmo de vida da capital.

Na Prainha Branca, morou por quatro anos no "Cantão Grosso", quando se casou com a Inês e foram morar na Ponta da Armação. O casamento durou 15 anos, e desde 1990, "Beto", como é conhecido, mora na casa de taipa, na frente da Praia.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 499 E / 7 360 882 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	11 anos
MATERIAIS	Alvenaria e madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (da avó)
DOCUMENTAÇÃO	Não (título de posse no nome da avó)
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

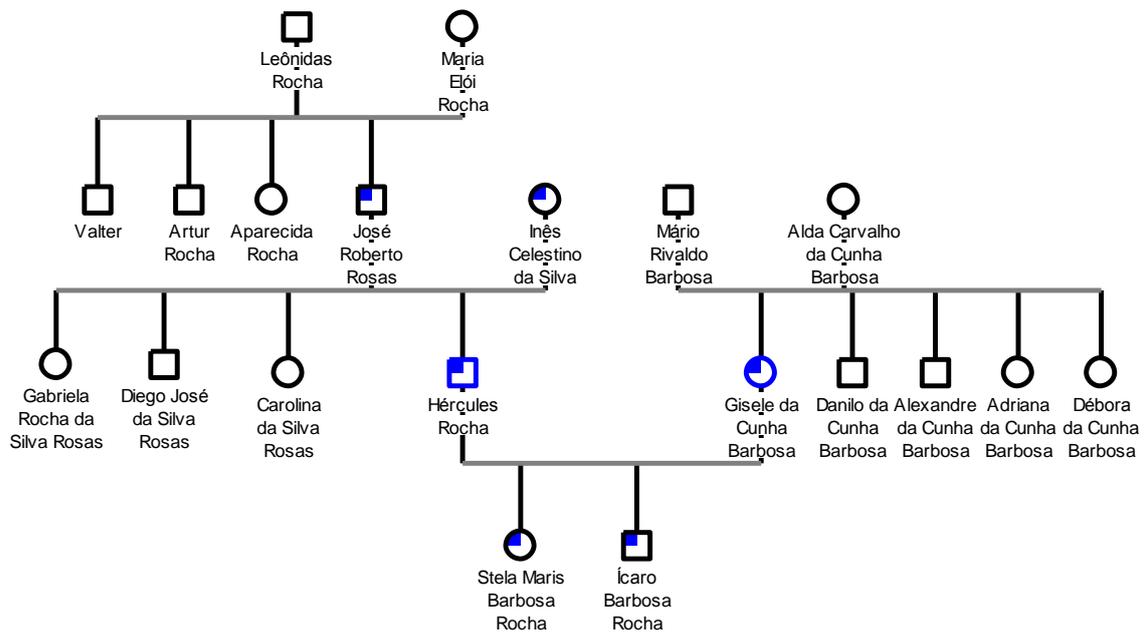
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Entre 11 e 12 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Gisele da Cunha Barbosa	32	Massoterapeuta
Hércules Rocha	35	Pescador
Stela Maris Barbosa Rocha	10	Estudante
Ícaro Barbosa Rocha	03	Sem ocupação

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Gisele da Cunha Barbosa reside na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu. Morou na casa de sua mãe até os 24 anos.

### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 426 E / 7 360 863 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe ("mais de 100 anos")
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (da avó, porém é alugado da tia)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
---------------	---------

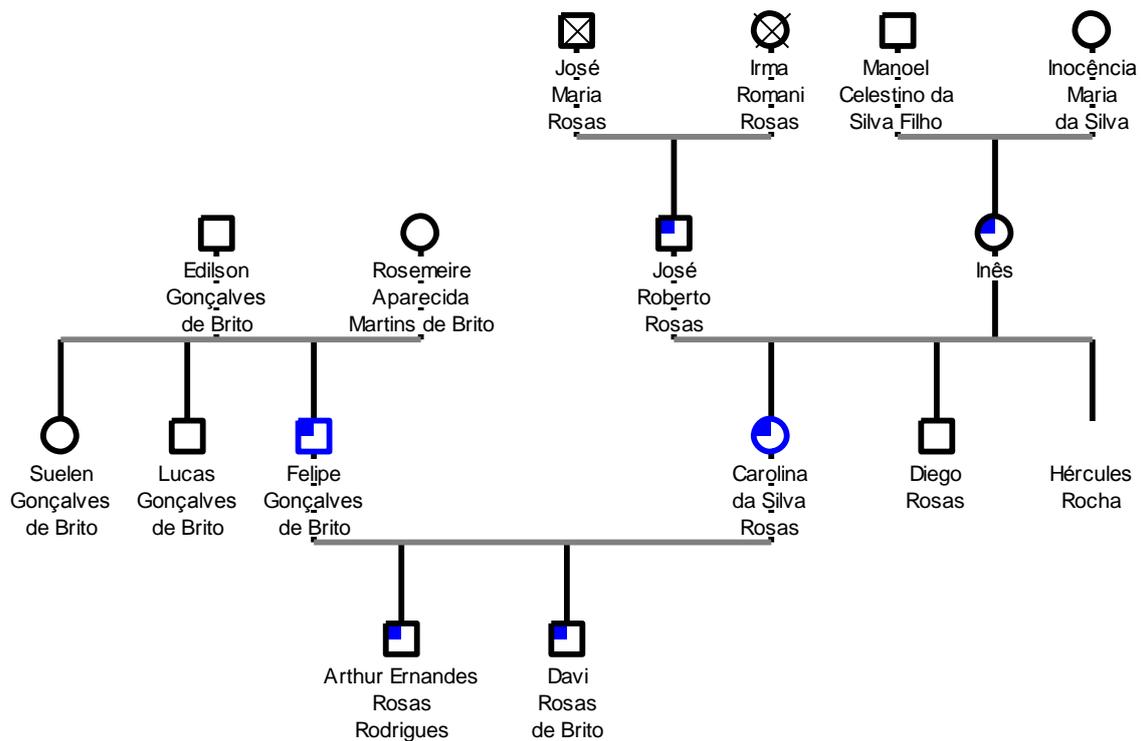
TEMPO DE OCUPAÇÃO

02 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Carolina da Silva Rosas	32	Agente de saúde
Felipe Gonçalves de Brito	23	Coletor
Arthur Ernandes Rosas Rodrigues	08	Estudante
Davi Rosas de Brito	03	Sem ocupação

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

## HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Carolina da Silva Rosas morou com a mãe até os 17 anos. Passou 10 anos morando fora e retornou, aos 27 anos. Há 02 anos aluga a casa da tia.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/04

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.386 E/7.360.856 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe ("mais de 60 anos")
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Sim, feita há 30 anos
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (da mãe)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

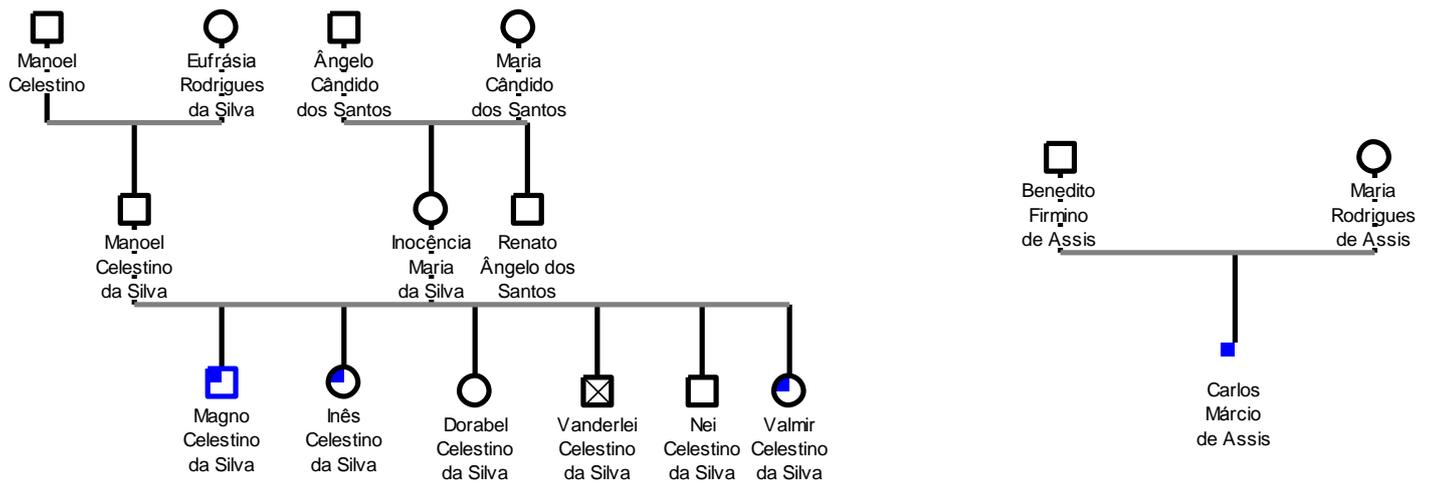
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	10 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Magno Celestino da Silva</b>	51	Professor
Carlos Márcio de Assis	41	Funcionário Público

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Magno Celestino da Silva nasceu e cresceu na comunidade da Prainha Branca. Reside em sua moradia atual há 10 anos.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

( )

# FICHA DE MORADIA

07/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.655 E / 7.360.568 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	15 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Documento do INCRA
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

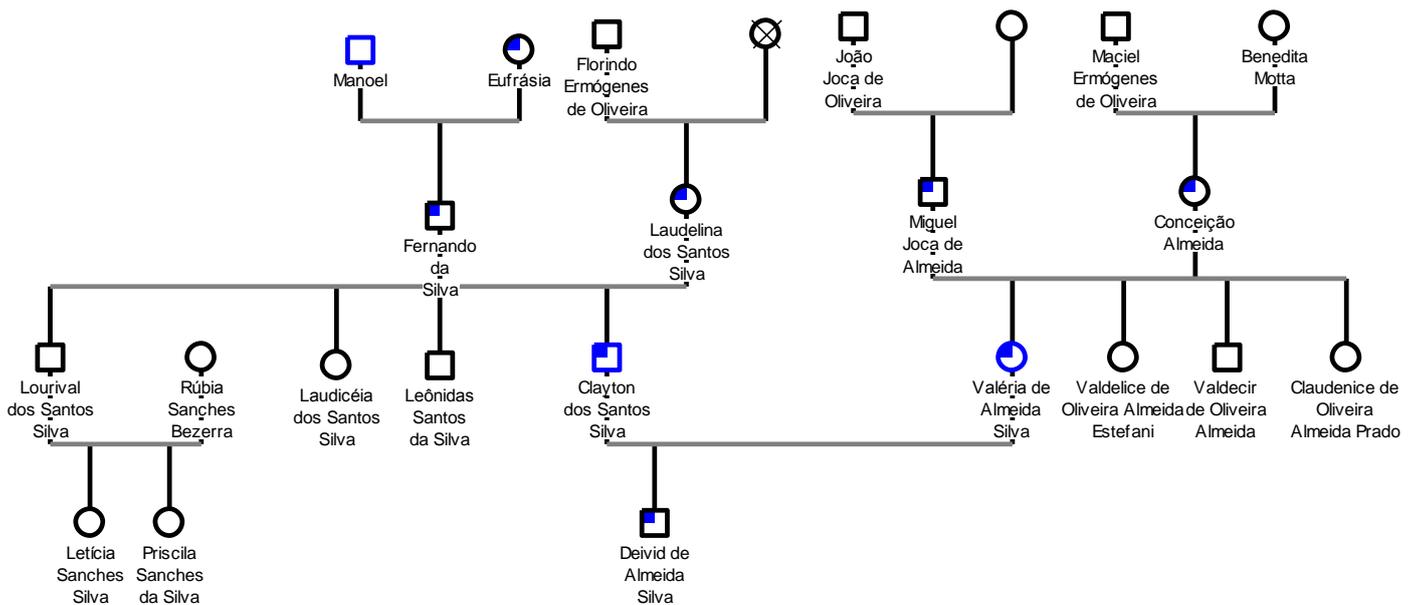
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	15 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Valéria de Almeida Silva</b>	33	Do Lar
Clayton dos Santos Silva	39	Funcionário Público
Deivid de Almeida Silva	16	Surfista

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Valéria de Almeida Silva é natural de Santos e reside na comunidade da Prainha Branca há 33 anos, e em sua atual moradia há 15. Aos 07 anos, foi morar no interior de São Paulo e retornou após 05 anos. Já morou na Vila com a D. Conceição.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

( )

# FICHA DE MORADIA

07/03

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384.629E / 7.360.560 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	37 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Sim (a casa era de taipa)
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (dos pais)
DOCUMENTAÇÃO	Sim (certidão de posse)
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	86

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

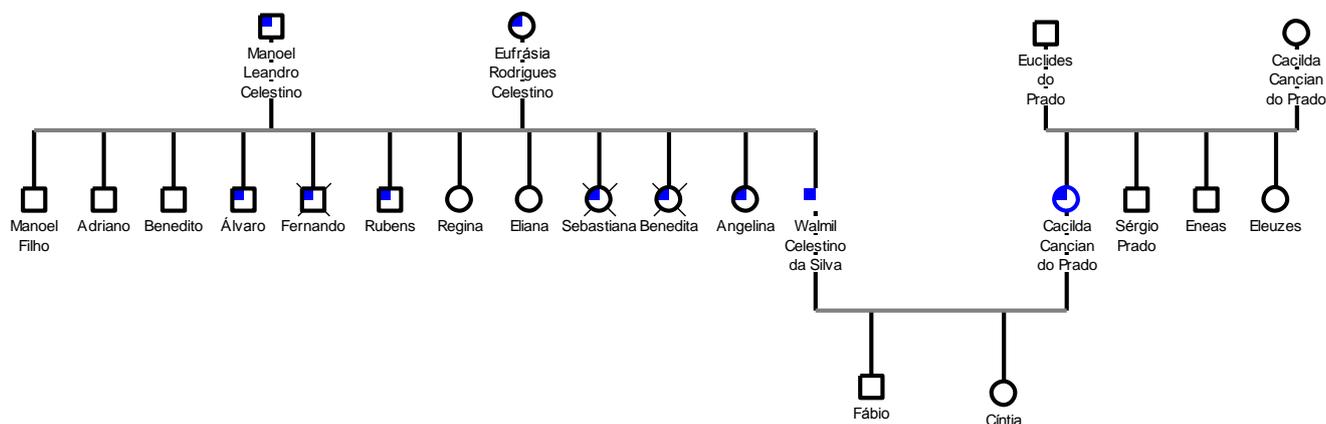
NOME

IDADE

OCUPAÇÃO

<b>Walmil Celestino da Silva</b>	44	Servidor Público
Cacilda Cancian do Prado	52	Massoterapeuta

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Walmil Celestino da Silva reside na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu, tendo se ausentado apenas durante o ano de 1989, quando morou em Campinas. Sua casa era de Taipa e foi desmanchada para que fosse construída à base de alvenaria.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( X )	( )

# FICHA DE MORADIA

07/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69):384.658 E/ 7.360.546 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	13 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Herança (da tia)
DOCUMENTAÇÃO	Documento de compra e venda
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

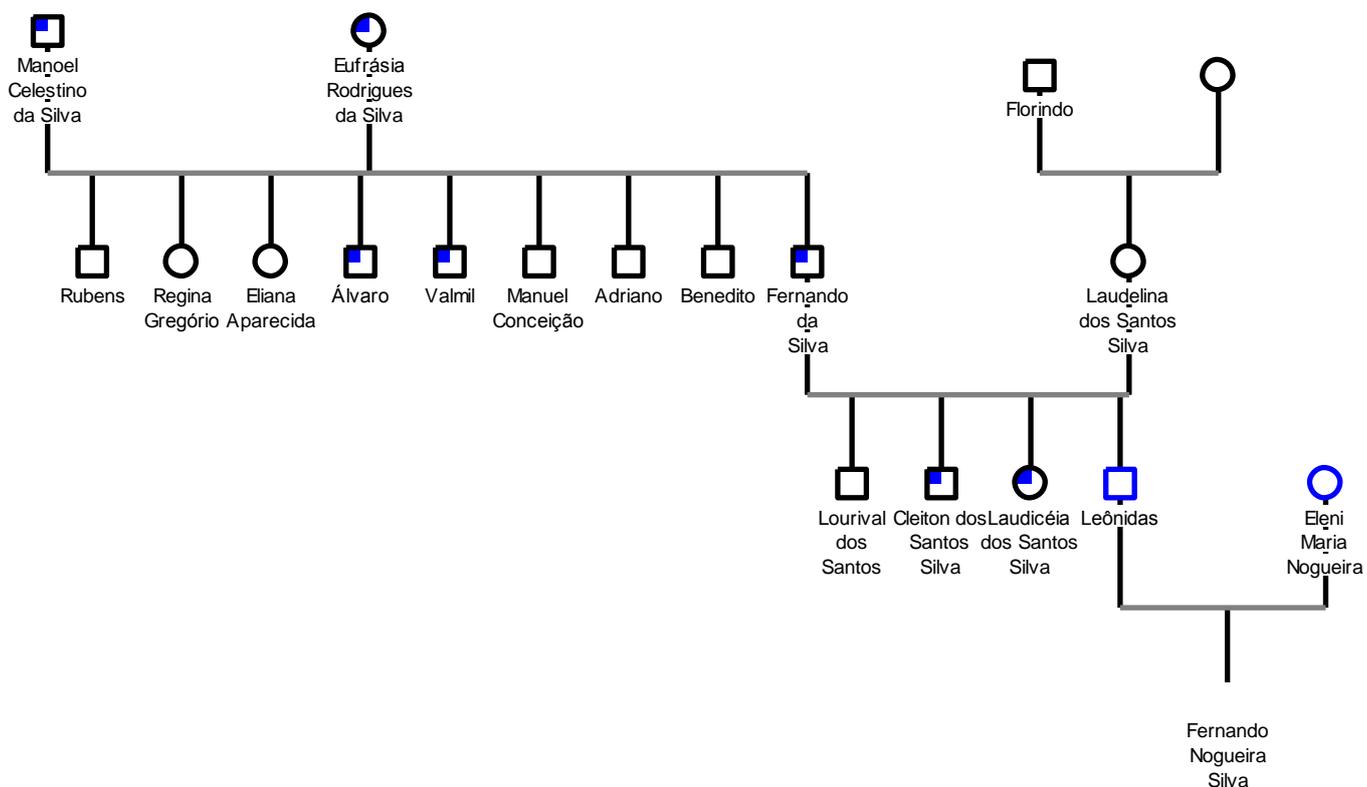
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	13 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Leônidas dos Santos Silva</b>	41	Pedreiro
Eleni Maria Nogueira	43	Jornalista
Fernando Nogueira da Silva	11	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Diagrama 7

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Leônidas dos Santos Silva mora na comunidade da Prainha Branca desde que nasceu e residiu em outra localidade. Morou na casa da mãe até se mudar para sua atual residência.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( X )

( )

**NÃO TRADICIONAIS**  
**Sem ligação familiar**

# FICHA DE MORADIA

NT/10

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 103 E / 7359 887 S

IMAGENS  
**Não autorizadas.**

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	03 anos
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (por serviço)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

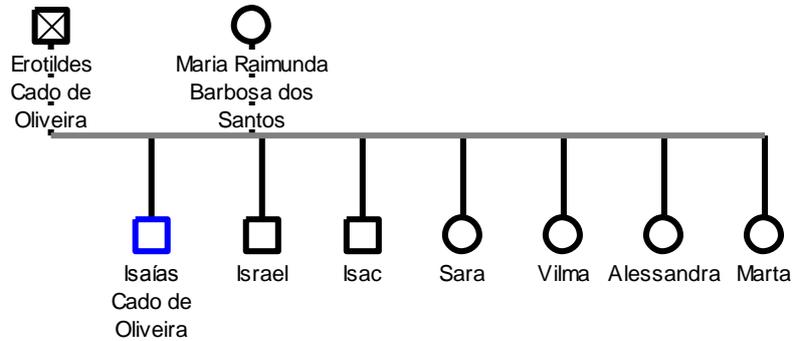
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	05 meses

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Isaías Cado de Oliveira	30	Jardinagem

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Isaiás Cado de Oliveira é natural da Bahia. Trabalhou no Lipe Point (pousada), durante aproximadamente 07 anos.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/08

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 115 E / 7000 360 026 S



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe
MATERIAIS	Alvenaria (tijolo/bloco)
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (Aluguel)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

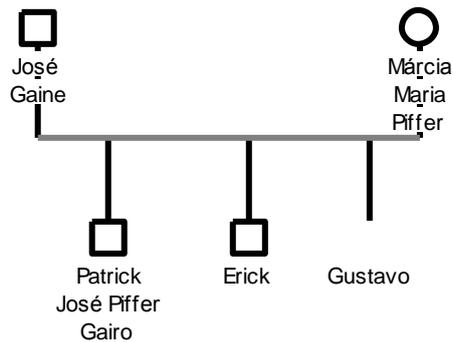
### 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	03 meses

### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Patrick José Piffer Gairo	31	Serviços

### GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Patrick nasceu em Jundiaí e mora na comunidade há 08 meses, ocupando a sua atual residência há três. Antes disso, morou na casa amarela (praia) durante 05 meses.

## CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/03

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384101 E/ 7359834 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	50 anos
MATERIAIS	Alvenaria – tijolo ou bloco
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outro - caseiro
DOCUMENTAÇÃO	Contrato de caseiro
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

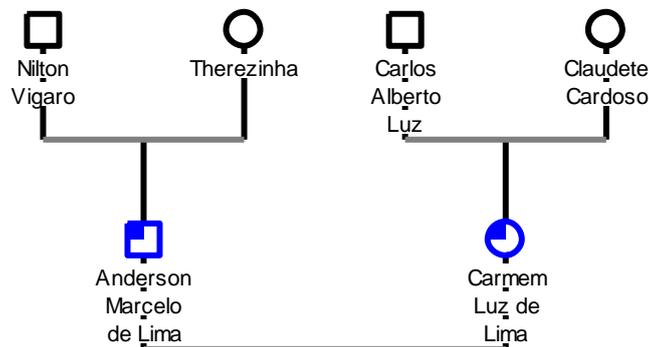
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	2 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Anderson Marcelo de Lima	26	Caseiro
Carmem Luz de Lima	18	caseira

#### GENEALOGIA



#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

O casal é natural de Porto União (SC). Há dois anos prestam serviços de caseiro para Evandro Mesquita. O processo seletivo foi realizado na própria cidade.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/04

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384271 E/ 7360428 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	18 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Contrato de compra e venda
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Outros
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

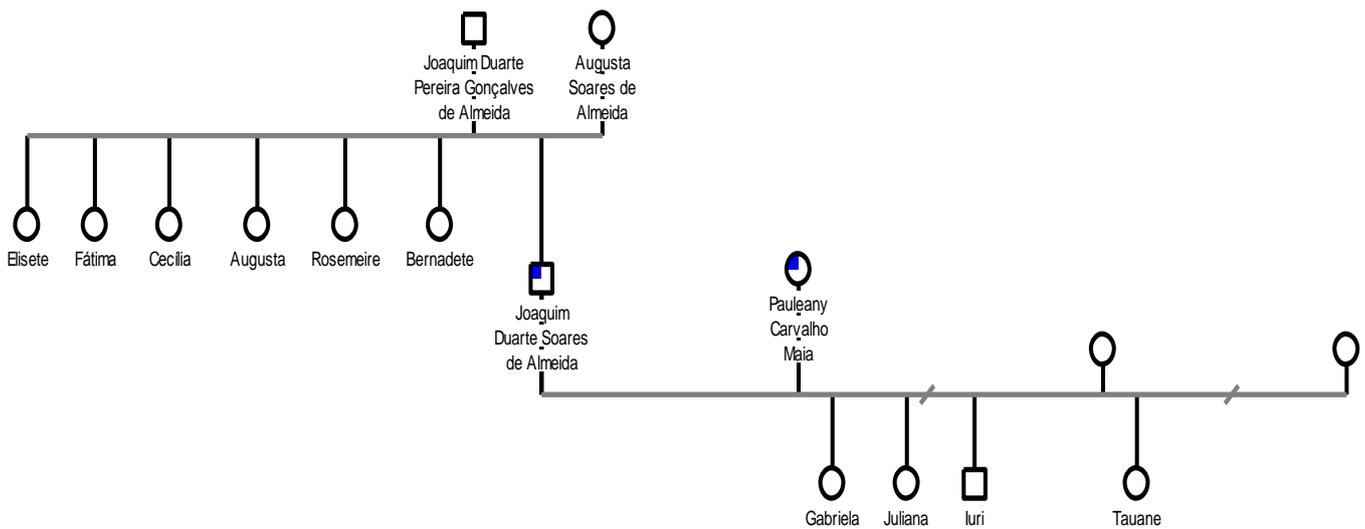
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia, camping e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	18 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Joaquim Duarte Soares de Almeida	54	Comerciante
Pauleany Carvalho Maia	30	Escritora

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Joaquim Duarte é natural de São Paulo, veio para o litoral no final dos anos 80. Sua primeira morada foi na Praia Preta, onde permaneceu por dois anos em comodato. Após esse período foi para a Ilha do Montão de Trigo, permaneceu no local por dois anos e desde então se fixou na Prainha Branca.

Sempre trabalhou com comércio, em 1990 arrendou o Bar do Lino, onde atualmente funciona o *My Power* – em frente a Praia, em 1993 comprou o atual terreno, iniciou as obras e em 1994 fechou o Bar do Lino e iniciou a atividade de camping e pousada no local.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/05

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384209E / 7360108S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Mista
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

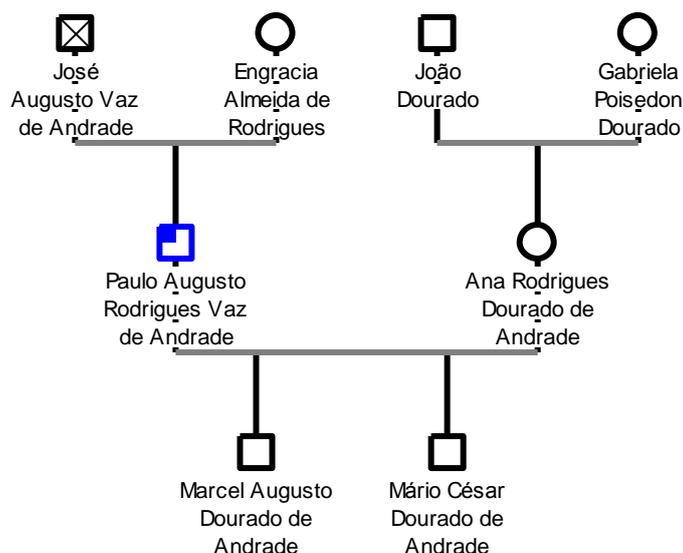
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e comércio
TEMPO DE OCUPAÇÃO	6 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Paulo Augusto Rodrigues Vaz de Andrade</b>	55	Artesão

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

##### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Paulo chegou à Prainha Branca em 1999, e morou em três casas da comunidade durante esses 12 anos. De 1999 a 2003 morou em um cômodo do Lipe's Point. Depois disso, passou dois anos na casa do amigo Dico, da família Diniz.

Mudou-se para sua casa atual em 2005, quando o dono lhe cedeu o lugar para que mantivesse um comércio. Paulo comercializa itens de artesanato, e paga uma taxa mensal pela utilização do espaço.

##### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( )

( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/02

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384188E / 7360113S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	14 anos
MATERIAIS	Alvenaria
REFORMAS	Não
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Certidão de compra e venda
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

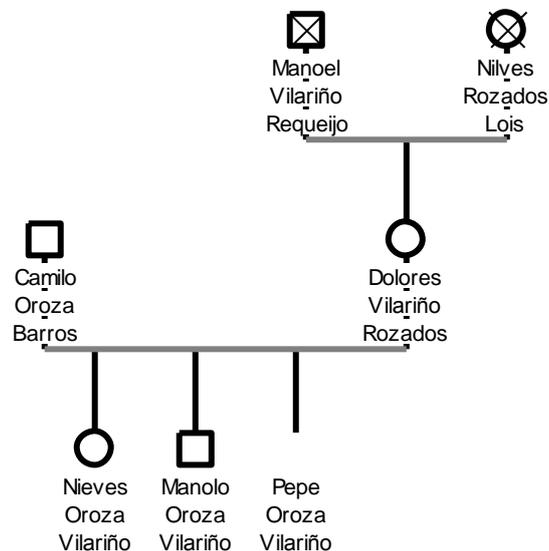
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Segunda Residência e pousada
TEMPO DE OCUPAÇÃO	13 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Dolores Vilariño Rozados</b>	77	Pensionista

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Dolores se manteve um relacionamento amoroso com um morador tradicional da Prainha há cerca de 15 anos. Nesse período, comprou o terreno sob sua responsabilidade hoje e construiu a casa hoje existente.

Atualmente reside em Santos e visita sua propriedade aos finais de semana. Pretende se mudar para a Prainha Branca em março de 2012, quando finalizar seu mandato de síndica do prédio onde mora.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/01

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384536 E/ 7360386 S

### IMAGENS

Panorâmica



Fachada



Lateral



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	61 anos (1950)
MATERIAIS	Mista (madeira e alvenaria)
REFORMAS	Sim. Em 2000 a madeira da cozinha foi substituída por estrutura de alvenaria.
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Sim. Termo de compra e venda.
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

## 3. OCUPAÇÃO E USO

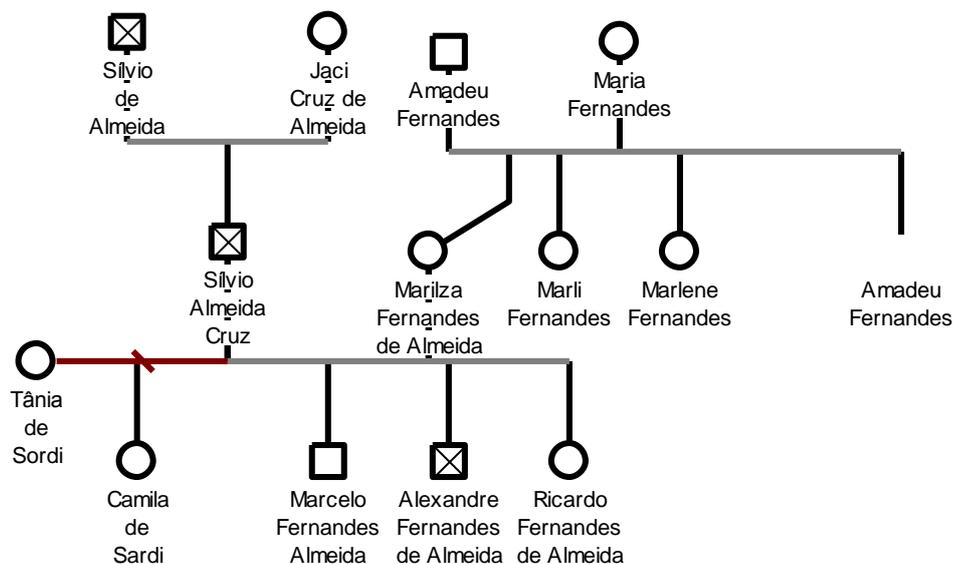
TIPO (OU USO)	Segunda residência
TEMPO DE OCUPAÇÃO	Em 1935 o avô do ocupante começou a frequentar a Prainha Branca. Sua mãe residiu no local de 1990 a 2009, e deixou a casa por

dificuldade de acesso a serviços de saúde.

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
<b>Marcelo Fernandes Almeida</b>	46	Servidor Público
Ricardo Fernandes Almeida	41	Autônomo
Jaci Cruz Almeida	90	Pensionista
Marilza Fernandes Almeida	67	Pensionista

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

O terreno foi adquirido em 1935 por Sívio de Almeida, pelo avô do atual ocupante. O proprietário na época, Carlos de Barro, vendeu um chalé barreado, transação registrada em cartório por Sívio.

Desde então a área é utilizada como local de lazer por três gerações da família. Em feriados e finais de semana recebem parentes e amigos no local.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/09

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 849 E / 73 60 573 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Entre 90 e 92 anos
MATERIAIS	Pau-a-pique barreado (taipa)
REFORMAS	Aumentou a cozinha
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (acordo verbal)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

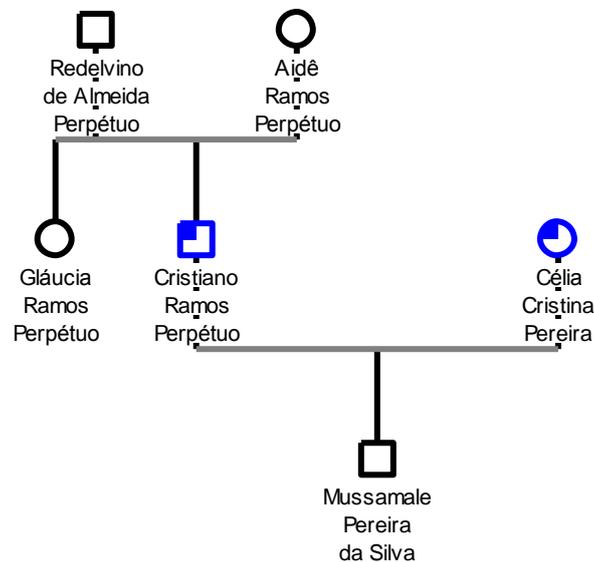
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e <i>camping</i>
TEMPO DE OCUPAÇÃO	13 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Cristiano Ramos Perpétuo	34	Guia local/Artesão
Célia Cristina Pereira	30	Guia local/Artesão
Mussamale Pereira da Silva	12	Estudante

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Cristiano Ramos é natural de São Paulo. Recebeu seu terreno na Prainha Branca através de acordo verbal. Foi morar na Bahia durante um tempo e, depois, retornou para o mesmo local.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( )

( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/06

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 231 E / 7 360 426 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	20 anos
MATERIAIS	Alvenaria e madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (toma conta da moradia)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa/Céu aberto
DESTINO DO LIXO	Coletado

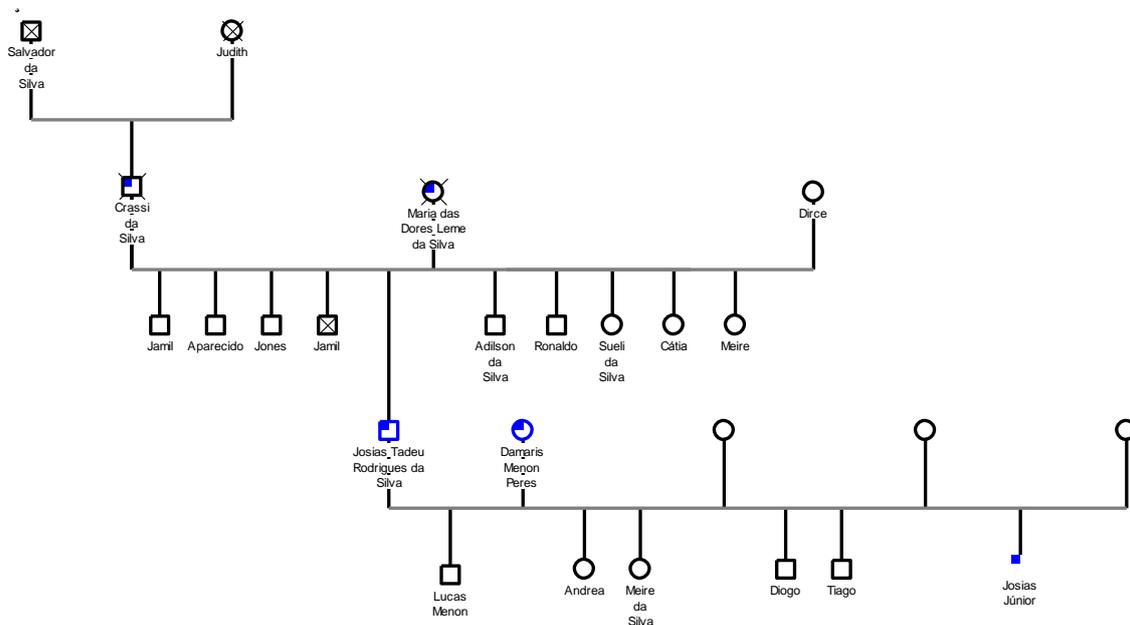
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia e <i>camping</i>
TEMPO DE OCUPAÇÃO	20 anos

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Josias Tadeu Rodrigues da Silva	59	Pedreiro
Damaris Menon Peres	54	Aposentada
Josias Júnior	21	Estudante
Lucas Menon	23	Telemarketing

#### GENEALOGIA



#### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Josias Tadeu se mudou para a comunidade da Prainha Branca aos 7 anos, acompanhado de seu pai. Morou, primeiramente em um terreno no cantão, com seus pais, primos e tios. Mudou-se após o seu casamento.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/07

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): 384 577 E / 7 360 576 S

### IMAGENS



## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	18 anos, aproximadamente.
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Compra
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Poço ou nascente
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Fossa
DESTINO DO LIXO	Coletado

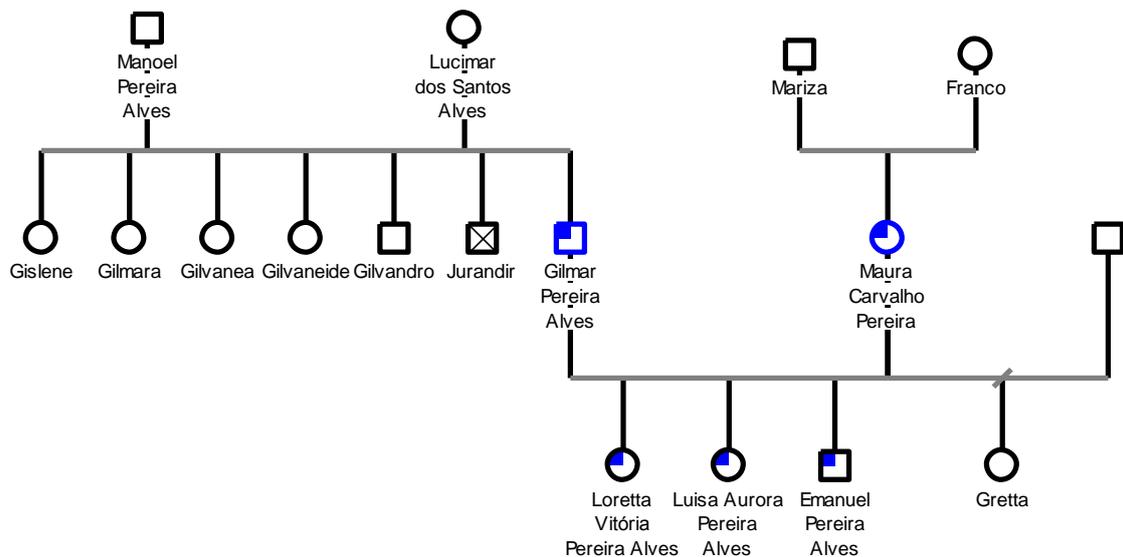
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	18 anos, aproximadamente.

#### 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
Gilmar Pereira Alves	47	Comerciante
Maura Carvalho Pereira Alves	34	Comerciante
Loretta Vitória P. Alves	09	Estudante
Luisa Aurora P. Alves	08	Estudante
Emanuel P. Alves	06 meses	Sem ocupação

#### GENEALOGIA



**5. REFERÊNCIA FAMILIAR:** Sem ligação familiar

HISTÓRICO DE MOBILIDADE

Gilmar Pereira Alves viveu na comunidade da Prainha Branca como campista durante 2 anos. Abriu seu comércio, primeiramente vendendo batidas dentro de um isopor. Montou seu bar há 15 anos.

CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS	MORADORES NÃO TRADICIONAIS
( )	( X )

# FICHA DE MORADIA

NT/11

## 1. IDENTIFICAÇÃO

LOCALIZAÇÃO (UTM SAD69): [coordenadas GPS]

## 2. CARACTERÍSTICAS DO IMÓVEL

IDADE	Não sabe <sup>1</sup>
MATERIAIS	Madeira
REFORMAS	Não informado
FORMA DE AQUISIÇÃO	Outra (Marcos concedeu)
DOCUMENTAÇÃO	Não
ABASTECIMENTO DE ÁGUA	Não informado
ESGOTAMENTO SANITÁRIO	Não informado
DESTINO DO LIXO	Não informado

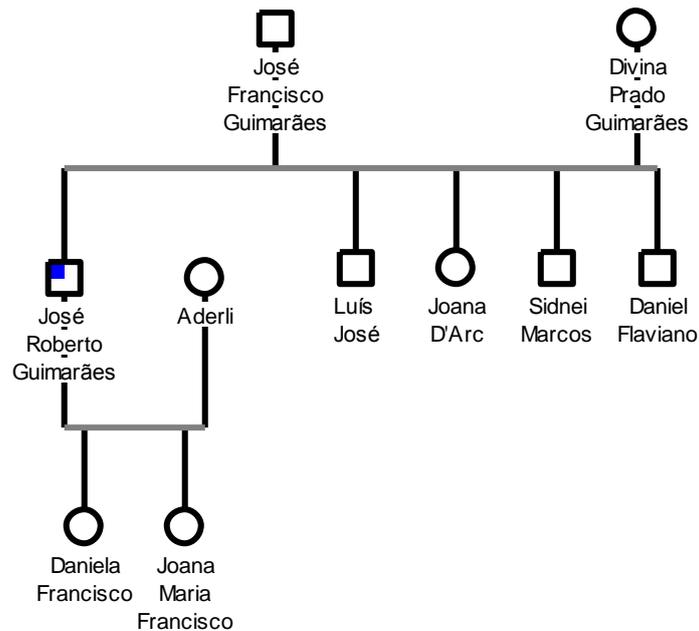
## 3. OCUPAÇÃO E USO

TIPO (OU USO)	Moradia
TEMPO DE OCUPAÇÃO	20 anos

## 4. INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES

NOME	IDADE	OCUPAÇÃO
José Roberto Guimarães	53	Garçom

## GENEALOGIA



### 5. REFERÊNCIA FAMILIAR: Sem ligação familiar

#### HISTÓRICO DE MOBILIDADE

José Roberto Guimarães é natural de São Paulo. Morou em Divinolândia-MG e se mudou para Bertioga devido à enfermidade de seu pai.

#### CLASSIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADORES

MORADORES TRADICIONAIS

MORADORES NÃO TRADICIONAIS

( )

( X )